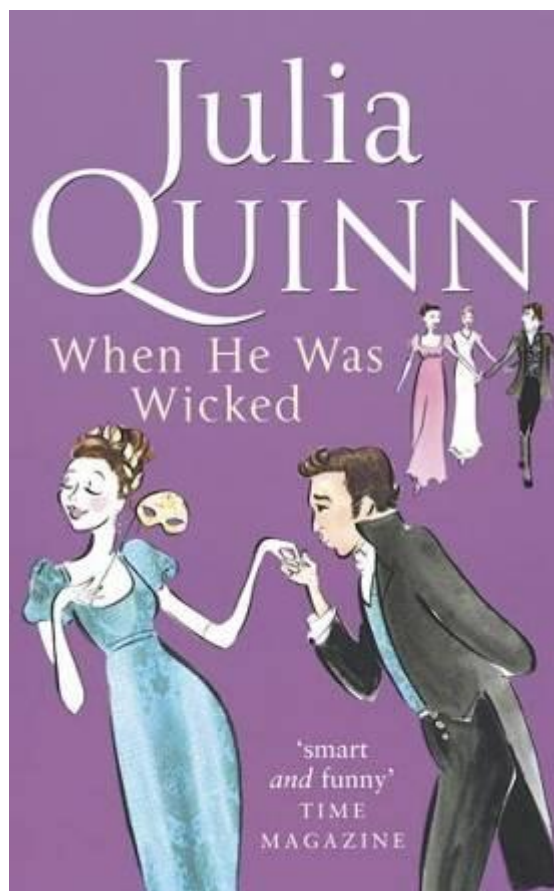
O Coração de uma Bridgerton

Familia Bridgerton 06

Julia Quinn

Disponibilização em Esp: não tinha no arquivo
Tradução: Zel
Revisão: Edith
Rev. Final e Formatação: Ilana
Colaboração: Laura
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

RESUMO

Em toda vida há um ponto decisivo. Um momento tão tremendo, súbito e impressionante, que a pessoa sabe que sua vida jamais será igual. Para Michael Stirling, o libertino mais infame de Londres, esse momento chegou na primeira vez que pôs os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida de perseguir mulheres, de sorrir astutamente quando elas o perseguiam, de permitir-se ser apanhado mas nunca deixar que seu coração se comprometesse, necessitou somente de um olhar em Francesca Bridgerton e se apaixonou tão rápido e definitivamente que foi um milagre que pudesse permanecer de pé.

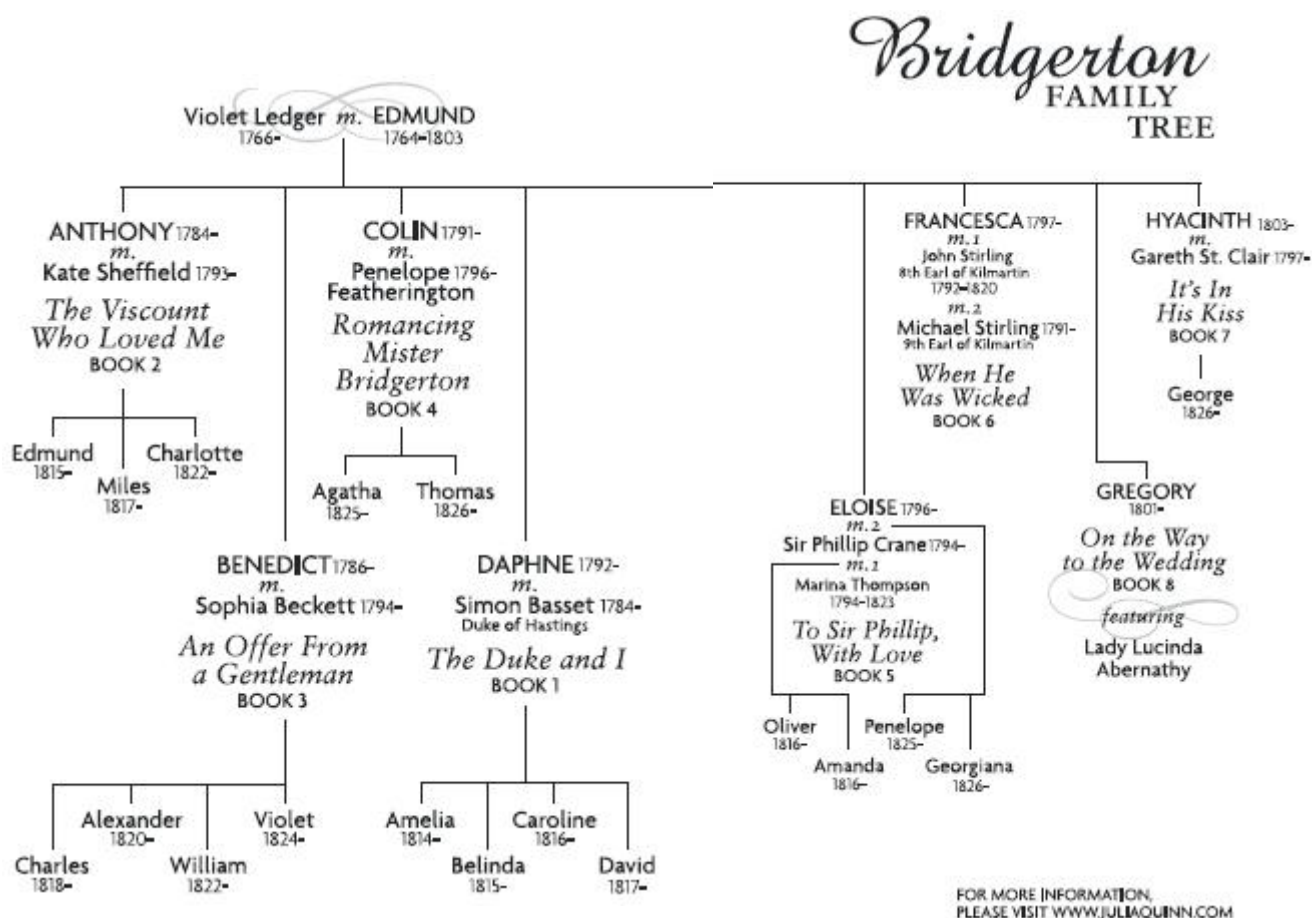
Desgraçadamente para Michael, o sobrenome de Francesca seguiria sendo Bridgerton durante só trinta e seis horas mais, já que a ocasião dessa reunião era, infelizmente, um jantar para celebrar suas iminentes bodas com seu primo.

Mas isso foi então e agora Michael é o conde e Francesca é livre, mas ainda ela pensa nele como nada mais que seu estimado amigo e confidente.Michael não se atreve a lhe falar de seu amor até uma perigosa noite, quando ela caminhou inocentemente a seus braços e a paixão se demostrou ser mais forte que o pior dos segredos.

O livro tem três argumentos. Um deles está no segundo epílogo e os outros dois em cada uma das duas partes em que o livro se divide.

Nota da revisora Edith: A história custa um pouco a deslanchar. A mocinha e o mocinho sentem uma profunda atração um pelo outro mas nehum dos dois quer a principio, mostrar, ao outro isso . A imagem, ou, memória do marido e/ou primo morto, uma pretensa lealdade a este e um absurdo sentimento de culpa (e quando não é absurdo?) continuam se intrometendo entre os dois. Custam um pouco a enteder que "rei morto, rei posto". E quando entendem...!!! E então há o amor que tudo arruma.

Nota da revisora Ilana: Achei lindo o amor de Michael por Francesca. Não importa o tempo, a distância, as agruras da vida, o amor permanece. Romance um pouco sofrido, por conta do sentimento de culpa que os assola... Mas no final, o amor mais uma vez supera todas as dificuldades. Michael apaixonante. Ah, e o interessante é que a nossa mocinha daria uma bela Dominatrix (rsrs).

Título original: When He Was Wicked (2004)
Protagonistas: Michael Stirling y Francesca Bridgerton

PRIMEIRA PARTE
Março de 1820, Londres

Capítulo 1

"Não diria que a vida é maravilhosa, mas não é tão terrível. Há mulheres, ao fim e ao cabo, e onde há mulheres, com certeza passo bem."

De uma carta de Michael Stirling, Regimento de Infantaria 52, a seu primo John, conde do Kilmartin, durante as guerras napoleônicas.

Na vida de toda pessoa há um momento crucial, decisivo. Um momento tão fundamental, tão forte e nítido que alguém se sente como se lhe tivessem golpeado no peito, deixando-o sem fôlego, e sabe, com a mais absoluta certeza, sem a menor sombra de dúvida, que sua vida nunca voltará a ser igual.

Na vida de Michael Stirling, esse momento ocorreu a primeira vez que viu Francesca Bridgerton. Depois de toda uma vida de ir atrás de mulheres, de sorrir ladinamente quando elas iram atrás dele, de deixar-se apanhar e logo voltar as voltas até ser o vencedor, de acariciá-las, beijá-las e fazer amor com elas, mas sem comprometer jamais seu coração, mas bastou somente um olhar a Francesca Bridgerton para apaixonar-se tão total e perdidamente por ela que foi uma maravilha conseguir manter-se em pé.

Mas, por desgraça para ele, o sobrenome de Francesca continuaria sendo Bridgerton só trinta e seis horas mais, porque a ocasião em que a conheceu foi, infelizmente, um jantar para celebrar suas iminentes núpcias com seu primo.

A vida era assim irônica, costumava pensar quando se encontrava de humor amável. Quando se encontrava de humor menos amável empregava um adjetivo totalmente distinto. E desde que se apaixonara pela mulher de seu primo não era freqüente que se encontrasse de humor amável. Ah, ocultava-o muito bem, isso sim. Não lhe convinha mostrar-se triste nem abatido, porque então alguma alma fastidiosamente perspicaz poderia notá-lo e, não o permitisse Deus, lhe fazer perguntas a respeito de como ia a vida. E embora Michael Stirling se orgulhasse, e não sem fundamento, de sua capacidade para dissimular e enganar (além de tudo tinha seduzido mais mulheres do que alguém poderia contar, e tinha conseguido fazê-lo sem que nenhuma só vez o desafiassem a duelo), bom, a amarga verdade era que nunca antes tinha estado apaixonado, e se há uma ocasião em que um homem pode perder sua capacidade de manter a fachada ante perguntas francas, provavelmente era essa.

Assim, ria, mostrava-se muito alegre e animado, e continuava seduzindo mulheres, procurando não fixar-se em que tendia a fechar os olhos quando fazia amor. E tinha deixado de assistir aos serviços religiosos na igreja, posto que não lhe via nenhum sentido nem sequer a pensar em uma oração por sua alma. Além disso, a igreja paroquial próxima ao Kilmartin era muito velha, datava de 1432, e com certeza as pedras, a ponto de desmoronar, não resistiriam o golpe direto de um raio.

E se Deus quisese fazer sofrer um pecador, não poderia ter escolhido outro pior que ele.

Michael Stirling.

Pecador.

Via seu nome acompanhado por esse adjetivo em um cartão de visita. Inclusive o teria feito imprimir (esse era justamente seu tipo de humor negro) se não tivesse estado convencido de que isso mataria a sua mãe no ato.

Bem podia ser um libertino, mas não havia nenhuma necessidade de torturar à mulher que o deu a luz. Era estranho que nunca tivesse considerado pecado a sedução de todas essas outras mulheres. E seguia não considerando isso. Todas tinham estado bem dispostas, é claro; é impossível seduzir a uma mulher não disposta, pelo menos se se entender a sedução em seu verdadeiro sentido e se tem bom cuidado de não confundi-la com violação. Tinham que desejá-lo, e se não o desejavam, se ele percebia embora só fosse um indício de inquietação ou dúvida, dava meia volta e se afastava. Suas paixões nunca se descontrolavam tanto que o fizessem incapaz de afastar-se rápido e decidido.

Além disso, nunca em sua vida tinha seduzido uma mocinha virgem, e nunca se deitara com uma mulher casada. Ah, bom, tinha que seguir sendo sincero consigo mesmo, mesmo que estivesse vivendo uma mentira. Sim se deitara com mulheres casadas, com muitíssimas, em realidade, mas somente com aquelas cujos maridos eram uns canalhas, e inclusive nesses casos, só se já tinham dado a seus maridos dois filhos varões, e três se um dos meninos parecesse um pouco doentio.

Ao fim e ao cabo um homem tem que ter suas regras de conduta.

Mas isso... isso ultrapassava todos os limites, era total e absolutamente inaceitável. Esse era o único pecado (e tinha muitos) que finalmente lhe ia enegrecer a alma ou, no mínimo, a deixaria parecida com o carvão, e isso caso mantivesse a força para não atuar nunca segundo seus desejos. Porque isso… isso... Desejava à mulher de seu primo. Desejava à mulher de John.

De John.

De John, que, maldição, era para ele mais do que teria sido um irmão se o tivesse. John, cuja família o acolheu em seu seio quando morreu seu pai. John, cujo pai o criou e lhe ensinou a ser um homem. John, com quem... Vamos, inferno e condenação, precisava fazer-se isso? Podia passar uma semana enumerando todos os motivos de por que se ia direito ao inferno por ter escolhido à mulher do John para apaixonar-se. E nenhum deles mudaria jamais uma simples realidade.

Não podia tê-la.

Nunca poderia ter a Francesca Bridgerton Stirling.

Mas poderia servir-se de outra taça, pensou, emitindo um grunido para si mesmo. Acomodando-se no sofá, cruzou as pernas, observando-os, os dois sentados em frente dele, rindo e sorrindo, trocando esses nauseabundos olhares amorosos. Sim, outra taça lhe sentaria bem.

- Acredito que sim - declarou, apurando a de um só gole.

- O que há dito, Michael? - perguntou John, sua audição excelente, como sempre, maldição.

Michael esboçou um sorriso excelentemente fingido e levantou seu copo de uísque.

- Simplesmente que tinha sede - disse, mantendo a imagem perfeita do libertino.

Estavam na casa Kilmartin de Londres, não no Kilmartin a secas (nem casa nem castelo) de Escócia, onde ele e seu primo se criaram, nem na outra casa Kilmartin de Edimburgo. Pelo visto, não havia nenhuma alma criativa entre seus antepassados, pensava muitas vezes; também havia uma casita de campo Kilmartin (se se pode chamar casinha de campo a uma mansão de 22 quartos), a mansão chamada Abadia Kilmartin e, logicamente, a casa senhoril Kilmartin. Não sabia por que nunca ocorreu a ninguém pôr seu sobrenome a alguma das residências; "casa Stirling" tinha um som bastante respeitável, em sua opinião. Só podia supor que os ambiciosos, e pouco imaginativos, Stirling de antigamente estavam tão apaixonados por seu recém adquirido título de condes que não lhes passou pela mente lhe pôr outro nome a nada.

Emitiu outro grunido dentro do copo de uísque. Era curioso que não bebesse Chá Kilmartin nem estivesse sentado em uma poltrona uso Kilmartin. Em realidade, era provável que existissem essas coisas se sua avó tivesse encontrado a maneira de fazê-las sem envolver à família no comércio. A formalista anciã era tão suscetível e orgulhosa que qualquer um teria acreditado que era uma Stirling por nascimento e não simplesmente por matrimônio. Por isso se referia a ela, a condessa do Kilmartin (ela) era tão importante como qualquer personagem elevado, e mais de uma vez sorveu pelo nariz desgostado quando lhe tocou entrar na sala de jantar para um jantar atrás de uma marquesa ou duquesa que também tinham adquirido seu títulos por matrimônio.

Rainha, pensou Michael, objetivamente; com certeza sua avó se teria ajoelhado ante a rainha, mas de maneira nenhuma a podia imaginar sendo diferente com nenhuma outra mulher.

Teria aprovado Francesca Bridgerton. Certamente a avó Stirling teria enrugado altivamente o nariz ao inteirar-se de que o pai de Francesca era um simples visconde, mas os Bridgerton eram uma família muito antiga e imensamente popular e, quando tinham vontade, poderosa. Além disso, Francesca trazia as costas muito erguidas, comportava-se com orgulho e tinha um senso de humor irônico e subversivo. Se tivesse cinqüenta anos mais e não fosse tão atraente, teria sido uma acompanhante muito boa para a avó Stirling.

E agora Francesca era a condessa do Kilmartin, casada com seu primo John, que era um ano mais novo que ele, embora a família Stirling sempre o tinha tratado com a deferência devida à ao mais velho, já que era o herdeiro, depois de tudo. Seus pais eram irmãos gêmeos, mas o do John entrou no mundo sete minutos antes que o seu.

Os sete minutos mais cruciais em sua vida, mesmo que por essa época ele ainda não tivesse nascido.

- O que faremos para nosso segundo aniversário? - perguntou Francesca, atravessando o salão para ir sentar se ante o piano.

- O que você quiser - respondeu John.

Então Francesca se virou para olhar Michael, a cor azul de seus olhos vivos, vivos, inclusive à luz das velas. Ou talvez fosse porque ele sabia como eram azuis seus olhos. Então parecia sonhar em azul; azul Francesca deveriam chamar a essa cor.

- Michael? - disse ela, indicando com o tom que era uma repetição.

- Sinto muito, não estava escutando - respondeu ele, esboçando seu sorriso enviesado, o que fazia com freqüência.

Ninguém tomava a sério quando sorria assim, e disso justamente se tratava.

- Ocorre-lhe alguma idéia? - perguntou ela.

- Para que?

- Para nosso aniversário.

Se lhe tivesse arremessado uma flecha não poderia lhe ter caravado no coração com mais força. Mas se limitou a encolher os ombros, pois era tremendamente bom para dissimular.

- Não é meu aniversário - disse.

- Sei - disse ela, e embora ele não a estivesse olhando, teve a impressão de que tinha revirado os olhos.

Mas não os tinha revirado. Ele sabia que não; esses dois anos passados tinha chegado a conhecer dolorosamente bem a Francesca, e sabia que nunca revirava os olhos. Quando queria ser sarcástica ou irônica ou brincalhona, só o manifestava em sua voz e em um curioso gesto da boca; não precisava revirar os olhos.

Simplesmente olhava com esse olhar franco, seus lábios ligeiramente curvados e...

Engoliu saliva, por um movimento reflexo, e se apressou a levar o copo aos lábios para dissimular. Não dizia nada a seu favor que passara tanto tempo analisando a curva dos lábios da mulher de seu primo.

- Asseguro-lhe que sei muito bem com quem estou casada - continuou Francesca, passando as pontas dos dedos pelo teclado sem pressionar nenhuma tecla.

- Não me cabe dúvida -resmungou ele.

- Perdão, o que disse?

- Continua.

Ela franziu os lábios, impaciente. Tinha visto muitíssimas vezes esse gesto, em geral quando falava com seus irmãos.

- Pedi-lhe conselho porque sempre está muito alegre - disse ela.

- Sempre estou muito alegre? - repetiu ele, embora soubesse que assim era como o via o mundo.

Ao fim e ao cabo o chamavam o Alegre Libertino; mas detestava ouvir essa palavra saída da boca dela.

Fazia-o sentir-se frívolo, oco, insustancial.

Então se sentiu pior ainda, porque talvez isso fosse certo.

- Não está de acordo? - perguntou ela.

- Não, não é isso - murmurou ele -; simplesmente não estou acostumado a que me peçam conselho sobre como celebrar um aniversário de casamento, pois está claro que não tenho talento para o matrimônio.

- Isso não está nada claro.

- Já estão brigando - comentou John rindo, e reclinando-se em seu assento com o Times dessa manhã.

- Alguma vez se casou - continuou Francesca-. Como pode saber, então, que, de verdade, não tem aptidões para o casamento?

Michael conseguiu esboçar um sorriso satisfeito.

- Acredito que está muito claro para todas as pessoas que me conhecem. Além disso, que necessidade tenho? Não tenho título, não tenho propriedade...

- Tem propriedade - interrompeu John, demonstrando que continuava ouvindo embora tivesse o rosto tampado pelo jornal.

- Só um trocito de propriedade - emendou Michael -, e me fará muito feliz deixá-lo a seus filhos, pois John me deu isso de presente.

Francesca olhou para John, e Michael compreendeu o que estava pensando: que John lhe tinha dado essa propriedade porque queria que ele se considerasse possuidor de algo, sentisse que tinha uma finalidade em sua vida, de verdade. Desde que se retirara do exército fazia uns anos tinha estado desocupado, sem nada que fazer.

E embora John nunca o havia dito, ele sabia que se sentia culpado por não ter tido que lutar pela Inglaterra no Continente, por ter ficado em casa enquanto ele enfrentava o perigo sozinho.

Mas John era o herdeiro de um condado; tinha o dever de casar-se, de procriar e multiplicar-se. Ninguém tinha esperado que fosse para a guerra.

Muitas vezes tinha pensado se ao lhe dar de presente essa propriedade, uma formosa e confortável casa senhoril com oito hectares de terreno, John não teria querido castigar-se. E suspeitava que Francesca pensava o mesmo.

Mas ela nunca o perguntaria. Francesca compreendia aos homens com extraordinária clareza, talvez por haver-se criado com todos aqueles irmãos. Sabia exatamente o que não perguntar a um homem.

E isso sempre lhe causava um pouco de preocupação. Achava que ocultava muito bem seus sentimentos, mas, e se ela soubesse? Lógicamente nunca falaria disso, nem sequer fazendo uma mínima alusão. Ele tinha a idéia de que, ironicamente, eram muito parecidos nisso; se Francesca suspeitasse que ele estava apaixonado por ela, não mudaria em nada sua maneira de tratá-lo.

- Acredito que deveriam ir ao Kilmartin - disse.

- A Escócia? - perguntou Francesca, tocando suavemente um Si bemol no piano -. Estando tão próxima a temporada?

Michael se levantou, repentinamente impaciente por partir; não deveria ter vindo, por certo.

- Por que não? - perguntou, em um tom da mais absoluta despreocupação -. vocês adoram estar lá. John gosta. E não é um trajeto muito longo, se estiverem em bom estado as molas de suspensão.

- Você viria? - perguntou John.

- Acho que não - respondeu.

Como se lhe interessasse ser testemunha da celebração de seu aniversário de casamento. Em realidade, a única coisa que isso lhe faria seria lhe recordar o que não poderia ter jamais; e isso lhe recordaria seu sentimento de culpa. Ou o intensificaria. Não necessitava nenhum aviso; vivia com ele cada dia.

"Não desejará à mulher de seu primo."

Moisés devia ter esquecido de escrever esse mandamento.

- Tenho muito que fazer aqui - disse.

- Sim? - exclamou Francesca, com os olhos iluminados pelo interesse -. O que?

- Ah, pois, sabe - disse ele, maroto. - Todas essas coisas que tenho que fazer para me preparar para uma vida de dissipação e ócio.

Francesca se levantou.

Santo Deus, levantou-se, e vinha caminhando para ele. Isso era o pior de tudo: quando o tocava.

Pôs-lhe a mão no braço; ele fez um esforço para não encolher-se.

- Como eu gostaria que não falasse assim - disse ela.

Michael olhou por cima do ombro dela para John, que tinha levantado o jornal bastante alto para simular que não estava ouvindo.

- Quer me converter em sua obra? - perguntou, com muito pouca amabilidade.

Ela retirou a mão e retrocedeu.

- Temos lhe carinho.

Temos lhe. Nós. Não "eu", não John: nós. Um sutil aviso de que eram uma unidade. John e Francesca; lorde e lady Kilmartin. Ela não o dizia com essa intenção, lógicamente, mas assim era como o ouvia ele de qualquer forma.

- E eu lhes tenho carinho - disse, desejando que entrasse uma praga de lagostas no salão.

- Sei - disse ela, sem dar-se conta de seu sofrimento-. Não poderia pedir um primo melhor. Mas desejo que seja feliz.

Michael olhou para John, lhe fazendo um gesto que significava: "me salve".

Abandonando a simulação de estar lendo, John deixou a um lado o jornal.

- Francesca, querida, Michael é um homem adulto. Encontrará a felicidade a sua maneira. Quando achar conveniente.

Francesca franziu os lábios e Michael compreendeu que estava irritada. Não gostava que lhe frustrassem seus planos, nem gostava de reconhecer que poderia ser incapaz de ordenar à sua satisfação seu mundo, e às pessoas que o habitavam.

- Deveria te apresentar a minha irmã -disse.

Bom Deus.

- Conheço sua irmã - se apressou a dizer -. Em realidade conheço-as todas, inclusive aquela que ainda levam com rédea curta.

- Não a levam com... - Se interrompeu e apertou os dentes-. Concedo que Hyacinth não lhe convém, mas Eloise é...

- Não me vou casar com o Eloise - disse ele secamente.

- Não quero dizer que tenha que se casar com ela. Só que dance com ela uma ou duas vezes.

- Dancei com ela. E isso é a única coisa que vou fazer.

- Mas...

- Francesca - disse John, em tom muito amável mas com um significado muito claro: "Basta".

Michael poderia tê-lo beijado por sua intervenção. Claro que John só achava que o salvava de uma desnecessária e incoveninte intromissão feminina. Não podia de maneira nenhuma saber a verdade: que ele estava tentando calcular qual seria a magnitude de seu sentimento de culpa se estivesse apaixonado pela mulher de seu primo "e" da irmã dessa mulher.

Bom Deus, casado com Eloise Bridgerton. Francesca queria matá-lo?

- Deveríamos sair para caminhar - disse Francesca, repentinamente.

Michael olhou pela janela. No céu já não havia vestígios de luz do dia.

- Não é um pouco tarde já? - perguntou.

- Não se vou acompanhada por dois homens fortes. Além disso, as ruas do Mayfair estão bem iluminadas. Estaremos muito seguros. - virou-se para olhar seu marido-.

O que lhe parece, querido?

- Tenho uma reunião esta noite - respondeu John, tirando seu relógio de bolso para olhar a hora-. Deveria ir com o Michael.

Mais prova ainda de que John não tinha nem a menor ideia de seus sentimentos, pensou Michael.

- Os dois sempre passam muito bem juntos - acrescentou John.

Francesca se voltou para Michael e lhe sorriu, introduzindo-se outro pouco mais em seu coração.

- Fará-me esse favor? -perguntou-lhe. - Estou desesperada por sair para tomar ar fresco agora que deixou que chover. Além disso, me senti um pouco estranha todo o dia, devo dizer.

- Sim, é claro - respondeu Michael.

O que outra coisa podia dizer, se todos sabiam que não tinha nenhuma reunião nem entrevista? A sua era uma vida de dissipação esmeradamente cultivada.

Além disso, era-lhe impossível resistir a ela. Sabia muito bem que devia manter-se afastado, que não devia permitir-se nunca estar sozinho em sua companhia. Alguma vez agiria segundo seus desejos, mas seriamente precisava submeter-se a esse tipo de sofrimento? Igualmente acabaria sozinho em sua cama, atormentado pela culpa e desejo em partes iguais.

Mas quando lhe sorria, não podia dizer que não. E, a verdade, não era tão forte para negar uma hora em sua presença. Porque sua presença era a única coisa que teria em sua vida. Nunca haveria um beijo, jamais um olhar significativo nenhuma carícia. Não haveria palavras de amor sussurradas, nem gemidos de paixão.

A única coisa que podia ter dela era seu sorriso e sua companhia, e, patético idiota que era, estava disposto a conformar-se com isso.

- Me dê um momento - disse ela, detendo-se na porta-. Tenho que ir procurar um casaco.

- Apresse-se - disse John-. Já são sete passadas.

- Estarei segura, protegida pelo Michael - respondeu ela, sorrindo com toda confiança -, mas não se preocupe, serei rápida. - Então sorriu a seu marido com expressão travessa-. Sempre sou rápida.

Michael teve que desviar a vista ao ver que seu primo se ruborizava. Deus dos céus, não tinha o menor interesse em saber o que queria dizer ela com "sempre sou rápida". Por desgraça, isso podia significar muitíssimas coisas, todas elas deliciosamente sexuais. E era provável que se passasse a próxima hora classificando-as em sua mente, imaginando-se que fazia-as a ele.

Puxou a gravata. Talvez pudesse livrar-se dessa saída com Francesca. Talvez pudese ir para casa e tomar um banho com água fria. Ou, melhor ainda, encontrar uma mulher de cabelo castanho e longo bem disposta. E se tivesse sorte, de olhos azuis também.

- Lamento - disse John depois que Francesca saira.

Michael se virou para lhe olhar o rosto. Não podia ser que se referisse à travessa insinuação de Francesca.

- Sua intromissão - acrescentou John-. É muito jovem. Não tem por que se casar ainda.

- Você é mais jovem que eu - disse Michael, simplesmente por levar contrariar.

- Sim, mas conheci Francesca - disse John, encolhendo os ombros, em gesto de impotência, como se isso explicasse tudo.

E claro que explicava.

- Não me chateia sua intromissão - disse Michael.

- Sim que o chateia. Vejo-o em seus olhos.

E esse era o problema; John o via nos olhos. Não havia ninguém no mundo que o conhecesse melhor que ele. Se algo lhe incomodava, John sempre o notava. O milagre era que não compreendesse a causa de sua perturbação.

- Direi-lhe que o deixe em paz - disse John-, embora tenha que saber que só o repreenda porque o quer.

Michael só conseguiu esboçar um sorriso, embora lhe saisse tenso. Não conseguiu encontrar palavras para responder.

- Obrigado por acompanhá-la no passeio - continuou John, levantando-se-. Esteve irritável todo o dia, pela chuva. Disse-me que se sentia muito presa.

- A que hora tem sua reunião? - perguntou-lhe Michael, enquanto saiam para o vestíbulo.

- Às nove. Minha reunião é com lorde Liverpool.

- Assuntos parlamentares?

John assentiu. tomava muito a sério seu posto na Câmara dos Lordes. Muitas vezes Michael se perguntava se ele teria tomado com tanta seriedade esse dever se tivesse nascido lorde. Provavelmente não. Mas claro, isso não tinha nenhuma importância, não é verdade?

Observou que John friccionava a têmpora esquerda.

- Sente-se mau? Vejo algo...

Não terminou a frase porque em realidade não sabia bem o que lhe encontrava. Não estava bem, isso era a única coisa que sabia.

E conhecia John. por dentro e por fora. Provavelmente o conhecia melhor que Francesca.

- Uma maldita dor de cabeça - resmungou John-. Tive-a todo o dia.

- Quer que chame para que lhe tragam um pouco de láudano?

John negou com a cabeça.

- Detesto essa porcaria. Embota-me a mente e preciso estar alerta para a reunião com Liverpool.

Michael assentiu.

- Está pálido - disse.

Vamos, o que sabia ele? Não era provável que fizesse John mudar de opinião a respeito do láudano.

- Sim? - perguntou John, fazendo um mau gesto ao pressionar-com mais força a têmpora-. Acho que me vou deitar um pouco, se não se importa. Tenho ainda toda uma hora, antes de sair.

- Muito bem. Quer que diga a alguém que o desperte?

John negou com a cabeça.

- Eu mesmo o pedirei a meu criado de quarto.

Justo nesse momento Francesca desceu a escada, envolta em uma capa longa cor azul meia-noite.

- Boa noite, senhores - disse alegremente, encantada por ter toda a atenção masculina. Mas ao chegar ao pé da escada, franziu o cenho.

- Passa-lhe algo, querido? - perguntou a John.

- Só dor de cabeça. Não é nada.

- Deveria descançar um pouco.

John conseguiu esboçar um sorriso.

- Acabava de dizer ao Michael que isso é o que penso fazer. Direi ao Simons que desperte a tempo para ir à reunião.

- Com lorde Liverpool?

- Sim, às nove.

- É pelos seis decretos de lei?

John assentiu.

- Sim, e a volta do patrão oro. Expliquei-lhe isso no café da manhã, se o recorda.

- Procura... - sorrindo, Francesca se interrompeu e negou com a cabeça-. Bom, já sabe o que penso.

John sorriu e se inclinou para lhe dar um beijo nos lábios.

- Sempre sei o que pensa, querida.

Michael simulou que olhava para outro lado.

- Nem sempre - disse ela, em tom quente e travesso.

- Sempre que é necessário - disse John.

- Bom, isso é certo. E nisso ficam meus esforços de ser uma dama misteriosa.

Ele voltou a beijá-la.

- Prefiro-a assim como é.

Michael pigarreou para limpar a garganta. Isso não deveria lhe ser tão difícil; depois de tudo, John e Francesca não estavam agindo de modo distinto ao normal. Eram, como se comentava na alta sociedade, como duas ervilhas em uma vagem, maravilhosamente acoplados e esplendidamente apaixonados.

- Faz-se tarde - disse Francesca-. Deveria sair já, se quiser tomar um pouco de ar fresco.

John assentiu e fechou os olhos um momento.

- Tem certeza que está bem?

- Estou bem. É só uma dor de cabeça.

Francesca agarrou o braço que lhe oferecia Michael e quando estavam a ponto de chegar à porta, disse ao John por cima do ombro:

- Não esqueça de tomar láudano quando voltar da reunião. Sei que agora não o fará.

John assentiu, com a expressão cansada e começou a subir a escada.

- Pobre John - disse Francesca quando saíram ao fresco ar noturno. Fez uma inspiração profunda e deu um longo suspiro-. Detesto dores de cabeça. Sempre me deixam especialmente deprimida.

- Eu nunca tenho dor de cabeça - comentou Michael, levando-a pela escadaria até a calçada.

Ela levantou o rosto para ele, com uma comissura da boca levantada nesse sorriso tão dolorosamente conhecido.

- Não? Que sorte a sua.

Michael quase pôs-se a rir. Aí estava, passeando de noite com a mulher que amava. Que sorte a sua.

Capítulo 2

E se fosse tão terrível, suspeito que não me diria. Quanto às mulheres, pelo menos certifique-se de que são limpas e não têm nenhuma enfermidade. Além disso, faz tudo o que seja necessário para lhe ser suportável este tempo. E, por favor, procura não se fazer matar. A risco de parecer muito sensível, não sei o que faria sem você.

De uma carta do conde do Kilmartin a seu primo Michael Stirling, Regimento de Infantaria 52, durante as guerras napoleônicas.

Com todos seus defeitos, e Francesca estava disposta a reconhecer que Michael Stirling tinha muitos, era francamente um homem simpatíssimo. Era um libertino terrível (tinha-o visto em ação, e inclusive ela tinha que reconhecer que mulheres, no resto inteligentes, perdiam todo vestígio de sensatez quando ele decidia ser encantador), e estava claro que não abordava sua vida com a seriedade que teriam gostado ela e John, mas mesmo apesar de tudo isso, ela não podia deixar de querê-lo.

Era o melhor amigo que tinha tido John em sua vida, até que se casara com ela, é claro, e nesses dois anos passados se converteu em seu confidente íntimo também. E isso era estranho. A quem lhe teria ocorrido pensar que ela ia contar com um homem como uma de suas amizades mais íntimas? Normalmente não se sentia cômoda em presença de homens; quatro irmãos costumavam eliminar a delicadeza inclusive da mais feminina das criaturas. Mas ela não era como suas irmãs. Daphne e Eloise, e talvez também Hyacinth, mesmo que ainda fosse muito jovem para sabê-lo com certeza, eram muito francas e alegres; eram o tipo de mulheres que se sobressaem em coisas como a caça e o tiro ao alvo, o tipo de atividades que tendem a ganhar as etiquetas de "alegres esportistas". Os homens sempre se sentiam confortáveis com elas e o sentimento era mútuo, como tinha observado ela.

Ela era diferente. Sempre se havia sentido diferente do resto de sua família. Queria-os de todo coração e daria sua vida por qualquer um deles, mas embora em sua aparência externa era uma Bridgerton, em seu interior sempre se sentia como se ao nascer a tivessem trocado por outra.

Enquanto o resto de seus familiares eram extrovertidos, faladores, ela era, não tímida exatamente, mas sim mais reservada, mais cuidadosa ao escolher as palavras. Criou a fama de irônica e engenhosa e, tinha que reconhecê-lo, rara vez conseguia passar por cima uma oportunidade de cravar a seus irmãos e irmãs com algum comentário sarcástico. Isso o fazia com carinho, é claro, e talvez com algo do desespero que vem de ter passado muito tempo com sua família, mas eles também lhe faziam brincadeiras, assim era justo.

Essa era a maneira de ser de sua família: rir, fazer brincadeiras, cravar. As contribuições dela ao bulício na conversa eram simplesmente algo mais calados que os de outros, um pouquinho mais irônicos e subversivos.

Muitas vezes pensava se uma parte de sua atração por John não se devia simplesmente ao fato de que a tirara do caos que costumava haver com tanta freqüência na família Bridgerton. E não era que não o amasse; amava-o; adorava-o com todas as partículas de seu ser, de seu corpo. Ele era seu espírito afim, muito parecido a ela em muitos sentidos. Mas de certo modo, tinha sido um alívio deixar a casa de sua mãe para escapar a uma existência mais serena com o John, cujo senso de humor era exatamente igual ao dele.

Ele a entendia, contava com ela, antecipava-se a suas necessidades.

Completava-a.

Quando o conheceu teve uma sensação muito estranha, quase como se ela fosse uma peça trincada de um quebra-cabeças que por fim encontrava a seu par. Seu primeiro encontro não se caracterizou por um amor ou paixão avassaladores, mas esteve impregnado da sensação muito estranha de ter encontrado por fim à única pessoa com quem podia ser ela mesma.

E isso ocorreu em um instante; foi totalmente repentino. Não recordava o que foi o que lhe disse ele, mas desde o instante em que saíram as primeiras palavras de sua boca, ela se sentiu à vontade, confortável com ele.

E com ele veio Michael, seu primo, embora, diga-se a verdade, eram mais como irmãos. Criaram-se juntos e eram tão próximos em idade que compartilhavam tudo.

Bom, quase tudo. John era o herdeiro de um condado e Michael, simplesmente seu primo, por isso era natural que não tratassem igual aos dois meninos. Mas pelo que tinha ouvido ela, e pelo que já sabia da família Stirling, tinham-nos amado igual aos dois, e ela tinha a idéia de que essa era a chave do bom humor do Michael.

Porque mesmo que John herdara o título, a riqueza e, bom, tudo, não dava a impressão de que Michael lhe tivesse inveja.

Não o invejava. Isso a surpreendia. Criara-se como se fosse o irmão de John, sendo ele mais velho, e entretanto nunca lhe tinha invejado nenhuma de suas vantagens ou privilégios.

E esse era o motivo de que ela o quisesse tanto. Com certeza Michael se mofaria se ela tentasse elogiá-lo por isso, e estava totalmente segura de que ele se apressaria a indicar suas maldades (nenhuma das quais, temia, seria exagerada) para demonstrar que tinha a alma negra e que era um consumado descarado. Mas a verdade é que Michael Stirling possuía uma generosidade de espírito e uma capacidade de amar não igualada entre os homens.

E se tornaria louca se não lhe encontrasse uma esposa logo.

- O que tem de mau minha irmã? - perguntou-lhe, muito consciente de que sua voz perfurava repentinamente o silêncio da noite.

- Francesca - disse ele, e ela detectou irritação, embora também um pouco de diversão em sua voz-, não me vou casar com sua irmã.

- Não disse que tenha que se casar com ela.

- Não tinha por que. Seu rosto é um livro aberto.

Ela o olhou, sorrindo.

- Nem sequer me estava olhando.

- Pois a estava olhando, e embora não o tivesse estado, não teria importado. Sei o que se propõe.

Tinha razão, e isso a assustou. Às vezes temia que ele a entendesse tão bem como John.

- Necessita de uma esposa.

- Não acaba de prometer a seu marido que vai deixar de me acossar com isso?

- Em realidade não o prometi - respondeu ela, olhando-o com certo ar de superioridade-. Ele me pediu isso, claro...

- Claro -repetiu ele.

Ela riu. Ele sempre conseguia fazê-la rir.

- Achava que as esposas deviam acatar os desejos de seus maridos - disse ele, arqueando a sobrancelha direita-. Em realidade, estou bastante certo de que isso está contido nas promessas do matrimônio.

- Faria-lhe muito mau serviço se lhe encontrasse uma esposa assim - disse ela, sublinhando as palavras com um muito desdenhoso grunido para dar ênfase ao sentimento.

Ele virou o rosto e a olhou com uma expressão vagamente paternalista. Deveria ter sido um nobre, pensou ela. Embora era tão irresponsável que não cumpriria com os deveres anexos a um título, quando olhava assim a uma pessoa, com essa expressão de suficiência e certeza, bem poderia ter sido um duque de sangue real.

- Suas responsabilidades como condessa do Kilmartin não incluem me encontrar esposa - disse.

- Pois deveriam.

Ele pôs-se a rir, o que a encantou. Sempre conseguia fazê-lo rir.

- Muito bem - disse, renunciando no momento-. Me conte algo iníquo, então. Algo que John não faria.

Esse era o jogo ao que jogavam, inclusive diante do John, embora este pelo menos sempre simulava tentar desviá-los do assunto. Ainda assim, suspeitava que John desfrutava tanto como ela das histórias do Michael, já que uma vez terminado de lhes soltar o sermão, era todo ouvidos.

Embora em realidade Michael nunca lhes contava muito; era muito discreto. Mas deixava cair insinuações aqui e lá e tanto ela como John sempre se divertiam muitíssimo. Não trocariam por nada sua sorte conjugal, mas, quem não gosta que dêem de presente os ouvidos com picantes historia de sedução e libertinagem?

- Acredito que esta semana não tenho feito nada iníquo - disse Michael, guiando-a para virar pela esquina do King Street.

- Você? Impossível.

- Só é terça-feira.

- Sim, mas descontando o domingo, no qual certamente não pecaria - o olhou com uma expressão que dizia que estava muito segura de que já tinha pecado de todas as maneiras possíveis, embora fosse domingo -, isso o deixa a segunda-feira, e um homem pode fazer muitas coisas uma segunda-feira.

- Não este homem. E não esta segunda-feira.

- O que fez, então?

Ele pensou um momento e respondeu:

- Nada, em realidade.

- Isso é impossível - brincou ela-. Estou certa de que o vi acordado pelo menos uma hora.

Ele não respondeu e depois encolheu os ombros de uma maneira que ela achou extranhamente perturbadora, e afinal disse:

- Não fiz nada. Caminhei, falei e comi, mas ao final do dia, não havia nada.

Francesca lhe apertou o braço impulsivamente.

- Teremos que lhe encontrar algo -disse, docemente.

Ele se virou para olhá-la nos olhos, com uma estranha intensidade em seus olhos prateados, uma intensidade que ela sabia que ele não deixava aflorar à superfície com freqüência.

E imediatamente desapareceu essa intensidade e voltou a ser o mesmo de sempre, embora suspeitou que Michael Stirling não era absolutamente o homem que desejava fazer acreditar que era.

Inclusive que acreditava ela, às vezes.

- Temos que voltar para casa - disse ele-. Se faz tarde, e John pedirá minha cabeça se permitir que pegue um catarro por resfriado.

- John jogaria a culpa a minha estupidez, e bem que sabe. Isso é só sua maneira de me dizer que há uma mulher esperando-o, provavelmente coberta só pelo lençol de sua cama.

Ele a olhou e sorriu, com esse sorriso malicioso, diabólico, e ela compreendeu por que a metade da aristocracia, quer dizer, a metade feminina, achava-se apaixonada por ele, embora não tivesse título nem fortuna em seu nome.

- Disse que queria ouvir algo iníquo, não? - falou ele, então-. Quereria mais detalhes? A cor dos lençóis, talvez?

Ela sentiu subir o rubor nas faces, em abundância. Detestava ruborizar-se, mas ao menos essa reação era oculta pela escuridão da noite.

- Não amarelas, espero - disse, porque não suportava que a conversa acabasse devido a seu sobressalto-. Essa cor lhe apaga a tez.

- Não sou eu quem vai pôr os lençóis - disse ele arrastando a voz.

- De qualquer maneira.

Ele riu, e ela compreendeu que havia dito isso só para dizer a última palavra. E então, justo quando pensou que ele a deixaria com essa pequena vitória, quando começava a encontrar alívio no silêncio, disse:

- Vermelhas.

- Perdão, o que disse? - perguntou, mas claro, sabia o que ele queria dizer.

- Lençóis vermelhos, acho.

- Não posso acreditar que me haja dito isso.

- Você perguntou, Francesca Stirling. - Olhou-a, e uma mecha negra como a noite lhe caiu sobre a fronte-. Tem sorte de que não delate a seu marido.

- John jamais cuidaria de mim.

Por um momento ela pensou que ele não ia responder, mas então disse:

- Sei. - Sua voz soou curiosamente séria, grave-. Esse é o único motivo de que lhe faça brincadeiras.

Ela ia olhando a calçada, se por acaso havia gretas ou buracos, mas achou tão séria sua voz que teve que levantar a cabeça para olhá-lo.

- É a única mulher que conheço que nunca se desviaria em seu comportamento - disse ele então, lhe tocando o queixo-. Não tem idéia de quanto a admiro por isso.

- Amo seu primo -murmurou ela-. Jamais o trairia.

Ele desceu a mão até o flanco.

- Sei.

Estava tão bonito, tão formoso, à luz da lua, e parecia tão insuportavelmente necessitado de amor, que a ela quase lhe rompeu o coração. Com certeza nenhuma mulher seria capaz de resistir com esse rosto perfeito e esse corpo alto e musculoso. E qualquer que se tomasse o tempo para olhar o que havia debaixo dessa beleza chegaria a conhecê-lo tão bem como ela: como um homem bom, amável, leal.

Tudo isso misturado com um poquinho de malícia do demônio, claro, mas talvez isso era justamente o que atraía às damas.

- Voltamos? - disse ele de repente, todo encanto, fazendo um gesto para a casa.

Suspirando, ela deu meia volta.

- Obrigado por me acompanhar - disse, passados uns quantos minutos de agradável e amistoso silêncio-. Não exagerei quando disse que me ia tornar louca se chovesse.

- Não disse isso - disse ele.

Imediatamente se deu um pontapé mentalmente. O que havia dito era que se sentia algo estranha, não que ia se tornar louca, mas só um intelectual idiota ou um idiota apaixonado teria notado a diferença.

Ela franziu o cenho.

- Não o disse? Bom, estava-o pensando. Sentia-me algo frouxa, deprimida, se tiver que sabê-lo. O ar fresco me fez muitíssimo bem.

- Alegra-me ter contribuído para isso - disse ele, galantemente.

Ela sorriu. Foram subindo a escadaria da casa e, quando puseram os pés no último degrau, abriu-se a porta; o mordomo devia ter estado observando-os. Michael esperou no vestíbulo enquanto o mordomo a ajudava a tirar a capa.

- Vai ficar tomando outra taça, ou tem que partir imediatamente para seu encontro? -perguntou-lhe ela, com os olhos brilhantes e travessos.

Ele olhou o relógio no fim do vestíbulo. Eram oito e meia, e embora não tinha que ir a nenhuma parte, pois não havia nenhuma mulher esperando-o, embora sem dúvida poderia encontrar alguma em um abrir e fechar de olhos, e possivelmente o faria, não gostava muito de continuar na casa Kilmartin.

- Tenho que ir -disse-. Tenho muito que fazer.

- Não tem nada que fazer, e bem que sabe. Só deseja se levar mau.

- É um passatempo admirável - resmungou ele.

Ela abriu a boca para replicar, mas justo nesse momento desceu a escada Simons, o criado de quarto de John, contratado fazia pouco.

- Milady?

Francesca se virou para ele e lhe fez um gesto de assentimento, lhe indicando que podia continuar.

- Bati na porta de sua senhoria e chamei-o, duas vezes, mas parece que está dormindo muito profundamente. Quer que desperte de qualquer modo?

Francesca assentiu.

- Sim. eu adoraria deixá-lo dormir. Trabalhou muitíssimo estes últimos dias - essa informação ia dirigida ao Michael-, mas sei que essa reunião com lorde Liverpool é muito importante. Deveria... Não, espere, eu irei despertá-lo. Será melhor assim. Verei-o amanhã? -perguntou a Michael.

- Em realidade, se John não partiu ainda, esperarei. Vim a pé, assim iria muito bem me servir de sua carruagem uma vez que a desocupe.

Assentindo, ela começou a subir apressadamente a escada.

Não tendo nada que fazer, além de cantarolar em voz baixa, Michael começou a passear pelo vestíbulo, olhando os quadros.

E então ouviu o grito dela.

Michael não tinha a menor lembrança de ter subido correndo a escada, mas se encontrava ali, no dormitório de John e Francesca, o único quarto da casa em que não tinha entrado jamais.

- Francesca? - exclamou-. Frannie, Frannie, o que...?

Ela estava sentada junto à cama, com uma mão presa ao antebraço do John, que pendia pelo lado.

- Desperta-o, Michael - exclamou-. Desperta-o, por favor. Desperta-o!

Michael sentiu que seu mundo se desvanecia. A cama estava do outro lado do quarto, a umas quatro jardas, mas soube. Ninguém conhecia o John tão bem como ele. Ninguém.

E John não estava no quarto. Não estava. O que estava na cama...

Não era John.

- Francesca - murmurou, avançando lentamente para ela. Sentia o corpo estranho, as pernas pesadas, muito pesadas-. Francesca.

Ela o olhou, com os olhos muito abertos, aflitos.

- Desperta-o, Michael.

- Francesca, eu não...

- Agora! - gritou ela, jogando-se sobre ele-. Desperta-o! Você pode. Desperta-o! Desperta-o!

A única coisa pôde fazer ele foi ficar imóvel onde estava, enquanto lhe golpeava o peito com os punhos, e continuar aí quando lhe agarrou a gravata e começou a puxá-la, puxá-la até que ele começou a afogar-se, sem poder respirar. Nem sequer podia abraçá-la, não podia lhe dar nenhum consolo, porque ele se sentia tão destroçado, tão confundido como ela.

De repente a abandonou a energia e se desabou em seus braços, lhe molhando a camisa com suas lágrimas.

- Tinha uma dor de cabeça -gemeu-. Só isso. Só uma dor de cabeça. - Olhou-o suplicante, lhe escrutinando o rosto, procurando respostas que ele não poderia lhe dar jamais-. Só uma dor de cabeça -repetiu.

E se via destroçada.

- Sei - disse ele, sabendo que isso não era suficiente.

- OH, Michael -soluçou ela-. O que vou fazer?

- Não sei -respondeu ele, porque não sabia.

Entre o Eton, Cambridge e o exército, tinham-no preparado para tudo o que débito saber da vida um cavalheiro inglês, mas não para "isso".

- Não entendo - estava dizendo ela.

Pensou que estava dizendo muitas coisas, mas nenhuma delas tinha nenhum sentido a seus ouvidos. Nem sequer tinha a força para continuar de pé, assim juntos desmoronaram e ficaram sentados sobre o tapete, apoiados no lado da cama.

Ele ficou olhando sem ver a parede de frente, pensando por que não chorava. Estava atordoado, adormecido, sentia todo o corpo pesado, e não conseguia tirar a sensação de que lhe tinham arrancado a alma do corpo.

John não.

Por que?

Por que?

E enquanto estava sentado aí, vagamente consciente de que os criados se agruparam justo fora da porta, pareceu-lhe que Francesca estava gemendo essas mesmas palavras:

- John não.

- Por que?

- Por que?

- Acha que poderia estar grávida?

Michael olhou fixamente a lorde Winston, o veemente homenzinho, membro, ao parecer recém renomado, do Comitê de Privilégios da Câmara dos Lordes, tratando de encontrar sentido em suas palavras. Só fazia um dia que tinha morrido John; ainda lhe era difícil encontrar sentido a algo. E vinha esse homenzinho inchado lhe exigindo uma audiência para perorar a respeito de uns deveres sacrossantos para com a Coroa.

- Sua senhoria - explicou lorde Winston-. Se estiver grávida, isso complicará tudo.

- Não sei. Não perguntei.

- Deve perguntar-lhe. Não me cabe dúvida de que você está impaciente por assumir o título e o controle de suas novas propriedades, mas devemos determinar se ela está grávida. Além disso, se o estiver, um membro de nosso comitê deverá estar presente no parto.

Michael sentiu que lhe afrouxavam todos os músculos do rosto.

- Perdão, o que disse? - conseguiu dizer.

- Troca de bebê - disse lorde Winston, lúgubremente-. houve casos...

- Vamos, pelo amor de Deus...

- Isto é tanto para protegê-lo como a qualquer outro - interrompeu lorde Winston-. Se sua senhoria der a luz a uma menina e não há ninguém presente para servir de testemunha, o que lhe impediria de trocar à menina por um menino?

Michael nem sequer teve a força para dizer que seria indigno responder a essa pergunta.

- Tem que inteirar-se está grávida - insistiu lorde Winston-. Será necessário tomar medidas, estabelecer disposições.

- Ficou viúva ontem - respondeu Michael secamente-. Não lhe vou aumentar a pena incomodando-a com perguntas tão indiscretas.

- Há mais em jogo que os sentimentos de sua senhoria - replicou lorde Winston-. Não podemos transferir adequadamente o condado enquanto haja dúvidas em relação à linha de sucessão.

- Que o diabo leve o condado! -uivou Michael.

Lorde Winston abafou uma exclamação e retrocedeu uns passos, horrorizado.

- Esquece suas maneiras, milord.

- Não sou seu lorde. Não sou o lorde de ninguém.

Interrompeu a corrente de palavras que o afogavam e se sentou em uma cadeira, esforçando-se por conter as lágrimas que ameaçavam lhe brotar dos olhos. Sentia desejo de voltar a chorar, aí mesmo, no escritório do John, diante desse maldito homenzinho que ao que parecia não entendia que tinha morrido um homem, não só um conde, mas também um homem.

E choraria, com certeza logo que partisse lorde Winston e ele pudesse fechar a porta com chave e assegurar-se de que não o veria ninguém, cobriria o rosto com as mãos e choraria.

- Alguém tem que perguntar o disse lorde Winston.

- Não serei eu - respondeu Michael em voz baixa.

- Então o perguntarei eu.

Michael se levantou de um salto, agarrou ao homem pela gola da camisa e o esmagou contra a parede.

- Não vai se aproximar de lady Kilmartin -grunhiu-. Nem sequer vai respirar o mesmo ar que respira ela. Fui claro?

- Muito claro - conseguiu dizer o homenzinho, em um gorgeio.

Michael o soltou, vagamente consciente de que o rosto lhe estava ficando vermelho.

- Vá embora.

- Vai ter que...

- Fora! - rugiu.

- Voltarei amanhã - disse lorde Winston, saindo depressa pela porta-. Falaremos quando estiver mais calmo.

Michael se apoiou na parede, olhando a porta aberta. Bom Deus. Como tinha ocorrido tudo isso? John ainda não tinha completado os trinta anos. Era a imagem mesma da saúde. Ele poderia ter sido o segundo na linha de sucessão enquanto John e Francesca não tivessem nenhum filho, mas a ninguém lhe teria ocorrido pensar jamais nunca que herdaria.

Já tinha ouvido dizer que nos clubes os homens o consideravam o homem mais afortunado de Grã-Bretanha. Da noite para o dia tinha passado da periferia da aristocracia a seu epicentro mesmo. Pelo visto ninguém compreendia que ele jamais tinha desejado isso. Jamais.

Não desejava um condado. Desejava ter de volta seu primo. E ao que parecia ninguém o entendia.

À exceção, talvez, de Francesca. Mas ela estava tão imersa em sua própria aflição que não podia compreender todo o sofrimento dele.

E não lhe pediria que o compreendesse, lógicamente, estando ela tão inundada no seu.

Cruzou os braços, pensando nela. Nunca, no que restava de vida, esqueceria a expressão no rosto de Francesca quando finalmente compreendeu a verdade: que John não estava dormindo; que não despertaria.

E Francesca Bridgerton era, na tenra idade de vinte e dois anos, a criatura mais triste da Terra.

Sozinha.

Ele entendia seu sofrimento melhor do que ninguém poderia imaginar.

Tinham-na levado a cama entre ele e a mãe dela, que chegou correndo graças à mensagem urgente que lhe enviou. E tinha adormecido como um bebê, sem sequer emitir um gemido, com seu corpo esgotado por toda a comoção.

Mas essa manhã ao despertar, já tinha adquirido o proverbial rosto impassível, resolvida a manter-se forte e firme, para atender a todos os detalhes das atividades que tinham caído como uma corrente sobre a casa depois da morte do John.

O problema era que nenhum dos dois sabia quais eram esses detalhes. Eram jovens; tinham vivido livres de preocupações. E nunca lhes tinha passado pela mente que teriam que enfrentar à morte.

Quem sabia, por exemplo, que interviria esse ditoso Comitê de Privilégios? Ou que exigiriam um assento de camarote em um momento e lugar que devia ser totalmente privado para Francesca?

Se é que estava grávida.

Mas, inferno e condenação, ele não perguntaria.

"Temos que comunicar a sua mãe", havia-lhe dito Francesca essa manhã na primeira hora. E isso foi a primeira coisa que disse, em realidade. Sem nenhum preâmbulo, sem saudá-lo, simplesmente "Temos que comunicar a sua mãe".

Ele assentiu, porque, claro, ela tinha razão.

"Temos que comunicar a sua mãe também - acrescentou ela-. As duas estão na Escócia. Ainda não sabem."

E ele voltou a assentir; foi o único que conseguiu fazer. "Eu escreverei as notas."

E assentiu pela terceira vez, pensando o que devia fazer ele.

E a resposta a isso a obteve com a visita de lorde Winston, embora não suportasse pensar nisso nesse momento. Achava absolutamente horrível, de mau gosto.

Não queria pensar em tudo o que ganhava com a morte do John. Como alguém podia falar como se de tudo isso tivesse resultado algo "bom"?

Foi deslizando o corpo pela parede até que ficou sentado no chão, com as pernas dobradas e a cabeça apoiada nos joelhos. Ele não tinha desejado, não é?

Tinha desejado a Francesca. Só isso. Mas não dessa maneira. Não a esse preço.

Jamais tinha invejado ao John sua boa sorte. Jamais tinha desejado seu título, nem seu dinheiro nem seu poder.

Somente tinha desejado a sua mulher.

E agora estava destinado a ter seu título, a meter-se em sua pele.

E o sentimento de culpa o atendia sem piedade o coração como um punho de ferro.

Teria desejado isso de algum jeito? Não, não teria podido. Não o tinha desejado.

Teria desejado isso?

- Michael?

Levantou a cabeça. Era Francesca, ainda com esse olhar vazio, seu rosto uma máscara sem expressão que lhe rompia o coração mais que se estivesse chorando desconsolada.

- Pedi a Janet que viesse.

Ele assentiu. A mãe do John; sentiria-se destroçada.

- E a sua mãe também. Também se sentiria destroçada.

- Ocorre-lhe alguma outra pessoa...?

Ele negou com a cabeça, consciente de que devia levantar-se, consciente de que a educação opinava que se levantasse; mas não conseguia encontrar a força. Não queria que Francesca o visse tão débil, mas não podia evitá-lo.

- Deveria se sentar - disse por fim. - Precisa descansar.

- Não posso. Necessito... Se paro, embora seja um momento, me...

Não terminou a frase porque sua voz se cortou, mas não tinha importância. Ele compreendia.

Olhou-a um momento. Levava o cabelo castanho recolhido em um simples coque, e tinha o rosto muito pálido. Parecia muito jovem, como uma menina recém saída da sala-de-aula, muito jovem para esse tipo de sofrimento.

- Francesca - disse, não em tom de pergunta, porém mais como um suspiro.

E então ela disse. Disse-o sem que ele tivesse que perguntar-lhe.

- Estou grávida.

Capítulo 3

Amo-o com loucura, com loucura! De verdade, morreria sem ele.

De uma carta de Francesca, condessa do Kilmartin, a sua irmã Eloise Bridgerton, uma semana depois de seu casamento.

- Tenho que dizer, Francesca, que é a futura mãe mais saudável que viram meus olhos em toda minha vida.

Francesca sorriu a sua sogra, que acabava de entrar no jardim da mansão no Saint James que agora compartilhavam. Dava a impressão de que da noite para o dia a casa Kilmartin se convertera em residência de mulheres. A primeira em chegar a viver aí tinha sido Janet, e depois Helen, a mãe do Michael. Era uma casa cheia de mulheres Stirling, ou pelo menos daquelas que tinham adquirido o sobrenome por matrimônio.

E ela sentia tudo muito diferente.

Era estranho. Teria imaginado que perceberia a presença do John, que o sentiria no ar, que o veria no entorno que tinham compartilhado durante dois anos. Mas não, ele simplesmente partira, e a chegada de mulheres à casa tinha mudado totalmente seu ambiente. Isso era bom, supunha; necessitava o apoio das mulheres nesse momento.

Mas se sentia estranha; era-lhe estranho viver entre mulheres. Havia mais floresç na casa, vasos por toda parte. E já não ficava no ar o aroma do charuto do John, nem o de sabão de sândalo que preferia.

Agora a casa Kilmartin cheirava a lavanda e água de rosas, e cada vez que aspirava esses aromas lhe rompia outro pouco o coração.

Inclusive Michael tinha estado extranhamente distante. Ah, sim vinha de visita, várias vezes na semana, se alguém se ocupasse de contar, e ela tinha que reconhecer que contava. Mas não estava aí, da maneira como tinha estado antes que morresse John. Não era o mesmo, e sabia que não devia castigá-lo por isso, nem sequer para si mesma.

Ele também estava sofrendo.

Isso sabia. Recordava quando o olhava e via seus olhos distantes; recordava quando não sabia o que lhe dizer, e quando não fazia brincadeiras.

E o recordava quando estavam sentados juntos no salão e não tinham nada que dizer. Tinha perdido John, e agora tinha a impressão de que tinha perdido Michael também. E inclusive tendo com ela duas mães que a mimavam como galinhas a seus pintinhos, três mães, em realidade, se contasse à sua, que vinha vê-la cada dia, sentia-se muito sozinha.

E muito triste.

Ninguém lhe havia dito jamais quanta tristeza sentiria. A quem lhe teria ocorrido lhe falar disso? E inclusive se a alguém lhe tivesse ocorrido dizer-lhe até no caso de sua mãe, que também ficou viúva jovem, tivesse-lhe explicado a dor que sentiria, ela não o teria entendido. Como poderia havê-lo entendido?

Essa era uma daquelas coisas que teria que experimentar para a entender. E, ai, como desejava não pertencer a esse triste clube.

E onde estava Michael? Por que não a consolava? Por que não se dava conta do muito que ela o necessitava? A ele, não a sua mãe, nem à mãe de ninguém.

Necessitava de Michael, a única pessoa que conheceu o John tanto como ela, a única pessoa que o tinha amado totalmente. Michael era seu único vínculo com o marido que tinha perdido, e o odiava por manter-se afastado.

Inclusive quando ele se encontrava na casa Kilmartin, quando estava na mesma maldita sala que ela, nada era igual. Já não se faziam brincadeiras, não brigavam. Simplesmente estavam sentados aí, os dois tristes, com os rostos aflitos, e quando falavam, notava-se um desconforto, uma violência que não existia antes.

Era impossível que "algo" continuasse tal como era antes que morresse John? Jamais lhe teria ocorrido pensar que sua amizade com Michael poderia morrer também.

- Como se sente, querida?

Francesca olhou a sua sogra, caindo tardiamente na conta de que esta lhe tinha feito uma pergunta, ou talvez várias, e ela não as tinha respondido, imersa como estava em seus pensamentos. Isso fazia muitíssimo ultimamente.

- Muito bem -respondeu-. Não me sinto absolutamente diferente de como me tenho sentido sempre.

- É extraordinário - comentou Janet, movendo a cabeça, maravilhada-. Jamais tinha ouvido coisa semelhante.

Francesca encolheu os ombros.

- Se não fosse pela falta de minhas regras, não saberia que há algo diferente.

E era certo. Não sentia náuseas, não tinha fome a cada momento, não sentia nada diferente. Talvez se sentisse um pouco mais cansada do que o habitual, mas isso podia dever-se à aflição também. Sua mãe dizia que se havia sentido cansada durante um ano depois da morte de seu pai.

Claro que, quando ficara viúva, sua mãe tinha oito filhos que cuidar e atender. Ela só se tinha a si mesmo, e contava com um pequeno exército de criados que a tratavam como a uma rainha inválida.

- Tem muita sorte - disse Janet, sentando-se na poltrona em frente-. Quando eu estava grávida do John tinha náuseas todas, todas as manhãs, e muitas vezes à tarde também.

Francesca assentiu e sorriu. Janet já lhe havia dito isso antes, e várias vezes. A morte do John tinha convertido a sua mãe em um periquito; não parava de falar, tratando de encher o silêncio que lhe produzia a aflição dela. Adorava-a por isso, por tentá-lo, mas tinha a idéia de que o único que lhe mitigaria a pena seria o tempo.

- Alegra-me muitíssimo que esteja grávida - disse Janet, inclinando-se e lhe apertando impulsivamente a mão-. Isso faz tudo um pouco mais suportável. Ou talvez um pouco menos insuportável - acrescentou, não sorrindo, mas com o aspecto de tentá-lo.

Francesca se limitou a assentir, por medo de que se falasse lhe soltassem as lágrimas que tinha contidas nos olhos.

- Sempre desejei ter mais filhos - continuou Janet-. Mas isso não estava destinado a ser. E quando morreu John, bom, nos limitemos a dizer simplesmente que nenhum neto será nunca tão amado como o que agora leva no ventre. - Guardou silêncio, simulando que levava o lenço ao nariz, quando em realidade era para os olhos-. Não o diga a ninguém, mas não me importa se for menino ou menina. É uma parte dele. Isso é a única coisa que importa.

- Sei - disse Francesca em voz baixa, colocando-a mão no ventre.

Como desejava sentir algo, algo, que lhe indicasse que levava um bebê dentro. Mas era muito cedo para notar movimentos; ainda não estava há três meses grávida, segundo os cuidadosos cálculos que tinha feito, e todos os vestidos lhe entravam perfeitamente, a comida sabia igual a antes, e simplesmente não experimentava nenhum dos mal-estares e achaques de que falavam as demais mulheres.

Sentiria-se feliz se cada manhã lhe viessem náuseas e vomitasse toda a comida, se sentisse algo com o que ao menos pudesse imaginar-se que o bebê estava movendo a mão como se quisesse lhe dizer alegremente: "Estou aqui!"

- Viu Michael estes últimos dias? - perguntou Janet.

- Desde segunda-feira não. Já não vem de visita com muita freqüência.

- Sente falta de John.

- Eu também - replicou Francesca, e a horrorizou o gritã que lhe saiu a voz.

- Deve ser muito difícil para ele - murmurou Janet.

Francesca se limitou a olhá-la, com os lábios entreabertos pela surpresa.

- Não quero dizer que não seja difícil para você -se apressou a dizer Janet -, mas pensa no delicado de sua posição. Não saberá se vai ser o conde até dentro de seis meses.

- Eu não posso fazer nada com respeito a isso.

- Não, claro que não, mas isso o põe em uma situação difícil. Ouvi dizer mais de uma senhora que simplesmente não pode considerá-lo um pretendente possível para sua filha até que, e a menos que, você dê a luz uma menina. Casar-se com o conde do Kilmartin é uma coisa; outra muito distinta é casar-se com seu primo pobre.

E ninguém sabe qual das duas coisas vai ser.

- Michael não é pobre - disse Francesca, mal-humorada-. Além disso, não se casará enquanto estiver de luto por John.

- Não, imagino que não, mas espero que comece logo a procurar esposa. Desejo muitíssimo que seja feliz. E, claro, se vai ser o conde, terá que gerar um herdeiro.

Se não, o título irá parar esse odioso lado Debenham da família - concluiu Janet, estremecendo-se ante a idéia.

- Michael fará o que deve - disse Francesca, embora não estava muito certa.

Era lhe difícil imaginá-lo casado. Sempre tinha sido difícil imaginá-lo. Michael não era o tipo de homem capaz de ser fiel a uma mulher durante muito tempo; mas nesse momento simplesmente lhe parecia estranho. Durante esses dois anos ela tinha tido ao John, e Michael tinha sido o acompanhante de ambos. Seria capaz de suportar que Michael se casasse e ela passasse a ser terceira no grupo? Era suficientemente generosa para sentir-se feliz por ele enquanto ela ficava sozinha?

Esfregou os olhos. sentia-se muito cansada, e um pouco fraca também. Isso era bom sinal, supunha; tinha ouvido dizer que as grávidas se sentiam muito mais cansadas do que se sentia ela.

- Acho que vou subir para tirar uma sesta - disse, olhando a Janet.

- Excelente ideia - respondeu Janet, aprobadora-. Precisa descansar.

Assentindo, Francesca se levantou, e teve que agarrar o braço da poltrona para não cair, porque ficou tonta.

- Não sei o que me passa - disse, tentando esboçar um sorriso, que lhe saiu trêmulo. - Me sinto um pouco enjoada, instável. Não... -Interrompeu-a a exclamação de Janet-. Janet? - perguntou, olhando a sua sogra preocupada; estava muito pálida e levou uma mão trêmula à boca-. O que se passa?

Então se deu conta de que Janet não estava olhando a ela; estava olhando a poltrona da qual ela acabava de levantar-se. Com crescente temor, baixou a vista e se obrigou a olhar o assento que acabava de desocupar.

No meio da almofada havia uma pequena mancha vermelha.

Sangue.

A vida lhe seria muito mais fácil se fosse dado à bebida, estava pensando Michael, sarcástico. Se havia uma ocasião para embebedar-se, para afogar as penas no álcool, era essa.

Mas não, tinha sido amaldiçoado com uma constituição robusta e uma maravilhosa capacidade para agüentar o licor com dignidade e elegância. E isso significava que se quisesse embebedar-se para obnubilar a mente e esquecer, teria que beber toda uma garrafa de uísque aí sentado ante sua escrivaninha, e talvez um pouco mais.

Olhou pela janela. Ainda não escurecia. E nem sequer ele, o libertino dissoluto que tentava ser, seria capaz de beber toda uma garrafa de uísque antes de que se pusesse o sol.

Tamborilou na escrivaninha com os dedos, desejando saber o que fazer consigo mesmo. Tinham transcorrido seis semanas desde a morte do John, e continuava vivendo em seu modesto apartamento no Albany. Não conseguia decidir-se a tomar residência na casa Kilmartin. Essa era a residência do conde, e ele não o seria até pelo menos dentro de seis meses.

Ou talvez nunca.

Segundo lorde Winston, cujos sermões finalmente se viu obrigado a tolerar, o título estaria em suspense até que Francesca desse a luz. E se desse a luz a um varão, ele continuaria na posição em que tinha estado sempre: primo do conde.

Mas não era essa situação em particular o que o mantinha afastado. Até no caso de que Francesca não estivesse grávida ele se teria resistido a mudar-se à casa Kilmartin. Ela continuava vivendo ali.

Continuava vivendo ali e continuava sendo a condessa do Kilmartin, e até no caso de que ele fosse o conde, sem dúvida nenhuma com respeito a seu direito ao título, ela não seria "sua" condessa, e não sabia se seria capaz de suportar essa ironia.

Tinha acreditado que sua aflição pela morte do John superaria seu desejo dela, que talvez finalmente poderia estar com Francesca sem desejá-la, mas não, continuava ficando sem fôlego cada vez que ela entrava na sala, e se endurecia de desejo cada vez que o tocava ao passar por seu lado, e continuava lhe doendo o coração de amor por ela.

A única coisa diferente era que agora tudo isso estava envolto em outra capa mais de culpa, como se esta não tivesse sido bastante intensa enquanto John ainda estava vivo. Ela sofria, estava só, e ele deveria consolá-la, não desejá-la. Bom Deus, que tipo de monstro podia desejar à mulher de seu primo, que ainda não esfriara em sua tumba?

A sua mulher grávida.

Já tinha ocupado o lugar do John em muitas coisas; não podia completar a traição ocupando seu lugar com Francesca também. Portanto, mantinha-se afastado da casa. Não de todo, pois isso seria muito evidente. Além disso, não podia fazer isso, estando sua mãe e a mãe do John vivendo ali. E todo mundo esperava que ele se ocupasse dos

assuntos do conde, mesmo que a possibilidade de que o título fosse seu só se veria dentro de seis meses.

Mas o fazia. Não lhe importava ocupar-se dos detalhes, não lhe importava dedicar várias horas ao dia à administração de uma fortuna que poderia ir a outro.

Era o mínimo que podia fazer por John.

E por Francesca. Era-lhe impossível ser amigo dela da maneira que devia, mas podia encarregar-se de que seus assuntos financeiros estivessem como deve ser.

Mas era consciente de que ela não o entendia. Muitas vezes ia visitá-lo quando estava no escritório de John, na casa Kilmartin, lendo os informes dos administradores e advogados das diversas propriedades, e se dava conta de que o que procurava era a antiga camaradagem entre eles, embora ele não fosse capaz de ceder nisso.

Fosse fraqueza ou falta de caráter, simplesmente não podia ser seu amigo. Não ainda, em todo caso.

- Senhor Stirling?

Levantou a vista. Na porta estava seu criado de quarto acompanhado por um lacaio que levava a inconfundível librea verde e ouro da casa Kilmartin.

- Uma mensagem para o senhor - disse o lacaio-, de sua mãe.

Quando a seu gesto o lacaio entrou para lhe entregar a mensagem, estendeu a mão pensando o que seria desta vez. Sua mãe o fazia ir à casa Kilmartin mais ou menos todo dia.

- Disse que é urgente - acrescentou o lacaio quando lhe pôs o envelope na mão.

Urgente, né? Isso era uma novidade. Olhou fixamente ao lacaio e seu crriado de quarto, despachando-os com o olhar. Quando os dois saíram e ficou sozinho, rompeu o lacre com o abridor de cartas. A mensagem era breve, dizia simplesmente:

"Venha em seguida. Francesca perdeu o bebê".

Michael quase se matou cavalgando com a maior velocidade possível em direção à casa Kilmartin, desentendendo-se dos gritos de indignação dos transeuntes a quem esteve a ponto de atropelar com sua pressa.

Mas uma vez chegado ali e se encontrado no vestíbulo, não soube o que fazer.

Um aborto espontâneo? Isso era quando muito um assunto de mulheres. O que tinha que fazer ele? Era uma tragédia, e sentia uma pena tremenda por Francesca, mas, o que esperavam que dissesse ou fizesse ele? Por que o necessitavam aí?

Então a compreensão o golpeou como um raio. Ele era o conde agora; isso já era um fato. Lento mas seguro, foi-se apropriando da vida do John, enchendo todos os cantos do mundo que antes pertenceram a seu primo.

- Ah, Michael - disse sua mãe, entrando apressadamente no vestíbulo-. Quanto me alegra que tenha vindo.

Ele a abraçou, sentindo os braços torpes ao redor dela. E talvez murmurou algo estúpido, sem sentido, algo assim como "Que tragédia", mas principalmente ficou aí propriedade, sentindo-se tolo e fora de lugar.

- Como vai? - perguntou ao fim, quando sua mãe se afastou.

- Emocionada. Esteve chorando.

Ele engoliu em seco, desesperado por soltar a gravata.

- Bom, isso é compreensível -disse-. Isto... né...

- Parece que não pode parar - interrompeu Helen.

- De chorar?

Helen assentiu.

- Não sei o que fazer.

Michael fez algumas respirações para serenar-se. Lentas. Inspira, espira.

- Michael?

Sua mãe o estava olhando, esperando uma resposta. Talvez esperando um conselho, uma orientação.

Como se ele soubesse o que fazer.

- Veio sua mãe - continuou Helen, quando compreendeu que ele não ia dizer nada-. Quer que Francesca volte para a casa Bridgerton.

- Francesca deseja isso?

Helen encolheu os ombros, com a expressão muito triste.

- Não acredito que saiba. Isto foi uma tremenda comoção.

- Sim -disse ele.

Voltou a engolir em seco. Não desejava estar aí. Desejava partir.

- Em todo caso, o doutor disse que não deve mover-se durante vários dias.

Ele assentiu.

- Naturalmente, chamamo-o.

Naturalmente? Ele não via nada natural nisso. Jamais se havia sentido tão fora do lugar, tão absolutamente incapaz de encontrar as palavras que dizer nem de fazer algo.

- Agora é Kilmartin - disse ela em voz baixa.

Ele voltou a assentir, e só uma vez. Isso foi tudo o que pôde fazer para reconhecer esse fato.

- Devo dizer que eu... -Helen se interrompeu e franziu os lábios de uma maneira estranha, brusca-. Bom, uma mãe deseja o mundo para seus filhos, mas eu não... nunca teria...

- Não o diga - interrompeu Michael com a voz rouca.

Não estava preparado para ouvir ninguém dizer que isso era algo bom. E Por Deus que se alguém se aproximasse para felicitá-lo...

Bom, não seria responsável por seus atos.

- Perguntou por você - disse ela.

- Francesca? -perguntou ele, arregalando os olhos pela surpresa.

Helen assentiu.

- Disse que necessitava de você.

- Não posso.

- Tem que ir vê-la.

- Não posso. - Negou com a cabeça, com movimentos muito rápidos, pelo terror-. Não posso ir ali.

- Não pode abandoná-la.

- Nunca foi minha, assim não a abandono.

- Michael! Como pode dizer uma coisa assim?

- Mãe - disse ele, desesperado por desviar a conversa-, Francesca necessita de uma mulher. O que posso fazer eu?

- Pode ser seu amigo - disse Helen docemente, e ele voltou a sentir-se um menino de oito anos, repreendido por uma transgressão desconsiderada.

- Não - disse.

Horrorizou-o o som de sua voz, que lhe saiu como o gemido de um animal ferido, doído e confundido. Mas havia uma coisa que sabia com toda certeza: não podia ver Francesca. Não nesse momento. Não ainda.

- Michael - disse sua mãe.

- Não - repetiu ele-. A verei... Amanhã verei se. -E se dirigiu à porta, acrescentando antes de sair-: lhe Dê lembranças.

E pôs-se a correr, fugindo como um covarde.

Capítulo 4

Estou convencida de que não é preciso dramatizar tanto. Não pretendo ter conhecimento ou entendimento do amor romântico entre marido e mulher, mas não acredito que seu domínio abranja tudo, que a morte de um destrua ao outro. Sobreviveria muito bem sem ele, por discutível que lhe possa parecer isto.

De uma carta de Eloise Bridgerton a sua irmã Francesca, condessa do Kilmartin, três semanas depois do casamento de Francesca.

O mês que se seguiu ao aborto espontâneo foi o mais semelhante ao inferno na terra que pode experimentar um ser humano. Disso Michael estava seguro.

Cada nova cerimônia a que devia submeter-se, cada vez que devia assinar um documento como conde do Kilmartin ou tinha que suportar que o chamassem "milord", sentia-se como se se empurrasse mais longe o espírito de John.

Muito em breve seria como se John não tivesse existido nunca, pensava, até tratando de ser objetivo. Inclusive tinha deixado de existir o bebê, que teria sido o último pedaço de John que restara sobre a terra.

E tudo o que tinha sido do John agora era dele.

À exceção de Francesca.

E estava resolvido a que isso continuasse assim. Não faria, não poderia fazer, esse último insulto a seu primo.

Tinha tido que vê-la, é claro; havia-lhe dito todo o melhor que lhe ocorreu para consolá-la, mas dissesse o que dissesse, não era o adequado, e ela simplesmente desviava o rosto e ficava olhando a parede.

Não sabia o que dizer. Francamente, sentia mais alivio porque ela estava saudável, porque o aborto espontâneo não tinha deixado seqüelas em sua saúde, que pena pela perda de seu bebê. As mães, quer dizer, a sua, a do John e a de Francesca, haviam-se sentido obrigadas a descrever o sangue derramado com todos seus horripilantes detalhes, e uma das criadas tinha ido correndo a procurar os lençóis ensangüentados, que alguém tinha guardado para que servissem de prova de que Francesca tinha sofrido um aborto espontâneo.

Lorde Winston aprovou assentindo, mas depois lhe explicou que de qualquer modo ele teria que observar à condessa, simplesmente para certificar-se de que esses lençóis eram realmente dela e que não estava engordando. Essa não seria a primeira vez que alguém tinha tentado burlar as sacrossantas leis da primogenitura, acrescentou.

Ele sentiu o intenso desejo de jogar pela janela ao falante homenzinho, mas se limitou a acompanhá-lo à porta. Ao que parecia já não tinha a energia suficiente para agir conforme esse tipo de raiva.

Mas não mudou para casa Kilmartin. Não estava preparado para isso e a só idéia de viver aí com todas essas mulheres o sufocava. Sabia que teria que mudar-se muito em breve; isso era o que se esperava do conde. Mas no momento estava bastante contente em seu pequeno apartamento.

E aí estava, evitando seu dever, quando Francesca foi finalmente vê-lo.

O criado de quarto a fez entrar na pequena sala de estar.

- Michael? - disse, quando ele entrou.

- Francesca - respondeu ele, surpreso por sua aparição. Nunca antes tinha ido a seu apartamento, nem quando John estava vivo nem depois-. O que faz aqui?

- Queria vê-lo - respondeu ela.

A mensagem tácita era: "Evita-me".

E isso era certo, claro, mas ele se limitou a dizer:

- Sente-se. - E passado um momento acrescentou-: Por favor.

Seria incorreto isso? Que ela estivesse em seu apartamento?

Não estava certo. As circunstâncias em que se encontravam eram tão estranhas, tão absolutamente inclassificáveis, que não tinha idéia por quais regras da etiqueta deviam reger-se.

Ela se sentou, e esteve um minuto inteiro sem fazer outra coisa que passar as mãos pela saia, até que ao fim levantou a cabeça e o olhou nos olhos, com dilaceradora intensidade, e disse:

- Sinto falta de você.

Ele se sentiu como se as paredes começassem a fechar-se a seu redor.

- Francesca...

- Foi meu amigo - continuou ela, em tom acusador-. além de ser de John, foi meu mais íntimo amigo e agora já não sei quem é.

- Isto...

Ai, Deus, sentia-se como um idiota, absolutamente impotente e derrubado por um par de olhos azuis e uma montanha de culpa. Embora culpa do que, já nem sequer sabia bem. Ao que parecia, o sentimento de culpa vinha de muitas coisas, de muitas direções e não era capaz de determiná-las.

- O que se passa? -perguntou ela-. Por que me evita?

- Não sei - respondeu.

Não podia lhe mentir dizendo que não a evitava. Era muito inteligente para não captar a mentira. Mas tampouco podia lhe dizer a verdade.

Tremeram-lhe os lábios e de repente agarrou o inferior entre os dentes. E ele ficou olhando sua boca, sem poder afastar os olhos, odiando-se pela onda de desejo que o percorreu por inteiro.

- Achava que era meu amigo também - murmurou ela.

- Francesca, não...

- Precisava de você - continuou ela em voz baixa-, e continuo necessitando-o.

- Não, não me necessita. Tem às mães, e todas suas irmãs também.

- Não desejo falar com minhas irmãs - disse ela, em tom mais veemente-. Não entendem.

- Bom, dessas coisas eu não entendo nada - replicou ele, e o desespero deu um tom ligeiramente áspero e desagradável a sua voz.

Ela se limitou a olhá-lo, com uma expressão condenatória em seus olhos.

Ele desejou lhe abrir os braços, mas os cruzou sobre o peito.

- Francesca, sofreu..., sofreu um aborto espontâneo.

- Isso sei -disse ela secamente.

- O que sei eu dessas coisas? Precisa falar com uma mulher.

- Não pode dizer que o sente?

- Disse-lhe isso!

- Não pode dizê-lo a sério?

Mas o que queria dele?

- Francesca, disse-lhe isso a sério.

- Estou muito zangada - disse ela, elevando o volume da voz-, e triste, e doída, e o olhou e não entendo por que você não está.

Ele ficou um momento imóvel.

- Não diga isso nunca - sussurrou.

Relampejaram-lhe os olhos de fúria.

- Bom, tem uma maneira muito estranha de demonstrá-lo. Nunca vai visitar me, e nunca fala comigo, e não entende...

- O que quer que entenda? - explodiu ele-. O que posso entender? Pelo amor de... interrompeu-se, não fosse soltar uma blasfêmia. virou-se e foi apoiar se no batente da janela, lhe dando as costas.

Ela continuou sentada em silêncio, imóvel como uma morta. Passado um momento disse:

- Não sei por que vim. Irei embora.

- Não vá - disse ele, com a voz rouca, mas não se virou para olhá-la.

Ela não disse nada; não sabia o que tinha querido dizer ele.

- Acaba de chegar - disse ele, então, com a voz um pouco entrecortada, como se lhe custasse falar-. Deveria tomar uma taça de chá pelo menos.

Francesca assentiu, mesmo que ele não a estivesse olhando.

E assim continuaram alguns minutos, até que ela já não pôde suportar o silêncio. Só se ouvia o tic tac do relógio no canto, sua única companhia era as costas do Michael, e o único que podia fazer era continuar sentada aí, pensar e perguntar-se a que tinha vindo.

O que desejava dele?

Quanto mais fácil não seria sua vida se soubesse.

- Michael -disse, antes de dar-se conta de que abria a boca.

Então ele se virou. Não disse nada, mas seus olhos lhe disseram que a escutava.

- Queria lhe dizer para que tinha vindo vê-lo? O que desejava-. Isto...

Ele continuou em silêncio. Simplesmente aí, esperando que ela ordenasse seus pensamentos, o que o fazia tudo muito mais difícil.

E de repente lhe saiu tudo, a fervuras:

- Não sei o que devo fazer - disse, ouvindo sua vozinha fraca. - E me sinto furiosa e...

Deixou de falar, para respirar, fazer algo para conter as lágrimas.

Michael abriu a boca, embora apenas, mas continuou sem dizer nada.

- Não sei por que ocorreu isto - gemeu ela-. O que fiz? O que fiz?

- Nada -a tranqüilizou ele.

- Ele se foi e não vai voltar e me sinto tão... tão... - O olhou, sentindo que tinha marcadas na rosto a aflição e a raiva-. Não é justo. Não é justo que me tenha ocorrido e não a outra pessoa, e não é justo que devesse ser outra pessoa, e não é justo que tenha perdido ao...

Então se engasgou, as inspirações entrecortadas se converteram em soluços e não pôde fazer outra coisa que chorar.

- Francesca -disse ele, ajoelhando-se a seus pés-. Sinto. Sinto muito.

- Sei - soluçou ela-, mas isso não melhora nada.

- Não.

- E não o torna justo.

- Não - repetiu ele.

- E não..., e não...

Ele não tentou terminar a frase. E ela desejava que a terminasse. Depois, durante anos, desejou que a tivesse terminado, porque talvez então ele haveria dito algo inconveniente, e talvez então ela não se teria apoiado nele e talvez não lhe teria permitido que a abraçasse.

Mas, ai, Deus, quanto sentia falta que a abraçassem.

- Por que partiu? - soluçou-. Por que não pode me ajudar?

- Desejo-o - disse ele-. Você não... -Ao final simplesmente disse-: Não sei o que dizer.

Pedia-lhe muito, disse-se ela. Sabia, mas não se importava. Simplesmente estava farta de estar sozinha.

Mas nesse momento, embora fosse só nesse momento, não estava sozinha. Michael estava com ela, e a tinha abraçada, e se sentia agasalhada e segura pela primeira vez em todas essas semanas.

E simplesmente chorou. Chorou semanas de lágrimas. Chorou pelo John e chorou pelo bebê a quem não conheceria nunca.

Mas principalmente chorou por ela.

- Michael - disse, quando já estava recuperada o suficiente para falar.

A voz lhe saiu trêmula, mas conseguiu dizer seu nome, e sabia que teria que dizer mais.

- Sim?

- Não podemos continuar assim.

Notou que algo mudava nele. Pressionou mais os braços, ou talvez os afrouxou, mas algo tinha mudado.

- Assim como? - perguntou-lhe, com a voz rouca e vacilante.

Ela se afastou para lhe olhar no rosto, e se sentiu aliviada quando ele desceu os braços e assim não teve que liberar-se.

- Assim - disse, embora sabia que ele não entendia. Ou se entendia simulava não entender. - Desentendendo-se de mim -concluiu.

- Francesca...

- O bebê ia ser seu de certo modo também - soltou ela.

Ele empalideceu, ficou mortalmente pálido, tanto que por um momento ela não pôde respirar.

- O que quer dizer? - perguntou ele em um sussurro.

- Teria necessitado de um pai - disse ela, encolhendo os ombros, desconcertada-. Eu... Você.... Teria que ter sido você.

- Tem irmãos - disse ele, com a voz abafada.

- Eles não conheciam John. Não como o conhecia você.

Ele se afastou, endireitou-se, ficou aí imóvel um momento e depois, como se essa distância não fosse suficiente, retrocedeu tudo o que pôde, até que chocou com a janela. Relampejaram-lhe ligeiramente os olhos e por um momento ela teria jurado que parecia um animal apanhado, esquecido e apavorado, esperando o golpe de graça.

- Por que me diz isso? -perguntou-lhe ele então, com a voz débil e rouca.

- Não sei - respondeu, engolindo saliva, desconfortável.

Mas sim sabia. Desejava que ele estivesse tão doído como ela; desejava que sofresse de todas as maneiras que sofria ela. Isso não era justo, não estava bem, mas não podia evitá-lo e não gostava de lhe pedir desculpas tampouco.

- Francesca - disse ele, em um tom estranho, oco, duro, um tom que nunca lhe tinha ouvido.

Olhou-o, mas desviou lentamente a cabeça para um lado, assustada pelo que poderia ver em seu rosto.

- Não sou John - disse ele.

- Isso sei.

- Não sou John - repetiu ele, mais forte, e ela pensou que não a tinha ouvido.

- Sei - repetiu.

Ele entrecerrou os olhos e os fixou nela com uma intensidade perigosa.

- Não era meu bebê e não posso ser o que necessita.

E ela sentiu que em seu interior começava a morrer algo.

- Michael, eu...

- Não ocuparei seu lugar - disse ele, sem gritar, mas como se quisesse gritar.

- Não, não poderia. Você...

Então, em um movimento relâmpago, ele estava ante ela; agarrou-a pelos ombros e a pôs de pé bruscamente.

- Não farei isso - gritou. Sacudiu-a e depois a deixou imóvel, e voltou a sacudi-la-. Não posso ser ele. Não quero ser ele.

Ela não pôde falar, não podia articular nenhuma palavra. Não sabia o que fazer.

Não sabia quem era ele.

Ele deixou de sacudi-la, mas continuou com os dedos enterrados em seus ombros, olhando-a, com seus olhos cor mercúrio brilhantes de algo aterrador e triste.

- Não pode me pedir isso -exclamou-. Não posso fazê-lo.

- Michael? -sussurrou ela, detectando algo horrível em sua voz: medo-. Michael, me solte, por favor.

Ele não a soltou, mas ela não sabia se a tinha ouvido. Tinha os olhos desfocados e parecia estar muito longe dela, inalcançável.

- Michael! - repetiu, mais forte, aterrada.

Então ele a soltou e retrocedeu uns passos, meio cambaleante. Seu rosto era a viva imagem de ódio por si mesmo.

- Perdoe, sinto muito - murmurou, olhando-as mãos, como se não fossem dele-. Sinto muito.

- Será melhor que eu vá - disse ela, dirigindo-se à porta.

- Sim -assentiu ele.

- Acho que... - Se engasgou com as palavras ao pegar a maçaneta, aferrando-se a ela como se fosse uma tábua salva-vidas-. Acredito que será melhor que não nos vejamos durante um tempo.

Ele assentiu.

- Talvez... - continuou ela.

Mas não conseguiu dizer nada mais. Não sabia o que dizer. Se tivesse compreendido o que acabava de ocorrer, talvez teria encontrado as palavras, mas nesse momento se sentia tão desconcertada e assustada, que não as encontrou.

Assustada, mas do que? Não tinha medo dele. Michael jamais lhe faria mal. Daria sua vida por ela, se alguma ocasião o exigisse; disso estava certa.

Talvez simplesmente a assustava o amanhã. E depois de amanhã. Tinha perdido tudo e agora parecia que tinha perdido Michael também, e não sabia o que devia fazer para suportar tudo.

- Vou - disse, lhe dando uma última oportunidade de detê-la, de dizer algo, de dizer algo que o ajeitasse tudo.

Mas ele não disse nada. Nem sequer fez um gesto de assentimento. Limitou-se a olhá-la, expressando em silêncio, com seus olhos, seu assentimento.

Então ela partiu. Saiu da sala de estar e da casa. Uma vez fora subiu em sua carruagem e deu a ordem de ir para casa.

Quando chegou, não disse nenhuma só palavra. Simplesmente subiu a escada, chegou a seu dormitório e se meteu na cama.

Mas não chorou. Pensou e continuou pensando que deveria chorar, e continuou sentindo-se como se fosse chorar.

Mas a única coisa que fez foi contemplar o teto, o céu limpo.

Ao céu limpo, pelo menos, não lhe importava que o contemplasse.

De volta ao seu escritório do apartamento em Albany, Michael agarrou sua garrafa de uísque e encheu um copo grande, mesmo que um olhar ao relógio lhe dissesse que ainda não era meio-dia.

Tinha descido a novas baixesas, isso estava muito claro.

Mas por muito que tentasse, não conseguia imaginar que outra coisa poderia ter feito. Não tinha sido sua intenção lhe fazer mal nem feri-la; de maneira nenhuma tinha parado para pensar e decidir "Ah, sim, acho que vou agir como um imbecil", e embora sua reação fosse rápida e desconsiderada, não via como poderia ter-se comportado de outra maneira.

Conhecia-se. Nem sempre se gostava, e esse último tempo se gostava com menos freqüência ainda, mas se conhecia. E quando Francesca o olhou com esses olhos azuis insondáveis e lhe disse "O bebê ia ser seu de certo modo também", destroçou-o até o fundo da alma.

Ela não sabia.

Não tinha idéia.

E enquanto ela continuasse ignorante de seus sentimentos, enquanto não compreendesse por que não tinha outra opção que odiar-se cada vez que fazia algo ocupando o lugar do John, não poderia estar perto dela. Porque Francesca ia continuar dizendo coisas como essas.

E ele simplesmente não sabia quanto mais seria capaz de suportar.

E assim, enquanto estava em seu escritório, com o corpo tenso de sofrimento e culpa, compreendeu duas coisas.

A primeira foi fácil: o uísque não lhe servia de nada para aliviar seu sofrimento, e se um uísque de vinte e cinco anos, trazido diretamente do Speyside, não o fazia sentir-se melhor, nada das Ilhas Britânicas o ia conseguir.

E isso o levou a segunda coisa que compreendeu, que não era nada fácil. Mas tinha que fazê-la; era necessário.

Rara vez tinham sido tão claras as opções em sua vida. Dolorosas, mas dolorosamente claras.

Portanto, deixou o copo na escrivaninha, ainda com dois dedos de licor, e saiu a toda pressa ao corredor, em direção a seu dormitório.

- Reivers - disse, quando encontrou seu criado de quarto junto ao roupeiro, dobrando cuidadosamente uma gravata-, o que lhe parece se formos à Índia?

Segunda Parte

Quatro anos depois,
Março de 1824

Argumento

Michael herdou de seu primo John o título de conde do Kilmartin, o prestígio, as propriedades, a fortuna... mas a única coisa que sempre desejou ter é precisamente o que jamais poderá alcançar. Porque Michael está secretamente apaixonado por Francesca Bridgerton, a viúva do John, que durante anos o quis como a um amigo, como a um fiel confidente. Agora Michael tem que escapar da tortura de sua própria consciência, do sentimento diário de estar traindo a seu primo, o homem que mais queria no mundo. Sua morte lhe proporcionou riqueza, posição, e se nega a aceitar que também seja a porta ao amor de sua vida. Quando retorna de seu voluntário exílio na Índia, Michael descobre que a atração por Francesca não tem feito a não ser crescer com o tempo. Ela tem que decidir agora se está disposta a reiniciar sua vida, procurar um novo amor será capaz de descobrir que sempre o teve a seu lado?

Capítulo 5

Desfrutaria aqui, embora não do calor, parece-me; ninguém gosta deste calor. Mas todo o resto você adoraria. As cores, as especiarias, o aroma do ar; inundam-lhe os sentidos em um estranho estado de névoa que às vezes produz desassossego e às vezes é embriagador. Acredito que, acima de tudo, desfrutaria passeando pelos jardins de recreio. parecem-se bastante a nossos parques de Londres, embora aqui são mais verdes e exuberantes, cheios das flores mais extraordinárias que tenha visto em sua vida. Sempre gostou de estar ao ar livre, em meio da natureza, e aqui você adoraria, estou muito certo.

Da carta do Michael Stirling (novo conde do Kilmartin) à condessa do Kilmartin, um mês depois de sua chegada à a Índia.

Francesca desejava ter um bebê. Havia muito tempo desejando-o, mas só esses últimos meses tinha sido capaz de reconhecê-lo para si mesma, de pôr por fim em palavras esse desejo que parecia acompanhá-la em qualquer lugar que fosse.

O desejo lhe começou de uma maneira bastante inocente, com uma ligeira pontada no coração quando estava lendo uma carta de sua cunhada Kate, a mulher de seu irmão; a carta abundava em notícias a respeito de sua filha pequena Charlotte, que logo completaria dois anos e já era incorrigível.

Mas as ferroadas se fizeram mais fortes e mais parecidas com verdadeira dor quando veio sua irmã Daphne à Escócia para visitá-la, acompanhada por todos seus filhos, três meninas e um menino. Jamais lhe tinha ocorrido pensar como um bando de meninos podiam transformar uma casa. Os meninos Hasting provocaram a essência mesma do Kilmartin, enchendo a casa de vida e risadas, fazendo-a compreender que todo isso lhe tinha faltado infelizmente durante anos.

E quando partiram, tudo ficou em silêncio e quietude, mas não em paz.

Simplesmente vazio.

Desde esse momento, ela mudou, sentia-se diferente. Via uma babá empurrando um carrinho e lhe doía o coração. Via passar um coelho saltando por um campo e não podia evitar pensar que deveria destacá-lo a alguém, a alguém pequeno. Durante sua estadia no Kent onde foi passar o Natal com sua família, ao cair a noite, quando metiam na cama a todos os sobrinhos e sobrinhas, sentia-se muito sozinha.

E na única coisa que podia pensar era em que sua vida ia passando por seu lado e que se não fizesse algo logo, morreria assim.

Sozinha.

Não desgraçada, não, não se sentia desgraçada. Curiosamente, acostumou-se a sua viuvez e encontrado uma forma de vida cômoda e agradável. Isso era algo que não teria acreditado possível durante os horríveis meses que seguiram à morte do John, mas provando e cometendo enganos, tinha encontrado um lugar para ela no mundo e, com ele, uma certa paz.

Gostava da vida que levava como condessa do Kilmartin. Como Michael ainda não se casara, ela continuava tendo as obrigações anexas ao condado e também o título.

Adorava viver no Kilmartin, e administrava a propriedade sem nenhuma intervenção de Michael; entre as ordens que ele deixou antes de partir do país fazia quatro anos, estava a de que ela administrasse o condado como lhe parecesse conveniente, e uma vez que lhe passou a comoção por sua marcha, compreendeu que isso era o presente mais precioso que poderia lhe haver feito.

Tinha-lhe dado algo que fazer, algo pelo qual trabalhar.

Um motivo para deixar de contemplar o céu limpo.

Tinha amizades e tinha familiares, Stirling e Bridgerton, e vivia uma vida plena, em Escócia e em Londres, onde passava vários meses todo anos. Portanto, deveria sentir-se feliz. E se sentia feliz, a maior parte do tempo.

Somente desejava um bebê.

Tinha-lhe levado muito tempo reconhecê-lo. Esse desejo lhe parecia uma espécie de deslealdade para o John, porque não seria um bebê dele, e inclusive nesses

momentos, quando já tinham passado quatro anos de sua morte, custava-lhe imaginar-se a um filho sem seus traços no rosto.

Além disso, isso significava, em primeiro e principal lugar, que teria que voltar a casar. Teria que trocar seu sobrenome e comprometer-se com outro homem, prometer pô-lo em primeiro lugar em seu coração e em suas lealdades, e embora a idéia já não fazia doer o coração, achava-a... bom, estranha.

Mas havia algumas coisas que uma mulher simplesmente tem que superar, e um frio dia de fevereiro, enquanto estava olhando pela janela no Kilmartin, observando como a neve ia envolvendo lentamente os ramos das árvores, compreendeu que essa era uma dessas coisas.

Eram muitas as coisas na vida que causam medo, mas a raridade não deveria estar entre elas. Assim, decidiu fazer sua bagagem e partir a Londres um pouco mais cedo esse ano. Em geral passava a temporada de festas sociais na cidade, desfrutando do tempo com sua família, indo às compras, assistindo a noites musicais, vendo peças de teatro e fazendo todas as coisas que simplesmente não se podiam fazer no campo escocês. Mas esta temporada seria diferente. Necessitava de um guarda-roupa novo, para começar. Já fazia tempo que tirara o luto, mas não tinha descartado os vestidos cinzas e lavanda, do meio luto, e tampouco tinha prestado atenção na moda, como deveria fazer uma mulher em sua nova situação.

Já era hora de usar azul, um azul aciano, vivo, formoso. Esse tinha sido sua cor favorita anos atrás, e era o bastante vaidosa para levá-lo e esperar que se comentasse como fazia jogo com seus olhos.

Compraria vestidos azuis, e sim, de cores rosa e amarelo também, e talvez inclusive, de uma cor que lhe estremecia o coração de espera de só pensá-lo: carmesim. Esta vez não seria uma senhorita solteira. Era viúva e um bom partido, e as regras eram diferentes.

Mas as aspirações eram as mesmas.

Iria a Londres para buscar um marido.

Já tinha passado muito tempo longe, pensava Michael. Sabia que deveria ter voltado para Grã-Bretanha fazia muito, mas essa era uma das coisas que podia ir deixando para depois com tremenda facilidade. Conforme lhe dizia sua mãe em suas cartas, que lhe chegavam com extraordinária regularidade, o condado prosperava sob a administração de Francesca. Não havia ninguém que dependesse dele que pudesse acusá-lo de negligência, e, segundo todos os informes, todas as pessoas que tinha deixado ali tinham ido bastante melhor em sua ausência que quando ele estava aí para as alegrar. Portanto, não tinha nada do que sentir-se culpado.

Mas um homem só pode fugir de seu destino durante um tempo, e quando se cumpriram os três anos de sua estadia no trópico, teve que reconhecer que se desvanecera a novidade de viver em um lugar exótico e, para ser totalmente franco, já estava bastante farto do clima. a Índia lhe tinha dado uma finalidade, um lugar na vida, algo que fazer que superava as duas únicas coisas nas quais tinha se sobressaído antes: como soldado e libertino. Quando partiu, limitou-se a agarrar um navio, levando unicamente o nome de um amigo do exército que se transladara a Madras três anos atrás. antes de que transcorresse um mês já tinha obtido um posto governamental e se encontrou tomando decisões importantes, fazendo efetivas as leis e normas que realmente conformavam a vida dos homens.

Pela primeira vez em sua vida, compreendeu por que John gostava tanto de seu trabalho no Parlamento Britânico. Mas a Índia não lhe tinha trazido felicidade. Tinha-lhe dado uma certa paz, o que podia parecer bastante paradoxal, posto que nesses anos tinha estado a ponto de encontrar a morte três vezes, ou quatro, se contava essa briga com a princesa Índiana armada com uma faca (ele continuava convencido de que poderia havê-la desarmado sem lhe fazer mal, mas tinha que reconhecer que ela tinha uma expressão assassina nos olhos, e depois tinha ficado muito claro que nunca deveria subestimar uma mulher que se acredita desdenhada, embora seja erroneamente). Mas além desses episódios perigosos, o tempo transcorrido ali lhe tinha dado uma certa sensação de equilíbrio. Por fim tinha feito algo por ele e algo "dele".

E, sobretudo, a Índia lhe tinha trazido uma certa paz porque não tinha que viver com o constante conhecimento de que Francesca estava perto.

A vida não era necessariamente melhor a milhares de milhas de distância de Francesca, mas era mais fácil, sem dúvida. Entretanto, já era hora de enfrentar os rigores de tê-la perto, portanto, reuniu todos seus pertences para fazer sua bagagem, informou seu aliviado criado de quarto que voltariam para a Inglaterra, comprou as passagens no Princess Amelia, para viajar em uma luxuosa suíte, e embarcou rumo a casa.

Teria que vê-la, lógicamente; não havia maneira de escapar disso. Teria que olhar esses olhos azuis que o tinham acossado sem piedade todo esse tempo e tratar de ser seu amigo. Isso era a única coisa que ela tinha desejado durante esses negros dias depois da morte do John, e a única coisa que ele foi totalmente incapaz de fazer por ela.

Mas talvez agora, com a vantagem do tempo e o poder curador da distância, poderia obtê-lo. Não era tão estúpido para esperar que ela tivesse mudado, que a veria e descobriria que já não a amava; isso, estava absolutamente certo, não ocorreria jamais. Mas já se acostumara a ouvir dizer "conde do Kilmartin" sem olhar por cima do ombro em busca de seu primo. E talvez agora, em que a aflição já não estava tão em carne viva, poderia estar com Francesca como amigo sem sentir-se como se fosse um ladrão, maquinando para apoderar-se do que tinha desejado tanto tempo.

E era de esperar que ela também tivesse mudado e não lhe pedisse que assumisse o papel do John em tudo menos em uma coisa.

De qualquer modo, alegrava-lhe saber que seria março quando desembarcasse em Londres, pois ainda não teria chegado ali Francesca para passar a temporada.

Ele era um homem valente; isso o tinha demonstrado incontáveis vezes em e fora do campo de batalha. Mas também era sincero, bastante para reconhecer que a perspectiva de enfrentar a Francesca aterrava mais do que nunca lhe tinha apavorado nenhum campo de batalha francês nem o tigre dentes de sabre.

Talvez, se tivesse sorte, ela decidiria não ir a Londres passar a temporada.

Ah, se não seria isso sorte.

Estava escuro, Francesca não podia dormir e a casa estava horrorosamente fria; o pior de tudo era que tudo isso era culpa dela.

Ah, bom, não tudo, a escuridão não. Disso não podia torná-la culpa; a noite é a noite, ao fim e ao cabo, e seria ridículo pensar que ela tinha algo que ver com a saída e pôr-do-sol. Mas sim era culpa dela que o pessoal não tivesse tido tempo de preparar a

casa para sua chegada. Tinha esquecido de avisar que esse ano chegaria a Londres um mês antes do habitual. Em conseqüência, a casa Kilmartin seguia funcionando com o pessoal mais indispensável, e a provisão de carvão e de velas de cera de abelha estava perigosamente diminuída.

Tudo melhoraria pela manhã, uma vez que a governanta e o mordomo tivessem ido a toda pressa às lojas do Bond Street comprar o necessário. Mas no momento, ela estava tiritando na cama. Esse dia tinha sido terrivelmente gélido, e muito ventoso também, o que contribuía a fazê-lo mais frio do que era normal a começos de março. A governanta tentara fazer levar todo o carvão que sobrara à lareira de seu dormitório, mas, por muito condessa que fosse, não podia permitir que todo o pessoal se congelasse por causa dela. Além disso, o dormitório da condessa era imenso e sempre tinha sido difícil esquentá-lo bem, a não ser que o resto da casa estivesse quente também.

A biblioteca, pensou. Essa era a solução. Era pequena e acolhedora, e se fechasse a porta, o fogo da lareira a manteria agradável e quente. Além disso, havia um sofá, no qual podia deitar-se. Era pequeno, mas ela também, e isso seria melhor que morrer congelada em seu dormitório.

Tomada a decisão, desceu da cama e, correndo, para não congelar mais ainda com o frio ar noturno, foi pegar o roupão que tinha deixado no espaldar da poltrona. O roupão não a abrigava muito, não lhe tinha ocorrido que necessitaria algo mais grosso, mas era melhor que nada. Além disso, pensou estoicamente, os mendigos não podem ser seletivos, sobre tudo quando têm os dedos dos pés a ponto de desprender-se pelo frio.

Desceu correndo a escada, escorregando pelos polidos degraus com suas grossas meias três-quartos de lã; tropeçou ao chegar aos últimos dois, mas felizmente caiu de pé, e pôs-se a correr pelo tapete do corredor para a biblioteca.

- Fogo, fogo, fogo - ia repetindo em voz baixa.

Chamaria alguém logo que entrasse na biblioteca. Não demorariam nada em ter um fogo vivo na lareia. Recuperaria a sensibilidade no nariz, as pontas dos dedos deixariam de ter essa asquerosa cor azulada e...

Abriu a porta, e lhe saiu um curto e agudo grito pelos lábios. Já estava aceso o fogo da lareira, e havia um homem em frente, esquentando ociosamente as mãos.

Estendeu a mão para agarrar algo, algo que pudesse usar como arma.

E então ele se virou.

- Michael?

Não sabia que ela estaria em Londres. Condenação, nem sequer lhe tinha ocorrido pensar que poderia estar. Sabê-lo não teria mudado nada, mas pelo menos teria estado preparado; poderia ter controlado a expressão, esboçando um sorriso triste, por exemplo, ou, no mínimo, teria procurado estar impecavelmente vestido e imerso em seu papel de libertino incorrigível.

Mas não, estava aí boquiaberto, tratando de não fixar-se em que ela só levava em cima uma camisola e uma bata cor carmesim escuro, tão finos e translúcidos que lhe via o contorno de...

Engoliu saliva. Não olhe, não olhe.

- Michael? - repetiu ela.

- Francesca - disse, pois tinha que dizer algo-. O que faz aqui?

Isso pareceu lhe ativar os pensamentos e o movimento.

- O que faço aqui? - repetiu-. Não sou eu quem teria que estar na Índia. O que faz você aqui?

Ele encolheu os ombros, despreocupadamente.

- Pensei que era hora de voltar para casa.

- Não podia ter escrito?

- A você? - perguntou ele, arqueando uma sobrancelha.

Isso era e pretendia ser um golpe direto. Não lhe tinha escrito nenhuma só letra durante sua ausência. Lhe tinha enviado três cartas, mas quando se fez evidente que ela não tinha a menor intenção de lhe responder, tinha dirigido toda sua correspondência a sua mãe e à mãe do John.

- A qualquer um - respondeu ela-. Alguém teria estado aqui para o receber.

- Está você.

Ela o olhou zangada.

- Se tivéssemos sabido que vinha, lhe teríamos preparado a casa.

Ele voltou a encolher os ombros. Esse movimento parecia encarnar a imagem que tão angustiosamente desejava dar.

- Está bastante preparada.

Ela cruzou os braços, pelo frio, deixando bloqueada a vista de seus seios, o que, teve que reconhecer ele, era provavelmente melhor.

- Bom, poderia ter escrito -disse ela então, e sua voz pareceu ficar suspensa no ar noturno-. Isso teria sido cortês.

- Francesca - disse ele, se virando um pouco para poder continuar esfregando-as mãos perto do fogo-, tem uma idéia do que demora a correspondência entre a Índia e Londres?

- Cinco meses - respondeu ela imediatamente-. Quatro, se os ventos forem favoráveis.

Condenação, tinha razão.

- Pode ser que seja assim - disse então, displicente-, mas quando decidi voltar já era tarde para enviar o aviso. A carta teria viajado no mesmo navio em que vim eu.

- Sim? Achava que os navios de passageiros navegavam mais lentos que os que trazem o correio.

Ele soltou um suspiro e a olhou por cima do ombro.

- Todos trazem correio. Além disso, tem alguma isso importância?

Por um momento pensou que ela ia responder que sim, mas então disse em voz baixa:

- Não, claro que não. O importante é que está em casa. Sua mãe vai estar fascinada.

Deu-lhe as costas para que não visse seu sorriso sem humor.

- Sim, claro - murmurou.

- E eu - se interrompeu para limpar a garganta-, estou encantada por tê-lo de volta.

Dava a impressão de que queria convencer-se a si mesma disso, mas ele decidiu fazer o papel de cavalheiro por uma vez e não comentar.

- Tem frio? - perguntou-lhe.

- Não muito.

- Parece-me que sente.

- Só um pouco.

Ele se moveu para um lado para lhe deixar espaço mais perto do fogo. Ao não senti-la aproximar-se, fez um gesto com a mão lhe indicando o espaço desocupado.

- Deveria voltar para meu quarto - disse ela.

- Pelo amor de Deus, Francesca, se tem frio, aproxime-se do fogo. Não vou mordê-la.

Ela apertou os dentes e foi ficar a seu lado, mas o mais afastada possível, deixando uma boa distância entre eles.

- Parece bem.

- Como você.

- Foi muito tempo.

- Sim, quatro anos, acredito.

Francesca engoliu em seco, desejando que isso não fosse tão difícil. Era Michael, pelo amor de Deus, não teria por que ser difícil. Sim, separaram-se de má maneira, mas isso tinha sido nesses dias negros que seguiram à morte do John. Todos estavam sofrendo então, como animais feridos, dando pulos a qualquer um que se pusesse no caminho. Agora tinha que ser diferente. Deus sabia com quanta freqüência tinha pensado no momento do reencontro. Michael não poderia continuar longe indefinidamente, todos sabiam. E quando lhe passou a raiva, tinha esperado que quando ele voltasse fossem capazes de esquecer todas as coisas desagradáveis ocorridas entre eles.

E voltariam a ser amigos. Ela necessitava dessa amizade, mais do que imaginara.

- Tem algum plano? - perguntou-lhe, principalmente porque achava horrível o silêncio.

- Por agora, no único que posso pensar é em me esquentar -resmungou ele.

Ela sorriu, a seu pesar.

- Faz um frio excepcional para esta época do ano.

- Tinha esquecido o maldito frio que pode fazer aqui - grunhiu ele, esfregando energicamente as mãos.

- A gente pensaria que não te abandonaria nunca a lembrança dos invernos em Escócia -murmurou ela.

Então ele se virou para ela, com um sorriso enviesado brincando em seus lábios. Tinha mudado, compreendeu ela. Ah, havia diferenças visíveis, essas que todo mundo veria. Estava bronzeado, escandalosamente bronzeado, e em seu cabelo, sempre negro meia-noite, agora se viam uns quantos fios de prata.

Mas havia mais. A expressão de sua boca era diferente; notava-lhe os lábios mais rígidos, se isso tinha algum sentido, e ao que parecia tinha desaparecido aquela elegância enfraquecida. Antes sempre se via tão a gosto, tão cômodo em sua pele, mas agora estava tenso.

Pronto a se romper.

- Isso acreditaria você - disse ele, e ela o olhou sem entender, porque tinha esquecido a que lhe respondia, até que acrescentou-: voltei para casa porque já não suportava o calor, e agora que estou aqui, estou a ponto de perecer de frio.

- Não demorará para chegar a primavera.

- Ah, sim, a primavera. Com seus ventos simplesmente gélidos, que não os gelados de inverno.

Ela riu, ridiculamente agradada por ter algo do que rir em sua presença.

- A casa estará melhor amanhã - disse-. Eu cheguei esta noite e, como você, esqueci de avisar de minha chegada. A senhora Parrish me assegurou que a casa estará bem provida manhã. Ele assentiu e se deu meia volta para esquentá-la costas.

- O que faz aqui?

- Eu?

Ele indicou com um gesto a sala vazia, para lhe fazer compreender.

- Vivo aqui - disse ela.

- Normalmente não vem até abril.

- Como sabe?

Por um momento ele pareceu quase sobressaltado.

- As cartas de minha mãe são extraordinariamente detalhadas - explicou.

Ela encolheu os ombros e se aproximou um pouco mais ao fogo. Não deveria ficar muito perto dele, mas, ainda tinha bastante frio, e o fino roupão bata a protegia muito pouco.

- É isso resposta? - perguntou ele arrastando a voz.

- Simplesmente quis - respondeu ela, insolente-. Não é isso a prerrogativa de uma dama?

Ele voltou a virar-se, talvez para esquentar o flanco, e ficou de frente a ela.

E terrivelmente perto.

Ela se afastou, apenas um pouquinho; não queria que ele percebesse que sua proximidade fazia-a sentir-se desconfortável. Tampouco queria reconhecer isso para si mesma.

- Achava que a prerrogativa de uma dama era mudar de opinião.

- É prerrogativa de uma dama fazer o que for que deseje - disse ela altivamente.

- Meio doido - murmurou ele. Voltou a olhá-la, desta vez mais atentamente-. Não mudou.

Ela o olhou quase boquiaberta.

- Como pode dizer isso?

- Porque está exatamente como a recordava. -E então fez um gesto malicioso para seu revelador conjunto de cama-. Além de seu traje, claro.

Ela abafou uma exclamação e retrocedeu, rodeando-se mais forte com os braços.

Isso foi uma brincadeira de mau gosto, disse-se ele, mas se sentia satisfeito consigo mesmo por havê-la ofendido. Necessitava que ela retrocedesse, ficasse fora de seu alcance. Ela teria que pôr os limites.

Porque ele não sabia se seria capaz de fazer essa tarefa.

Mentiu-lhe quando lhe disse que não tinha mudado. Via algo diferente nela, algo totalmente inesperado.

Algo que o estremecia até o fundo da alma.

Era uma espécie de nimbo que a rodeava; tudo estava em sua cabeça, em realidade, mas nem por isso era menos aniquilador. Notava nela um ar de disponibilidade, um horroroso e torturante conhecimento de que John estava morto, morto de verdade, e que o único que lhe impedia de alongar a mão e acariciá-la era sua consciência.

Era quase divertido.

Quase.

E aí estava ela, sem ter idéia, totalmente inconsciente de que o homem que estava a seu lado não desejava outra coisa que despojar a desses trajes de seda e deitá-la aí mesmo, diante da lareira.

Desejava lhe separar as coxas, enterrar-se nela e...

Se riu tristemente. Ao que parecia, quatro anos não lhe tinham servido de nada para esfriar esse inapropriado ardor.

- Michael?

Ele a olhou.

- O que é tão divertido?

Sua pergunta; isso era divertido.

- Não entenderia.

- Me ponha a prova.

- Ah, acredito que não.

- Michael - insistiu ela.

Ele a olhou e lhe disse com intencionada frieza:

- Francesca, há coisas que não entenderá nunca.

Ela entreabriu os lábios e pareceu como se a tivessem golpeado.

E ele se sentiu muito mal, como se a tivesse golpeado.

- Que terrível dizer isso - murmurou ela.

Ele encolheu os ombros.

- Mudou - acrescentou ela.

O mais doloroso era que não tinha mudado. Não tinha mudado de nenhuma das maneiras que lhe teriam feito mais fácil suportar sua vida. Deu um suspiro, odiando-se porque não poderia suportar que ela o odiasse.

- Me perdoe - disse, passando-a mão pelo cabelo-. Estou cansado, tenho frio, e sou um imbecil.

Ela sorriu ao ouvir isso e por um momento retrocederam no tempo.

- Não tem importância - disse ela amavelmente, lhe tocando o braço-. Fez uma longa viagem.

Ele reteve o fôlego. Ela sempre costumava fazer isso: lhe tocar amigavelmente no braço. Nunca em público, é claro, e raramente quando estavam sozinhos.

John teria estado aí; sempre estava aí. E sempre, sempre, tinha-o estremecido até a alma.

Mas nunca tanto como nesse momento.

- Preciso me deitar - disse.

Normalmente era um professor em ocultar seu desassossego, mas essa noite não tinha estado preparado para vê-la, e além disso, estava terrivelmente cansado.

Ela retirou a mão.

- Não haverá um quarto preparado para você. Deveria dormir no meu. Eu dormirei aqui.

- Não - disse ele, com mais energia do que teria querido-. Eu dormirei aqui, ou... condenação! -resmungou.

Em três passos atravessou a sala e puxou o cordão para chamar. Do que lhe servia ser o maldito conde do Kilmartin se não podia ter um dormitório preparado a qualquer hora da noite?

Além disso, puxar o cordão para chamar significava que passados uns minutos chegaria um criado, e isso significava que já não estaria aí só com Francesca.

E não era que nunca tivessem estado sozinhos antes, mas nunca tinha sido de noite e estando ela com seu robe e...

Voltou a puxar o cordão.

- Michael - disse ela então, em um tom quase divertido-. Estou certa de que o ouviram a primeira vez.

- Sim, bom, foi um dia muito longo. Com tormenta no Canal e tudo isso.

- Logo terá que me contar suas viagens - disse ela amavelmente.

Ele a olhou, arqueando uma sobrancelha.

- Teria lhe contado isso por carta.

Ela esteve um momento com os lábios franzidos. Essa era uma expressão que lhe tinha visto infinidade de vezes. Estava escolhendo as palavras, decidindo se cravá-lo ou não com um dardo de seu legendário engenho.

Ao que parecia decidiu não fazê-lo, porque disse:

- Estava bastante zangada com você, por partir.

Ele reteve o fôlego. Que típico de Francesca escolher a sinceridade sobre uma réplica hiriente.

- Sinto muito - disse, e o dizia a sério.

De qualquer modo não teria mudado nada. Partiu porque necessitava. Teve que partir. Talvez isso dava a entender que era um covarde ou pouco homem. Mas não estava preparado para ser o conde. Não era John; não podia ser John. E isso era a única coisa que esperavam todos que fosse.

Inclusive Francesca, a sua indecisa maneira.

Contemplou-a. Estava totalmente certo de que ela não entendia por que partiu. Talvez achava que o entendia, mas como ia entendê-lo? Não sabia que ele a amava; de maneira nenhuma podia entender o tremendamente culpado que se sentia ele por assumir os papéis que configuravam a vida do John.

Mas nada disso era culpa dela. E enquanto a olhava, frágil e orgulhosa olhando o fogo, repetiu:

- Sinto muito.

Ela aceitou sua desculpa com um muito ligeiro gesto de assentimento.

- Deveria lhe ter escrito - disse, e então se voltou a olhá-lo, com uma expressão de pena nos olhos, e talvez de pedir desculpas também-. Mas a verdade é que não me sentia com ânimo. Pensar em você me fazia pensar no John, e suponho que então necessitava não pensar muito nele.

Michael não entendeu, e nem sequer tentou, mas assentiu de todos os modos.

Ela sorriu tristemente.

- Que bem o passávamos os três, não é verdade?

Ele voltou a assentir.

- Sinto falta disso - disse, e lhe surpreendeu a agradável sensação que lhe produziu expressar isso.

- Sempre imaginava que seria fabuloso quando você se casasse finalmente - continuou ela-. Teria escolhido uma mulher inteligente, engenhosa e divertida, com certeza.

Teríamos passado em grande os quatro.

Michael tossiu; pareceu-lhe que era o melhor que podia fazer. Ela levantou a vista, despertada de seu devaneio.

- Pegou um resfriado?

- É provável. no sábado estarei nas portas da morte, sem dúvida.

Ela arqueu uma sobrancelha.

- Suponho que não esperará que eu cuide de você.

Isso era justamente a oportunidade que ele necessitava para desviar a conversa a um assunto que lhe fosse mais cômodo.

- Não é necessário - disse, fazendo um gesto com a mão, para descartar essa possibilidade-. Não necessitarei mais de três dias para atrair um bando de mulheres de reputação duvidosa para que atendam a todas minhas necessidades.

Ela franziu ligeiramente os lábios, mas era evidente que isso a divertia.

- O mesmo de sempre, vejo.

Ele esboçou seu sorriso enviesado.

- Ninguém muda realmente, Francesca.

Ela inclinou a cabeça, fazendo um gesto para o corredor, de que chegavam os sons de passos rápidos de alguém caminhando em direção a eles.

Chegou o lacaio e Francesca assumiu o mando, encarregando-se de lhe dar as ordens pertinentes, enquanto ele continuava junto à lareira sem fazer outra coisa que esquentar as mãos e assentir, em atitude vagamente imperiosa, manifestando seu acordo.

- Boa noite, Michael - disse ela quando o criado já se afastava para cumprir as ordens.

- Boa noite, Francesca - respondeu ele docemente.

- Quanto me alegra voltar a vê-lo - disse ela, então, e logo acrescentou, como se precisasse convencer disso a um dos dois, embora ele não soube a quem:

- De verdade.

Capítulo 6

Lamento não ter escrito. Não, isso não é certo, não o lamento. Não desejo escrever. Não desejo pensar em...

De uma carta que tentou escrever a condessa do Kilmartin ao novo conde do Kilmartin, feita em pedaços e logo banhada com lágrimas.

Quando Michael se levantou na manhã seguinte, a casa Kilmartin já estava bem provida e funcionando como corresponde à casa de um conde. Estava aceso o fogo em todas as lareiras, e na sala de refeições informal tinham disposto um esplêndido café da manhã: ovos mexidos, presunto, beicon, salsichas, torradas com manteiga e geléia, e seu prato favorito, cavala fervida.

Entretanto, Francesca não se via por nenhuma parte.

Quando perguntou por ela ao mordomo, este lhe entregou um papel dobrado que ela tinha deixado para ele a primeira hora dessa manhã. Na nota lhe dizia que pensava que dariam margem a falatórios se vivessem juntos e sós na casa Kilmartin, por isso se tinha mudado à casa de sua mãe, no Bruton Street, número 5, até que chegasse da Escócia Janet ou Helen. Mas o convidava a visitá-la esse dia, pois estava certa de que tinham muito do que falar.

Michael achou que tinha toda a razão, de modo que mal terminou de tomar o café da manhã (descobrindo, com grande surpresa, que sentia falta dos iogurtes e das típicas crepes dois de seu café da manhã indiano), saiu à rua para dirigir-se à casa Número 5, como a chamavam todos.

Decidiu ir a pé; a casa não ficava muito longe, e o ar estava bastante mais temperado sem os gélidos ventos do dia anterior. Mas mais que nada desejava contemplar as vistas da cidade e recordar os ritmos de Londres. Nunca antes tinha tomado consciência dos peculiares aromas e sons da capital, nunca tinha prestado atenção à mescla do clop-clop dos cascos dos cavalos com as festivas propaganda das floristas e o murmúrio mais grave das vozes cultas. Sentia também o som de suas pegadas sobre a calçada, o aroma das avelãs e amêndoas torradas e a vaga sensação do peso da fuligem no ar, tudo combinado para fazer esse algo único que era Londres.

Sentia-se quase aflito, e isso achava estranho, porque recordava ter se sentido exatamente igual quando desembarcara na Índia há quatro anos. Ali, o ar úmido, impregnado dos aromas das especiarias e flores, tinha-lhe impressionado todos os sentidos. Havia-o sentido quase como um assalto a seus sentidos, que o adormecia e desorientava. E embora sua reação a Londres não fosse absolutamente tão espetacular, de qualquer modo se sentia um estranho, um forasteiro, com todos seus sentidos atacados por aromas e sons que não deveriam lhe sertão desconhecidos.

Converteu-se em estrangeiro em seu próprio país? Essa conclusão era quase extravagante; entretanto, caminhando pelas abarrotadas ruas do setor comercial mais elegante de Londres, não podia evitar pensar que se destacava, que qualquer pessoa que o olhasse saberia imediatamente que era diferente, que estava desconectado, alheio à vida e existência britânica.

Ou também poderia ser, concedeu, ao olhar seu reflexo em uma vitrine, o bronzeado. A cor queimada de sua pele demoraria semanas em desaparecer, ou talvez meses.

Sua mãe se escandalizaria quando o visse.

Sorriu. Gostava bastante de escandalizar a sua mãe. Nunca se fizera tão adulto para que isso deixasse de diverti-lo.

Dobrou a esquina no Bruton Street e foi deixando atrás as poucas casas até chegar ao número 5. Tinha estado ali antes, é claro. A mãe de Francesca sempre definia a palavra "família" da maneira mais ampla possível, de modo que a ele sempre o convidavam, junto com o John e Francesca, a todas as festas e acontecimentos da família Bridgerton.

Quando chegou, lady Bridgerton já estava no salão verde e creme, tomando uma xícara de chá sentada ante sua escrivaninha junto à janela.

- Michael! - exclamou, com evidente afeto, levantando-se-. Que alegria vê-lo!

- Lady Bridgerton - saudou ele, lhe pegando a mão e inclinando-se para lhe beijar galantemente o dorso.

- Ninguém faz isso como você - disse ela, aprovadora.

- A gente tem que cultivar seus melhores traços.

- E não pode imaginar quanto agradecemos que o faça as senhoras de certa idade.

Ele esboçou seu sorriso malandro, diabólico.

- E uma certa idade é... trinta e um?

Lady Bridgerton era o tipo de mulher a que a idade faz mais formosa, e o sorriso que lhe dirigiu foi francamente radiante.

- Sempre é bem-vindo nesta casa, Michael Stirling.

Ele sorriu e se sentou na poltrona de espaldar alto que lhe indicou.

- Ai, Deus - disse ela, franzindo o cenho-. Devo pedir desculpas. Suponho que agora devo chamá-lo Kilmartin.

- Michael vai muito bem.

- Sei que já passaram quatro anos - continuou ela-, mas como não o tinha visto...

- Pode me chamar como quiser - disse ele afavelmente.

Era curioso. Já se tinha acostumado, por fim, a que o chamassem Kilmartin; adaptou-se a que seu título substituísse a seu sobrenome. Mas isso era na Índia, onde ninguém o tinha conhecido antes como o simples senhor Stirling, e talvez, mais importante ainda, ninguém tinha conhecido ao John como o conde. Ouvir seu título na boca de Violet Bridgerton lhe era bastante desconcertante, sobre tudo porque ela, como era o costume de muitas sogras, normalmente falava do John como de seu filho.

Mas se ela percebeu seu desconforto interior, não o demonstrou com nenhum gesto.

- Se vai ser tão acomodadizo - disse-, eu devo sê-lo também. Me chame Violet, por favor. Já é hora.

- Ah, não poderia -se apressou a dizer ele.

E o dizia a sério. Ela era lady Bridgerton. Era... Bom, não sabia o que era, mas de maneira nenhuma poderia ser "Violet" para ele.

- Insisto, Michael, e certamente já sabe que normalmente faço o que quero.

Ele não viu maneira de ganhar nessa discussão, de modo que simplesmente suspirou e disse:

- Não sei se seria correto beijar a mão a uma Violet. Seria escandalosamente íntimo, não lhe parece?

- Não se atreva a deixar de fazê-lo.

- Haveria falatórios.

- Acredito que minha reputação pode suportar isso.

- Ah, mas pode a minha?

Ela pôs-se a rir.

- É um malandro.

- Tenho merecido - disse ele, reclinando-se no espaldar.

- Gostaria de um chá? - ofereceu ela, apontando para o delicado bule de porcelana que estava sobre sua mesa do outro lado do salão-. O meu já esfriou, mas me fará feliz chamar para que tragam mais.

- Eu adoraria.

- Suponho que agora será muito exigente com o chá, depois de tantos anos na Índia - disse ela, levantando-se para ir puxar o cordão.

Ele se apressou a levantar-se também.

- Não é o mesmo - disse-. Não saberia explicá-lo, mas nada sabe igual ao chá na Inglaterra.

- Crie que será a qualidade da água?

Ele sorriu dissimuladamente.

- A qualidade da mulher que o serve.

Ela riu.

- Você, milord, necessita de uma esposa. Imediatamente.

- Ah, sim? E isso por que?

- Porque em seu atual estado é claramente um perigo para as mulheres solteiras de todas partes.

Ele não pôde resistir a uma última galanteria marota.

- Espero que se inclua entre essas mulheres solteiras, Violet.

- Está paquerando com minha mãe? -disse uma voz da porta.

Era Francesca, é claro, impecavelmente embelezada com um vestido de manhã cor lavanda, adornado com uma franja bastante intrincada de renda de Bruxelas.

Dava a impressão de estar esforçando-se em ser severo com ele.

E não conseguia de tudo.

Enquanto observava às duas damas tomar seus assentos, tomou o tempo para curvar os lábios em um sorriso enigmático.

- Viajei pelo mundo, Francesca, e posso dizer, sem a menor duvida, que há poucas mulheres às que preferiria à sua mãe para paquerar.

- Agora mesmo o convido para jantar esta noite - declarou Violet-, e não aceitarei um não.

Michael riu.

- Será uma honra.

-É incorrigível - resmungou Francesca, sentada em frente dele.

Ele se limitou a lhe dirigir seu sorriso despreocupado. Tudo ia bem, pensou. A manhã estava transcorrendo exatamente como tinha desejado e esperado: ele e Francesca reassumindo seus papéis e costumes. Ele voltava a ser o temerário encantado e ela simulava que o repreendia, e tudo era tal como tinha sido antes de que John morresse.

Essa noite se deixou vencer pela surpresa. Não tinha esperado vê-la. E não foi capaz de colocar firmemente em seu lugar sua pessoa pública.

E nem tudo era pura representação desua parte. Sempre tinha sido um pouco temerário, e provavelmente era um sedutor incorrigível. A sua mãe adorava dizer que enfeitiçava às damas desde que tinha quatro anos.

Somente quando estava com Francesca era absolutamente importante que esse aspecto de sua personalidade ocupasse o primeiro plano, estivesse na superfície, para que ela nunca suspeitasse o que havia debaixo.

- Que planos tem agora que voltou? -perguntou-lhe Violet.

Michael se voltou para ela com sua expressão impassível muito bem obtida.

- Em realidade não sei - respondeu, envergonhado por ter que reconhecer para si mesmo que isso era certo-. Imagino que tomarei um tempo para compreender o que se espera exatamente de mim em meu novo papel.

- Estou certa que Francesca pode ajudá-lo nesse aspecto - disse Violet.

- Só se o desejar - disse ele tranqüilamente.

- Claro que sim - exclamou Francesca, virando-se ligeiramente ao sentir entrar uma criada com a bandeja com o chá-. Ajudarei-o em tudo que necessitar.

- Prepararam-no bastante rápido - comentou Michael.

- Sou louca por chá - explicou Violet-. Bebo-o todo o dia. Na cozinha sempre têm a água a ponto.

- Vai querer uma xícara, Michael? - perguntou Francesca, que se tinha feito cargo de servir.

- Sim, obrigado.

- Ninguém conhece Kilmartin como Francesca - continuou Violet, com todo o orgulho de mãe-. Será muito valiosa para você.

- Não me cabe dúvida de que tem toda a razão - disse Michael, pegando a taça que lhe passava Francesca. Recordava como tomava, observou: com leite e sem açúcar.

Sentiu-se imensamente contente por isso. - foi a condessa durante seis anos, e durante quatro teve que ser o conde também. - Ao ver o surpreendido olhar de Francesca, acrescentou-: Em tudo à exceção do título. Ah, vamos, Francesca, tem que se dar conta de que isso é certo.

- Isto...

- E de que é um elogio - acrescentou ele-. Minha dívida com você é muito maior do que poderia pagar. Não poderia ter estado tanto tempo ausente se não tivesse sabido que o condado estava em mãos tão capazes.

Francesca se ruborizou, e isso o surpreendeu. Em todos os anos que a conhecia, podia contar com os dedos de uma mão as vezes que tinha visto suas faces ruborizadas.

- Obrigada - disse ela-. Não foi muito difícil, asseguro-lhe.

- Talvez, mas se agradece de todos os modos.

Dito isso levou a xícara aos lábios, permitindo assim que as damas dirigissem a conversa a partir desse momento.

E isso fizeram. Violet lhe fez perguntas a respeito de sua estadia na Índia, e antes de dar-se conta lhes estava falando de palácios, princesas, caravanas e pratos com curry. Decidiu deixar de lado os salteadores e à malária, considerando que esses não eram assuntos de conversa apropriados para um salão.

Passado um momento percebeu que estava desfrutando imensamente. Talvez tivesse tomado a decisão correta ao voltar, refletiu, durante o momento em que Violet explicava algo sobre um baile com assunto índiano ao qual tinha ido no ano anterior.

Realmente poderia ser muito agradável estar de volta em casa.

Uma hora depois, Francesca se encontrava caminhando pelo Hyde Park no braço do Michael. Tinha aparecido o sol por entre as nuvens e quando ela declarou que não podia resistir ao bom tempo, Michael não teve mais remedio que oferecer-se a acompanhá-la para dar um passeio.

- É como nos velhos tempos - comentou, pondo o rosto para o sol.

Possivelmente acabaria com um horrível bronzeado ou, no mínimo, com sardas, mas de qualquer modo seu rosto sempre pareceria porcelana branca ao lado de Michael, cuja pele o indicava imediatamente como um recém retornado do trópico.

- Caminhar, quer dizer? - perguntou ele-. Ou refere a sua perita manipulação para que a acompanhasse?

- Às duas coisas, é claro - disse ela, tratando de manter o rosto sério. - Costumava me levar para passear muitíssimo. Sempre que John estava ocupado.

- Verdade.

Continuaram caminhando em silêncio um momento e de repente ele disse:

- Surpreendi-me esta manhã ao descobrir que tinha partido.

- Espero que compreenda por que tinha que partir. Não o desejava, é claro. Voltar para a casa de minha mãe me faz sentir como se tivesse retrocedido à infância.-Franziu os lábios, chateada-. A adoro, é claro, mas me acostumei a levar minha própria casa.

- Quer que eu vá viver em outra casa?

- Nãoo, não, de maneira nenhuma - se apressou a dizer ela. Você é o conde. A casa Kilmartin pertence a você. Além disso, Helen e Janet virão uma semana depois que eu; não demorarão para chegar. E então poderei voltar para a casa.

- Ânimo, Francesca, estou certo de que o suportará.

Ela o olhou de esguelha.

- Isto não é algo que possa compreender, nem que possa compreender nenhum homem, por certo, mas prefiro minha situação de mulher casada a de debutante. Quando estou na Número Cinco, com Eloise e Hyacinth, que vivem aí, sinto-me como se estivesse novamente em minha primeira temporada, atada por todas as regras e regulamentos de etiqueta que a acompanham.

- Não todas - observou ele-. Se isso fosse assim, não se permitiria estar passeando comigo neste momento.

- Certo -concedeu ela-. Em especial com você, imagino.

- E o que devo entender com isso?

Ela riu.

- Ah, vamos, Michael. Seriamente acha que iria encontrar sua reputação branqueada simplesmente porque esteve quatro anos fora do país?

- Francesca...

- É uma lenda.

Ele pareceu horrorizado.

- É certo - disse ela, estranhando que ele se surpreendesse tanto. - Bom Deus, as mulheres continuam falando de você.

- Não a você, espero - resmungou ele.

- A mim mais que a ninguém. - Sorriu travessa-. Todas querem saber quando pensa voltar. E com certeza será pior quando se propagar a notícia de que retornou. Devo dizer que é um papel bastante estranho o meu, ser a confidente do libertino mais notório de Londres.

- Confidente, né?

- De que outra maneira o chamaria?

- Não, não, confidente é uma palavra perfeitamente adequada. O que acontece é que se acredita que eu lhe confiei tudo...

Francesca o olhou chateada. Isso era típico dele: deixar as frases sem terminar, postas, lhe deixando a imaginação ardendo de perguntas.

- Concluo então - murmurou-, que não nos contou tudo o que fazia na Índia.

Ele se limitou a sorrir, com esse sorriso diabólico.

- Muito bem. me permita então que passe a um assunto de conversa mais respeitável. O que pensa fazer agora que retornou? Vais ocupar seu assento no Parlamento?

Deu a impressão de que ele não tinha considerado isso.

- Isso é o que teria desejado John - acrescentou ela, sabendo que era uma manipulação diabólica.

Michael a olhou um pouco carrancudo, e seus olhos lhe disseram que não gostava de suas táticas.

- Terá que se casar também - continuou.

- E você pensa fazer o papel de casamenteira? - perguntou ele, mal-humorado.

- Se quiser -respondeu ela, encolhendo os ombros-. Com certeza não poderia fazer o trabalho pior que você.

- Bom Deus - grunhiu ele-. Só estou há um dia aqui. Temos que falar disto agora?

- Não, claro que não. Mas tem que ser logo. Não está se fazendo mais jovem.

Ele a olhou horrorizado.

- Não consigo imaginar permitindo que alguém me fale dessa maneira.

- Não esqueça a sua mãe - replicou ela, sorrindo satisfeita.

- Você não é minha mãe - disse ele, em um tom talvez muito enérgico.

- Graças ao céu. Já teria morrido de parada cardíaca faz anos. Não sei como o suporta ela.

Ele se deteve.

- Não sou tão mau.

Ela encolheu delicadamente os ombros.

- Não?

E ele ficou sem fala. Absolutamente mudo. Essa conversa a tinham tido infinitas vezes, mas nesse momento havia algo diferente. Notava um fio no tom de sua voz, uma espécie de intenção de cravá-lo com suas palavras que não existia antes.

Ou talvez simplesmente nunca o tivesse notado.

- Vamos, não se horrorize tanto, Michael - disse ela, passando o braço em frente e lhe dando uns tapinhas no braço-. É certo que tem uma reputação terrível, mas é imensamente encantador, assim sempre o perdoo.

Assim era como o via ela?, pensou ele. E por que o surpreendia isso? Essa era justamente a imagem que tinha tentado criar.

- E agora que é o conde - continuou ela-, as mamães vão tropeçar entre elas para conseguir casá-lo com suas preciosas filhas.

- Tenho medo -disse ele em voz baixa-. Muito medo.

- E bem que deve - disse ela, sem a mínima compaixão-. Me vão deixar louca me pedindo informação, asseguro-lhe. Tem a sorte de que esta manhã encontrei um momento para falar em privado com minha mãe e lhe fiz prometer que não poria Eloise nem Hyacinth em seu caminho. Porque o faria também - acrescentou, visivelmente encantada com a conversa.

- Acredito recordar que você gostava de pôr a suas irmãs em meu caminho.

Ela franziu ligeiramente os lábios.

-Isso foi há anos - respondeu, agitando as mãos como se quisesse pôr para voar suas palavras ao vento-. Agora não funcionaria.

Ele nunca havia sentido nenhum desejo de cortejar a suas irmãs, mas não pôde deixar passar a oportunidade de lhe dar uma pequena espetada verbal também.

- Para Eloise ou para Hyacinth? - perguntou.

- Para nenhuma das duas - respondeu ela, tão irritada que o fez sorrir-. Mas eu encontrarei a alguém, assim não se preocupe.

- Estava preocupado?

- Acho que apresentarei a amiga do Eloise, Penelope - continuou ela, como se ele não tivesse falado.

- A senhorita Featherington? - perguntou ele, recordando vagamente a uma garota ligeiramente gordinha que não falava jamais.

- É amiga minha também, é claro - acrescentou Francesca. - Acho que poderia gostar dela.

- Aprendeu a falar?

Ela o olhou indignada.

- Passarei por cima esse comentário. Penelope é uma dama encantadora e muito inteligente, uma vez que supera seu acanhamento inicial.

- E quanto tempo leva isso? - resmungou ele.

- Acho que o equilibraria muito bem - declarou ela.

- Francesca, não vai fazer-se de casamenteira para mim - disse ele, em tom algo terminante-. Entendido?

- Bom, alguém...

- E não diga que alguém tem que fazê-lo - interrompeu ele.

Sim, pensou, Francesca era um livro aberto, como tinha sido há anos. Sempre tinha desejado controlar sua vida.

- Michael - murmurou ela, em uma espécie de suspiro que expressava mais sofrimento de que tinha direito a sentir.

- Acabo de voltar. Só estive um dia na cidade - disse ele-. Um dia. Estou cansado, e por muito que tenha saído o sol, continuo sentindo o maldito frio, e nem sequer tiraram minhas coisas de meus baús. Me dê pelo menos uma semana antes de começar a planejar meu casamento.

- Uma semana, então? - perguntou ela, astutamente.

- Francesca - disse ele, em tom de advertência.

- Muito bem - disse ela, descartando a advertência-. Mas não venha depois me dizer que não o adverti. Quando aparecer em sociedade e as mocinhas com suas mães se abandonem, lançadas ao ataque...

Ele estremeceu ao imaginar e sabia que era provável que ela tivesse razão.

- Virá me suplicar que o ajude - terminou ela, olhando-o com uma expressão fastidiosamente satisfeita.

- Isso com certeza - disse ele, olhando-a com um sorriso paternalista que sabia que ela detestava. - E quando ocorrer isso, prometo-lhe que estarei devidamente prostrado pelo arrependimento, contrição, vergonha e qualquer outra emoção que queira me atribuir.

Então ela pôs-se a rir, o que lhe esquentou o coração mais do que deveria. Sempre conseguia fazê-la rir.

Ela se voltou para ele, sorriu-lhe e lhe deu um tapinha no braço.

- Alegra-me que haja retornado.

- É agradável estar de volta - disse ele.

E embora essas palavras lhe saissem automaticamente, compreendeu que as dizia a sério. Era agradável estar outra vez ali. Difícil, mas agradável. Embora nem sequer valia a pena queixar-se de como era difícil; de maneira nenhuma podia dizer que isso fosse algo ao que não estava acostumado.

- Deveria ter trazido pão para os passarinhos - murmurou ela.

- No Serpentine? - perguntou ele, surpreso.

Tinha passeado muitas vezes com Francesca pelo Hyde Park, e sempre tratavam de evitar as bordas do Serpentine como à peste. Sempre havia ali muitas babás e meninos, chiando como selvagens (muitas vezes as babás gritavam mais que os meninos), e ele tinha pelo menos um conhecido que uma vez recebeu o golpe de uma barra de pão na cabeça.

Ao que parecia ninguém havia dito ao pequeno aspirante a jogador de cricket que devia partir a barra de pão em partes mais manejáveis, e menos perigosas.

- Eu adoro atirar pão aos pássaros - disse Francesca, um pouco na defensiva-. Além disso, hoje não há muitas crianças. Ainda faz um pouco de frio.

- Isso nunca acovardou ao John nem a mim - comentou ele, bravamente.

- Sim, bom, é escocês - replicou ela-. Seu sangue circula bastante bem meio congelado.

Ele sorriu de orelha a orelha.

- Somos gente forte os escoceses.

Isso tinha muito de brincadeira. Com tanta mescla por matrimônios, a família era tão inglesa como escocesa, e inclusive talvez mais inglesa, mas como Kilmartin estava firmemente situado na Escócia entre os condados da margem ocidental, os Stirling se aferravam a seu legado escocês como a uma insígnia de honra.

Encontraram um banco não muito afastado do Serpentine e se sentaram a contemplar ociosamente os patos na água.

- Qualquer um diria que poderiam buscar um lugar mais quente - comentou Michael-. Na França, talvez.

- E perder toda a comida que lhes arrojam os meninos? - respondeu Francesca, sorrindo irônica-. Não são estúpidos.

Ele simplesmente encolheu os ombros. Longe dele pretender ter muito conhecimento da conduta das aves.

- Como achou o clima na Índia? - perguntou ela-. Faz tanto calor como dizem?

- Mais. Ou talvez não. Não sei. Imagino que as descrições são bastante precisas. O problema é que nenhum inglês pode entender realmente o que significam essas descrições até que chega lá.

Ela o olhou interrogante.

- Faz mais calor do que poderia imaginar - explicou ele.

- Isso me parece... Bom, não sei o que me parece. O calor não é tão difícil de suportar como os insetos.

- Isso acho horroroso.

- Certamente você não gostaria. Por um tempo prolongado, em todo caso.

- Eu adoraria viajar - disse ela, então, em voz baixa-. Sempre fazia planos.

Dito isso ficou calada, assentindo levemente, como se estivesse distraída. Esteve tanto tempo baixando e levantando o queixo dessa maneira que ele pensou que se esqueceu de que o fazia. E então observou que tinha os olhos fixos em um ponto na distância. Estava observando algo, mas ele não conseguia imaginar-se o que.

Não havia nada interessante à vista, além de uma babá pálida empurrando um carrinho de bebê.

- Que olha? - perguntou por fim.

Ela não respondeu; simplesmente continuou olhando.

- Francesca?

Então ela se voltou para olhá-lo.

- Desejo ter um bebê.

Capítulo 7

Tinha a esperança de que por esta data já teria recebido alguma tua carta, embora claro, é impossível confiar em correio quando tem que viajar tão longe.

Só a semana passada me inteirei da chegada de uma saca de correspondência que demorou dois anos inteiros em chegar; muitos dos destinatários já tinham voltado para a Inglaterra. Minha mãe me diz que está bem e totalmente recuperada de sua tragédia; alegra-me sabê-lo. Meu trabalho aqui continua sendo um bom desafio, e muito satisfatório. Fui viver em uma casa fora da cidade como fazem a maioria dos europeus aqui em Madras. Entretanto, eu adoro visitar a cidade; tem uma aparência bastante grega, ou, melhor dizendo, o que eu imagino que é grego pois nunca visitei esse país. O céu é azul, tão azul que quase é cegador, quase o mais azul que vi em minha vida.

Da carta do conde do Kilmartin à condessa do Kilmartin, seis meses depois de sua chegada à a Índia

- Perdão, o que disse? - perguntou ele.

Estava horrorizado, compreendeu ela. Inclusive essa pergunta pareceu fazê-la balbuciando. Não lhe tinha feito essa declaração com o fim de lhe produzir essa reação, mas ao vê-lo sentado aí, boquiaberto, com a mandíbula pendente, não pôde deixar de sentir um pouco de prazer por tê-lo conseguido.

- Desejo ter um bebê - repetiu, encolhendo os ombros-. Há algo surpreendente nisso?

Ele esteve um momento movendo os lábios, mas não lhe saiu nenhum som.

- Bom..., não... mas...

- Tenho vinte e seis anos.

- Sei que idade tem - disse ele, um pouco irritado.

- Farei vinte e sete em fins de abril - acrescentou ela-. Não acho que seja tão estranho que deseje ter um filho.

Os olhos dele seguiam vagamente velados, algo frágeis.

- Não, claro que não, mas...

- E não tenho por que te dar explicações!

- Não lhe pedi - respondeu ele, olhando-a como se de repente lhe tivesse brotado outra cabeça.

- Sinto muito, perdoe - balbuciou, contrita-. Minha reação foi exagerada.

Ele não disse nada, e isso a irritou. No mínimo, poderia ter dito algo para contráriá-la. Teria sido uma mentira, mas de qualquer modo teria sido o amável, o cortês. Finalmente, dado que o silêncio já se fazia insuportável, murmurou:

- Muitas mulheres desejam ter filhos.

- De acordo - disse ele, tossindo-. Sim, claro. Mas..., não lhe parece que primeiro poderia necessitar de um marido?

- É claro - replicou ela, olhando-o mais indignada ainda-. Por que acha que vim antes a Londres?

Ele a olhou como se não entendesse.

- Quero comprar um marido - explicou ela, como se estivesse falando com um bobo.

- Que maneira mais mercenária de expressá-lo.

Ela franziu os lábios.

- É assim. E talvez seja melhor que se acostume à idéia, por você mesma. É exatamente assim como vão falar de você as damas muito em breve.

- Pensou em algum cavalheiro em particular? - perguntou ele, desentendendo-se da última frase.

Ela negou com a cabeça.

- Ainda não. Embora imagino que quando começar a procurar surgirá alguém em primeiro plano. -Embora tentasse dizer isso em tom alegre, não pôde deixar de notar que a voz foi descendo de tom e volume-. Com certeza meus irmãos têm amigos - concluiu em um balbuceio.

Ele a olhou e depois se voltou um pouco para trás, e ficou contemplando a água.

- Horrorizei-o.

- Pois sim.

- Normalmente isso me causaria um imenso prazer - disse ela, sorrindo irônica.

Ele não respondeu, mas revirou os olhos ligeiramente.

- Não posso estar de luto pelo John eternamente - continuou ela-. Quer dizer, posso e o farei, mas... - Se interrompeu, ao dar-se conta, chateada, de que estava a ponto de pôr-se a chorar-. E a pior parte disto é que é possível que nem sequer possa ter filhos. Com o John levei dois anos conceber, e fixe se como o danifiquei.

- Francesca, não deve se jogar a culpa do aborto espontâneo - disse ele energicamente.

Ela emitiu um risinho amargurado.

- Imagina? Que me case com alguém para ter um filho e depois não tenha nenhum?

- Isso é bastante freqüente - disse ele afavelmente.

Isso era certo, mas não o fazia sentir-se melhor. Ela tinha opções. Não tinha por que casar-se; se continuava viúva estaria bem cuidada e mantida, e seria maravilhosamente independente. Se se casasse, não, "quando" se casasse (tinha que comprometer-se mentalmente à idéia) não seria por amor. Não teria um matrimônio como o que teve com o John; uma mulher simplesmente não encontra um amor assim duas vezes na vida.

Ia se casar para ter um bebê, e não havia nenhuma garantia de que o tivesse.

- Francesca?

Ela não o olhou, continuou na mesma posição, pestanejando, tratando angustiosamente de conter as lágrimas que lhe faziam arder as comissuras dos olhos.

Michael lhe ofereceu um lenço, mas ela não quis dar-se por inteirada desse solícito gesto. Se pegasse o lenço teria que chorar; nada o impediria.

- Devo refazer minha vida - disse, em tom desafiante-. Devo. John já não está e eu...

Então lhe ocorreu algo muito estranho. Embora "estranho" não fosse a palavra correta. Chocante, talvez, espantoso, vergonhoso, ou talvez não existisse uma palavra para expressar o tipo de surpresa que pareceu lhe deter os batimentos do coração, deixando-a imóvel, incapaz de respirar.

Virou-se para ele, o que era o mais natural do mundo. Voltou-se para ele centenas, não, milhares de vezes. Ele podia ter passado os quatro últimos anos na Índia, mas lhe conhecia o rosto, e conhecia seu sorriso. Em realidade, sabia tudo a respeito dele.

Mas desta vez foi diferente. voltou-se para ele, mas não tinha esperado que ele já estivesse voltado para ela. Tampouco tinha esperado que seu rosto estivesse tão perto que lhe via as pintinhas negras dos olhos. Além de tudo isso, o principal era que tampouco imaginara que desceria o olhar a seus lábios. Eram uns lábios cheios, exuberantes, belamente modelados. E lhe conhecia a forma dos lábios, é claro, tão bem como conhecia a forma dos seus, mas nunca antes os tinha olhado de verdade, nunca se tinha fixado em que não tinham uma cor parecida, nem em que a curva do lábio inferior era francamente muito sensual e...

Levantou-se, tão rápido que quase perdeu o equilíbrio.

- Tenho que ir - disse, e lhe surpreendeu que sua voz soasse como a sua e não como a de algum demônio monstruoso-. Tenho um encontro. Tinha-o esquecido.

- Sim, é claro - disse ele, levantando-se também.

- Com a costureira - acrescentou ela, como se dar detalhes fosse fazer mais convincente a mentira-. Todos meus vestidos são de cores apagadas.

- Não lhe assentam bem - assentiu ele.

- Muito amável ao assinalá-lo - disse ela, irritada.

- Deveria usar azul - disse ele.

Ela assentiu com um movimento brusco, ainda bastante desequilibrada.

- Sente-se mau?

- Estou muito bem - respondeu entredentes. E como não teria enganado a ninguém com esse tom, acrescentou com mais suavidade-: Estou muito bem, asseguro-lhe. Simplesmente detesto me atrasar.

Isso era certo, e ele sabia, assim era de esperar que atribuíra a isso sua brusquidão.

- Muito bem - disse ele afavelmente.

Durante todo o trajeto de volta à casa Número Cinco, Francesca não parou de tagarelar. Tinha que apresentar uma boa fachada, decidiu, sentindo-se bastante agitada, quase febril. De maneira nenhuma podia permitir que ele adivinhasse o que tinha ocorrido em seu interior nesse banco junto a Serpentine.

Claro que já sabia que Michael era bonito, pasmosamente bonito, em realidade. Mas isso tinha sido uma espécie de conhecimento abstrato. Michael era bonito, tal como seu irmão Benedict era alto e sua mãe tinha os olhos formosos.

Mas de repente... Nesse momento...

Olhou-o e viu algo totalmente diferente.

Viu um homem.

E isso a assustava de morte.

Francesca tendia a aferrar-se à idéia de que a melhor linha de conduta sempre é mais ação; portanto, mal entrou na casa de volta do passeio, foi procurar a sua mãe para lhe informar de que precisava visitar a costureira imediatamente. Ao fim e ao cabo, o melhor era converter na verdade a mentira quanto antes.

Sua mãe se mostrou simplesmente encantada de que tivesse decidido abandonar as cores cinzas e lavandas do meio luto, de modo que antes de que transcorresse uma hora, as duas estavam comodamente instaladas na elegante carruagem de Violet, em marcha para as seletas lojas do Bond Street. Normalmente Francesca teria se arrepiado com a intromissão de Violet; ela era muito capaz de escolher sua roupa, obrigado, mas esse dia achava curiosamente consoladora a presença de sua mãe.

E não era que sua mãe não fosse sempre um consolo. Simplesmente ela tendia a preferir sua veia independente com mais freqüência que menos, e não gostava nada que a considerassem "uma dessas garotas Bridgerton". E em certo modo muito estranho, desconcertava-lhe bastante essa iminente visita a costureira. Embora teria sido necessária uma tortura com todos seus mais atrozes detalhes para que o reconhecesse, sentia-se simplesmente aterrada.

Até no caso de que não tivesse decidido que já era hora de voltar a casar, tirar a roupa de viúva era uma imensa mudança, para a qual não estava segura de estar preparada.

Sentada na carruagem, olhou a manga; o capote lhe cobria o vestido, mas sabia que o vestido que levava era cor lavanda. E achava algo tranqüilizador nessa cor, algo sério, formal, algo que lhe inspirava confiança. Já fazia três anos que usava essa cor, ou cinza. E antes, tudo no ano anterior, negro. Essas cores de luto tinham sido uma espécie de insígnia, compreendeu, uma espécie de uniforme. Não havia necessidade de preocupar-se de quem se é quando a roupa o proclama com tanta força.

- Mãe? - disse, antes de dar-se conta de que queria fazer uma pergunta. - Sim, querida? - respondeu Violet, virando-se para olhá-la sorrindo.

- Por que nunca se voltou a casar?

Violet entreabriu ligeiramente os lábios e Francesca viu, surpreendida, que se haviam posto brilhantes os olhos.

- Sabe que esta é a primeira vez que um de vocês me faz essa pergunta?

- Não pode ser. Tem certeza?

Violet assentiu.

- Nenhum de meus filhos me perguntou isso. Recordaria-o.

- Não, não, claro que o recordaria - se apressou a dizer Francesca.

Mas achava estranho. E desconsiderado, em realidade. Por que nenhum deles tinha feito essa pergunta a sua mãe? Essa era a pergunta mais candente imaginável.

E até no caso de que a nenhum deles lhe importasse a resposta para satisfazer uma curiosidade pessoal, não compreendiam como era importante para Violet?

Não desejavam conhecer sua mãe? Conhecê-la de verdade?

- Quando morreu seu pai... - disse Violet-. Bom, não sei quanto recordará, mas foi muito repentino. Ninguém esperava.

Emitiu um risinho triste e Francesca pensou se alguma vez ela seria capaz de rir ao falar da morte do John, mesmo que a risada estivesse tingida pela tristeza.

- Por uma picada de abelha - acrescentou Violet.

Então Francesca percebeu que, inclusive nesse momento, mais de vinte anos depois da morte de Edmund Bridgerton, sua mãe parecia surpreendida quando falava dela.

- Quem o teria acreditado possível? - continuou Violet, movendo de lado a lado a cabeça-. Não sei se o recorda, mas seu pai era um homem muito corpulento. Tão alto como Benedict e talvez de ombros mais largos. Simplesmente não ocorreria que uma abelha... -Se interrompeu, tirou um lenço e cobriu a boca, para limpar a garganta-. Bom, foi uma morte inesperada. A verdade é que não sei que mais dizer, além de... - Se virou para olhá-la com esses olhos tão dolorosamente sábios-. Além de que imagino que você o entende melhor que ninguém.

Francesca assentiu, sem sequer tentar esfregar os olhos para aliviar o ardor que sentia detrás das pálpebras.

- Em todo caso - disse Violet, como se estivesse impaciente por continuar-, depois de sua morte, eu estava pasmada, atordoada. Sentia-me como se fosse caminhando por uma névoa. Não sei como consegui funcionar nesse primeiro ano. Nem nos anos seguintes. Assim não me ocorreu nem pensar no matrimônio.

- Sei - disse Francesca docemente. E sabia.

- E depois... bom, não sei o que ocorreu. Talvez simplesmente não conheci nenhum homem com quem tivesse gostado de compartilhar minha vida. Talvez amasse muito a seu pai. -encolheu os ombros-. Talvez nunca vi a necessidade. Além de tudo, eu estava em uma posição muito diferente da sua. Era mais velha, não o esqueça, e já era mãe de oito filhos. E seu pai nos deixou em muito boa situação econômica. Eu sabia que nunca nos faltaria nada.

- John deixou Kilmartin em muito boa situação - se apressou a dizer Francesca.

- Claro que sim - disse Violet, lhe dando um tapinha na mão-. Perdoe. Não quis dar a entender o contrário. Mas você não tem oito filhos, Francesca. -O azul de seus olhos pareceu intensificar-se-. Além disso, tem muito tempo por diante para passá-lo sozinha.

- Sei, sei - disse Francesca, assentindo com movimentos bruscos-. Sei, mas não obtenho... não posso...

- Não pode o que?

- Não posso... -Francesca baixou a cabeça; não sabia por que, mas não podia afastar a vista do chão-. Não consigo me liberar da sensação de que vou fazer algo incorreto, que vou desonrar ao John, desonrar nosso matrimônio.

- John teria desejado que fosse feliz.

- Sei, sei. Claro que o desejaria. Mas não o vê...? -Levantou a cabeça e olhou o rosto de sua mãe, procurando algo, não sabia o que; talvez aprovação, talvez simplesmente amor, pois era consolador procurar algo que já sabia que encontraria.

- Nem sequer procuro isso - continuou-. Não vou encontrar alguém como John. Isso já aceitei.

E acho incorreto me casar com menos.

- Não encontrará a alguém como John, é certo - disse Violet-. Mas poderia encontrar um homem que seja igualmente bom, só que de um modo diferente.

- Você não o encontrou.

- Não, mas eu não procurei. Não procurei absolutamente.

- Desejaria ter procurado?

Violet abriu a boca, mas não lhe saiu nenhum som, nem sequer fôlego. Por fim disse:

- Não sei, Francesca. Sinceramente, não sei. -E então, dado que o momento exigia um pouco de risada, acrescentou-: Certamente não desejava ter mais filhos.

Francesca não pôde evitar de sorrir.

- Eu sim -disse em voz baixa-. Desejo ter um bebê.

- Isso me pareceu.

- Por que não me perguntou isso?

Violet inclinou a cabeça.

- Por que você nunca me tinha perguntado por que não me voltei a casar?

Francesca sentiu descer a mandíbula. Não deveria lhe surpreender tanto a perspicácia de sua mãe.

- Se fosse Eloise, acho que teria dito algo - disse então Violet-. Ou qualquer de suas irmãs, se for por isso. Mas você -sorriu, nostálgica-. Você não é igual. Nunca o foi. Já de menina era diferente. E precisava pôr distância.

Impulsivamente Francesca lhe agarrou a mão e a apertou.

- Quero-a, sabia?

- Mas bem o suspeitava - disse Violet, sorrindo.

- Mãe!

- Muito bem, claro que sabia. Como poderia não me querer quando eu a quero tanto, tanto?

- Não lhe disse isso - falou Francesca, sentindo-se horrorizada por essa omissão-. Ao menos, não ultimamente.

- Não tem importância - disse Violet, lhe apertando a mão também-. Teve outras coisas na cabeça.

Francesca não soube bem por que, mas isso a fez rir em voz baixa.

- Ficou um pouco deficitária, devo dizer.

Violet simplesmente sorriu.

- Mãe, posso lhe fazer outra pergunta?

- É claro.

- Se não encontrar alguém, não igual a John, claro, mas de qualquer modo não igualmente conveniente para mim... Se não encontrar alguém assim, e me casar com um homem que eu goste bastante mas a quem talvez não ame, seria correto isso?

Violet ficou um bom tempo em silêncio, pensando na resposta.

- Acho que só você pode saber a resposta a isso - disse enfim. - Eu não diria que não, é claro. A metade dos aristocratas, mais da metade, em realidade, têm esse tipo de matrimônio, e são muito poucos os que estão totalmente contentes. Mas você terá que fazer seus próprios julgamentos quando surgir a oportunidade. Cada pessoa é diferente, Francesca. Acho que você sabe disso melhor que a maioria. E quando um homem lhe pedir a mão, terá que julgá-lo por seus méritos e não por algum critério arbitrário que se tenha imposto adiantado.

Tinha razão sua mãe, é claro, pensou Francesca, mas estava tão farta de sentir-se atada e complicada que essa não era a resposta que desejava.

E nada disso se referia ao problema que tinha no mais profundo do coração. O que ocorreria se realmente conhecesse um homem que lhe fizesse sentir-se como se sentia com o John? Não podia imaginar em realidade, achava tremendamente improvável.

Mas e se ocorria? Como poderia viver consigo mesma então?

Michael achava alguma coisa bastante satisfatória em ter um humor de cães, por isso decidiu entregar-se de cheio ao dele. Foi dando pontapés a uma pedra todo o caminho para casa.

Grunhiu a uma pessoa que lhe deu uma cotovelada ao passar junto a ele na calçada.

Abriu a porta de sua casa com uma ferocidade tal que a estrelou na parede de pedra. Ou melhor dizendo, a teria estrelado, se seu maldito mordomo não tivesse estado tão atento que a abriu antes de que ele alcançasse a tocar a maçaneta.

Mas pensou abri-la de repente, o que já lhe proporcionava uma satisfação.

E então subiu a escada pisando forte e se dirigiu a seu quarto, que continuava sendo condenadamente igual ao de John, embora não podia fazer nada para mudar isso nesse momento, e tirou bruscamente as botas.

Bom, em realidade, tentou-o. Inferno e condenação.

- Reivers! - rugiu.

Apareceu seu criado de quarto na porta, ou em realidade fez como se aparecesse, porque já estava aí.

- Sim, milord?

- Ajuda-me a tirar as botas? - disse entre dentes, sentindo-se bastante infantil.

Três anos no exército e quatro na Índia, e não era capaz de tirar suas malditas botas? O que tinha Londres que convertia a um homem em um idiota chorão?

Pareceu-lhe recordar que Reivers teve que lhe tirar as botas também na última vez, quando vivia em Londres.

Olhou-se as botas. Eram distintas. Diferentes estilos para diferentes situações, supôs. Reivers sempre punha um orgulho assombrosamente ridículo ao fazer seu trabalho. Com certeza tinha querido vesti-lo à última e melhor moda de Londres. Com certeza...

- Reivers, de onde tirou estas botas? - perguntou-lhe com voz grave.

- Milord?

- Estas botas. Não as reconheço.

- Inclusive não nos chegaram todos seus baús do navio, milord. Não tinha nada conveniente para Londres, assim localizei estas entre os pertences do conde anterior...

- Deus santo.

- Milord? Sinto muito se estas não ficaram bem. Recordei que os dois tinham o mesmo número e pensei que quereria...

- Simplesmente me tira isso Agora mesmo.

Fechando os olhos, sentou-se na poltrona de couro, a poltrona de couro de John, maravilhando-se dessa ironia. Seu pior pesadelo feito realidade, no sentido mais literal.

- Sim, milord - disse Reivers.

Parecia aflito, mas se pôs imediatamente na tarefa de lhe tirar as botas.

Michael apertou a ponte do nariz entre o polegar e o inicador e fez uma respiração lenta e profunda para poder falar.

- Preferiria não usar nenhum objeto do guarda-roupa do conde anterior - disse, com cansaço.

Em realidade, não tinha idéia porque havia roupa de John aí ainda; deveriam tê-la dado aos criados ou doado a uma casa de beneficência há anos.

Mas supunha que essa era uma decisão que devia tomar Francesca, não ele.

- Sim, é claro, milord. Ocuparei-me disso imediatamente.

- Estupendo -grunhiu Michael.

- Guardo tudo com chave em outra parte?

Com chave? Bom Deus, não era que essas coisas fossem tóxicas.

- Com certeza tudo está bem onde está - disse-. Simplesmente não use nenhum objeto para mim.

- De acordo. -Reivers engoliu em seco, incomodado, e agitou o pomo da garganta.

- O que se passa agora, Reivers?

- Acontece que todas as coisas do anterior lorde Kilmartin continuam aqui.

- Aqui? - perguntou Michael, sem entender.

- Aqui -confirmou Reivers, olhando ao redor.

Michael desabou na poltrona. Não era que desejasse apagar da face da terra até o último aviso de seu primo; ninguém sentia falta de John tanto como ele, ninguém.

Bom, à exceção de Francesca, concedeu, mas isso era diferente.

Simplesmente não sabia como podia levar sua vida completamente rodeado, e abafado, pelos pertences do John. Levava seu título, gastava seu dinheiro, vivia em sua casa. Tinha que usar seus malditos sapatos também?

- Guarda tudo - disse ao Reivers-. Mas amanhã. Esta tarde quero estar tranqüilo, sem perturbações.

Além disso, provavelmente devia avisar a Francesca de suas intenções.

Francesca.

Suspirando, levantou-se uma vez que seu criado de quarto saiu. Por Deus, Reivers se tinha esquecido de levar as botas. Agarrou-as e as deixou fora da porta.

Era uma reação exagerada talvez, mas, demônios, não queria contemplar as botas do John nas seguintes seis horas.

Depois de fechar a porta com um decidido golpe, começou a passear sem rumo, até que foi até à janela. O batente era largo, bastante fundo, assim se apoiou nele para olhar através do vidro; a rua aparecia toda imprecisa. Afastou o fino vidro e não pôde deixar de curvar os lábios em um amargo sorriso ao ver uma babá levando a um menino pequeno pela mão pela calçada.

Francesca. Desejava ter um bebê.

Não sabia por que isso o surpreendeu tanto. Se pensasse racionalmente, não deveria ter se surpreendido. Era uma mulher, pelo amor de Deus; claro que desejava ter filhos. Não o desejavam todas? E embora nunca se havia dito conscientemente que ela suspiraria pelo John toda a eternidade, tampouco lhe tinha ocorrido nunca que poderia querer voltar a casar-se algum dia.

Francesca e John. John e Francesca. Eram uma unidade, ou ao menos o tinham sido, e embora a morte do John tornava tristemente fácil imaginar uma sem o outro, era algo totalmente diferente pensar em um deles com outra pessoa.

E depois havia, lógicamente, o asuntinho da repulsa, que lhe arrepiava a pele; essa era sua reação ante a idéia de ver Francesca com outro homem.

Estremeceu. Ou foi um arrepio? Condenação, esperava que não fosse um arrepio.

Bom, pois, simplesmente teria que acostumar-se à idéia. Se Francesca desejava ter filhos, Francesca necessitava um marido, e ele não podia fazer nenhuma maldita coisa a respeito. Teria sido bastante agradável se tivesse tomado a decisão e levado a cabo todo o odioso assunto no ano anterior, lhe economizando as náuseas de ser testemunha de todo o maldito processo de galanteio e noivado. Se tivesse tido a amabilidade de ir e casar-se no ano anterior, já estaria tudo feito e já está.

Fim da história.

Mas agora ia ter que observar. E talvez, inclusive, aconselhar.

Inferno e condenação.

Voltou a tiritar. Maldição. Talvez só fosse de frio. Era março, ao fim e ao cabo, e um março frio apesar de que o fogo crepitava na lareira.

Puxou a gravata, que começava a o apertar muito. Finalmente a tirou. Vá Por Deus, sentia-se terrivelmente mal, tinha calafrios, e estava extranhamente desequilibrado.

Sentou-se. Pareceu-lhe que isso era o melhor que podia fazer.

Então, simplesmente decidiu deixar de fingir que estava bem, tirou o resto da roupa e se meteu na cama.

Essa ia ser uma longa noite.

Capítulo 8

Foi um maravilhoso prazer agradável saber de você. Alegra-me que esteja tão bem. John se sentiria orgulhoso. Sinto falta de você. Sinto falta de você. Sinto sua falta.

Ainda há flores no jardim. Não é fantástico que ainda haja flores?

De uma carta da condessa do Kilmartin ao conde do Kilmartin, uma semana depois de receber sua segunda carta; primeiro rascunho, não terminado nem enviado.

- Não disse Michael que jantaria conosco esta noite?

Francesca olhou a sua mãe, que estava de pé ante ela com expressão preocupada. Em realidade ela tinha estado pensando o mesmo, estranhando que não chegasse.

Passou a maior parte do dia temendo sua chegada, mesmo que ele não pudesse ter a menor ideia de que ela tivesse ficado tão perturbada por esse momento no parque.

Santo céu, provavelmente nem sequer se deu conta do que tinha ocorrido nesse momento. Era a primeira vez em sua vida que agradecia que os homens fossem tão obtusos.

- Sim, disse que viria - respondeu, mudando ligeiramente de posição na poltrona.

Estava há um momento sentada no salão com sua mãe e duas de suas irmãs, deixando que passassem as horas até que chegasse o convidado ao jantar.

- Não lhe dissemos a hora? -perguntou Violet.

Ela assentiu.

- Confirmei-a quando me deixou aqui depois do passeio pelo parque.

Estava certa de ter-lhe dito; recordava claramente que lhe revolveu o estômago quando o disse. Não desejava voltar a vê-lo, não tão cedo em todo caso, mas o que podia fazer? Sua mãe já tinha feito o convite.

- Provavelmente vai se atrasar - disse Hyacinth, sua irmã menor. - E não me surpreende. Os homens de seu tipo sempre se atrasam.

Francesca se virou para ela imediatamente.

- O que quer dizer com isso?

- Ouvi tudo a respeito de sua reputação.

- O que tem que ver sua reputação com isso? -perguntou Francesca, irritada-. E que sabe você disso, em todo caso? Partiu da Inglaterra anos antes que você aprendesse a fazer uma reverência.

Hyacinth encolheu os ombros e enterrou a agulha em seu muito sujo bordado.

- A gente continua falando dele - disse despreocupadamente-. As damas desmaiam como idiotas só ouvindo nomeá-lo, tem que saber.

- Não há outra maneira de desmaiar -atravessou Eloise, que, embora fosse um ano exato maior que Francesca, continuava solteira.

- Bom, pode ser que seja um libertino - disse Francesca, astutamente-, mas sempre foi pontual, até o exagero.

Não tolerava que falassem mal de Michael. Podia suspirar, gemer e criticar seus defeitos, mas achava totalmente inaceitável que Hyacinth, cujo conhecimento do Michael só se apoiava em rumores e insinuações, emitisse um julgamento tão cortante sobre ele.

- Ache o que quiser - acrescentou com dureza, porque de maneira nenhuma ia permitir que Hyacinth tivesse a última palavra-, mas ele jamais chegaria tarde para jantar aqui. Tem um grande respeito por minha mãe.

- E quanto respeita a você? - perguntou Hyacinth.

Francesca olhou indignada a sua irmã, que estava sorrindo satisfeita com o rosto quase metido em seu bordado.

- Pois...

Não, responder seria uma estupidez. Não podia ficar sentada aí discutindo com sua irmã menor quando poderia estar ocorrendo algum problema. Com todos seus defeitos e libertinagem, Michael era educado e considerado até a medula dos ossos, ou pelo menos sempre o tinha sido em sua presença. E nunca chegaria para jantar com, olhou o relógio do suporte da lareira, com meia hora de atraso. Ao menos sem enviar recado.

Levantou-se e alisou energicamente a saia do vestido cinza pomba.

- Irei à casa Kilmartin - anunciou.

- Sozinha? - perguntou Violet.

- Só - disse Francesca firmemente-. É minha casa além de tudo. Não acredito que haja falatórios se passo a fazer uma visita rápida.

- Sim, sim, é claro - disse sua mãe-. Mas não fique muito tempo.

- Mãe, estou viúva. E não vou ficar passando a noite. Simplesmente quero ver como está Michael, se lhe aconteceu algo. Não me passará nada, asseguro-lhe.

Violet assentiu, mas pela expressão de seu rosto, Francesca compreendeu que teria gostado que ela dissesse algo mais. Durante anos tinha sido assim; sua mãe desejava reatar seu papel de mãe com sua jovem filha viúva, mas refreava, e tentava respeitar sua independência.

Nem sempre resistia ao desejo de se intrometer, mas tentava e lhe agradecia esse esforço.

- Quer que te acompanhe? - disse Hyacinth, com os olhos relampagueantes.

- Não! - disse Francesca, em um tom mais veemente do que teria querido, pela surpresa-. Por que quereria me acompanhar?

Hyacinth encolheu os ombros.

- Curiosidade. Quero conhecer o alegre Libertino.

- Conhece-o - observou Eloise.

- Sim, mas isso foi há séculos - disse Hyacinth, exalando um suspiro teatral-, antes de que entendesse o que é um libertino.

- Tampouco o entende agora - disse Violet, em tom seco.

- Ah, mas...

- Não, não entende o que é um libertino - repetiu Violet.

- Muito bem - disse Hyacinth, olhando a sua mãe com um sorriso asquerosamente doce-. Não sei o que é um libertino. Tampouco sei me vestir nem me lavar os dentes.

- Ontem à noite vi Polly ajudando-a a pôr o vestido de noite, - murmurou Eloise do sofá.

- Ninguém pode pôr um vestido de noite sozinha - replicou Hyacinth.

- Vou - declarou Francesca, mesmo que soubesse que ninguém a estava escutando.

- O que faz? - perguntou Hyacinth.

Francesca se deteve, e então percebeu que Hyacinth não falava com ela.

- Só lhe examinar os dentes - disse Eloise docemente.

- Meninas! - exclamou Violet.

Francesca não conseguiu imaginar que Eloise aceitasse de boa vontade essa generalização, tendo já vinte e sete anos.

E em realidade não a aceitou, mas Francesca aproveitou a irritação de Eloise e a conseguinte rixa para sair do salão e mandar a um criado que fosse a pedir que lhe trouxessem um coche à porta.

Não havia muito tráfico nas ruas; ainda faltavam uma ou duas horas para que os aristocratas fossem aos bailes. O coche avançou rápido pelas ruas do Mayfair e antes de que tivesse passado um quarto de hora, Francesca já estava subindo a escadaria da casa Kilmartin no Saint James. como sempre, um criado abriu a porta antes que ela levantasse a aldrava para golpear. Entrou a toda pressa.

-Está Kilmartin? - perguntou.

Surpreendida se deu conta de que era a primeira vez que chamava assim ao Michael. Era estranho, compreendeu, e positivo em realidade, que lhe tivesse saído com tanta naturalidade o título. Provavelmente já era hora de que todos se acostumassem à mudança. Ele era o conde agora, e nunca voltaria a ser o simples senhor Stirling.

- Acredito que sim -respondeu o criado-. Chegou cedo esta tarde, e não soube que tenha saído.

Francesca franziu o cenho, mas em seguida fez um gesto de assentimento, para subtrair importância ao assunto, e se dirigiu à escada. Se Michael estava em casa, devia estar em seu quarto. Se estivesse em seu escritório, o criado teria sido consciente de sua presença.

Ao chegar ao primeiro andar pôs-se a andar pelo corredor em direção aos aposentos do conde, sem fazer ruído com suas botas pela macio tapete do Aubusson.

- Michael? - chamou em voz baixa enquanto se ia aproximando de seu quarto. - Michael?

Não houve resposta, portanto chegou até a porta, e observou que não estava de todo fechada.

- Michael? - repetiu, um pouco mais forte.

Não devia gritar seu nome para que a ouvissem em toda a casa. Além disso, se estava dormindo, não queria despertá-lo. Provavelmente continuava cansado por sua longa viaje e por orgulho não disse nada quando sua mãe o convidou para jantar.

Não houve resposta, portanto empurrou a porta e a abriu outro poquinho.

- Michael?

Ouviu algo. Talvez o som de movimento. Talvez um gemido.

- Michael?

- Frannie?

Essa era sua voz, sem dúvida, mas nunca tinha ouvido esse som em seus lábios.

- Michael? - repetiu.

Entrou e o viu encolhido na cama, com o aspecto de estar mais doente do que ela tinha visto um ser humano em sua vida. John nunca tinha estado doente. Simplesmente uma noite foi se deitar um momento e despertou morto.

Por assim dizê-lo.

- Michael! -exclamou-. O que tem?

- Ah, nada grave -grasnou ele-. Uma gripe por esfriamento, suponho.

Francesca o olhou duvidosa. Tinha mechas de cabelo negro esmagados na fronte, a pele avermelhada e com manchas, e o calor que emanava da cama lhe tirou o fôlego.

Para não dizer que prestava. Dele emanava um aroma horrível, a suor, uma espécie de aroma de podre, e se tivesse cor segura que seria esverdeado, como de vômito.

Estendeu a mão e lhe tocou a testa. Imediatamente a retirou, horrorizada pelo calor.

- Isto não é uma gripe - disse, secamente.

Ele distendeu os lábios formando algo parecido a um horrível sorriso.

- Uma gripe francamente grave?

- Michael Stuart Stirling!

- Bom Deus, fala igual a minha mãe.

Ela não se sentia absolutamente como sua mãe, sobre tudo depois do que lhe tinha ocorrido no parque, e quase se sentiu aliviada de que estivesse tão débil e tão pouco atraente. Isso lhe tirava acuidade ao que havia sentido essa tarde.

- Michael, o que tem?

Ele encolheu os ombros e se meteu mais abaixo na cama para cobrir-se melhor com as mantas, e todo o corpo estremeceu com o esforço.

- Michael! -Agarrou-lhe o ombro, sem nenhuma suavidade-. Não se atreva a experimentar seus truques comigo. Sei como age. Sempre finge que não passa nada, que a água se desliza por suas costas.

- E se desliza por minhas costas - balbuciou ele-. E pela sua também. É simples ciência, em realidade.

- Michael! -Teria golpeado-o, se não estivesse tão doente-. Não tente tirar importância a isto, entende? Insisto em que me diga imediatamente o que tem.

- Amanhã estarei melhor.

- Ah, que bem - disse ela, com todo o sarcasmo que pôde, que não era pouco em realidade.

- De verdade - insistiu ele, movendo-se inquieto para trocar de posição, marcando cada movimento com um gemido-. Estarei bem o dia de amanhã.

Ela acho algo muito estranho, ou em sua maneira de dizer isso ou nas próprias palavras.

- E depois de amanhã? -perguntou, entrecerrando os olhos.

Uma risada seca saiu de alguma parte sob as mantas.

- Bom, voltarei a estar tão doente como um cão.

- Michael -repetiu, em voz mais baixa, pelo medo-, o que tem?

- Não adivinhou? -Tirou a cabeça debaixo das mantas e parecia tão doente que ela desejou chorar-. Tenho malária.

- Ai, Meu deus -exclamou ela, retrocedendo um passo. - Ai, por Deus.

- É a primeira vez que a ouço blasfemar -comentou ele-. Talvez deveria me adular que tenha sido por mim.

Ela não entendia como podia dizer algo tão frívolo em um momento como esse.

- Michael... - estendeu a mão para tocá-lo, mas não o tocou, sem saber o que fazer.

- Não se preocupe - disse ele, encolhendo-se mais, com todo o corpo estremecido por outra rajada de arrepios-. Não a posso contagiar com isso.

- Não? -Pestanejou-. Quero dizer, claro que não.

E embora se contagiasse, isso não devia lhe impedir de cuidá-lo. Ele era Michael. Ele era... bom, custava-lhe definir exatamente o que era ele para ela, mas entre eles havia um vínculo inquebrável, e lhe parecia que quatro anos e milhares de milhas de distância não tinham feito nada para diminui-lo.

- É o ar - disse ele, com cansaço. - Tem que respirar esse ar pútrido para agarrá-la. Por isso se chama malária. Se a pudesse contagiar uma pessoa a outra, já teríamos contagiado toda a Inglaterra.

Ela aceitou a sua explicação.

- Vai a...? Vai a...?

Não pôde perguntar; não sabia como.

- Não - disse ele-. Pelo menos acreditam que não.

Ela sentiu um alívio tão imenso que lhe afrouxou o corpo e teve que sentar-se. Não poderia imaginar um mundo sem ele. Inclusive quando estava ausente, ela sempre sabia que estava "aí", compartilhando o mesmo planeta com ela, caminhando pela mesma terra. E inclusive nesses dias que seguiram à morte do John, quando o odiava por havê-la abandonado, quando estava tão zangada com ele que desejava chorar, consolava-lhe algo saber que ele estava vivo e bem, e que voltaria para ela imediatamente se o pedisse.

Estava aí. Estava vivo. E não estando John, bem, não sabia como alguém poderia esperar que ela os perdesse aos dois.

Ele voltou a tiritar, violentamente.

- Necessita de algum remédio? -perguntou ela, alerta outra vez-. Tem algum remédio?

- Já o tomei -respondeu ele, com os dentes tocando castanholas.

Mas ela tinha que fazer algo. Não se odiava tanto para pensar que poderia ter feito algo para evitar a morte do John; nem sequer em seus piores momentos de aflição tinha passado por essa tortura, embora sempre lhe tinha aborrecido que sua morte ocorresse quando ela não estava. A verdade, sua morte tinha sido o mais importante que John fez sem ela. E embora Michael só estivesse doente, não morrendo, não lhe ia permitir que sofresse sozinho.

- Me deixe que vá buscar-lhe outra manta - disse.

Sem esperar resposta, abriu a porta que conectava com seu quarto e foi tirar a colcha de sua cama. Era de cor rosa, e o mais certo é que ofenderia sua sensibilidade masculina quando tivesse recuperado a sensibilidade, mas isso era problema dele, decidiu.

Quando voltou para o quarto, estava tão imóvel que pensou que ficara adormecido, mas despertou o suficiente para lhe agradecer enquanto lhe punha a colcha em cima e lhe remetia as mantas.

- Que outra coisa posso fazer? -perguntou depois, aproximando uma poltrona de madeira à cama e sentando-se.

- Nada.

- Tem que haver algo -insistiu ela-. Suponho que não temos que esperar simplesmente que passe.

- Pois isso temos que fazer - respondeu ele, com voz débil-, simplesmente esperar que passe.

- Não posso acreditar que isso seja verdade.

Ele abriu um olho.

- Pretende desafiar a toda a instituição médica?

Ela apertou os dentes e se inclinou para ele.

- Está certo de que não necessita nenhum remédio mais?

- Certo, até dentro de umas horas.

- Onde está?

Se o único que podia fazer era localizar o medicamento e o ter preparado para administrar-lhe Por Deus que ao menos faria isso.

Ele moveu ligeiramente a cabeça para a esquerda. Ela seguiu o movimento para uma mesinha do outro lado do quarto, onde viu um frasco sobre um jornal dobrado.

Imediatamente se levantou e o foi agarrar, e leu a etiqueta enquanto voltava para sua poltrona.

- Quinino -murmurou-. Ouvi falar disto.

- O remédio milagroso -disse ele-. Ao menos isso dizem.

Francesca o olhou duvidosa.

- Me olhe - disse ele, esboçando um débil sorriso enviesado-. Sou uma prova concludente.

Ela voltou a examinar o frasco, observando o movimento do pó ao incliná-lo.

- Continuo sem me convencer.

Ele tentou levantar um ombro, em gesto alegre.

- Não estou morto.

- Isso não é divertido.

- Pois é a única coisa divertida -emendou ele-. Temos que nos rir quando podemos. Simplesmente pense; se morresse, o título iria a, como diz sempre Janet?, a esse...

- Odioso lado Debenham da família - terminaram juntos, e Francesca não pôde acreditar, mas sorriu.

Ele sempre conseguia fazê-la sorrir. Tocou-lhe a mão.

- Superaremos isto - disse.

Ele assentiu e fechou os olhos.

E justo quando ela pensava que dormira, ele sussurrou:

- É melhor com você aqui.

Na manhã seguinte Michael se sentia um pouco recuperado, e embora não estivesse de todo normal, pelo menos estava muitíssimo melhor que na noite anterior. horrorizou-se ao comprovar que Francesca continuava na poltrona de madeira ao lado de sua cama, com a cabeça inclinada e parecia tão desconfortável como pode ver-se desconfortável um corpo, na postura em ângulo que formava o pescoço, até o tronco torcido.

Mas estava dormindo, roncando inclusive, o que achou comovedor. Nunca a tinha imaginado roncando, e por triste que fosse dizê-lo, a tinha imaginado adormecida mais vezes do que queria contar.

Não teria podido lhe ocultar sua enfermidade, isso teria sido esperar o impossível, sendo perpicaz e bisbilhoteira. E mesmo que tivesse preferido que ela não tivesse que preocupar-se com ele, a verdade era que se havia sentido consolado por sua presença ali nessa noite. Não deveria haver-se sentido consolado, ou pelo menos não deveria tê-lo permitido, mas simplesmente não podia evitá-lo.

Sentiu-a mover-se e ficou de lado para vê-la melhor. Nunca a tinha visto despertar, compreendeu. E não sabia por que achava tão estranho isso, como se alguma vez tivesse estado presente em seus momentos íntimos. Talvez se devia a que em todos seus sonhos acordado, em todas suas fantasias, nunca tinha imaginado isso, o rouco murmúrio que lhe saiu da garganta quando mudou de posição, o suave som parecido a um suspiro que fez ao bocejar, nem o delicado movimento de suas pestanas ao abrir os olhos.

Que formosa.

Isso já sabia, claro, sabia há anos, mas nunca antes o havia sentido tão profundamente, tão até o fundo de sua alma.

Não era seu cabelo, essa deliciosa e exuberante cabeleira castanha e ondulada que rarametnte tinha o privilégio de ver solta. E não eram seus olhos, de um azul tão radiante que induziam aos homens a escrever poemas, muitos dos quais divertiam imensamente ao John, recordava. Tampouco era a forma de seu rosto nem sua estrutura óssea; se fosse isso, ele teria estado obcecado com a beleza de todas as garotas Bridgerton, que pareciam ervilhas em uma vagem, ao menos exteriormente.

Era algo em sua forma de mover-se.

Algo em sua maneira de respirar.

Algo em sua maneira de ser.

E não achava que alguma vez pudesse deixar de amá-la.

- Michael - disse ela, esfregando-os olhos.

- Bom dia - disse ele, esperando que ela atribuíra ao esgotamento o abafada que lhe saiu a voz.

- Está melhor.

- Sinto-me melhor.

Ela engoliu saliva e esteve um momento em silêncio.

- Está acostumado a isto - disse por fim.

Ele assentiu.

- Não chegaria a dizer que não me importa a enfermidade, mas sim, estou acostumado a ela. Sei o que fazer.

- Quanto vai durar?

- É difícil saber. Terei febre dia sim dia não, até que um dia se acabe. Uma semana no total, ou talvez dus. Três se tiver má sorte.

- E depois o que?

- Depois esperar que nunca mais volte a me ocorrer.

- E isso pode acontecer? Que não volte mais?

- É uma enfermidade estranha, caprichosa.

- Não diga que é como uma mulher - disse ela, entrecerrando os olhos.

- Nem sequer me tinha ocorrido, até que você o disse.

Ela apertou ligeiramente os lábios, e logo os relaxou, para perguntar:

- Quanto tempo faz desde sua últim…? -pestanejou-. Como chama a estes...?

Ele encolheu os ombros.

- Chamo-os ataques. Em realidade se sente como um ataque. E faz seis meses.

- Bom, isso está bem. -agarrou o lábio inferior entre os dentes-. Não é verdade?

- Tomando em conta que só tive três, sim, acredito que sim.

- Com que freqüência os teve?

- Este é o terceiro. E a verdade, os meus não foram tão terríveis comparados com o que vi.

- E eu devo encontrar consolo nisso?

- Eu o encontro. Modelo de virtudes cristãs que sou.

De repente ela estendeu a mão e lhe tocou a testa.

- Está muito mais fresca -comentou.

- Sim, e o estarei. Esta é uma enfermidade extraordinariamente invariável; sempre segue a mesma pauta. Bom, ao menos quando já está em meio dela. Seria estupendo se soubesse quando posso esperar um rebrote.

- E de verdade tem febre dia sim dia não? Assim simples?

- Assim simples.

Ela pareceu pensar um momento e logo disse:

- Não poderá ocultar a sua família, certamente.

Ele tentou sentar-se.

- Pelo amor de Deus, Francesca, não o diga a minha mãe nem a...

- Chegarão qualquer dia -interrompeu ela-. Quando vim da Escócia, disseram-me que viriam só uma semana depois, e conhecendo a Janet, isso significa só três dias. Seriamente acha que não vão notar que está convenientemente...?

- Inconvenientemente -interrompeu ele, aborrecido.

- Que seja. Seriamente crie que não vão notar que está doente de morte dia sim dia não? Pelo amor de Deus, Michael, lhes conceda o mérito de ter um pouco de inteligência.

- Muito bem -disse ele, baixando a cabeça ao travesseiro-. Mas a ninguém mais. Não tenho o menor desejo de me converter no fenômeno de Londres.

- Não é a primeira pessoa atacada pela malária.

- Não quero a pena de ninguém -replicou ele, entre dentes-. E muito menos a sua.

Ela se virou, como se a tivesse golpeado. Lógicamente, ele se sentiu como um burro.

- Perdoe. Isso soou mau.

Ela o olhou indignada.

- Não quero sua pena - disse ele, contrito-, mas seus cuidado e seus bons desejos são muito bem-vindos.

Ela não o olhou nos olhos, mas ele viu que estava tentando decidir se acreditava ou não.

- Digo-o a sério - acrescentou, e não teve a energia para encobrir seu esgotamento na voz-. Me alegra que estivesse aqui. Passei por isso antes.

Ela o olhou fixamente, como se quisesse lhe fazer uma pergunta, mas ele não conseguiu imaginar o que poderia ser.

- Passei por isso antes - repetiu-, e desta vez foi diferente. Melhor. Mais fácil. - Deu um longo suspiro, aliviado por ter encontrado as palavras corretas-. Mais fácil. Foi mais fácil.

Ela se revolveu inquieta no assento.

- Ah. Alegra-me.

Ele olhou para a janela. As cortinas eram grosas e estavam fechadas, mas viu raios de luz pelos lados.

- Não estará preocupada com você sua mãe?

- Ai, não! -exclamou ela, levantando-se de um salto, tão rápido que se golpeou a mão na mesinha de noite-. Aaay!

- Fez-lhe muito dano? -perguntou ele, por cortesia, posto que estava claro que não se fizera nada grave.

Ela estava agitando a mão, para aliviar a dor.

-Ooh! Tinha esquecido totalmente de minha mãe. Ontem à noite esperava que voltasse para sua casa.

- Não lhe enviou uma nota?

- Sim. Disse-lhe que estava doente, e me respondeu que passaria por aqui esta manhã para oferecer sua ajuda. Que horas são? Tem relógio? Claro que tem relógio.

Dizendo isso se virou impaciente a olhar o pequeno relógio do suporte da lareira.

Esse tinha sido o quarto de John; continuava sendo em muitos sentidos. Claro que ela sabia onde estava o relógio.

- Só são a oito -disse ela, suspirando aliviada-. Minha mãe nunca se levanta antes das nove, a não ser que surja uma urgência, e é de esperar que não considere isto urgência. Em minha nota procurei não parecer aterrada.

Michael sorriu. Conhecendo Francesca, com certeza tinha redigido a nota com essa fria calma pela que era famosa. Provavelmente mentiu dizendo que tinha contratado a uma enfermeira.

- Não há nenhuma necessidade de aterrar-se -disse.

Ela se virou para olhá-lo com expressão inquieta.

- Disse que não quer que ninguém saiba que tem malária.

Sua boca abriu-se sozinha. Nunca tinha sonhado que ela tomasse tão a sério seus desejos.

- Ocultaria-lhe isto a sua mãe? -perguntou em voz baixa.

- É claro. Corresponde-lhe decidir se diz - ou não. Não a mim.

Isso era francamente comovedor, bastante terno, inclusive.

- Acho que está louco -acrescentou ela secamente.

Bom, talvez "terno" não fosse a palavra correta.

-Mas respeitarei seus desejos - continuou ela. Pôs as mãos nos quadris e o olhou com uma expressão que só se podia definir como aborrecimento ou contrariedade.

Como lhe poderia ocorrer que eu faria outra coisa?

- Não tenho idéia.

- Francamente, Michael -grunhiu ela-. Não sei o que lhe passa.

- Ar úmido? -brincou ele.

Lhe dirigiu Esse Olhar, com maiúsculas.

- Voltarei para casa de minha mãe - disse ela, pondo as botas de cano longo cinzas-. Se não, pode estar certo que se apresentará aqui seguida por todos os membros do Colégio Real de Médicos.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Isso é o que fazia quando caíam doentes?

Ela emitiu um som que pareceu meio grunido, meio grunhido e todo irritação.

- Voltarei logo. Não vá a nenhuma parte.

Ele levantou as mãos, fazendo um gesto algo sarcástico para a cama.

- Bom, não estranharia se saísse -resmungou ela.

- É comovedora sua fé em minha força sobre-humana.

- Juro, Michael - disse ela, detendo-se na porta-, que é o paciente mais fastidioso que conheci.

- Vivo para entretê-la! -gritou ele quando ela já ia pelo corredor.

E estava certo de que se ela tivesse tido algo para jogar na porta, o teria feito. E com muita força.

Voltou a pôr a cabeça no travesseiro, sorrindo. Ele podia ser um paciente fastidioso, mas ela era uma enfermeira arisca.

O que ia muito bem.

Capítulo 9

É possível que nossas cartas se cruzaram ou se perderam, mas me parece que o mais provável é simplesmente não desejar me escrever. Isso o aceito e lhe desejo todo o melhor. Não voltarei a lhe incomodar. Espero que saiba que sempre estou atento, escutando, se alguma vez mudar de opinião.

Da carta do conde do Kilmartin à condessa do Kilmartin, oito meses depois de sua chegada à a Índia.

Não era fácil ocultar sua enfermidade. Com a aristocracia não havia nenhum problema; Michael simplesmente rechaçava os convites e Francesca fez correr a voz de que ele desejava instalar-se em sua nova casa antes de ocupar seu lugar na sociedade.

Com os criados era mais difícil. Estes falavam, e muitas vezes com os criados de outras casas, portanto Francesca teve que procurar que só os mais leais soubessem o que ocorria no quarto de Michael. E isso era complicado, pois ela não vivia oficialmente na casa Kilmartin, e só o faria quando chegassem Janet e Helen, o que desejava fervorosamente que fosse logo.

Mas a parte mais difícil para ela eram as pessoas mais curiosas e às que era quase impossível manter na ignorância, que eram as de sua própria família. Nunca tinha sido fácil guardar um segredo na família Bridgerton, e ocultar algo a todos era, por dizê-lo em três palavras, um maldito pesadelo.

- Por que vai ali todos os dias? -perguntou-lhe Hyacinth, quando estavam tomando o café da manhã.

- Vivo ali -respondeu, fincando o dente em um pão-doce, o que qualquer pessoa racional teria entendido como um sinal de que não desejava conversar.

Mas Hyacinth não tinha fama de ser muito racional.

- Vive aqui -disse.

Francesca engoliu o bocado, depois bebeu um gole de chá, com a intenção de aproveitar esse instante para serenar-se exteriormente.

- Durmo aqui -respondeu tranqüilamente.

- Não é essa a definição de onde vive?

Francesca pôs mais geléia no pão-doce.

- Estou comendo, Hyacinth.

Hyacinth encolheu os ombros.

- Eu também, mas isso não me impede de levar uma conversa inteligente.

- A vou matar - disse Francesca, a ninguém em particular, o que era lógico pois não havia ninguém mais.

- Com quem fala? - perguntou Hyacinth.

- Com Deus. E acredito que tenho a permissão divina para assassiná-la.

- Psst. Se isso fosse tão fácil eu teria tido permissão para eliminar a metade dos aristocratas faz anos.

Então Francesca decidiu que nem todos os comentários de Hyacinth necessitavam de resposta. Em realidade, muito poucos a necessitavam.

- Ah, Francesca, está aqui! -exclamou Violet, interrompendo, por sorte, a conversa.

Francesca levantou a vista para sua mãe, que estava entrando na sala do café da manhã, mas antes de que pudesse dizer uma palavra, Hyacinth disse:

- Francesca estava a ponto de me matar.

- Ah, pois, minha chegada foi muito oportuna - disse Violet, sentando-se à mesa-. Pensava ir à casa Kilmartin esta manhã? -perguntou a Francesca.

- Vivo ali - respondeu Francesca, assentindo.

- Eu acredito que vive aqui - atravessou Hyacinth, pondo bastante açúcar no chá.

Violet não fez conta.

- Acho que a acompanharei.

Quase caiu o garfo de Francesca.

- Para que?

Violet encolheu delicadamente os ombros.

- Eu gostaria de ver o Michael. Hyacinth, passa-me os pão-doces, por favor?

- Não sei que planos terá para hoje - se apressou a dizer Francesca.

Michael tinha tido um ataque essa noite, o quarto de febre, para ser exatos, e tinham a esperança de que fosse o último do ciclo. Mas embora já estivesse muito mais recuperado, continuava tendo um aspecto horroroso. Felizmente, não lhe havia posto amarela a pele, o que segundo ele, costumava ser um sinal de que a enfermidade estava avançando na sua fase letal, mas de qualquer modo parecia terrivelmente débil e doente, e sua mãe se horrorizaria em apenas vê-lo. E se enfureceria, claro.

Violet Bridgerton não gostava que a mantivessem na ignorância. E muito menos se se tratava de um assunto para o que se podia empregar a expressão "de vida ou morte", sem que a considerasse exagerada.

- Se não estiver simplesmente voltarei para casa - disse Violet-. A geléia, por favor, Hyacinth.

- Eu também irei - disse Hyacinth.

Ai, Deus. A faca de Francesca deu um salto por cima de seu pão-doce. Ia ter que drogar a sua irmã. Era a única solução.

- Não se importa que eu vá, não é? - disse então Hyacinth a Violet.

-Não tinha planos com o Eloise? -perguntou Francesca.

Hyacinth pensou, pestanejando algumas vezes.

- Acredito que não.

- Não iam às compras? A chapelaria?

Hyacinth esteve outro momento examinando sua memória.

- Não, estou certa que não. A semana passada já comprei um chapéu. Um lindo, em realidade. Verde, com uma franja creme muito bonita. -Olhou sua torrada, contemplou-a um momento e depois estendeu a mão para a geléia-. Estou farta de comprar - acrescentou.

- Nenhuma mulher se farta de comprar jamais - disse Francesca, já um pouco se desesperada.

- Esta mulher está. Além disso, o conde... -se interrompeu para olhar a sua mãe-: Posso chamá-lo Michael?

- Isso terá que perguntar a ele - respondeu Violet, tomando um bocado dos ovos mexidos.

Então Hyacinth se voltou para Francesca.

- Já está há uma semana em Londres e não o vi. Minhas amigas vivem me perguntando por ele, e não tenho nada que lhes dizer.

- Não é educado fofocar, Hyacinth - disse Violet.

- Não é fofoca. É a mais honrada difusão de informação.

Francesca notou que lhe baixava a mandíbula.

- Mãe - disse, meneando a cabeça-, deveria ter parado no sete.

- Filhos, quer dizer? - perguntou Violet, bebendo chá-. Às vezes penso nisso, sim.

- Mãe! - exclamou Hyacinth.

Violet se limitou a lhe sorrir.

- O sal?

- Levou-lhe oito ensaios para que lhe saísse bem - declarou Hyacinth, lhe aproximando o saleiro a sua mãe com uma decidida falta de amabilidade.

- E isso significa que você também espera ter oito filhos? - perguntou-lhe Violet docemente.

- Por Deus, não - exclamou Hyacinth, e com muito sentimento.

E nem ela nem Francesca puderam evitar rir.

- Não é educado blasfemar, Hyacinth - disse Violet, no mesmo tom que tinha empregado para lhe dizer que não fofocasse.

- Parece-te que vamos pouco depois de meio-dia? -perguntou- Violet a Francesca, uma vez passado o momento das risadas.

Francesca olhou o relógio. Isso lhe daria escassamente uma hora para pôr apresentável ao Michael. E sua mãe havia dito "vamos", plural. Como se pensasse levar Hyacinth, que tinha a capacidade de converter qualquer situação incômoda em um vívido pesadelo.

- Irei em seguida -disse, levantando-se depressa-. Para ver se está disponível.

Sua mãe também se levantou, surpreendendo-a.

- Acompanharei-a à porta - disse, e com firmeza.

-Né... sim?

- Sim.

Hyacinth começou a levantar-se.

- Só - acrescentou Violet, sem sequer olhar Hyacinth.

Hyacinth voltou a sentar-se. Inclusive ela tinha a sensatez de não discutir quando sua mãe combinava seu sorriso sereno com seu tom resistente.

Francesca se fez a um lado para que sua mãe saísse primeiro, e juntas caminharam em silêncio até o vestíbulo, onde esperou que o criado lhe levasse sua jaqueta.

- Há algo que deseje me dizer? -perguntou-lhe Violet.

- Não sei o que quer dizer.

- Acredito que sabe.

- Asseguro que não - respondeu Francesca, olhando-a com uma expressão de absoluta inocência.

- Passa muito tempo na casa Kilmartin.

- Vivo ali - disse Francesca, pela centésima vez, pareceu-lhe.

- Não, agora não está vivendo ali, e receio que as pessoas falem.

- Ninguém disse nenhuma só palavra - replicou Francesca-. Não vi absolutamente nada nas colunas de fofoca, e se houvesse falatórios, com cerrteza que uma de nós já teria sabido.

- Que as pessoas não digam nada hoje não significa que não dirão nada manhã - disse Violet.

Francesca soltou um suspiro de irritação.

- Não sou uma virgem que nunca esteve casada.

- Francesca!

Francesca cruzou os braços.

- Perdoe que fale com tanta franqueza, mãe, mas é certo.

Justo nesse momento chegou o criado com a jaqueta de Francesca e lhe informou que a carruagem estaria na porta dentro de um momento. Violet esperou que o criado tivesse saído para esperar a chegada da carruagem, e então se voltou para Francesca e lhe perguntou:

- Qual é exatamente sua relação com o conde?

- Mãe!

- Não é uma pergunta tola.

- É a pergunta mais tola, não, a mais estúpida que ouvi. Michael é meu primo!

- Era primo de seu marido.

- E era meu primo também. E meu amigo. Santo céus, de todas as pessoas não posso nem imaginar isso de Michael!

Mas a verdade era que podia imaginar. A enfermidade do Michael tinha mantido tudo a distância; tinha estado tão ocupada cuidando-o e atendendo-o que tinha conseguido não pensar nesse estremecedor momento no parque, quando o olhou e algo cobrou vida dentro dela.

Algo que tinha estado muito certa de que tinha morrido fazia quatro anos.

Mas ouvir sua mãe falar do assunto... Bom Deus, era humilhante. De maneira nenhuma possível na terra podia sentir atração pelo Michael. Isso era mau, verdadeiramente mal. Isso era algo... bom, mau. Não havia nenhuma outra palavra que o definisse melhor.

- Mãe -disse, tratando de falar muito tranqüila-. Michael esteve um pouco doente. Disse-lhe isso.

- Sete dias é bastante tempo para uma gripe.

- É possível que seja algo de que se contagiou na Índia. Não sei. Acho que está quase recuperado. Estive ajudando-o a instalar-se aqui em Londres. Esteve ausente

muitíssimo tempo, e como observou, tem muitas responsabilidades novas como conde. Pareceu-me que era meu dever ajudá-lo em tudo isso.

Olhou-a com expressão resoluta, muito agradada com seu discurso.

- Até dentro de uma hora - disse simplesmente sua mãe, e se afastou.

E a deixou sentindo-se muito aterrada.

Michael estava desfrutando de um momento de paz e silêncio, e não é que lhe tivesse faltado silêncio, embora a malária não procurava paz precisamente, quando irrompeu Francesca pela porta, com os olhos dilatados de terror e sem fôlego.

- Tem duas opções - disse, e resfolegou.

- Só duas? -perguntou ele, embora não tivesse idéia do que falava.

- Não faça brincadeiras.

Ele se endireitou até ficar sentado.

- Francesca - disse, iniciando a pergunta com muito cuidado, pois já sabia por experiência que teria que proceder com muita cautela quando uma mulher está nervosa - Acha....?

- Vai vir minha mãe - disse ela.

- Aqui?

Ela assentiu.

Não era uma situação ideal, mas não era algo que justificasse essa agitação de Francesca.

- A que? - perguntou amavelmente.

- Acredita que... - Se interrompeu para recuperar o fôlego-. Acredita que... Ai, céus, não vai acreditar nisso.

Dado que não procedeu a dizer nada mais, ele abriu mais os olhos estendeu as mãos em um gesto de impaciência, como lhe dizendo: "Importaria-se em explicar algo mais?"

- Acha - disse Francesca, estremecendo e olhando-o-, que estamos atados em um romance.

- Em uma semana só desde que retornei que Londres - murmurou ele, pensativo-. Sou mais rápido do que imaginava.

- Como pode brincar com isso?

- Como não pode você? -replicou ele.

Mas claro, ela nunca podia rir de algo assim. Para ela era impensável. Para ele era...

Bom, algo totalmente distinto.

- Estou horrorizada.

Michael se limitou a lhe sorrir e encolheu os ombros, mesmo que já começava a sentir-se um pouco picado. Naturalmente, não esperava que Francesca o considerasse dessa maneira, mas uma reação de horror não faz sentir-se bem a um homem a respeito de suas habilidades viris.

- Quais são minhas duas opções? -perguntou.

Ela se limitou a olhá-lo fixamente.

- Disse que tenho duas opções.

Ela pestanejou, e a teria achado adoravelmente desconcertada se não estivesse tão aborrecido com ela que não podia considerá-la merecedora de algo caridoso.

- Não recordo -disse ela ao fim-. Ai, céus, o que vou fazer? -gemeu.

- Sentar poderia ser um bom começo - disse ele, em um tom suficientemente brusco para fazê-la virar a cabeça para ele-. Pare para pensar, Frannie. Somos nós. Sua mãe vai compreender como foi tola uma vez que pare o tempo para pensar.

- Isso foi o que lhe disse - respondeu ela, veemente-. Quer dizer, pelo amor de Deus. Pode imaginar isso?

Ele podia, em realidade, o que sempre tinha sido um problema.

- É algo muito inconcebível - resmungou ela, passeando-pelo quarto. - Como se eu... -Se voltou e fez um gesto para ele, agitando as mãos-. Como se você...

- Se deteve, plantou-as mãos nos quadris e depois ao que parecia compreendeu que não podia estar quieta, porque reatou o passeio-. Como lhe pode ocorrer semelhante coisa?

- Acho que nunca a tinha visto tão zangada - comentou ele.

Parou em seco e o olhou como se fosse um imbecil. Com duas cabeças.

E talvez com uma cauda.

- De verdade, deveria procurar se acalmar -disse.

E o disse sabendo que suas palavras teriam o efeito contrário. Segundo sua experiência, nada chateia mais a uma mulher que lhe diga que se acalme, em especial a uma mulher como Francesca.

- Me acalmar? - repetiu ela, voltando-se para ele como se estivesse possuida por todo um espectro de fúrias-. Me acalmar? Bom Deus, Michael, ainda tem febre?

-Não, não tenho febre - respondeu ele, tranqüilamente.

- Entendeu o que lhe disse?

- Bastante bem - disse ele, da maneira mais amável com que pode falar um homem a quem acabam de lhe atacar sua masculinidade.

- É de loucos -continuou ela-. Simplesmente de loucos. Quer dizer, olhe-se.

Bom, em realidade bem poderia agarrar uma faca e lhe cortar suas partes.

- Sabe, Francesca? - disse, com estudada mansidão-, há muitas mulheres em Londres que estariam bastante contentes por estar... como foi que disse?, atadas em um romance comigo.

Ela fechou bruscamente a boca, que lhe tinha ficado aberta depois da última argumentação.

Ele arqueou as sobrancelhas e voltou a reclinar-se nos almofadões.

-Algumas o chamariam privilégio - acrescentou.

Ela o olhou indignada.

- Algumas mulheres - continuou ele, sabendo muito bem que não devia atormentá-la com esse assunto-, poderiam inclusive encetar-se em um combate a murros só pela oportunidade de...

- Basta! Céu santo, Michael, essa visão tão inflada de suas proezas não é atraente.

- Disseram-me que é merecida - respondeu ele, com um lânguido sorriso.

Ela ficou de um vermelho subido.

E ele desfrutou bastante vendo-a assim. Podia amá-la, mas detestava o que fazia, e não tinha o coração tão magnânimo que não sentisse de tanto em tanto um pouco de satisfação ao vê-la tão atormentada.

Ao fim e ao cabo, isso só era uma fração do que sentia ele dia após dia.

- Não tenho o menor desejo de saber nada sobre suas proezas amorosas - disse ela secamente.

- É curioso, costumava me perguntar a respeito delas todo o tempo. - Guardou silêncio, observando como se encolhia-. Como era o que me pedia sempre?

- Não...

- Me conte algo iníquo - disse, em um tom que indicava que acabava de recordá-lo, quando jamais tinha esquecido nada do que lhe dizia-. Conta me algo iníquo - repetiu, mais lento-. Isso era. Você gostava bastante quando eu agia mau. Sempre tinha curiosidade por saber de minhas proezas.

- Isso era antes...

- Antes do que, Francesca?

Ela guardou um estranho silêncio e ao fim disse:

- Antes disto. Antes de agora, antes de tudo.

- E eu devo entendê-lo?

Ela respondeu olhando-o indignada.

- Muito bem. Suponho que devo me preparar para a visita de sua mãe. Isso deveria ser um grande problema.

Ela o olhou duvidosa.

- Mas tem um aspecto horroroso.

- Já sabia eu que tinha um motivo para querê-la tanto -disse ele, irônico-. Estando com você não é preciso preocupar-se com cair no pecado da vaidade.

- Michael, fique sério.

- Infelizmente, estou assim.

Ela o olhou zangada.

- Agora posso me levantar sozinho, e lhe expor partes de meu corpo que imagino preferiria não ver, ou pode partir e esperar minha gloriosa presença abaixo.

Ela saiu correndo.

E isso o deixou perplexo. A Francesca que conhecia não fugia de nada.

Nem tampouco teria partido sem fazer pelo menos a tentativa de dizer a última palavra.

Mas o que mais lhe custava acreditar era que o tivesse deixado sair impune depois de ter-se qualificado de glorioso.

Afinal Francesca não teve que suportar a visita de sua mãe. Não tinham passado vinte minutos depois de sua saída do dormitório do Michael quando chegou uma nota de Violet lhe informando de que acabava de chegar Colin a Londres, de volta de sua viagem de meses pelo Mediterrâneo, e teria que deixar a visita para depois. E nesse mesmo dia pela tarde, tal como predissera ela o dia que começou o ataque do Michael, chegaram Janet e Helen, o que eliminou a preocupação de Violet a respeito de que ela estivesse sozinha na casa com o Michael, sem acompanhantes.

As mães, como as chamavam Francesca e Michael desde há tempo, mostraram-se encantadas pela inesperada volta do Michael, mas ào primeiro olhar a seu semblante abatido pela enfermidade, virtualmente se jogaram sobre ele lhe fazendo manifestações de sua preocupação, tanto que ele se viu obrigado a chamar Francesca a um à parte para lhe suplicar que não o deixasse sozinho com nenhuma das duas damas. Em realidade, foi uma sorte que tivessem chegado justamente quando ele tinha passado um desses dias intermitentes em que se encontrava relativamente são, por isso Francesca teve tempo para lhes explicar em privado a natureza da enfermidade. Portanto, quando viram a malária em toda sua horrível gloria, já estavam preparadas.

Além disso, a diferença de Francesca, aceitaram com mais facilidade, não, em realidade, exigiram, que se guardasse em segredo a enfermidade. Era quase impossível imaginar-se que as daminhas solteiras de Londres não considerassem um excelente partido a um conde rico e bonito, mas a malária nunca foi um fator favorável para um homem que procura esposa.

E se havia algo que Janet e Helen estavam resolvidas a conseguir antes de que terminasse o ano, era ver o Michael diante de uma igreja e seu anel firmemente posto no dedo de uma nova condessa.

Francesca se sentia muito aliviada por poder simplesmente sentar-se a contemplar e escutar às mães arengando-o para que se casasse. Pelo menos isso lhes desviava a atenção dela. Não sabia como reagiriam ante seus próprios planos de matrimônio; sim, imaginava que se sentiriam felizes por ela, mas o último que precisava era outras duas mães casamenteiras tentando casá-la com todos os pobres e patéticos solteiros que pululavam no mercado do matrimônio.

Céu santo, já teria bastante suportando a sua própria mãe, que certamente não ia conseguir resistir a tentação de entremeter-se uma vez que ela deixasse clara sua intenção de encontrar marido esse ano.

Assim as coisas, Francesca se mudou novamente à casa Kilmartin e os Stirling formaram ali um pequeno grupo familiar unido como em um casulo, pois Michael continuava declinando todos os convites, prometendo sair a suas atividades sociais uma vez que estivesse bem instalado e organizado em sua casa depois de sua tão longa ausência. As três damas saíam de tanto em tanto a eventos sociais, e embora Francesca já supunha que lhe fariam perguntas sobre o novo conde, não estava realmente preparada para a quantidade e freqüência de tais perguntas.

Ao que parecia todas as mulheres estavam loucas pelo Alegre Libertino, e sobre tudo agora, que estava envolto em tanto mistério. Ah, e o condado herdado, é claro; não deveria se esquecer disso; nem as cem mil libras que acompanhavam ao título.

Pensando nisso, Francesca moveu a cabeça de lado a lado. Em realidade, nem sequer a senhora Radeliffe poderia ter ideado um herói mais perfeito. A casa ia se converter em um manicômio quando ele se recuperasse.

E então, de repente, recuperou-se.

Embora enfim, tinha que reconhecer Francesca, em realidade a recuperação não foi tão de repente; os episódios de febre tinham ido diminuindo paulatinamente em gravidade e duração. Mas dava a impressão de que um dia estava abatido e pálido e ao seguinte já era um homem são e vigoroso, passeando-se pela casa impaciente por sair à luz do sol.

- O quinino - explicou Michael quando lhe comentou essa mudança de aparência durante o café da manhã-. Tomaria essa porcaria seis vezes ao dia se não tivesse esse sabor tão condenadamente horroroso.

- Cuide de sua linguagem, Michael, por favor - murmurou sua mãe, enterrando o garfo em uma salsicha.

- Provou o quinino, mãe?

- Não, claro que não.

- Prova-o, e então veremos como cuida sua linguagem.

Francesca riu cobrindo a boca com o guardanapo.

- Eu a provei - declarou Janet.

Todos os olhos se voltaram para ela.

- Sim? -perguntou Francesca.

Nem sequer ela atrevera-se a prová-lo; só o aroma a induzia a manter o frasco firmemente abafado com sua cortiça todo o tempo.

- Ah, pois sim -respondeu Janet-. Tinha curiosidade. É realmente asquerosa -disse a Helen.

- Pior que essa horrenda beberagem que nos fez beber a cozinheira o ano passado para o....? -Fez um gesto a Janet para dizer "já sabe a que me refiro".

- Muito pior -respondeu Janet.

- Diluiu-a? -perguntou Francesca.

Deveria dissolver o pó em água destilada, mas ela supunha que Janet simplesmente pôs um poquinho na língua.

- É claro, não é isso o que terá que fazer?

- Algumas pessoas preferem mesclá-la com genebra -disse Michael.

Helen estremeceu.

- Assim não pode ser pior que só -comentou Janet.

- De qualquer modo - disse Helen-, se alguém for misturar com licor, pelo menos poderia escolher um bom uísque.

- E danificar o uísque? -atravessou Michael, servindo-se de algumas colheradas de ovos mexidos em seu prato.

- Não pode ser tão mau - disse Helen.

- É sim -disseram Michael e Janet ao uníssono.

- É verdade - acrescentou Janet-. Não imagino danificar um bom uísque dessa maneira. A genebra já servirá.

- Provou a genebra? -perguntou-lhe Francesca.

Ao fim e ao cabo a genebra não se considerava um licor apropriado para a classe alta, e muito menos para mulheres.

- Uma ou duas vezes -respondeu Janet.

- E eu que achava que sabia tudo de você -murmurou Francesca.

- Tenho meus segredos -respondeu Janet, com ar satisfeito.

- Esta é uma conversa muito estranha para o café da manhã -comentou Helen.

- Muito certo - concordou Janet. voltou-se para olhar seu sobrinho-. Michael, estou muito contente de vê-lo em pé, ativo e com um aspecto tão bom e saudável.

Ele inclinou a cabeça, lhe agradecendo o elogio.

Ela limpou delicadamente as comissuras da boca com o guardanapo.

- Mas agora deve atender a suas responsabilidades de conde.

Ele emitiu um gemido.

- Não se irrite tanto. Ninguém o vai pendurar pelos polegares. A única coisa que ia dizer é que deve ir à alfaiate para que lhe faça roupa apropriada para sair de noite.

- Está certa de que não posso doar meus polegares melhor?

- São muito bonitos seus polegares -respondeu Janet-, mas acredito que servirão melhor a toda a humanidade aderidos a suas mãos.

Michael lhe segurou firmemente o olhar.

- Vejamos. Em meu programa para hoje, que é o primeiro dia que estou levantado, poderia acrescentar, tenho uma reunião com o primeiro-ministro para falar do assunto de meu assento no Parlamento, uma reunião com o advogado da família para falar do estado de nossas finanças, e uma entrevista com o administrador de nossa propriedade principal, que, conforme me disseram, veio a Londres com a

expressa finalidade de falar do estado das sete propriedades da família. Posso perguntar em que momento devo colocar uma visita à alfaiate?

As três damas o olharam mudas.

- Talvez tenho que informar ao primeiro-ministro que devo deixar para quinta-feira minha reunião com ele? -perguntou ele mansamente.

- Quando combinou todas essas entrevistas? -perguntou-lhe Francesca, bastante envergonhada de que essa diligência a tivesse surpreendido.

- Acha que passei estas duas semanas olhando o teto?

- Bom, não - respondeu ela, embora em realidade não sabia o que achava que tinha estado fazendo ele.

Lendo, teria suposto; isso era o que teria feito ela.

Como ninguém disse nada mais, Michael jogou atrás sua cadeira.

- Se me desculparem, senhoras -disse, deixando na mesa seu guardanapo-, acho que estabelecemos que me espera um dia muito ocupado.

Mas ainda não se levantou da cadeira quando Janet disse, tranqüilamente:

- Michael? O alfaiate.

Ele ficou imóvel.

Janet lhe sorriu docemente.

- Amanhã seria perfeitamente aceitável.

Francesca achou lhe ouvir chiar os dentes.

Janet se limitou a inclinar ligeiramente a cabeça.

- Necessita trajes de noite. Não sonhará, suponho, perder o baile de celebração do aniversário de lady Bridgerton.

Francesca se apressou a levar a boca um garfo com os ovos mexidos para que não visse seu sorriso. Janet era tremendamente ardilosa para manipular. A festa de aniversário de sua mãe era o único evento social ao que Michael se sentiria obrigado a assistir. Qualquer outro convite teria declinado sem lhe importar nada.

Mas declinar um convite de Violet?

Não, isso nunca.

- uando é? -suspirou ele.

- Em onze de abril -respondeu Francesca amavelmente-. Irá todo mundo.

- Todo mundo?

- Todos os Bridgerton.

A ele lhe alegrou visivelmente a expressão.

- E todos os outros - acrescentou ela, encolhendo os ombros.

Ele a olhou fixamente.

- Define "todos os outros".

Segurou-lhe o olhar.

- Pois, todo mundo.

Ele desmoronou no assento.

- Não vou ter uma pausa?

- Pois claro que sim -disse Helen-. Já a teve , em realidade. A semana passada. Chamamo-la malária.

- E tanta impaciência que tinha eu por recuperar a saúde.

- Não tema - lhe disse Janet-. Passará muito bem, não me cabe dúvida.

- E é possível que conheça uma bela dama - acrescentou Helen, amavelmente.

- Ah, sim -resmungou ele-, não seja que esqueçamos a verdadeira finalidade de minha vida.

- Não é uma finalidade tão terrível - disse Francesca, sem poder resistir a essa pequena oportunidade de fazer uma brincadeira.

- Ah, não? -perguntou ele, voltando a cabeça para ela.

Cravou o olhar em seus olhos com uma fixidez surpreendente, lhe produzindo a muito desagradável sensação de que talvez não deveria tê-lo provocado.

- Pois não -disse, pois já não podia retratar-se.

- E quais são suas finalidades? -perguntou-lhe ele, docemente.

Pela extremidade do olho, Francesca viu que Janet e Helen os estavam observando e ouvindo com ávida atenção, sem dissimular sua curiosidade.

- Ah, isto e aquilo - disse, agitando alegremente a mão-. No momento, simplesmente terminar meu café da manhã. Está delicioso, não lhe parece?

- Ovos mexidos com guarnição de mães intrometidas?

- Não esqueça mencionar a sua prima - disse ela, dando um pontapé sob a mesa logo que saíram essas palavras de sua boca.

Tudo na atitude de lhe gritava que não o provocasse, mas simplesmente não podia evitá-lo.

Eram poucas as coisas deste mundo que desfrutasse mais que provocar ao Michael Stirling, e esses momentos eram tão deliciosos que era incapaz de resistir.

- E como pensa pssar a temporada? -perguntou-lhe ele, inclinando ligeiramente a cabeça e com uma odiosa expressão de paciência.

- Imagino que começarei por ir à festa de aniversário de minha mãe.

- E o que vai fazer ali?

- Felicitá-la pelo aniversário.

- Nada mais?

- Bom, não lhe perguntarei quantos anos completa, se for a isso ao que se refere.

- Ah, não -exclamou Janet.

- Não fará isso -disse Helen ao mesmo tempo.

Então as três o olharam com expressões idênticas, de espera. lhe tocava falar, depois de tudo.

- Vou embora - disse, arranhando o chão com as pernas da cadeira ao levantar-se.

Francesca abriu a boca para dizer algo que o irritasse, já que isso era sempre o primeiro que desejava fazer quando ele estava nesse estado, mas não encontrou as palavras.

Michael tinha mudado.

Em realidade, não era que tivesse sido irresponsável antes. Simplesmente não tinha nenhuma responsabilidade. E a verdade era que nunca lhe tinha ocorrido pensar como as cumpriria quando voltasse para a Inglaterra.

- Michael - disse, e sua voz atraiu imediatamente a atenção a ele-, boa sorte com lorde Liverpool.

Ele captou seu olhar e ela viu relampejar algo em seus olhos. Uma insinuação de avaliação, ou inclusive de gratidão.

Ou talvez não fosse algo tão preciso. Talvez era simplesmente um momento de entendimento sem palavras.

O tipo de entendimento que tinha tido com John.

Engoliu em seco, desconfortável, ante essa repentina compreensão. Pegou a xícara de chá e a levou aos lábios com um movimento lento, controlado, como se pudesse estender o domínio de seu corpo a sua mente.

O que acabava de ocorrer?

Ele era simplesmente Michael, não?

Só seu amigo, só seu confidente de muito tempo.

Não era isso somente?

Não?

Capítulo 10

Somente rabiscos e pontos que ficaram marcados no papel com o tamborilar da pena.

Da condessa do Kilmartin, duas semanas depois de receber a terceira carta do conde do Kilmartin.

- Está aqui?

- Não.

- Aqui?

- Tem certeza?

- Totalmente.

- Mas virá?

- Disse que viria.

- Ah, mas a que hora vai vir?

- Isso não sei.

- Não?

- Não.

- Ah, muito bem. Bom Ah, olhe! Aí vejo minha filha. Encantada de vê-la, Francesca.

Francesca reviriou os olhos, gesto de afetação que não fazia nunca, a não ser que fosse uma circunstância tão molesta que o exigisse, e ficou olhando afastar-se à senhora Featherington, uma das piores fofoqueiras da alta sociedade, em direção a sua filha Felicity, que estava conversando amavelmente com um jovem bonito, embora sem título, na beira do salão de baile.

Teria achado divertida a conversa com a senhora Featherington se não tivesse sido a sétima, não, a oitava (não devia esquecer a sua mãe) vez que a submetiam a ela. E a conversa era sempre igual, inclusive com as mesmas palavras, com a única diferença de que nem todas a conheciam tão bem para falar com intimidade e tratá-la por seu nome de batismo .

Desde o momento em que Violet Bridgerton anunciou que o esquivo conde do Kilmartin faria seu reaparecimento em sociedade em sua festa de aniversário, bom, Francesca tinha estado totalmente certa de que não voltaria a estar a salvo de interrogatórios nunca mais, ao menos de qualquer pessoa que tivesse um tipo de relação de parentesco ou amizade com uma mulher solteira.

Michael era o melhor partido da temporada e já tinha monopolizado todo o interesse sem sequer ter feito ato de presença.

- Lady Kilmartin!

Levantou a vista. A condessa do Danbury vinha caminhando para ela. Nunca uma anciã mais arisca e franca que ela tinha honrado com sua presença os salões de baile de Londres, mas Francesca gostava dela, de modo que lhe sorriu enquanto se ia aproximando, observando de passagem que os convidados junto aos quais passava se afastavam precipitadamente.

- Lady Danbury - a saudou-, quanto me alegra vê-la aqui esta noite. Está passando bem?

Lady Danbury golpeou o chão com sua bengala sem nenhum motivo aparente.

- Estaria-o passando muitíssimo melhor se alguém me dissesse que idade tem sua mãe.

- Ah, eu não me atreveria.

- Psst. A que vem tanto segredo? Não é mais velha que eu.

- E que idade tem a senhora? -perguntou-lhe, em um tom tão doce como ardiloso era seu sorriso.

Lady Danbury enrugou o rosto em um sorriso.

- Je, je, é a lista, né? Não pense que lhe vou dizer isso.

- Então compreenderá que eu tenha essa mesma lealdade para minha mãe.

- Jumjum -grunhiu lady Danbury, golpeando novamente o chão com a bengala, para dar ênfase-. Para que dar uma festa de aniversário se ninguém souber o que se celebra?

- O milagre da vida e a longevidade?

Lady Danbury emitiu um grunido, e perguntou:

- E onde está esse seu novo conde?

Ah, sim que era franca.

- Não é meu conde.

- Bom, é mais seu que de ninguém.

Provavelmente isso era uma grande verdade, pensou Francesca, mas não o ia confirmar dizendo-lhe de modo que se limitou a dizer:

- Imagino que sua senhoria se ofenderia se se ouvisse chamar posse de qualquer que não ele seja mesmo.

- Sua senhoria, né? Esse é um trato muito formal, não lhe parece? Achei que eram amigos.

- Somos.

Mas isso não significava tratá-lo por seu nome de batismo em público. Certamente não lhe convinha dar pé a nenhum rumor, pois precisava manter respeitável sua reputação se quisesse encontrar um marido.

- Era o mais íntimo amigo e confidente de meu marido - acrescentou, intencionalmente -. Eram como irmãos.

Lady Danbury pareceu decepcionada por essa insípida descrição de sua relação com o Michael, mas simplesmente franziu os lábios e olhou ao redor.

- Esta festa necessita de animação - resmungou, voltando a golpear o chão com a bengala.

- Procure não dizer isso a minha mãe - disse Francesca.

Violet tinha passado semanas organizando essa festa, e de verdade ninguém poderia lhe encontrar um defeito. A iluminação era suave e romântica, a música, perfeição pura, e inclusive a comida era boa, não pequena façanha em um baile de Londres. Ela já comera dois dos deliciosos docinhos com nata e chocolate, e tinha estado ideando a maneira de voltar dissimuladamente à mesa de refrescos para procurar outro sem parecer uma absoluta glutona.

Mas claro, no caminho a tinham detido várias senhoras para interrogá-la.

- Ah, isso não é culpa de sua mãe - disse lady Danbury-. Ela não é a culpado da superabundância de aborrecidos em nossa sociedade. Bom Deus, gerou-os e criou aos oito, e não há nenhum idiota entre vocês. - Olhou-a séria-. Isso é um cumprimento, por certo.

- Comoveu-me.

Lady Danbury fechou a boca e apertou os lábios formando uma linha terrivelmente séria.

- Vou ter que fazer algo -disse.

- Com respeito a que?

- À festa.

Francesca sentiu uma sensação horrível no estômago. Nunca tinha sabido que a anciã tivesse quebrado uma festa a ninguém, mas era muito inteligente e capaz de fazer bastante dano se se propunha.

- O que pensa fazer? -perguntou-lhe.

- Ah, não me olhe como se estivesse a ponto de matar a seu gato.

- Não tenho gato.

- Bom, eu sim, e lhe asseguro que me enfureceria como um demônio se alguém tentasse lhe fazer mal.

- Lady Danbury, a que se refere, pelo amor de Deus?

- Ah, não sei - disse a anciã, agitando a mão, irritada-. Pode estar segura de que se soubesse, já teria feito algo. Mas não vou armar uma cena na festa de sua mãe. - Levantou bruscamente o queixo e olhou a Francesca, soprando pelo nariz em gesto desdenhoso-. Como se eu fosse fazer algo para ferir os sentimentos de sua querida mãe.

Isso não tranqüilizou muito a Francesca.

- Bom, faça o que fizer, por favor tome cuidado.

- Francesca Stirling -disse lady Danbury, sorrindo irônica-, está preocupada comigo?

- Pela senhora não tenho a menor preocupação -replicou Francesca, descaradamente -, é pelo resto de nós que tremo.

Lady Danbury emitiu um cacarejo de risada.

- Bem dito, lady Kilmartin. Acredito que merece um descanso. De mim - acrescentou, se por acaso Francesca não o tinha captado.

- A senhora é meu descanso -resmungou Francesca.

Mas lady Danbury estava contemplando a multidão e foi evidente que não a tinha ouvido, porque disse em tom resoluto:

- Acho que vou chatear seu irmão.

- A qual? - perguntou Francesca, embora sem preocupar-se, pois qualquer deles merecia um pouco de tortura.

- A esse. -Apontou para o Colin-. Não acaba de voltar da Grécia?

- Do Chipre, em realidade.

- Grécia, Chipre, tudo é igual para mim.

- Para eles não, imagino.

- Para quem? Para os gregos, quer dizer?

- Ou para os cipriotas.

- Psst. Bom, se um deles decide apresentar-se aqui esta noite, pode sentir-se livre para explicar as diferenças. Enquanto isso eu me derrubarei em minha ignorância.

- Dito isso, Lady Danbury golpeou o chão com a bengala uma última vez e em seguida se virou para o Colin e gritou-: Senhor Bridgerton!

Francesca observou divertida que seu irmão fazia todo o possível por simular que não tinha ouvido a anciã. Agradava-lhe bastante que lady Danbury tivesse decidido torturar um pouco ao Colin, sem dúvida o merecia, mas ao encontrar-se novamente sozinha, caiu na conta de que lady Danbury lhe tinha servido de muito eficaz defesa contra a multidão de mães casamenteiras que a consideravam sua única conexão com Michael.

Bom Deus, já via três aproximando-se.

Era o momento de escapar. Imediatamente. Girando sobre seus calcanhares, pôs-se a andar para sua irmã Eloise, que era fácil de distinguir por seu vestido verde vivo.

Na verdade, preferiria passar junto à Eloise e sair pela porta, mas se quisesse tomar a sério o assunto de seu matrimônio, tinha que circular e fazer saber que estava no mercado em busca de outro marido.

Embora o mais certo era que a ninguém importava se andava procurando marido ou não enquanto não aparecesse Michael. Poderia anunciar que pensava partir a África negra para fazer-se canibal, e o único que lhe perguntariam seria: "Vai acompanhá-la o conde?"

- Boa noite! -disse, ao chegar ao pequeno grupo.

Todas eram da família. Eloise estava conversando com suas duas cunhadas: Kate e Sophie.

- Ah, olá, Francesca -saudou Eloise-. Onde está...?

- Não comece.

- O que lhe passa? -perguntou Sophie, olhando-a preocupada.

- Se uma só pessoa mais me perguntar por Michael, juro que me vai explodir a cabeça.

- Isso mudaria o tenor da festa, sem dúvida - comentou Kate.

- E não falamos do trabalho do pessoal para limpar - acrescentou Sophie.

Francesca resmungou.

- Bom, onde está? - perguntou Eloise-. E não me olhe como se...

- Fosse matar seu gato?

- Não tenho gato. De que demônios fala?

Francesca deu um suspiro.

- Não sei. Disse que viria.

- Se for preparado, é provável que permaneça escondido no vestíbulo -apontou Sophie.

- Bom Deus, é possível que tenha razão - disse Francesca, imaginando o passando por fora do salão e instalando-se no salão para fumar.

Quer dizer, longe de todas as mulheres.

- É cedo ainda - disse Kate amavelmente.

- Não me parece cedo - grunhiu Francesca-. Tomara já tivesse chegado, para que a gente deixe de me perguntar por ele.

Eloise pôs-se a rir, endomoniada renegada que era.

- Ai, minha pobre Francesca, como se engana - disse-, uma vez que chegue farão o dobro de perguntas. Simplesmente vão trocar o "Onde está?" por "nos Conte mais".

- Acredito que Eloise tem razão -disse Kate.

- Vamos, por Deus - gemeu Francesca, procurando uma parede para apoiar-se.

- Blasfemaste? - comentou Sophie, pestanejando surpreendida.

Francesca voltou a suspirar.

- Parece que o faço muito ultimamente.

Sophie a olhou afetuosa e de repente exclamou:

- Usa um vestido azul!

Francesca olhou o vestido de noite novo. Em realidade se sentia muito agradada por levá-lo, mesmo que ninguém se fixara nele, além de Sophie. Esse matiz de azul era um de seus favoritos, escuro mas sem chegar a azul marinho. O vestido era elegantemente simples, com o decote debruado por uma fina franja de seda azul mais claro. sentia-se como uma princesa, ou se não como uma princesa, ao menos não como uma viúva intocável.

- Deixou o luto, então? -perguntou Sophie.

- Bom, já faz uns anos que tirei o luto - balbuciou Francesca.

Agora que por fim se despojou dos vestidos cinzas e lavanda, sentia-se idiota por haver-se obstinado a eles tanto tempo.

- Sabíamos que estava recuperada - disse Sophie-, mas continuava usando cores do meio luto e bom, não tem importância. Simplesmente estou encantada de vê-la vestida de azul.

- Significa isso que vai considerar a possibilidade de se voltar a casar? - perguntou Kate-. Passaram quatro anos.

Francesca não pôde evitar um mau gesto. Típico de Kate ir diretamente ao ponto. Mas se quisesse ter êxito em seus planos não devia mantê-los em segredo eternamente, assim se limitou a responder:

- Sim.

As outras três ficaram caladas um momento e de repente, lógicamente, todas falaram ao mesmo tempo, felicitando-a, lhe dando conselhos e dizendo outras tantas tolices que ela de maneira nenhuma desejava ouvir. Mas tudo o diziam com as melhores intenções e o maior carinho, assim simplesmente sorria, assentia e agradecia seus bons desejos.

- Teremos que organizar isto, é claro - disse Kate de repente.

Francesca a olhou horrorizada.

- O que quer dizer?

- Seu vestido azul é uma excelente proclamação de suas intenções - explicou Kate-, mas seriamente acha que os homens de Londres são tão perspicazes para captá-lo?

De maneira nenhuma - respondeu ela mesma-. Eu poderia tingir de negro o cabelo de Sophie, e a maioria deles não notaria.

- Bom, Benedict o notaria -observou Sophie lealmente.

- Sim, claro, mas ele é seu marido e, além disso, é pintor. Está preparado para notar essas coisas. Mas a maioria dos homens… - Se interrompeu, ao parecer irritada pelo giro que tinha tomado a conversa-. Entende o que quero dizer, não é?

- É claro -respondeu Francesca.

- A realidade - continuou Kate- é que a maior parte da humanidade tem mais corto que miolos. Se quiser que a gente se dê conta de que está no mercado do matrimônio, tem que deixar isso muito claro. Ou melhor dizendo, nós devemos deixar muito claro.

Francesca teve horríveis visões, imaginando suas parentas perseguindo homens até que os pobres saíam correndo e gritando em busca de uma porta.

- O que é exatamente o que querem fazer? - perguntou.

- Vamos, pelo amor de Deus, não vomite o jantar.

- Kate! -exclamou Sophie.

- Bom, tem que reconhecer que parecia a ponto de vomitar.

Sophie revirou os olhos.

- Bom, sim, mas não tinha por que comentá-lo.

- Me encantou o comentário - atravessou Eloise amavelmente.

Francesca lhe arrojou um dardo com o olhar, pois sentia a necessidade de olhar mal a alguém, e sempre era mais fácil fazer isso com uma irmã.

- Seremos as professoras do tato e a discrição - disse Kate.

- Confie em nós - acrescentou Eloise.

- Bom, está claro que não as posso impedir disso - disse Francesca.

Observou que nem sequer Sophie a contradizia.

- Muito bem - disse-. Vou agarrar um último docinho com nata e chocolate.

- Acho que já não resta nenhum - disse Sophie, olhando-a compassiva.

A Francesca lhe caiu a alma ao chão.

- E as bolachas de chocolate?

- Também desapareceram.

- O que resta?

- Bolo de amêndoas.

- Esse que tinha sabor de pó?

- Esse - respondeu Eloise-. Foi a única sobremesa que a mãe nunca provou. Avisei, é claro, mas a mim nunca ninguém faz conta.

Francesca se sentiu totalmente desanimada. Era tão patética que, a única coisa que a havia sustentado era a promessa de um doce.

- Anime-se, Frannie - disse Eloise, levantando um pouco o queixo e olhando ao redor-. Vejo Michael.

Pois sim, aí estava, do outro lado do salão, pecaminosamente elegante com seu traje negro de gala. Estava rodeado de mulheres, o que não a surpreendeu absolutamente. A metade eram do tipo interessado em conquistá-lo para marido, fosse para elas ou para suas filhas.

A outra metade, observou, eram jovens e casadas, e estava claro que o que lhes interessava era outra coisa totalmente diferente.

- Tinha esquecido como é bonito - murmurou Kate.

Francesca a olhou indignada.

- Está muito bronzeado - acrescentou Sophie.

- Esteve na Índia - disse Francesca-. Claro que está bronzeado.

- Parece que está de mau gênio esta noite - atravessou Eloise. Francesca se apressou a arrumar a expressão de seu rosto, com sua máscara de impassível indiferença.

- Simplesmente estou farta de que me perguntem por ele. Ele não é meu assunto favorito de conversa.

- Hão renhido? -perguntou-lhe Sophie.

- Não, não - respondeu Francesca, compreendendo tardiamente que tinha dado uma impressão errônea-. Mas não tenho feito outra coisa que falar dele toda a noite.

Neste momento estaria encantada de falar do tempo.

- Mmmm.

- Sim.

- Ah, sim, claro.

Francesca não soube qual das três disse esse último, e então caiu na conta de que as quatro estavam olhando ao Michael com seu bando de mulheres.

- Sim é bonito - disse Sophie, suspirando-. Todo esse delicioso cabelo negro.

- Sophie! - exclamou Francesca.

- Bom, é que é bonito - disse Sophie, na defensiva-. E não disse nada a Kate quando fez o mesmo comentário.

- As duas estão casadas - resmungou Francesca.

- Isso quer dizer que eu posso fazer comentários sobre sua beleza? -perguntou Eloise-. Solteirona que sou.

Francesca olhou a sua irmã incrédula.

- Michael é o último homem da Terra com o que desejaria se casar.

- E isso por que?

Isso o perguntou Sophie, mas Francesca observou que Eloise estava muito interessada na resposta.

- Porque é um libertino terrível -disse.

- É curioso - murmurou Eloise-. Ficou furiosa quando Hyacinth disse isso mesmo faz duas semanas.

Típico de Eloise recordar tudo.

- Hyacinth não sabia do que falava. Nunca sabe. Além disso, estávamos falando de sua pontualidade, não de quão conveniente é para casar-se com ele.

- E o que o faz tão inconveniente? -perguntou Eloise.

Francesca olhou muito séria a sua irmã mais velha. Eloise estava louca de pedra se achava que devia tentar conquistar Michael.

- Bem?

- Não poderia ser fiel a uma mulher - explicou-, e duvido que estivesse disposta a aceitar infidelidades.

- Não, a menos que ele esteja disposto a aceitar graves lese corporais.

As quatro damas ficaram caladas e continuaram sua desavergonhada contemplação do Michael e suas acompanhantes. Ele se inclinou a dizer algo ao ouvido a uma das damas, e a tal dama se ruborizou e riu dissimuladamente cobrindo-a boca com uma mão.

- É um sedutor - disse Kate.

- Tem um certo ar - confirmou Sophie-. Essas mulheres não têm a menor possibilidade.

Então sorriu a uma de suas acompanhantes, com um sorriso preguiçoso, encantador, que fez suspirar inclusive às mulheres Bridgerton.

- Não temos algo melhor que fazer que contemplar ao Michael? - perguntou Francesca, chateada.

Kate, Sophie e Eloise se olharam entre elas, pestanejando.

- Não.

- Não.

- Acredito que não - concluiu Kate-. Não neste momento, em todo caso.

- Deveria ir falar com ele - disse Eloise a Francesca lhe dando uma cotovelada.

- Por que?

- Porque está aqui.

- Também estão aqui outros cem homens - replicou Francesca-, com todos os quais me casaria.

- Eu só vejo três a quem consideraria a possibilidade de prometer obediência - resmungou Eloise-, e nem sequer estou segura disso.

- Seja como for - disse Francesca, não disposta a dar a razão ao Eloise-, minha finalidade aqui é encontrar um marido, assim não vejo como me beneficiaria me pôr a dançar ao redor do Michael.

- E eu que achava que estava aqui para desejar um feliz aniversário a nossa mãe.

Francesca a olhou furiosa. Ela e Eloise eram as mais próximas em idade de todos os irmãos Bridgerton: tinham exatamente um ano de diferença.

Ela daria sua vida por Eloise, logicamente, e não havia no mundo nenhuma mulher que soubesse mais de seus segredos e pensamentos que sua irmã, mas a metade do tempo poderia estrangulá-la alegremente.

Incluído esse momento. Especialmente esse.

- Eloise tem razão - disse Sophie então-. Deveria ir saudar o Michael. Isso é o educado e cortês, tendo em conta sua longa estadia no estrangeiro.

- Estivemos vivendo na mesma casa mais de uma semana - replicou Francesca-. Já nos saudamos suficiente.

- Sim, mas não em público - insistiu Sophie-, e não na casa de sua família. Se não for falar com ele, todos comentarão amanhã. Pensarão que há inimizade entre vocês. Ou pior ainda, que não o aceita como o novo conde.

- Mas claro que o aceito. E até no caso de que não o aceitasse, o que importaria? Não havia nenhuma dúvida na linha de sucessão.

- Deve demonstrar a todo mundo que o tem em alta estima - disse Sophie. Então a olhou interrogante-. A não ser que não o tenha, claro.

- Não, sim que o tenho - respondeu Francesca, exalando um suspiro.

Sophie tinha razão. Sophie sempre tinha razão tratando-se de assuntos de cortesia e cánones sociais. Devia ir saudar o Michael. Ele merecia boas-vindas públicas e oficiais em Londres, por ridículo que achasse ela, depois de passar duas semanas cuidando das das febres da malária. Simplesmente não tinha nenhuma graça ter que abrir passagem pela multidão de suas admiradoras.

Sempre lhe tinha divertido a reputação do Michael; talvez porque se sentia alheia a ela, ou inclusive por cima de todo isso. Sempre tinha sido uma brincadeira entre eles três: ela, John e Michael, e ele nunca tomou a sério a nenhuma das mulheres, e portanto ela tampouco.

Mas nesse momento não o estava observando desde sua cômoda posição de feliz senhora casada. E Michael já não era somente o Alegre Libertino, o ocioso bom para nada que mantinha sua posição na sociedade graças a seu engenho e encanto.

Agora era conde e ela era viúva, e de repente se sentia pequena e impotente.

Isso não era culpa dela, lógicamente. Isso sabia, sabia tão bem como... bom, tão bem como sabia que ele seria o horroroso marido de alguém algum dia. Mas nesse momento, saber isso não lhe servia muito para aplacar de todo sua ira, estando ele com esse bando de mulheres ao redor rindo como mocinhas tolas.

- Francesca, quer que a acompanhe uma de nós? - perguntou-lhe Sophie.

- O que? Ah, não, não, não é necessário - respondeu ela, endireitando-se, envergonhada de que suas irmãs a tivessem surpreendido na lua-. Sou capaz de me ocupar do Michael - disse firmemente.

Avançou dois passos em sua direção e se voltou para as outras três.

- Depois de me ocupar de mim mesma - disse.

Em seguida deu meia volta e se dirigiu à sala de asseio e roucador de senhoras. Se tinha que sorrir e ser educada em meio de tantas bobas que rodeavam Michael, iria bem fazê-lo sem estar saltando de um pé a outro.

Mas conseguiu ouvir Eloise dizer em voz baixa: "Covarde".

Teve que recorrer a toda sua força de vontade para não virar-se e cravar sua irmã com uma réplica mordaz.

Bom, além de que temia que Eloise tivesse razão.

E a humilhava pensar que poderia ter-se convertido em uma covarde por Michael, justamente.

Capítulo 11

Michel escreveu-me, três vezes em realidade. Ainda não lhe respondi. Sentiria-se decepcionado por mim, estou certa. Mas não posso...

De uma carta da condessa do Kilmartin a seu defunto marido, dez meses depois da marcha do Michael à a Índia, amassada e atirada ao fogo depois de resmungar: "Isto é uma loucura"

Michael tinha visto Francesca no instante mesmo em que entrou no salão de baile; estava no outro extremo do salão conversando com suas irmãs, e levava um usava azul e um penteado novo.

E também a viu no instante em que saiu pela porta da parede noroeste, e supôs que ia à sala de asseio e toucador de senhoras, porque sabia que estava nesse corredor.

O pior de tudo era que estava certo de que também saberia o momento em que retornaria ao salão, mesmo que estivesse conversando com umas doze damas, todas as quais achavam que ele tinha toda sua atenção posta em seu pequeno grupo.

Isso era como uma enfermidade nele, um sexto sentido. Não podia estar na mesma sala ou aposento com Francesca sem saber onde estava. Isso lhe ocorria desde o momento em que se se conheceram, e a única coisa que fazia isso suportável era que ela não tinha nem idéia.

Isso era uma das coisas que mais gostava da Índia. Que ela não estava e que nunca tinha que estar consciente de sua presença. Mas de qualquer modo o acossava. De vez em quando via alguém de cabelo castanho que refletia a luz das velas igual ao dela e por uma fração de segundo lhe parecia que era o dela. Ficava sem fôlego e a buscava, até sabendo que não estava ali.

Era um inferno, e normalmente lhe bastava beber algum licor forte. Ou passar a noite com sua última conquista.

Ou ambas as coisas.

Mas isso já tinha acabado; estava de volta a Londres, e o surpreendia como lhe era fácil adotar seu antigo papel de encantador indolente e despreocupado. Não era muito o que tinha mudado a cidade; ah, sim, alguns rostos tinham mudado, mas em seu conjunto, a alta sociedade estava igual a sempre. A festa de lady Bridgerton era tal como a tinha imaginado, embora tinha que reconhecer que o assombrava bastante a imensa curiosidade que tinha despertado seu reaparecimento em Londres.

Ao que parecia , o Alegre Libertino se transformara no elegante Conde, e antes do primeiro quarto de hora de sua chegada já o tinham abordado nada menos que oito, não nove (não devia esquecer à própria lady Bridgerton) senhoras da sociedade, impacientes por conquistar seu favor e, logicamente, lhe apresentar a suas formosas filhas solteiras e sem compromisso.

Não sabia se isso era divertido ou um inferno.

Divertido, decidiu, no momento ao menos. Na próxima semana não duvidava de que seria um inferno.

Depois de outros quinze minutos de apresentações e mais apresentações, e uma proposta ligeiramente velada (felizmente de uma viúva e não de uma das debutantes nem de suas mães), declarou sua intenção de ir procurar a sua anfitriã, e apresentou suas desculpas ao grupo.

E então aí estava ela. Francesca. Ele estava a meio salão de distância, o que significava que teria que abrir passagem em meio da multidão se desejasse falar com ela. Estava pasmosamente bela com seu vestido azul escuro, e percebeu que com tudo o que ela tinha falado de comprar um guarda-roupa novo, essa era a primeira vez que a via vestida com uma cor que não fosse do meio luto.

Então o golpeou a compreensão, outra vez. Tirou o luto. Voltaria a casar-se. Riria, paqueraria, vestiria de azul e encontraria um marido.

E provavelmente tudo isso ocorreria no espaço de um mês. Uma vez que deixasse clara sua intenção de voltar a casar, os homens começariam a lhe jogar abaixo a porta. Como poderia alguém não desejar casar-se com ela? Já não gozava da juventude das outras mulheres que andavam procurando marido, mas possuía algo do que as mocinhas debutantes careciam: faísca, vivacidade, um brilho de inteligência nos olhos que se somava a sua beleza.

Continuava sozinha na soleira da porta, percebeu. Era pasmoso que ninguém se fixara que estava ali, de modo que decidiu encarar a multidão e abrir passagem até ela.

Mas Francesca o viu antes de que chegasse até ela, e mesmo que não sorrisse, lhe curvaram levemente os lábios, cintilaram-lhe os olhos ao reconhecê-lo, e quando pôs-se a andar para ele, ficou retido o fôlego.

Isso não tinha por que o surpreender, mas o surpreendeu. Cada vez que pensava que sabia tudo dela, que sem querer tinha memorizado todos seus detalhes, algo vibrava e mudava dentro dela, e ele sentia que tudo começava de novo.

Nunca escaparia dessa mulher. Jamais escaparia dela, e jamais poderia tê-la. Mesmo que já não existisse John, isso era impossível, simplesmente incorreto. Era muitíssimo o que teria que levar em conta. Tinham ocorrido muitas coisas, e ele não poderia jamais tirar a sensação de que em certo modo a tinha roubado.

Pior ainda, que tinha desejado que ocorresse tudo; que tinha desejado que morresse John e lhe deixasse livre o caminho, que tinha desejado o título, Francesca e todo o resto.

Foi avançando, avançando, e se encontrou com ela a meio caminho.

- Francesca - disse, com seu tom mais tranqüilo e agradável-, que alegria vê-la.

- E eu de ver você.

Então sorriu, mas foi como se estivesse divertida, e ele teve a inesperada sensação de que zaombava dele; mas não ganharia nada jogando -isso na cara; só lhe demonstraria quão sintonizado estava com todas suas expressões. Portanto, limitou-se a lhe perguntar:

- Está passando bem?

- É claro. E você?

- É claro.

Ela arqueou uma sobrancelha.

- Inclusive em seu atual estado de solidão?

- O que quer dizer?

Ela encolheu os ombros, despreocupadamente.

- A última vez que o vi, estava rodeado de mulheres.

- Se me viu, por que não foi me salvar?

- Salvá-lo? - disse ela, rindo-. Qualquer um percebia que estava passando muito bem.

- Sim?

- Vamos, Michael, por favor -disse ela, olhando-o intencionalmente -. Vive para paquerar e seduzir.

- Nessa ordem?

Ela encolheu os ombros.

- Por algo lhe chamam o Alegre Libertino.

Apertaram-lhe as mandíbulas como por vontade própria. Isso lhe doía, e o fato de que lhe doesse lhe doía mais ainda.

Escrutinou-lhe o rosto, com tanta atenção que sentiu desejos de retorcer-se de desconforto, e de repente sorriu.

- Você não gosta disso -disse por fim, quase sem fôlego ao compreender isso. - Ai, céus, você não gosta.

Dava a impressão de que tivesse recebido uma revelação de proporções bíblicas, mas ao ser todo a favor dele, a única coisa que pôde fazer foi franzir o cenho.

Então ela pôs-se a rir, o que o piorou tudo.

- Ah, caramba - disse, pondo a mão no estômago, atacada de riso. - Se sente como uma raposa em uma caçada, e você não gosta nada. Vamos, isto é simplesmente muito. Depois de todas as mulheres que caçou...

Entendia tudo pelo avesso, logicamente. Não se importava de maneira alguma que às senhoras da sociedade tivessem dado de chamá-lo o melhor partido da temporada e o perseguissem por causa disso. Esse era justamente o tipo de coisas que lhe era fácil considerar com humor.

Não se importava que o chamassem o Alegre Libertino. Não se importava que acreditassem um desprezível sedutor.

Mas quando Francesca dizia isso...

Era como se lhe arrojasse ácido.

E o pior era que só podia culpar-se a si mesmo. Tinha cultivado essa reputação durante anos, tinha passado horas e horas tentando e paquerando, assegurando-se de que Francesca o visse, para que nunca adivinhasse a verdade.

E talvez o tinha feito por si mesmo também, porque se era o Alegre Libertino, ao menos era algo. A alternativa era não ser outra coisa que um idiota patético, apaixonado sem esperanças pela mulher de outro homem. E, demônios, era bom ser o homem capaz de seduzir com um sorriso. Bem podia ter algo na vida em que pudesse ter êxito.

- Não pode dizer que não lhe adverti - disse , Francesca, com o aspecto de sentir-se muito contente consigo mesma.

- Não é desagradável rodear-se de mulheres formosas - disse ele, principalmente para irritá-la-. E é melhor quando isso se obtém sem nenhum esforço.

Deu resultado, porque ela esticou um pouco o rosto ao redor da boca.

- Não me cabe dúvida de que isso é mais que delicioso, mas deve tomar cuidado de não se ultrapassar - disse ela, secamente-. Estas não são suas mulheres habituais.

- Não sabia que tinha mulheres habituais.

- Sabe exatamente o que quero dizer, Michael. Outros poderiam chamá-lo um libertino total, mas eu o conheço melhor.

Ele quase riu. Ela achava que o conhecia muito bem, mas não sabia nada de nada. Jamais saberia toda a verdade.

- Ah, sim? -disse.

- Há quatro anos tinha suas normas - continuou ela-. Jamais seduzia a ninguém que fosse ficar irreparavelmente danificada por seus atos.

- E o que a faz pensar que vou começar agora?

- Ah, não acredito que vá fazer nada disso de propósito, mas antes nunca se relacionava com mocinhas que desejassem casar-se. Não existia nem sequer a possibilidade de que fosse cometer um deslize e desonrar por acaso uma delas.

A vaga irritação que tinha estado fervendo nele a fogo suave, começou a ferver com força.

- Quem acha que sou, Francesca? - perguntou-lhe, com todo o corpo tenso por algo que não conseguia compreender de todo. Detestava que ela pensasse isso dele; detestava-o.

- Michael...

- Seriamente me acredita tão lerdo que poderia arruinar a reputação de uma mocinha "por acaso"?

Ela entreabriu os lábios e se ligeiramente.

- Não lerdo, Michael, claro que não. Mas...

- Insensível, então -disse ele, entre dentes.

- Não, isso tampouco. Simplesmente penso...

- O que, Francesca? - perguntou ele, implacável-. O que pensa de mim?

- Penso que é o homem melhor que conheço - disse ela, docemente.

Maldição. Típico dela desarmar a um homem com uma só frase. Olhou-a, simplesmente a olhou, tratando de compreender o que tinha querido dizer com isso.

- Penso isso - disse ela, encolhendo os ombros-. Mas também penso que é tolo, e que é volúvel, e acredito que esta primavera vai romper mais corações do que eu poderei contar.

- Não é seu trabalho contá-los -disse ele, em voz baixa e dura.

- Não, não o é, verdade? - Olhou-o, e sorriu irônica-. Mas vou terminar contando-os de qualquer modo, não é?

- E isso por que?

Pareceu que ela não tinha resposta a isso, mas então, justo quando ele achava que não diria nada mais, ela sussurrou:

- Porque não serei capaz de me impedir isso

Passaram vários segundos, e continuaram aí, os dois dando as costas à parede, com todo o aspecto de estar simplesmente contemplando a festa. Finalmente Francesca rompeu o silêncio:

- Deveria dançar -disse.

Ele se virou para olhá-la.

- Com você?

- Sim, uma vez pelo menos. Mas também deveria dançar com alguma jovem atraente, com uma com quem poderia se casar.

Com alguém com quem poderia casar-se, pensou ele. Qualquer, menos ela.

- Isso indicaria à sociedade que pelo menos está receptivo à possibilidade de matrimônio - continuou ela. E ao ver que ele não fazia nenhum comentário, acrescentou:

- Não o está?

- Receptivo à idéia do matrimônio?

- Sim.

- Se você o diz - disse ele, em tom bastante frívolo.

Tinha que ser arrogante, desdenhoso; essa era a única maneira de ocultar a amargura que tomou conta dele.

- Felicity Featherington - disse Francesca, fazendo um gesto para uma jovem muito bonita que estava a umas dez jardas-. Seria uma excelente escolha. É muito sensata.

Não se apaixonaria por você.

Ele a olhou sardônico.

- Não permita Deus que eu encontre o amor.

Ela abriu a boca e arregalou os olhos.

- É isso o que deseja? Encontrar o amor?

Parecia encantada por essa perspectiva. Encantada de que ele pudesse encontrar à mulher perfeita.

E aí estava, reafirmada sua fé em um poder superior. Não podia ser que esses momentos de perfeita ironia chegassem por acaso.

- Michael? -disse ela.

Brilhavam-lhe os olhos, e estava claro que desejava algo para ele, algo maravilhoso e bom.

E o único que desejava ele era ficar a chiar.

- Não tenho nem idéia - disse, mordaz-. Nenhuma maldita idéia.

- Michael...

Parecia aflita, mas por uma vez, não se importou.

- Se me desculpa - disse em tom áspero-, acho que tenho que dançar com uma Featherington.

- Michael, o que lhe passa? O que disse?

- Nada. Absolutamente nada.

- Não seja assim.

Quando se voltou para ela sentiu passar algo por todo ele, uma espécie de insensibilidade que pareceu lhe pôr sua antiga máscara no rosto, permitiu-lhe lhe sorrir tranqüilamente e olhá-la com seu legendário olhar de pálpebras entreabertas. Voltava a ser o libertino, talvez não muito alegre, mas sim o sedutor cortês dos pés à cabeça.

- Como assim? - perguntou-lhe, esboçando um sorriso de inocência e condescendência combinadas-. Vou fazer justamente o que me pediu. Não me disse que dançasse com uma Featherington? Vou cumprir suas ordens ao pé da letra.

- Está zangado comigo.

- Não, não, claro que não - disse ele, mas os dois sabiam que sua voz soava muito simpática, muito amável-. Simplesmente aceitei que você, Francesca, sabe mais que eu. E eu que estive escutando a minha mente e a minha consciência todo este tempo, e para que? Sabe Deus onde estaria se te lhe feito caso faz anos.

Ela soltou um suave suspiro e retrocedeu.

- Tenho que ir -disse.

- Vá, então.

Ela levantou um tanto o queixo.

- Há muitos homens aqui.

- Muitíssimos.

- Preciso encontrar um marido.

- Deveria -concordou ele.

Ela apertou os lábios e acrescentou:

- Poderia encontrar um esta noite.

Ele esteve a ponto de lhe sorrir zombador. Sempre tinha que dizer a última palavra.

- Poderia - disse, no instante mesmo em que captou que ela achava que tinha terminado a conversa.

Ela já se afastara o bastante, por isso não pôde lhe gritar uma última réplica. Mas a viu deter-se e esticar os ombros, e isso lhe disse que o tinha ouvido.

Apoiou-se na parede e sorriu. Um homem tem que dar-se esses simples prazeres onde e quando pode.

No dia seguinte Francesca se sentia francamente mal. E pior ainda, não conseguia sossegar um sentimento de culpa muito desconfortável, mesmo que tivesse sido Michael quem tinha falado de maneira tão insultante nessa noite passada.

Porque, de verdade, o que lhe havia dito ela para provocar uma reação tão cruel nele? E que direito tinha ele para comportar-se tão mal com ela?

A única coisa que tinha feito ela foi lhe expressar sua alegria pela possibilidade de que ele desejasse um matrimônio verdadeiro, por amor, em lugar de dedicar a vida a frívolas seduções.

Mas ao que parecia, enganara-se. Michael passou toda a noite, antes e depois da conversa entre eles, enfeitiçando a todas as mulheres da festa. Chegou até tal ponto que acreditou que ia adoecer.

Mas o pior de tudo foi que não conseguiu impedir de contar suas conquistas, tal como o predissera. "Uma, duas e três", murmurou quando o viu enfeitiçando a um trio de irmãs com seu sorriso. "Quatro, cinco, seis", continuou, quando passou a duas viúvas e uma condessa. Foi repugnante, e se sentia chateada consigo mesma por ter estado tão obcecada por isso.

E de vez em quando ele a olhava a ela. Simplesmente a olhava, com esse olhar zombador, com as pálpebras entreabertas, e não podia deixar de pensar que ele sabia o que estava fazendo, que passava de uma mulher a outra e a outra só para que ela pudesse seguir contando até chegar a seguinte dezena ou mais.

Por que lhe disse que ia contar? Como lhe ocorreu lhe dizer isso? No que estava pensando? Ou talvez não estivesse pensando? Essa parecia ser a única explicação. Não tinha tido a intenção de lhe dizer que não poderia impedir de contar os corações que ele deixaria quebrados. As palavras lhe saíram dos lábios antes de dar-se conta de que o estava pensando.

E inclusive nesse momento não sabia o que significava isso.

Por que se importava? Por que demônios lhe importava quantas mulheres caíam sob seu feitiço? Antes nunca lhe tinha importado.

E isso só ia piorar, além disso. As mulheres estavam loucas pelo Michael. Se se investissem as regras da sociedade, pensou, irônica, o salão da casa Kilmartin estaria a transbordar de flores, todas enviadas ao elegante Conde.

Ia ser horroroso. Nesse dia se amontoariam as visitas, disso estava certa. Todas as mulheres de Londres iriam visitá-la com a esperança de que Michael entrasse no salão. Teria que suportar infinitas perguntas, certas insinuações e...

- Santo céu! -Parou em seco e olhou o salão sem poder dar crédito a seus olhos-. O que é isto?

Flores. Flores por toda parte.

Era seu pesadelo feito realidade. Alguém tinha mudado as regras da sociedade e esquecido dizer-lhe.

Violetas, lírios, margaridas, tulipas importadas, orquídeas de estufa. E rosas. Rosas por toda parte. De todas as cores. O aroma era quase entristecedor.

- Priestley! - chamou, ao ver seu mordomo pondo sobre uma mesa um vaso alto com bocas de leão-. O que são todas estas flores?

Ele fez um último arranjo ao vaso , virando um caule para que a flor não ficasse para a parede e se voltou para olhá-la.

- São para a senhora, milady.

- Para mim?

- Sim. Quer ler os cartões? Deixei-os nos Ramos, para que veja quem os enviou.

- Ah.

Não lhe ocorreu o que dizer. sentia-se como uma idiota, com uma mão sobre a boca aberta, movendo a cabeça de um lado a outro, olhando todas as flores.

- Se quiser - continuou Priestley-, poderia tirar cada cartão e anotar atrás de que ramo o tirei. Assim poderia lê-los todos de uma vez. -Ao ver que ela não respondia nada, sugeriu-: Preferiria retirar-se a seu escritório? Terei muito gosto em lhe levar ali os cartões.

- Não, não - disse, sentindo-se terrivelmente inquieta por tudo isso. Era uma viúva, pelo amor de Deus. Os homens não deviam lhe enviar flores. A que não?

- Milady?

- Isto... -Endireitando as costas, voltou-se para Priestley, e se obrigou a pensar com clareza, ou pelo menos a tentar. - Acho que vou a..., né... lançar um olhar.

Escolheu o ramo que tinha mais perto, um delicado arranjo de jacintos nazarenos e jasmins da Madagascar, e leu o cartão. "Pálida comparação com seus olhos", dizia. Assinava-a o marquês do Chester.

- OH! -exclamou.

A mulher de lorde Chester tinha morrido fazia dois anos. Todo mundo sabia que andava procurando outra esposa.

Quase incapaz de conter a estranha sensação de vertigem que começava a apoderar-se dela, avançou para um ramo de rosas e tirou o cartão, esforçando-se por não parecer muito iludida diante do mordomo.

- Eu gostaria de saber de quem é este -disse, com estudada indiferença.

Um soneto. Do Shakespeare, se não recordava mau. Assinado pelo visconde Trevelstam.

Trevelstam? Tinha estado com ele uma só vez, quando os apresentaram. Era jovem, muito bonito, e se murmurava que seu pai tinha esbanjado a maior parte da fortuna da família. O novo visconde teria que casar-se com uma mulher rica. Ao menos isso diziam todos.

- Santo céu!

Francesca se virou e se encontrou ante Janet.

- O que é isto?

- Acho que essas foram exatamente minhas palavras quando entrei aqui - respondeu Francesca.

Passou-lhe os dois cartões e observou atentamente seu rosto enquanto Janet lia as linhas belamente escritas.

Com a morte do John Janet tinha perdido seu único filho. Como reagiria ao vê-la cortejada por outros homens?

- Caramba - disse Janet ao levantar a vista-. Parece que é a Incomparável da temporada.

- Vamos, não seja idiota - respondeu Francesca, ruborizando-se. Ruborizando-se? Bom Deus, mas o que lhe passava? Ela não se ruborizava. Nem sequer se ruborizou durante sua primeira temporada, quando de verdade foi uma Incomparável-. Estou muito velha para isso.

- Ao que parece não -disse Janet.

- Há mais no vestíbulo - disse Priestley.

- Viu todos os cartões? -perguntou Janet.

- Ainda não, mas imagino...

- Que são mais do mesmo?

Francesca assentiu.

- Você está aborrecida?

Janet sorriu tristemente, mas com seus olhos amáveis e sábios.

- Quereria que seguisse casada com meu filho? É claro. Desejo que passe o resto de sua vida casada com sua lembrança? É claro que não. -Agarrou-lhe uma mão-. É uma filha para mim, Francesca. Desejo que seja feliz.

- Nunca desonraria a lembrança do John - disse Francesca.

- Claro que não. Se fosse o tipo de mulher que faria isso, ele não se teria casado com você, para começar. Ou eu não o teria permitido -acrescentou com expressão brincalhona.

- Quero ter filhos -explicou Francesca.

Sentia a necessidade de explicá-lo, de obter que Janet entendesse que o que realmente desejava era ser mãe, não necessariamente uma esposa.

Janet assentiu e desviou o rosto, passando-as pontas dos dedos pelos olhos.

- Deveríamos ler o resto dos cartões - disse em tom enérgico, indicando assim queria mudar de assunto-, e talvez nos preparar para um turno de visitas esta tarde.

Francesca a seguiu e ficou a seu lado quando Janet escolheu um enorme arranjo de tulipas e tirou o cartão.

- Eu acho que as visitas vão ser de mulheres - disse Francesca-, para perguntar pelo Michael.

- É possível que tenha razão -respondeu Janet. Levantou o cartão-. Posso?

- É claro.

Depois de ler o cartão, Janet levantou a vista e disse:

- Cheshire.

Francesca abafou uma exclamação.

- O duque?

- O mesmo.

Francesca colocou a mão sobre o coração.

- Caramba -exclamou-. O duque do Cheshire.

- Está claro, querida minha, que é o melhor partido da temporada.

- Mas eu...

- Que diabos é isto?

Isso disse Michael, agarrando ao vôo um vaso que esteve a ponto de derrubar, e com o aspecto de estar muito aborrecido e irritado.

- Bom dia Michael -o saudou Janet alegremente.

Ele a saudou com uma inclinação da cabeça, e logo olhou a Francesca e grunhiu:

- Dá a impressão de estar a ponto de jurar lealdade a seu soberano senhor.

- E esse seria você, imagino - replicou ela, baixando rapidamente a mão ao flanco; não se tinha dado conta de que ainda a tinha sobre o coração.

- Se tiver sorte - resmungou ele.

Francesca se limitou a olhá-lo mau.

Ele sorriu zombador.

- E vamos abrir uma floricultura?

- Não, mas está claro que poderíamos -respondeu Janet-. São para Francesca -acrescentou amavelmente.

- Claro que são para Francesca -resmungou ele-, embora, bom Deus, não sei quem seria tão idiota para enviar rosas.

- Eu gosto das rosas -disse Francesca.

- Todos enviam rosas -disse ele, depreciativo-. São vulgares, debulhadas e... -indicou as do Trevelstam-, quem enviou essas?

- Trevelstam -respondeu Janet.

Ele emitiu um grunido e se virou a olhar para Francesca.

- Não irá casar com ele, não é?

- Provavelmente não, mas não vejo o que...
- Não tem nem dois xelins para esfregar.
- Como sabe? Inclusive não esta um mês aqui.
Michael encolheu os ombros.
- Estive em meu clube.
- Bom, pode ser que isso seja certo, mas não é sua culpa - rebateu Francesca.
Sentiu-se obrigada a dizê-lo. Não sentia uma tremenda lealdade para lorde Trevelstam, mas sempre tentava ser justa. Era de conhecimento público que o jovem visconde passara todo o ano tratando de reparar os danos que seu esbanjador pai tinha feito à fortuna da família.
- Não vai casar-se com ele e isso é concludente -declarou Michael.
Ela deveria haver-se sentido aborrecida por sua arrogância, mas, a verdade, sentia-se mais que nada divertida.
- Muito bem - disse, sorrindo-, escolherei a outro.
- Estupendo -grunhiu ele.
- Tem muitíssimos para escolher - atravessou Janet.
- Efetivamente - demarcou Michael, mordaz.
- Vou ter que ir procurar a Helen - disse Janet-. Não quererá perder isto.
- Não acredito que as flores vão sair voando pela janela antes de que se levante - disse Michael.
- Não, claro que não - respondeu Janet docemente, lhe dando um maternal tapinha no braço.
Francesca engoliu a risada. Michael detestava que lhe fizessem isso, e Janet sabia.
- Adora as flores - disse Janet-. Posso lhe levar um dos ramos a seu quarto?
- É claro -respondeu Francesca.
Janet estendeu as mãos para agarrar as rosas do Trevelstam, e de repente deteve o movimento.
- OH, não, será melhor que não. - virou-se para olhar Francesca e Michael-. Ele poderia vir e não nos convém que creia que desprezamos suas flores pondo-as no último canto da casa.
- Ah, claro, tem razão - murmurou Francesca.
- De qualqer modo, subirei para lhe contar isto - disse Janet, e saiu depressa em direção à escada.
Michael espirrou e ficou olhando um ramo de gladíolos particularmente inofensivos.
- Vamos ter que abrir uma janela -grunhiu.
- E nos congelar?
- Porei um casaco.
Francesca sorriu. Desejava sorrir.
- Está ciumento? - perguntou-lhe, travessa.
Ele se virou bruscamente e quase a derrubou com sua expressão de assombro.
- Não por mim -se apressou a dizer ela, quase ruborizando-se por essa idéia-. Não isso, caramba.
- Por que, então? - perguntou ele, em tom abrupto.
- Bom, só quero dizer... -Apontou às flores, clara exibição de sua repentina popularidade-. Bom, os dois temos mais ou menos o mesmo objetivo esta temporada, não?

Ele a olhou sem compreender.

- O matrimônio -explicou ela.

Bom Deus, estava especialmente obtuso essa manhã.

- E quer dizer...?

Ela soltou um suspiro de impaciência.

- Não sei se o tinha pensado, mas eu naturalmente supus que seria você o açoitado sem piedade. Nunca sonhei que eu... Bom...

- Surgiria como um prêmio que terá que ganhar?

Não era essa a maneira mais agradável de expressá-lo, pensou ela, mas não era totalmente inexato, de modo que disse:

- Bom, sim, suponho.

Ele esteve um momento em silêncio, mas olhando-a com uma expressão estranha, quase sarcástica, e depois disse, em voz baixa:

- Um homem teria que ser um idiota total para não desejar casar-se com você.

Francesca notou que sua boca formava um oval, pela surpresa.

- Ooh -falou, sem saber o que dizer-. Isso é... isso é... o mais simpático que poderia me haver dito neste momento.

Ele suspirou e passou a mão pelo cabelo. Ela decidiu não lhe dizer que deixara uma lista amarela de pólen no cabelo.

- Francesca -disse ele então, com expressão de sentir-se cansado, esgotado e algo mais. Arrependido? Não, isso era impossível. Michael não era o tipo de pessoa que se arrependesse de algo.

- Jamais lhe invejaria isto -continuou ele-. Deve... - limpou a garganta. - Deve ser feliz.

- Isto... -Esse era um momento muito estranho, sobre tudo depois da tensa conversa entre eles na noite anterior. Não sabia o que lhe dizer, o que lhe responder, portanto simplesmente mudou de assunto-. Já te chegará a hora.

Ele a olhou perplexo.

- Em realidade já chegou -continuou ela-. Ontem à noite. Assediaram-me mais admiradoras interessadas por sua mão que meus admiradores. Se as mulheres pudessem enviar flores, estaríamos totalmente inundados.

Ele sorriu, mas o sorriso não chegou aos olhos. Não parecia zangado mas vazio.

E lhe assombrou quão estranha era essa observação.

- Bem, falando de ontem à noite -disse ele, puxando a gravata-. Se te disse algo que lhe doeu...

Observou-lhe o rosto. Era-lhe tão querida, e a conhecia em todos seus detalhes. Ao que parecia, quatro anos não bastavam para apagar uma lembrança. Mas via algo diferente. Tinha mudado, mas não sabia no que.

E não sabia por que.

- Tudo está bem -lhe assegurou.

- De qualquer modo, perdoe, sinto muito-disse ele com voz rude.

Todo o resto do dia, Francesca não deixou de pensar se ele saberia a respeito do que lhe tinha pedido desculpas. E não conseguiu tirar a sensação de que ela tampouco sabia.

Capítulo 12

É bastante ridículo lhe escrever, mas suponho que depois de tantos meses no Oriente minha perspectiva sobre a morte e a vida depois da morte se transformou em algo que faria correr ao pároco MacLeish chiando pelas colinas. Tão longe da Inglaterra, é quase possível simular que ainda está vivo e pode receber esta carta, como recebia as muitas que lhe enviava da França. Mas então alguém me chama e me recorda que eu sou Kilmartin, e que você está em um lugar ao que não chega o Correio Real.

De uma carta do conde do Kilmartin a seu defunto primo, o conde anterior, um ano e dois meses depois de sua chegada à a Índia, escrita inteira e logo queimada lentamente na chama de uma vela.

Não era que gostasse de sentir-se como um imbecil, refletia Michael fazendo virar uma taça de conhaque sentado a uma mesa do salão de seu clube, mas parecia que ultimamente não podia evitar agir assim, ao menos quando estava com Francesca.

Na festa de aniversário de sua mãe ela tinha estado tão condenadamente feliz por ele, tão encantada de que tivesse pronunciado a palavra "amor" em sua presença, e só lhe tinha ladrado.

Porque sabia como funcionava a mente dela, e sabia que já estava pensando adiantado, tratando de lhe escolher a mulher perfeita, e a verdade era...

Bom, a verdade era tão patética que simplesmente não havia palavras para expressá-la.

Mas lhe pediu desculpas, e embora pudesse jurar e rejurar que não voltaria a comportar-se como um idiota, o mais certo era que tivesse que voltar a lhe pedir desculpas em algum momento do futuro próximo, e quase com toda segurança ela o atribuiria tudo a sua natureza estranha, por muito que tivesse sido um modelo de humor e equanimidade quando John estava vivo.

Bebeu todo o conhaque. Ao diabo contudo.

Bom, logo acabaria toda essa tolice. Ela encontraria um homem, casaria-se com ele e partiria da casa. Continuariam sendo amigos, logicamente. Francesca não era o tipo de pessoa que fosse permitir outra coisa, mas ele não a veria todos os dias na mesa do café da manhã. Nem sequer a veria com a freqüência que a via antes da morte do John. Seu marido não lhe permitiria passar muito tempo em sua companhia, por muito primos que fossem.

- Stirling! - gritou alguém, e a isso seguiu uma tossezinha que precedia ao Kilmartin, quero dizer, sinto muito.

Michael levantou a vista e viu sir Geoffrey Fowler, conhecido seu desde sua época de Cambridge.

- Não tem importância - disse, convidando-o a sentar-se na cadeira do outro lado da mesa.

- Esplêndido vê-lo - disse sir Geoffrey, sentando-se-. Espero que sua viagem a casa tenha sido tranqüila.

Estiveram uns minutos falando de trivialidades, até que sir Geoffrey foi ao ponto:

- Acho que lady Kilmartin anda procurando marido.

Michael se sentiu como se lhe tivessem dado um murro. Apesar da atroz exibição de flores em seu salão, continuava achando de mau gosto esse comentário saído da boca de um homem.

De um homem jovem, bastante bonito e claramente no mercado do matrimônio em busca de esposa.

- Eeh, sim -respondeu ao fim-. Acho que sim.

- Excelente - disse sir Geoffrey, esfregando-as mãos, espectador, o que produziu ao Michael um entristecedor desejo de lhe quebrar a cara.

- Será muito seletiva -disse, irritado.

Ao que parecia isso não importou nada a sir Geoffrey.

- Vai dotá-la?

- O que? -disparou Michael.

Bom Deus, agora ele era seu parente mais próximo, não? Igualmente teria que entregá-la nas bodas. Demônios.

- Sim? -insistiu sir Geoffrey.

- É claro.

Sir Geoffrey fez uma curta inspiração, encantado.

- Seu irmão ofereceu dotá-la também.

-Os Stirling nos ocuparemos dela -respondeu Michael, fríamente.

-Parece que os Bridgerton também -disse sir Geoffrey, encolhendo os ombros.

Michael notou que estava moendo os dentes, de tanto fazê-los chiar.

- Não se irrite tanto, homem -disse sir Geoffrey-. Com um duplo dote não demorará nada em tirar isso de cima. Com certeza estará impaciente por se liberar dela.

Michael inclinou a cabeça, tratando de calcular em que lado do nariz do homem conectaria melhor um murro.

- Deve ser uma carga para você - continuou o outro, alegremente-. Só a roupa deve custar uma fortuna.

Michael pensou quais seriam as conseqüências judiciais por estrangular a um cavalheiro do reino. Certamente não seriam nada com que não pudesse viver.

- E quando se casar - continuou sir Geoffrey, sem dar-se conta de que Michael estava flexionando os dedos e calculando a grossura de seu pescoço-, sua condessa não a vai querer na casa. Não pode haver duas galinhas ao mando em uma casa, não é?

- Verdade -respondeu Michael, entre dentes.

- Muito bem, então - disse sir Geoffrey, levantando se adorado de ter falado com você, Kilmartin. Devo ir. Tenho que dar a notícia ao Shively. Não é que queira competidores, logicamente, mas este assunto não se manterá em segredo muito tempo. Bem posso ser eu quem o diga.

Michael lhe dirigiu um olhar para congelá-lo, mas sir Geoffrey estava tão entusiasmado pela intriga que não se fixou.

Então Michael olhou sua taça. Muito bem, então. Apurou a taça. Condenação.

Fez um gesto ao garçom para que lhe trouxesse outra e se ajeitou na cadeira para ler o jornal que tinha pego ao entrar, mas antes de que pudesse ler os títulos, ouviu seu nome outra vez. Fez o esforço necessário para ocultar sua irritação e levantou a vista.

Trevelstam, o das rosas amarelas. Sentiu amassar o jornal entre suas mãos.

- Kilmartin -disse o visconde.

- Trevelstam - saudou Michael inclinando a cabeça. conheciam-se; não muito bem, mas o suficiente para poder entabular uma conversa amistosa. Assinalou a cadeira que acabava de desocupar sir Geoffrey-. Toma assento.

Trevelstam se sentou e deixou na mesa sua taça meio cheia.

- Como está? -perguntou-. Não o vi muito desde sua volta.

- Bastante bem -grunhiu Michael.

Bom, tomando em conta que se via obrigado a estar sentado com um bobo que desejava casar-se com o dote de Francesca, não, com seu duplo dote. Sim que se propagou rápido a intriga; provavelmente Trevelstam tinha ouvido sir Geoffrey.

Trevelstam era ligeiramente mais educado que sir Geoffrey; conseguiu falar de trivialidades durante três minutos inteiros, lhe perguntando por sua estadia na Índia, pela viagem de volta, etcétera, etcétera. Mas claro, finalmente chegou a seu verdadeiro propósito.

- Fui visitar lady Kilmartin esta tarde -disse.

- Sim? -murmurou Michael.

Não tinha voltado para casa desde que saiu essa manhã. A última coisa que desejava era estar presente durante o desfile de pretendentes de Francesca.

- Sim. É uma mulher encantadora.

- Sim -disse Michael, contente de que tivesse chegado sua taça de conhaque.

Imediatamente lhe acabou a alegria ao dar-se conta de que tinha chegado dois minutos antes e já a tinha bebido. Trevelstam limpou a garganta.

- Não me cabe dúvida de que sabe que tenho a intenção de cortejá-la.

Michael olhou sua taça para ver se por acaso ficavam algumas gotas.

- Sem dúvida agora sei - disse.

- Não sabia se informava a você ou a seu irmão de minhas intenções.

Michael sabia muito bem que Anthony Bridgerton, o irmão mais velho de Francesca, era muito capaz de eliminar aos pretendentes inconvenientes, mas de qualquer modo respondeu:

- Basta que me diga isso .

- Estupendo, estupendo - murmurou Trevelstam-. Eu...

- Trevelstam! -gritou uma voz retumbante-. E Kilmartin também!

Era o alto e gorducho lorde Hardwick, que embora não estava bêbado ainda, tampouco estava como se diz, sóbrio.

- Hardwick -saudaram os dois ao uníssono.

Hardwick agarrou uma cadeira e a levou arrastando pelo chão até encontrar um lugar perto da mesa, e se sentou.

- Alegra-me vê-los, alegra-me vê-los - grunhiu-. Uma noite importante, não lhes parece? Muito excelente, muito excelente, com efeito.

Michael não tinha nem idéia do que falava, mas assentiu de qualquer modo; isso era melhor que lhe perguntar o que queria dizer. Carecia absolutamente da paciência para escutar uma explicação.

- Thistleswaite está aí animando as apostas pelos cães da rainha e, ah!, inteirei-me também do de lady Kilmartin. Excelente a conversa esta noite. Detesto quando tudo está em silêncio aqui.

- E como foi aos cães da rainha? -perguntou Michael.

- Tirou o luto, tenho entendido.

- Os cães?

- Não! Lady Kilmartin! - exclamou Hardwick, rindo-. Je, je, je. Muito bom esse, Kilmartin.

Michael fez um gesto ao garçom para que lhe trouxesse outra taça. Ia necessitá-la.

- Estava de azul a outra noite - continuou Hardwick-. Todo mundo a viu.

- Estava muito formosa - acrescentou Trevelstam.

- Com efeito, com efeito - disse Hardwick-. Eu iria atrás se não estivesse já amarrado a lady Hardwick.

Os pequenos favores e tudo isso, pensou Michael.

- Quanto tempo levou luto pelo velho conde? -perguntou Hardwick-. Seis anos?

Michael achou bastante ofensivo o comentário, pois o "velho" conde só tinha vinte e oito anos no momento de sua morte, mas não viu nenhum sentido tentar mudar o mau julgamento e o mau comportamento do Hardwick nessa última fase de sua vida; a julgar por sua gordura e tamanho, estava claro que cairia morto em qualquer momento. Nesse mesmo momento, em realidade, se tinha sorte.

Olhou-o. Continuava vivo.

Maldição.

- Quatro anos -disse-. Meu primo morreu há quatro anos.

- Quatro, seis, que seja - disse Hardwick, encolhendo os ombros-. De qualquer maneira é muito tempo para enegrecer as janelas.

- Acho que levou meio luto durante um tempo - atravessou Trevelstam.

- Né? Sim? - Hardwick bebeu um bom gole de seu licor, e limpou ruidosamente a boca com o lenço. Isso dá igual para o resto de nós, se o pensar. Não procurou marido até agora.

- Não - disse Michael, principalmente porque Hardwick fechou a boca uns segundos.

- Os homens vão atrás como abelhas ao mel - predisse Hardwick, arrastando tanto o lha que parecia que a palavra tinha quatro lhas. - Como abelhas ao mel, digo-lhes.

Todo mundo sabe que estava consagrada ao velho conde. Todos.

Trouxeram- a taça ao Michael. Graças a Deus.

- E não houve nem o mais leve sopro de escândalo aderido a seu nome desde que ele morreu - acrescentou Hardwick.

- Eu diria que não - disse Trevelstam.

- Não como algumas viúvas que vemos por aí - continuou Hardwick, bebendo outro gole. Se riu lascivamente e deu uma cotovelada ao Michael-. Se sabe o que quero dizer.

Michael se limitou a beber.

- É como... - Hardwick se inclinou, e lhe penderam as faces ao fazer-se mais luxuriosa sua expressão-. É como...

- Pelo amor de Deus, homem, solta-o -resmungou Michael.

- Né?

Michael o olhou carrancudo.

- Direi-lhe como é - disse Hardwick, sorrindo malicioso-. É como ter uma virgem que sabe o que fazer.

Michael o olhou fixamente.

- O que disse? - perguntou, em tom muito tranqüilo.

- Eu em seu lugar não o repetiria - se apressou a dizer Trevelstam, jogando um temeroso olhar ao sombrio rosto do Michael.

- Né? Não é um insulto - grunhiu Hardwick, bebendo o resto de sua taça-. Esteve casada, assim sabemos que não está intacta, mas não foi e...

- Basta -grunhiu Michael.

- Né? Todo mundo o diz.

- Não em minha presença - grunhiu Michael-, se valorizarem sua saúde.

- Bom, isso é melhor que dizer que não é como uma virgem - riu Hardwick-. Se souber o que quero dizer.

Michael se jotou sobre ele.

- Bom Deus, homem! - uivou Hardwick, caindo de costas ao chão-. Que diabos lhe passa?

Michael não soube como chegaram suas mãos a rodear o pescoço do Hardwick, mas notou que gostava de tê-las aí.

- Jamais volte a pronunciar seu nome -vaiou-. Jamais, entende?

Hardwick assentiu energicamente, desesperado, mas o movimento lhe cortou ainda mais a entrada de ar, e começaram a ficar lhe vermenlhas as faces.

Michael o soltou, endireitou-se e esfregou as mãos, para limpá-las da sujeira.

- Não permitirei que se fale dessa maneira tão desrespeitosa de lady Kilmartin - disse entre dentes-. Está claro?

Hardwick assentiu. E também assentiram um bom número de olheiros que se agruparam aí.

- Estupendo -grunhiu Michael, decidindo que era um bom momento para sair dali.

Francesca já estaria na cama quando chegasse a casa. Ou estaria fora. Algo ia bem desde que não tivesse que vê-la.

Dirigiu-se à saída, mas enquanto se dirigia ao vestíbulo, voltou a ouvir pronunciar seu nome. virou-se, pensando quem poderia ser o idiota que se atrevia a importuná-lo encontrando-se ele neste estado.

Era Colin Bridgerton, o irmão de Francesca. Condenação.

- Kilmartin - disse Colin, com seu belo rosto decorada por seu habitual meio sorriso.

- Bridgerton.

- Isso foi um espetáculo - comentou Colin, fazendo um leve gesto para a mesa que estava derrubada.

Michael guardou silêncio. Colin Bridgerton sempre o intimidava. Os dois tinham o mesmo tipo de reputação, a de libertino "a quem diabos lhe importa". Mas enquanto Colin era o menino favorito das mães da sociedade, que arrulhavam elogiando seu encantador comportamento, a ele sempre o tinham tratado com mais cautela (ao menos antes de que entrasse em posse do título).

Mas desde há tempo ele suspeitava que havia bastante substância sob a superfície sempre jovial do Colin; talvez isso se devia a que em muitos sentidos eram parecidos, mas ele sempre temera que se alguém fosse capaz de perceber seus sentimentos por Francesca, seria esse irmão.

- Estava bebendo uma taça muito tranqüilo quando ouvi a comoção - disse Colin, convidando-o com um gesto a entrar em um salão privado-. Me acompanhe um momento.

Michael não desejava outra coisa que partir correndo do clube, mas Colin era irmão de Francesca, o que os fazia parentes em certo modo e exigia pelo menos um simulacro de amabilidade. portanto apertou os dentes e entrou no salão, com toda a intenção de beber uma taça e partir antes de dez minutos.

- Está agradável a noite, não lhe parece? - disse Colin quando Michael já aparentava sentir-se confortável. - Além do Hardwick e tudo isso. É um imbecil.

Michael se limitou a assentir, tratando de não fixar-se em que o irmão de Francesca o estava observando como fazia sempre, com seu agudo olhar encoberto por um ar de encantadora inocência. E mais ainda, pensou Michael amargamente, tinha levemente inclinada a cabeça, como se estivesse procurando um ângulo para lhe olhar melhor a alma.

- Maldição - resmungou em voz baixa e puxou o cordão para chamar um garçom.

- O que acontece? -perguntou Colin.

Michael se voltou lentamente para olhá-lo no rosto.

- Quer outra taça? -perguntou-lhe, com a voz mais clara que pôde, pois teve que fazê-la sair no meio dos dentes apertados.

- Acho que sim -respondeu Colin, muito amigável e animado.

Claro que isso não enganou absolutamente ao Michael: só era uma fachada.

- Tem algum plano para o resto da noite? -perguntou então Colin.

- Não.

- Eu tampouco, por casualidade.

Maldição. Outra vez. era muito desejar uma maldita hora de solidão?

- Obrigado por defender a honra de Francesca - disse Colin, tranqüilamente.

O primeiro impulso do Michael foi grunhir que não havia nenhum motivo para lhe agradecer, pois lhe correspondia defender a honra de Francesca tanto como a qualquer Bridgerton; mas os olhos verdes do Colin pareciam especialmente penetrantes essa noite, de modo que simplesmente assentiu.

- Sua irmã merece que a tratem com respeito - disse por fim, procurando que a voz lhe saísse tranqüilo e casual.

- É claro -disse Colin, inclinando a cabeça.

Chegaram as bebidas. Michael resistiu ao desejo de beber de um gole, mas sim bebeu um longo, para que lhe queimasse a garganta.

Colin, em troca, bebeu apenas um gole, deu um suspiro de satisfação e se reclinou em sua poltrona.

- Excelente uísque -disse, com muito sentimento-. É o melhor da Grã-Bretanha, em realidade. Ou uma das melhores coisas. Não se pode conseguir nada parecido no Chipre.

Michael se limitou a responder com um grunhido; isso foi o único que lhe pareceu necessário.

Colin bebeu outro gole e esteve um momento saboreando-o.

- Aahh -exclamou, deixando o copo na mesa-. Quase tão bom como uma mulher.

Michael voltou a grunhir e levou o copo aos lábios.

- Deveria se casar com ela, sabe? - disse Colin então.

Michael quase se engasgou.

- Perdão, o que disse?

- Case-se com ela - respondeu Colin, encolhendo os ombros-. Acho que é algo muito simples.

Era muito supor que Colin se referisse a outra que não fosse Francesca, mas de qualquer modo, desesperado, Michael experimentou, dizendo no tom mais glacial que pôde:

- A quem se refere, se posso perguntar?

Colin arqueou as sobrancelhas.

- Seriamente temos que jogar a isto?

- Não posso me casar com Francesca - soltou Michael.

- Por que não?

- Porque... - Se interrompeu. Eram centenas os motivos que lhe impediam de casar-se com Francesca, e de nenhum deles podia falar em voz alta, assim se limitou a dizer: - Estava casada com meu primo.

- A última vez que li as leis e normas a respeito, não havia nada ilegal nisso.

Não, mas seria absolutamente imoral. Desejava e amava a Francesca desde fazia tanto tempo que lhe parecia uma eternidade, e quando John ainda estava vivo. Tinha enganado a seu primo da maneira mais ruim possível; não podia agravar a traição lhe roubando a sua mulher.

Isso completaria o horrível círculo que o tinha levado a ser o conde do Kilmartin, título que não deveria ter sido seu jamais. Nada disso deveria ser dele.

E à exceção dessas malditas botas que ordenou ao Reivers guardar em um roupeiro, Francesca era a única coisa que ficava do John que não tinha feito dele.

A morte do John lhe tinha dado uma fabulosa riqueza; tinha-lhe dado poder, prestígio e o título de conde.

Se desse Francesca também, como poderia aferrar-se ao fio de esperança de que não tinha desejado alguma vez, nem sequer em sonhos, que ocorresse todo isso?

Como poderia viver consigo mesmo então?

- Tem que casar-se com alguém -disse Colin.

Michael levantou a cabeça, consciente de que estava a um tempo imerso em seus pensamentos, e de que Colin o tinha estado observando todo esse tempo. Encolheu os ombros, tratando de fingir um ar desdenhoso, despreocupado, embora estava quase certo de que não conseguiria enganar ao homem que o estava observando.

- Fará o que desejar -disse-. Sempre o faz.

- Poderia casar-se precipitadamente - murmurou Colin-. Deseja ter filhos antes de fazer-se velha.

- Não é velha.

- Não, mas talvez ela acredita que o é. Também poderia pensar que outros a considerarão velha. Ao fim e ao cabo não concebeu com seu primo. Bom, não com êxito.

Michael teve que agarrar a borda da mesa para não levantar-se. Poderia ter ao Shakespeare a seu lado, lhe servindo de intérprete, e nem ainda assim conseguiria explicar por que lhe enfurecia tanto esse comentário do Colin.

- Se se precipitar ao escolher - acrescentou Colin, com a maior naturalidade-, poderia escolher a um homem que seria cruel com ela.

- Francesca? - disse Michael, depreciativo.

Talvez outra mulher seria tão tola, mas não sua Francesca.

Colin encolheu os ombros.

- Poderia ocorrer -disse.

- Até no caso de que ocorresse - replicou Michael-, ela não continuaria nesse matrimônio.

- Que opções teria?

- Estamos falando de "Francesca" -disse Michael.

E isso devia explicar tudo.

- Suponho que tem razão - concordou Colin, bebendo outro gole de seu uísque-. Sempre encontraria refúgio com os Bridgerton. Nós não a obrigaríamos jamais a voltar com um marido cruel. -Deixou seu copo na mesa e se reclinou em sua poltrona-. Em todo caso, não tem sentido falar disto, não é?

Michael detectou algo estranho no tom do Colin, algo oculto e irritante. Levantou bruscamente a vista, sem poder resistir ao desejo de lhe escrutinar o rosto, se por acaso adivinhava o que se propunha.

- E isso por que? -perguntou.

Colin bebeu outro gole. Michael observou que o volume do licor no copo virtualmente não baixava.

Depois Colin esteve um momento fazendo virar o copo, até que levantou a vista e fixou o olhar em seu rosto, com uma expressão que a qualquer pareceria insípida, embora em seus olhos havia algo que fez que Michael desejasse revolver-se no assento. Seus penetrantes olhos pareciam perfurá-lo e, embora eram de uma cor distinta aos de Francesca, tinham exatamente a mesma forma.

Era quase horripilante.

- Que por que não tem sentido falá-lo? - murmurou Colin pensativo-. Bom, porque está muito claro que não deseja se casar com ela.

Michael abriu a boca para fazer uma rápida réplica, e se apressou a fechá-la ao dar-se conta, não sem uma tremenda comoção, que tinha estado a ponto de dizer "Sim que o desejo".

E o desejava.

Desejava casar-se com Francesca.

Simplesmente não poderia viver com sua consciência se o fizesse.

- Sente-se mau? -perguntou-lhe Colin.

Michael o olhou surpreso.

- Estou muito bem, por que?

Colin inclinou ligeiramente a cabeça.

- Não sei, por um momento me pareceu que estava... - Negou com a cabeça-. Não, nada.

- Que Bridgerton? -perguntou Michael, quase ladrando.

- Surpreso. Pareceu-me que estava surpreso. Achei-o bastante estranho.

Deus santo, um momento mais com o Colin Bridgerton e esse maldito bode traria a luz todos seus segredos. Jogou atrás a poltrona.

- Tenho que ir -disse bruscamente.

- Ah, muito bem - disse Colin, com tanta afabilidade como se tivessem estado falando de cavalos e do tempo.

Michael se levantou e inclinou secamente a cabeça. Não era uma despedida muito cálida, tendo em conta que em certo modo eram parentes, mas foi a única coisa que conseguiu fazer, dadas as circunstâncias.

- Pense no que lhe disse - insistiu Colin, quando ele já estava na porta.

Lhe escapou um risinho áspero quando abriu a porta e saiu ao vestíbulo. Como se fosse a ser capaz de pensar em outra coisa.

Todo o resto de sua vida.

Capítulo 13

Tudo vai bem em casa, tudo é agradável, e Kilmartin prospera com a esmerada administração de Francesca. Ela continua lamentando a morte do John, mas claro, todos sentimos o mesmo, como o sente você, sem dúvida. Poderia ver a possibilidade de escrever diretamente a ela. Sei que sente falta de você. Eu lhe transmito as histórias que me conta, mas estou certa de que a ela relataria de maneira diferente de como as relata a sua mãe.

De uma carta da Helen Stirling a seu filho, o conde do Kilmartin, dois anos depois de sua marcha à a Índia.

O resto da semana transcorreu no meio do tremendamente fastidioso desfile de uma multidão de ramos de flores e caramelos, aos quais vieram a somar-se poemas recitados em voz alta na escadaria da porta principal, que Michael recordava estremecendo-se de consternação.

Pelo visto, Francesca estava deixando pequenas a todas as mocinhas debutantes de rosto viçoso. Não se podia dizer que cada dia se duplicasse o número de homens que rivalizavam por sua mão, embora isso era o que parecia a ele, que vivia tropeçando-se com algum pretendente apaixonado no vestíbulo.

Era para ficar a vomitar, preferivelmente em cima do pretendente.

Claro que ele tinha suas admiradoras também, mas como não era socialmente aceitável que uma dama visitasse um cavalheiro, ele se encontrava com elas quando ia bem e não quando elas decidiam apresentar-se em sua casa sem anunciar-se e sem outro motivo aparente que o de comparar seus olhos com...

Bom, com o que fosse que se pudessem comparar uns olhos do cinza mais comum. Essa era uma analogia estúpida, em todo caso, embora se tinha visto obrigado a escutar a mais de um homem cantando os louvores dos olhos de Francesca.

Bom Deus, nenhum deles tinha uma só idéia original na cabeça? Todos, todos, faziam referência a seus olhos; pelo menos algum deles poderia compará-los com algo diferente do mar ou o céu.

Bufou de aborrecimento. Qualquer um que tomasse tempo para olhar os olhos de Francesca compreenderia que tinham sua própria cor.

Como se o céu pudesse comparar-se com eles.

Além disso, o que o fazia ainda mais difícil suportar o nauseabundo desfile de pretendentes de Francesca era sua total incapacidade para deixar de pensar na recente conversa com seu irmão.

Casar-se com Francesca? Jamais se tinha permitido nem sequer pensar em algo assim.

Mas agora a idéia o atazanava com um ardor e uma intensidade que o fazia cambalear.

Matrimônio com Francesca. Bom Deus, tudo, tudo, seria incorreto.

Mas o desejava angustiosamente.

Era um inferno olhá-la, um inferno falar com ela, um inferno viver na mesma casa. Tinha-lhe sido difícil antes, amar sabendo que nunca poderia ser sua, mas isso...

Isso era cem vezes pior.

E Colin sabia.

Tinha que sabê-lo. Por que, se não, tinha-lhe sugerido o matrimônio?

Todos esses anos tinha conseguido conservar a prudência por um só motivo, só um: ninguém sabia que estava apaixonado por Francesca.

Mas agora Colin sabia, ou ao menos o suspeitava, condenação, e não conseguia acalmar essa crescente sensação de terror que lhe oprimia o peito.

Colin sabia, e teria que fazer algo a respeito.

Deus santo, E se Colin o disesse a Francesca?

Essa pergunta estava sempre em um primeiro plano de sua mente, inclusive nesse momento, quando estava no salão de baile dos Burwick, ligeiramente afastado do centro, quase uma semana depois desse muito importante encontro com Colin.

- Está muito formosa esta noite, não é? - disse a voz de sua mãe em seu ouvido.

Tinha esquecido simular que não estava olhando a Francesca. Virou-se e lhe fez uma ligeira inclinação da cabeça.

- Mãe.

- Verdade? -insistiu Helen.

- Sim - concordou imediatamente, para que ela acreditasse que só desejava ser cortês.

- O verde lhe fica muito bem.

Tudo assentava bem em Francesca, mas não lhe ia dizer isso a sua mãe, de modo que simplesmente assentiu e emitiu um murmúrio para manifestar seu acordo.

- Deveria dançar com ela - continuou Helen.

- Sim, com certeza dançarei com ela - disse ele, levando aos lábios a taça de champanha e bebendo um gole. O que desejava era atravessar o salão e tirar a de um só puxão desse molesto grupo de admiradores, mas não podia demonstrar essa emoção diante de sua mãe, assim concluiu-: depois de que tenha bebido minha taça.

Helen franziu os lábios.

- Então já terá enchido seu cartão de baile. Deveria ir agora.

Ele a olhou e lhe sorriu, com esse sorriso diabólicamente maroto destinado a lhe desviar a mente do que fosse aquilo em que a tinha fixado.

- Mas para que vou fazer isso se posso dançar com você? - disse, deixando sua taça em uma mesa próxima.

- É um malandro - disse ela, mas não protestou quando lhe agarrou a mão e a levou a pista de baile.

Sabia que teria que pagar isso no dia seguinte; já foram fechando o círculo ao redor dele as senhoras mais velhas para caçá-lo para suas filhas, e não havia nada que gostassem mais que um libertino que adorava a sua mãe.

A dança era bastante animada, por isso não permitia muita conversa. Entre giros e movimentos, reverências e vênias, não deixava de olhar a Francesca, que estava radiante com seu vestido cor esmeralda. Ao que parecia ninguém notava que a olhava, o que ia muito bem, mas quando a música chegou a seu crescendo final, viu-se obrigado a virar-se e ficou lhe dando as costas.

E quando voltou a virar-se para olhá-la, ela já não estava.

Franziu o cenho. Algo não ia bem. Poderia supor que ela tinha saído para ir ao toucador de senhoras, mas, como o patético idiota que era, tinha-a estado observando tão bem que sabia que não fazia nem vinte minutos que tinha ido ali.

Terminou a dança com sua mãe, acompanhou-a fora da pista e se despediu, e pôs-se a caminhar, fingindo despreocupação, para o lado norte do salão, onde tinha estado Francesca. Tinha que caminhar rápido, não fosse detê-lo alguém para conversar. Manteve os ouvidos atentos enquanto abria passagem por entre a multidão. Ao que parecia ninguém estava falando dela.

Quando chegou ao lugar onde a tinha visto, deu-se conta que havia portas envidraçadas, que supôs davam ao jardim de trás. Estavam fechadas e com as cortinas corridas, lógicamente; só era abril, e ainda não fazia tanto calor para deixar entrar o ar noturno, mesmo que trezentas pessoas estivessem esquentando o salão. Imediatamente sentiu desconfiança; tinha tentado muitas mulheres a sair ao jardim para não saber o que podia ocorrer na escuridão da noite.

Abriu a porta o justo, discretamente, para não chamar a atenção, e saiu com o maior sigilo. Se Francesca estava no jardim com um cavalheiro, a última coisa que desejava era que o seguisse um grupo de olheiros.

O ruído do salão parecia fazer vibrar as portas, mas ainda assim, fora estava tudo silencioso.

Então ouviu sua voz.

Pareceu-lhe que lhe fatiava as entranhas.

Parecia feliz, muito contente por estar em companhia de qual fosse o homem que a tinha tentado a sair à escuridão. Não conseguia distinguir as palavras, mas se notava que se estava rindo. Era um som musical, cristalino, que terminou em um murmúrio coquete para lhe rasgar a alma.

Voltou a pôr a mão na maçaneta da porta. Deveria partir. Ela não o quereria ali.

Mas ficou como se estivesse grudado no chão.

Jamais, nunca, tinha-a espiado quando estava com John. Nenhuma só vez tinha prestado atenção a uma conversa entre eles que não estivesse destinada a seus ouvidos. Se por acaso ouvia algo, imediatamente se afastava. Mas nesse momento, a coisa era diferente. Não sabia explicá-lo, mas era distinto, e não conseguiu obrigar-se a voltar para o salão.

Um minuto mais, prometeu-se. Só isso. Um minuto mais para assegurar-se de que ela não estava em uma situação perigosa, e...

- Não, não.

Era a voz dela.

Alertou mais os ouvidos e avançou uns passos em direção a sua voz. Não parecia molestada, mas havia dito não. Claro que poderia estar rindo de uma piada, ou talvez de uma corriqueiro fofoca.

- De verdade, devo... Não!

E isso bastou para que Michael avançasse.

Francesca era consciente de que não deveria ter saído ao jardim com sir Geoffrey Fowler, mas ele se mostrou muito educado e encantador e ela se sentia acalorada no abarrotado salão. Isso era algo que não teria feito jamais quando estava solteira, mas as viúvas não se atiam aos mesmos critérios; além disso, sir Geoffrey lhe havia dito que deixaria a porta entreaberta.

Tudo foi muito agradável os primeiros minutos. Sir Geoffrey o fazia rir e o fazia sentir-se formosa, e era quase doloroso compreender o muito que tinha sentido falta disso. Portanto ria e paquerava, dando-se permissão para entregar-se ao momento. Desejava voltar a sentir-se mulher, talvez não em todo o sentido da palavra, mas de qualquer modo, o que tinha de mau desfrutar da embriaguez de saber que era desejada?

Talvez o único que desejavam todos era seu maldito duplo dote, talvez desejavam aparentar-se com duas das famílias mais notáveis de Grã-Bretanha; ela era Bridgerton e Stirling além de tudo. Mas por uma bela noite se permitiria acreditar que tudo era por ela.

Mas então sir Geoffrey se aproximou mais. Ela teve que retroceder o mais discretamente que pôde, mas ele avançou um passo, logo outro e antes de dar-se conta se encontrou apoiada no largo tronco de uma árvore e enquanto ele a deixava encerrada aí apoiando as mãos no tronco, muito perto de sua cabeça.

- Sir Geoffrey - disse, tratando de continuar sendo amável enquanto pudesse-, acredito que houve um mal-entendido. Agora quero voltar ao salão -acrescentou, em tom amistoso, pois não queria provocá-lo a fazer algo que logo ela tivesse que lamentar.

Ele aproximou mais o rosto ao dela.

- Vamos, por que quereria isso? -sussurrou.

- Não, não - disse, tratando de agachar-se para sair dali-. Vão sentir minha falta.

Porretes, teria que lhe dar um pisão, ou pior ainda, reduzi-lo lhe golpeando da maneira que lhe ensinaram seus irmãos quando ainda era uma menina.

- Sir Geoffrey - disse, fazendo um último esforço de ser educada-, de verdade, devo...

E então lhe plantou a boca na sua, toda molhada, os lábios brandos, asquerosos.

- Não! -conseguiu gritar.

Mas estava resolvido a lhe esmagar a boca com os lábios. Girou a cabeça por volta de um e outro lado, mas ele era mais forte do que imaginara e não tinha a menor intenção de deixá-la escapar. Sem deixar de debater-se, conseguiu pôr a perna em posição para levantar o joelho e enterrar-lhe entre as virilhas, mas antes de que pudesse fazê-lo, sir Geoffrey simplesmente desapareceu.

- OH!

O som de surpresa lhe saiu sozinho dos lábios. Sentiu agitar o ar, como por uma rajada de movimentos; um ruído que parecia ser de punhos sobre um corpo e um muito sentido uivo de dor. Quando conseguiu fazer uma idéia do que ocorria, sir Geoffrey já estava estendido de costas no chão e um homem corpulento se achava meio inclinado sobre ele com uma bota firmemente plantada em seu peito.

- Michael? -perguntou, sem poder dar crédito a seus olhos.

- Diga-o -falou Michael, com uma voz que ela nem teria sonhado que ouviria sair de seus lábios-, e lhe esmagarei as costelas.

- Não! -apressou-se a dizer.

Não se teria sentido absolutamente culpada por lhe dar uma joelhada na virilha a sir Geoffrey, mas não queria que Michael o matasse. E a julgar pela expressão que via em seu rosto, estava certa de que o faria alegremente.

- Isso não é necessário - disse, correndo a seu lado. Então retrocedeu, ao ver o feroz brilho de seus olhos-. Né... talvez poderíamos simplesmente lhe pedir que vá embora?

Michael esteve um momento sem dizer nada, simplesmente olhando-a. Olhando-a fixamente, aos olhos, e com uma intensidade que quase lhe tirou a capacidade de respirar. Depois enterrou outro pouco a bota no peito de sir Geoffrey. Não com muita força, mas a suficiente para fazer gemer de dor ao homem.

- Tem certeza? -perguntou então, entre dentes.

- Sim, por favor, não há nenhuma necessidade de lhe fazer dano - respondeu ela. Céu santo, seria um pesadelo se alguém os surpreendia assim. Sua reputação ficaria manchada e o que diriam do Michael, que atacava assim a um muito respeitado barão-. Não deveria ter saído ao jardim com ele -acrescentou.

- Não, não devia sair -disse ele em tom duro-, mas isso não lhe dá permissão para a obrigar a aceitar suas atenções.

Então retirou a bota do peito do trêmulo sir Geoffrey e de um puxão o pôs de pé; agarrando-o pelas lapelas da jaqueta, esmagou-o contra a árvore e o aproximou até que estiveram nariz com nariz.

- É desagradável estar apanhado assim, não é? -disse-lhe.

Sir Geoffrey não respondeu, simplesmente o olhou, apavorado.

- Tem algo que dizer à dama?

Sir Geoffrey negou energicamente com a cabeça. Michael lhe golpeou a cabeça na árvore.

- Pensa melhor! -grunhiu.

- Sinto muito! -chiou o homem.

Como uma menina, pensou Francesca, objetivamente. Já sabia que não seria um bom marido, mas isso o confirmou.

Mas Michael não tinha acabado com ele.

- Se alguma vez se aproximar dez jardas de distância de lady Kilmartin, arrancarei-lhe pessoalmente as entranhas.

Inclusive Francesca se encolheu.

- Entendeu-me?

Sir Geoffrey emitiu outro chiado e deu a impressão de que poderia pôr-se a chorar de quão apavorado estava.

- Fora daqui -grunhiu Michael, lhe dando um forte empurrão-. E de passagem, arrume-se para se ausentar da cidade um mês ou mais.

Sir Geoffrey o olhou espantado.

Michael se manteve imóvel, perigosamente imóvel, e depois encolheu um ombro, insolente.

- Não lhe sentirão falta - disse em voz baixa.

Francesca percebeu que tinha o fôlego retido. Michael era aterrador, mas também magnífico, e lhe estremecia até o fundo da alma compreender que jamais o tinha visto assim.

Jamais tinha imaginado que ele poderia ser assim.

Sir Geoffrey pôs-se a correr pelo jardim de grama, em direção à porta de trás. E assim Francesca ficou a sós com ele, só e, pela primeira vez desde que o conhecia, sem saber o que dizer.

- Sinto muito - conseguiu dizer.

Ele se virou para olhá-la com uma ferocidade que quase a fez cambalear.

- Não peça desculpas.

- Não, claro que não, mas deveria ter tido mais prudência.

- Ele deveria ter -se comportado -grunhiu ele, veemente.

Isso era certo, e ela não ia se jogar a culpa do ataque, mas pensou que seria melhor não lhe atiçar a fúria, pelo menos não nesse momento; jamais o tinha visto assim; em realidade, nunca tinha visto ninguém assim, tão tenso pela fúria que dava a impressão de que poderia estalar em pedaços. Pensou que estava descontrolado, mas vendo-o tão imóvel que quase lhe dava medo respirar, compreendeu que era justamente o contrário.

Michael estava tão controlado como se estivesse seguro por tenazes; do contrário, sir Geoffrey agora estaria estendido no chão sobre um atoleiro de sangue.

Abriu a boca para dizer algo mais, algo apaziguador, ou inclusive divertido, mas descobriu que não lhe ocorria nada, não tinha capacidade para fazer nada que não fosse olhá-lo, olhar a esse homem que achava conhecer tão bem.

O momento lhe produzia uma espécie de paralisia, um atordoamento; não podia desviar os olhos dele. Tinha a respiração agitada; era evidente que continuava esforçando-se por dominar a raiva e, curiosamente, parecia não estar de tudo presente ali; estava olhando ao longe, como para o horizonte, com o olhar desfocado, e dava a impressão de que estava... Sofrendo.

- Michael? -disse, timidamente.

Ele não reagiu.

- Michael? -repetiu, estendendo a mão e tocando-o.

Ele se encolheu, e se virou tão rápido para olhá-la que ela quase caiu de costas.

- O que acontece? -perguntou, com a voz rouca.

- Nada - balbuciou ela, sem saber o que devia dizer, sem saber sequer se tinha algo que lhe dizer além de seu nome.

Ele fechou os olhos e esteve assim um momento, e logo os abriu, como esperando que dissesse algo mais.

- Acho que irei para casa -disse ela então.

A festa já não tinha nenhum atrativo para ela; a única oisa que desejava era refugiar-se em um lugar seguro e conhecido.

Porque de repente Michael não lhe parecia nem seguro nem conhecido.

- Eu apresentarei suas desculpas no salão - disse ele friamente.

- Enviarei a carruagem de volta para que leve a você e a Janet e Helen - acrescentou Francesca.

A última vez que as tinha visto, Janet e Helen estavam desfrutando imensamente. Não queria lhes cortar a noitada.

- Acompanho-a à porta de trás, ou prefere passar pelo salão?

- Acho que pela porta de trás.

E a acompanhou, toda a distância até o carruagem, lhe queimando as costas com a mão todo o caminho. Mas quando chegaram ao carruagem, em lugar de aceitar sua ajuda para subir, virou-se para ele com uma repentina pergunta lhe queimando os lábios.

- Como soube que estava no jardim?

Ele guardou silêncio. Ou talvez lhe teria respondido, embora não com a rapidez que ela queria.

- Estava-me observando?

Curvaram-se os lábios dele, embora não em um sorriso, e nem sequer no começo de um sorriso.

- Sempre a estou observando -disse tristemente.

E ela ficou com essa resposta para pensar o resto da noite.

Capítulo 14

Francesca lhe disse que sente falta de mim? Ou você simplesmente o supõe ou deduz?

De uma carta do conde do Kilmartin a sua mãe, Helen Stirling, dois anos e dois meses depois de sua chegada à a Índia.

Três horas depois, Francesca estava sentada em seu dormitório quando ouviu Michael voltar. Janet e Helen tinham chegado um pouco antes, e quando as encontrou no corredor (de propósito) explicaram-lhe que Michael tinha decidido completar essa noite indo a seu clube.

Para evitá-la, o mais provável, pensou, mesmo que não houvesse nenhum motivo para que ele suposesse que iria vê-la a essas horas, tão tarde. De qualquer modo, quando partiu do baile essa noite teve a clara impressão de que ele não desejava sua companhia. Tinha defendido sua honra com todo o valor e a firmeza de um herói, mas ela não podia evitar pensar que o tinha feito quase a contra gosto, como se fosse algo que devia fazer, não algo que desejasse.

E pior ainda, como se ela fosse uma pessoa cuja companhia tinha que suportar, e não a querida amiga que ela sempre se dizia que era.

Mas como, compreendeu, doía-lhe.

Disse-se que quando voltasse para a casa Kilmartin o deixaria em paz. Não faria nada além de escutar na porta quando passasse pelo corredor em direção a seu dormitório (era bastante sincera consigo mesma para reconhecer que não estava acima de..., em realidade era incapaz de resistir a tentação de escutar). Depois iria silenciosamente grudar a orelha na maciça porta de carvalho que comunicava seus dormitórios (fechada com chave por ambos os lados desde sua volta da casa de sua mãe; não tinha medo de Michael, mas o decoro é o decoro) e escutaria uns minutos mais.

Não sabia o que esperava ouvir, e nem sequer sabia por que sentia a necessidade de ouvir seus passos quando passasse em direção a seu quarto, mas simplesmente tinha que ouvi-lo. Algo tinha mudado essa noite. Ou talvez não tivesse mudado nada, o que poderia ser pior. Seria possível que Michael alguma vez tivesse sido o homem que ela achava que era? Podia ser que tivesse sido tão íntima amiga dele tanto tempo, que o tivesse contado como um de seus mais queridos amigos, inclusive quando ele estava tão longe, e mesmo assim não o conhecesse?

Jamais lhe tinha ocorrido pensar que lhe ocultasse segredos. A ela! A todos outros, talvez, mas não a ela.

E isso a fazia sentir-se bastante desequilibrada, desajeitada. Era como se alguém tivesse ido pôr um montão de tijolos na parede sul da casa Kilmartin, de qualquer

maneira, lhe deixando o mundo inclinado. Fizesse o que fizesse, pensasse o que pensasse, continuava sentindo-se como se fosse deslizando; para onde, não sabia, e não se atrevia a fazer hipóteses.

Seu dormitório dava para a fachada da casa, e quando tudo estava em silêncio ouvia fechar a porta principal, desde que a pessoa a fechasse com bastante força; não era necessário que batesse a porta, mas, bom, fosse qual fosse a força necessária, sem dúvida Michael a empregou, porque ouviu o revelador ruído da porta abaixo, seguido por um murmúrio de vozes, possivelmente de Priestley que estava conversando com ele enquanto lhe tirava a jaqueta.

Michael estava em casa, o que significava que por fim podia ir para a cama e ao menos simular que dormia. Ele tinha chegado, o que significava que era o momento de declarar oficialmente terminada a velada dessa noite. Deveria esquecê-lo tudo, continuar com sua vida e talvez simular que não tinha ocorrido nada.

Mas quando ouviu seus passos pela escada, fez a única coisa que jamais teria esperado fazer....

Abriu a porta e saiu precipitadamente ao corredor.

Não sabia o que fazia; não tinha nem idéia. Assim, quando seus pés descalços tocaram o tapete, já estava tão assombrada pelo que acabava de fazer que ficou imóvel e sem fôlego.

Michael parecia esgotado. E surpreso. E pasmosamente bonito com a gravata um pouco solta e umas mechas frisadas de cabelo negro como a noite sobre a fronte.

E isso a fez pensar em que momento tinha começado a fixar-se em quão bonito era? Sua beleza sempre tinha sido algo que estava aí, que ela conhecia em um sentido intelectual, embora nunca se fixara especialmente.

Mas nesse momento...

Ficou apanhado o fôlego na garganta. Nesse momento sua beleza parecia impregnar o ar, revoar por sua pele, fazendo-a estremecer-se de frio e calor ao mesmo tempo.

- Francesca - disse Michael, em um tom de imenso cansaço.

E, claro, ela não tinha nada que lhe dizer. Era absolutamente impróprio dela sair correndo sem pensar no que ia fazer, mas essa noite não se sentia ela mesma.

Sentia-se inquieta, desassossegada, desequilibrada, e o único pensamento que lhe passou pela cabeça (se é que lhe passou algum) antes de sair foi que tinha que vê-lo. Simplesmente vê-lo, e talvez ouvir sua voz. Se conseguisse convencer-se de que ele era realmente a pessoa que ela achava que era, então talvez ela também seria a mesma de antes.

Porque não se sentia a mesma.

E isso a estremecia até a alma.

- Michael - disse, quando por fim lhe saiu a voz-. Isto... Boa noite.

Ele se limitou a olhá-la, arqueando uma sobrancelha ante essa saudação tão sem sentido.

Ela limpou a garganta.

- Queria me assegurar de que estava... bem.

O final da frase soou algo fraco, inclusive a seus ouvidos, mas esse foi o melhor adjetivo que lhe ocorreu com tão pouco tempo.

- Estou bem - respondeu ele, com voz áspera. - Somente cansado.

- Claro -disse ela-. Claro, claro.

Ele sorriu, mas sem humor.

- Claro.

Ela engoliu em seco e tratou de sorrir, mas o sorriso lhe foi forçado.

- Não lhe agradeci.

- Por que?

- Por ir em minha ajuda - respondeu ela, pensando que isso teria que ser evidente.

- Teria...bom, me teria defendido sozinha. - Ao ver seu sorriso sarcástico, acrescentou, um pouco na defensiva: - Meus irmãos me ensinaram.

Ele cruzou os braços e a olhou de uma maneira um tanto paternalista.

- Nesse caso, com certeza o teria deixado convertido em soprano imediatamente.

Ela franziu os lábios.

- De qualquer modo - disse, resolvida a não comentar seu sarcasmo-. Me alegra muito não ter tido que... ruborizou-se. Ai, Deus, detestava ruborizar-se.

- Dar-lhe uma joelhada nos testículos? - terminou ele amavelmente, esboçando seu sorriso enviesado.

- Sim - disse ela entre dentes, convencida de que já tinha as faces de um vermelho forte, tendo passado por todos os matizes de rosa e fúcsia.

- Não há de que - disse ele, fazendo um gesto de assentimento que indicava o final da conversa-. Agora, se me desculpar...

Continuou caminhando em direção a seu dormitório, mas ela ainda não estava preparada (só o diabo sabia por que) para pôr fim à conversa.

- Espere! -exclamou.

Então engoliu em seco, ao perceber de que teria que dizer algo.

Ele se virou muito lentamente, como se estivesse pensando, e ela teve a curiosa impressão de que ele queria ser prudente.

- Sim?

- Só queria... queria...

Ele esperou enquanto ela procurava o que dizer, e ao final disse:

- Pode esperar até manhã?

- Não! Espera! -E lhe agarrou o braço.

Ele ficou imóvel.

- Por que está tão zangado comigo?

Ele moveu a cabeça como se não pudesse acreditar no que lhe estava perguntando. Mas não afastou a vista da mão dela em seu braço.

- De que fala?

- Por que está tão zangado comigo? - repetiu ela.

E então compreendeu que nem sequer sabia que se sentia assim até que lhe saíram as palavras. Mas algo não estava bem entre eles e tinha que saber por que.

- Não seja ridícula -disse ele-. Não estou zangado com você. Simplesmente estou cansado e desejo me deitar.

- Está zangado. Estou certa de que o está -disse, e a voz foi se elevando, pela convicção.

Uma vez dito, sabia que era certo. Ele tratava de ocultá-lo, e se tinha convertido em um perito em pedir desculpas quando o aborrecimento saía à superfície, mas havia raiva dentro dele, e dirigida a ela.

Michael pôs a mão em cima da sua. Francesca abafou uma exclamação ao sentir o calor do contato, mas a única coisa que ele fez foi lhe tirar a mão de seu braço e soltar-lhe.

- Vou para cama -declarou.

Dizendo isso lhe deu as costas e pôs-se a andar.

- Não! Não pode ir!

Correu atrás dele, sem pensar, sem fazer conta...

E entrou em seu dormitório.

Se ele não estava zangado antes, nesse momento o estava.

- O que faz aqui?

- Não pode me mandar embora -protestou ela.

Ele a olhou fixamente.

- Está em meu dormitório - disse, em voz baixa, grave-. Sugiro que vá embora.

- Não, enquanto não me explicar o que acontece.

Michael ficou absolutamente imóvel. Todos seus músculos se imobilizaram, formando um contorno duro, rígido, e isso foi uma vantagem, em realidade, porque se se permitisse mover-se, se se sentisse capaz de mover-se, jogaria-se sobre ela. E o que faria se a agarrasse, qualquer um sabia.

Tinham-no empurrado até o limite. Primeiro Colin, logo sir Geoffrey e agora a própria Francesca, sem ter a menor ideia.

Seu mundo se virou do avesso com uma simples sugestão: "por que não se casa com ela?"

A idéia estava pendendo ante ele como uma maçã amadurecida, uma perversa possibilidade que não devia agarrar.

"John -gritou sua consciência-. John. Recorda John."

- Francesca - disse, com voz dura, controlada-, é bem passada a meia-noite e está no dormitório de um homem que não é seu marido. Recomendo-lhe que vá embora.

Mas ela não saiu. Condenação, nem sequer se moveu. Continuou onde estava, a dois palmos da porta aberta, olhando-o como se não o tivesse visto nunca.

Tratou de não fixar-se em que levava o cabelo solto. Tratou de não ver que só usava a camisola e o robe de seda. Eram roupas recatadas, sim, mas eram feitas para tirá-las, e ao descer o olhar até a bainha, que lhe roçava os pés, teve uma sedutora visão dos dedos de seus pés.

Bom Deus, estava-lhe olhando os dedos dos pés. De seus pés. No que se convertera sua vida?

- Por que está zangado comigo? - repetiu ela.

- Não estou zangado - respondeu ele bruscamente-. Só quero que...-Se conteve bem a tempo-. saia de meu quarto.

- É porque vou voltar a me casar? - perguntou ela, com a voz embargada pela emoção-. É por isso?

Ele não soube o que responder, portanto se limitou a olhá-la.

- Pensa que vou trair John - continuou ela, em tom acusador-. Acha que deveria passar o resto de minha vida levando luto por ele.

Michael fechou os olhos.

- Não, Francesca - disse, cansado-. Nunca…

Mas ela não o escutava.

- Acha que não o lamento? Acha que não penso nele todos os dias? Acredita que acho agradável saber que quando me casar vou burlar o sacramento?

Ele abriu os olhos e a olhou. Tinha a respiração agitada, apanhada em sua raiva e talvez em sua aflição.

- O que tive com o John -continuou ela, tremendo toda inteira-, não o vou encontrar com nenhum dos homens que me enviam flores. Sinto que é uma profanação, uma profanação egoísta só o fato de considerar a possibilidade de me tornar a casar. Se não desejasse um bebê tão... condenadamente tanto... interrompeu-se, talvez por excesso de emoção, talvez pela comoção de haver dito um palavrão. ficou calada, piscando, com os lábios entreabertos e trêmulos, com o aspecto de que poderia quebrar-se com o mais leve contato.

Deveria ser mais compassivo, pensou ele. Deveria tentar consolá-la. E teria feito ambas as coisas se tivessem estado em qualquer outro aposento , não em seu dormitório. Mas estando aí, a única coisa que podia fazer era controlar sua respiração.

E controlar-se ele.

Ela voltou a olhá-lo, com os olhos arregalados e pasmosamente azuis, inclusive à luz das velas.

- Não sabe -disse, passando por seu lado e pondo-se a caminhar. Chegou até uma cômoda longa e baixa, apoiou-se nela e esmagou os dedos na superfície, lhe dando as costas-. Não sabe - repetiu em um sussurro.

E até aí conseguiu suportar ele. Ela tinha irrompido ali, exigindo respostas quando nem sequer entendia as perguntas; tinha invadido seu dormitório, empurrando-o até o limite, E agora simplesmente o descartava? Voltava-lhe as costas dizendo que ele não sabia?

- Não sei o que? -perguntou justo antes de atravessar a habitação.

Seus pés avançaram silenciosos mas rápidos e antes de dar-se conta estava atrás dela, tão perto que podia tocá-la, tão perto que podia agarrar o que desejava e...

- Você... - disse ela, virando-se.

E se interrompeu, não lhe saiu nenhum outro som da boca. Não fez nada além de olhá-lo nos olhos.

- Michael? -murmurou por fim.

E ele não soube o que queria dizer. Era isso uma pergunta? Uma súplica?

Ela continuou assim, absolutamente imóvel, e o único som que fazia era o de sua respiração. E não desviava a vista de seu rosto.

Formigaram-lhe os dedos. Ardeu-lhe o corpo. Ela estava perto. Mais perto do que tinha estado nunca. E se tivesse sido qualquer outra mulher, teria jurado que desejava que a beijasse.

Tinha os lábios entreabertos, o olhar desfocado. E pareceu que levantava o queixo, como se estivesse esperando, desejando, pensando em que momento ele inclinaria a cabeça por fim e selaria seu destino.

Ele se ouviu sussurrar algo, seu nome talvez. Oprimiu-lhe o peito, retumbou-lhe o coração e, de repente, o impossível se fez inevitável; compreendeu que esta vez não havia forma de parar; esse não era um momento para autodominarse, nem para sacrificar-se nem para sentir-se culpado.

Esse era um momento para ele.

E a beijaria.

Quando pensava nisso depois, a única desculpa que lhe ocorria era que não sabia que ele estava atrás dela. O tapete era groso e macio, e não tinha ouvido seus passos devido ao sangue que sentia rugir nos ouvidos. Não sabia, não poderia tê-lo sabido, porque se o tivesse sabido não se teria girado com toda a intenção de silenciá-lo com uma réplica mordaz. Ia dizer-lhe algo espantoso e duro, com a intenção de fazê-lo sentir-se culpado e horrível, mas quando se virou... Ele estava aí.

Perto, muito perto, a umas poucas polegadas. Fazia anos que ninguém estava tão perto dela, e nunca, nunca, Michael.

Não pôde falar, não pôde pensar, não pôde fazer nada além de respirar e olhá-lo no rosto, compreendendo que desejava, com uma horrorosa intensidade, que a beijasse.

Michael.

Bom Deus, desejava ao Michael.

Era como se a estivessem fatiando com uma faca. Não devia sentir isso; não devia desejar a ninguém. Mas ao Michael...

Deveria ter-se afastado. Demônios, deveria ter saído correndo. Mas algo, não sabia o que, deixou-a cravada no lugar. Não podia afastar os olhos dos seus; não pôde evitar molhar os lábios, e quando ele colocou as mãos em seus ombros, não protestou.

Nem sequer se moveu.

E talvez, só talvez, inclusive se aproximou um pouco mais, talvez algo dentro dela reconheceu esse momento, esse sutil baile entre homem e mulher.

Fazia muitíssimo tempo que não se punha assim para receber um beijo, mas ao que parece há certas coisas que o corpo não esquece. Tocou-lhe o queixo e lhe levantou ligeiramente o rosto.

E ela não disse não.

Simplesmente continuou olhando-o, lambeu os lábios e esperou... Esperou o momento, o primeiro contato, porque por aterrador e incorreto que fosse, sabia que sentiria ele perfeito.

E foi perfeito.

Roçou-lhe os lábios com os seus em uma carícia muito suave. Era o tipo de beijo que seduz com sutileza, que lhe produziu sensações em todo o corpo fazendo-a desesperar por mais. Em alguma nebulosa curva de sua mente sabia que isso era mau, que era mais que incorreto, era uma loucura. Mas não poderia ter-se afastado nem que as chamas do inferno lhe estivessem lambendo os pés.

Estava atordoada, transportada por sua carícia. Não se teria atrevido a fazer nenhum movimento, a convidá-lo de algum jeito diferente a balançar suavemente o corpo, mas tampouco não fez nenhum esforço de romper o contato.

Simplesmente esperou, com o ar apanhado na garganta, que ele fizesse algo mais.

E ele o fez. Deslizou a mão por sua cintura e a abriu em suas costas, tentando-a com seu embriagador calor. Não a atraiu para si exatamente, mas ela sentia a pressão, e diminuiu o espaço entre eles até que sentiu o toque de seu traje de noite através da seda de sua camisola e robe.

E se esquentou, sentiu-se derretida. Iníqua.

Os lábios dele exigiram mais e ela os abriu, lhe dando acesso a sua boca para que a explorasse. E ele o aproveitou, introduzindo a língua e movendo-a em um perigoso baile, tentando-a, seduzindo-a, atiçando seu desejo até que sentiu as pernas fracas e

teve que agarrar-se a seus braços, aferrar-se a ele, acariciá-lo também, reconhecer que estava presente no beijo, participando dele.

Que o desejava.

Ele murmurou seu nome, com a voz rouca pelo desejo, a necessidade, e algo mais, algo doloroso, mas ela não pôde fazer outra coisa que aferrar-se a ele, deixar-se beijar e, Deus a amparasse, corresponder ao beijo.

Subiu a mão até seu pescoço, desfrutando do suave calor de sua pele. Então, estava com o cabelo ligeiramente longo e uns grossos cachos se enrolaram nos dedos e... ai, Deus, desejou inundar-se em seu cabelo.

Ele subiu a mão por suas costas lhe deixando uma esteira de fogo. Deslizou a mão por seu ombro, acariciando-lhe desceu-a pelo braço e a deteve em seu peito.

Francesca ficou imóvel, paralisada.

Mas Michael estava tão imerso no beijo que não percebeu; pôs a mão em seu seio e o apertou suavemente, emitindo um rouco gemido.

- Não - murmurou ela.

Isso era muito, muito íntimo.

Era muito... Michael.

- Francesca - murmurou ele, deslizando os lábios por sua face até a orelha.

- Não -repetiu ela, afastando-se, liberando-se de seus braços-. Não posso.

Não queria olhá-lo, mas não pôde deixar de olhá-lo. E quando o olhou, lamentou-o.

Ele tinha a cabeça encurvada e o rosto ligeiramente desviado, mas continuava olhando-a, perfurando-a com seus olhos penetrantes, intensos.

E ela se sentiu queimada.

- Não posso fazer isto - sussurrou.

Ele não disse nada.

Então lhe saíram mais rápidas as palavras, ferventes, embora as mesmas.

- Não posso, não posso, não posso. Não...

- Então vá embora - disse ele entre dentes-. Agora mesmo.

Ela pôs-se a correr.

Fugiu até seu dormitório e no dia seguinte fugiu para a casa de sua mãe.

E no dia subseqüente, fugiu até a Escócia.

Capítulo 15

Alegra-me muito que vá tão bem na Índia, mas eu gostaria que considerasse a possibilidade de voltar para casa. Todos sentimos falta de você, e aqui tem responsabilidades que não se podem atender do estrangeiro.

De uma carta da Helen Stirling a seu filho, o conde do Kilmartin, dois anos e quatro meses depois de sua marcha à a Índia.

Francesca sempre tinha sido boa para mentir, pensava Michael enquanto lia a curta carta que deixou a Helen e Janet, mas era melhor ainda quando podia evitar dizer as coisas cara a cara e o fazia por escrito.

Tinha surgido algo urgente no Kilmartin, escrevia, que fazia necessária sua atenção imediata, e logo passava a explicar, com admiráveis detalhes, o foco de febre salpicada entre as ovelhas. Não tinham por que preocupar-se, dizia-lhes, pois não demoraria muito em voltar e lhes prometia trazer provisões da esplêndida geléia de framboesas que preparava a cozinheira, e que, como todos sabiam, não tinha igual em Londres.

Michael jamais tinha ouvido que uma ovelha contraíra febre salpicada, nem nenhum animal de granja, em realidade. Qualquer um podia perguntar-se: como se parecia as manchas na pele das ovelhas?

Tudo lhe tinha saído muito belo, muito fácil. Michael pensou se inclusive Francesca não teria organizado as coisas para que Helen e Janet estivessem fora da cidade esse fim de semana para poder escapar sem ter que despedir-se delas pessoalmente.

Porque era uma escapada. Disso não tinha a menor dúvida. Ele não achava nem por um momento que houvesse uma urgência no Kilmartin. Se isso fosse verdade, ela teria considerado seu dever informá-lo. Podia ter estado anos administrando a propriedade, mas ele era o conde, e ela não era o tipo de pessoa que usurparia ou escavaria seu posto agora que estava de volta.

Além disso, ele a tinha beijado, e mais ainda, tinha-lhe visto o rosto depois de beijá-la.

Se Francesca tivesse podido fugir à lua, o teria feito.

Nem Janet nem Helen mostraram muita preocupação por sua viagem, embora sim falavam (sem parar, em realidade) do muito que sentiam falta de sua companhia.

Ele simplesmente estava sentado em sua escrivaninha sopesando métodos de auto- flagelação..

Tinha-a beijado. Beijado, a ela.

Não era essa, pensou irônico, a melhor maneira de agir de um homem que deseja ocultar seus verdadeiros sentimentos.

Fazia seis anos que a conhecia. Seis anos, durante os quais tinha mantido tudo sob a superfície, e representado seu papel à perfeição. E depois de seis anos tinha quebrado tudo com um simples beijo.

Embora em realidade o beijo não teve nada de simples.

Como era possível que um beijo pudesse superar todas suas fantasias? E tendo tido seis anos para fantasiar, imaginou-se beijos verdadeiramente supremos.

Mas esse... tinha sido muito mais. Tinha sido melhor... Havia...

Tinha dado em Francesca.

Era curioso como isso mudava tudo. pode-se pensar em uma mulher todos os dias durante anos, imaginar-se como seria tê-la nos braços, mas nada, nada pode igualar à realidade.

E agora era pior que antes. Sim, tinha-a beijado; sim, tinha sido o beijo mais espetacular de sua vida.

Mas já tinha acabado tudo.

E não ia voltar a ocorrer.

Agora que tinha ocorrido por fim, agora que tinha provado a perfeição, sofria mais que nunca. Agora sabia exatamente o que perdia; compreendia com dolorosa clareza o que era e o que não seria jamais dele.

E nada seria igual.

Não voltariam a ser amigos. Francesca não era o tipo de mulher que pudesse tomar à ligeira um ato de intimidade. E como detestava qualquer tipo de situação que a fizesse sentir-se desconfortável ou violenta, esforçaria-se por evitar a presença dele.

Demônios, partiu para a Escócia para livrar-se dele. Uma mulher não pode deixar mais claros seus sentimentos.

E havia a nota que deixou a ele, que, bom, era muito menos explicativa que a que deixou a Janet e Helen:

Foi mau. Me perdoe.

De que diabos achava precisar ser perdoada, escapava a seu entendimento. Tinha sido ele quem tinha beijado a ela. Sim, ela tinha entrado em seu dormitório contra sua vontade, mas ele era bastante homem para saber que não tinha feito caso de que ele poderia tratá-la assim. Estava preocupada porque achava que ele estava zangado com ela, pelo amor de Deus.

Tinha agido com precipitação, sim, mas só porque lhe tinha carinho e valorizava sua amizade.

E agora ele tinha quebrado justamente isso.

Ainda não entendia bem como tinha ocorrido tudo. Ele a estava olhando, sem poder afastar os olhos dela. O momento ficou gravado a fogo no cérebro: Seu robe de seda rosa, a forma como apertou os dedos enquanto lhe falava. Estava com o cabelo solto, pendendo sobre um ombro, e tinha os olhos arregalados e úmidos de emoção.

E então lhe deu as costas.

Então foi quando ocorreu; isso mudou tudo. Ele sentiu subir algo por seu interior, algo que não conseguia identificar, e se moveram os pés. de repente se encontrou-se do outro lado do quarto, a pouca distância dela, tão perto que podia tocá-la, agarrá-la.

Então ela se virou.

E ele esteve perdido.

Nesse momento foi impossível parar, escutar a voz da razão. Simplesmente lhe evaporou o autodomínio com que tinha envolto seu desejo durante anos, e teve que beijá-la.

Foi assim simples. Não teve outra opção, nem vontade própria. Talvez se ela houvesse dito não, talvez se se tivesse afastado e afastado. Mas ela não fez nenhuma dessas coisas; ficou onde estava, em silêncio, simplesmente respirando, e esperou.

Esperava que ele a beijasse? Ou esperava que ele recuperasse a sensatez e se afastasse?

Isso não importava, pensou amargamente, enrugando uma folha de papel na mão. O chão ao redor de sua escrivaninha estava cheio de papéis amassados. Estava de um humor de cães, e as folhas de papel eram um alvo fácil para descarregá-lo. Agarrou um cartão creme claro que repousava no mata-borrão e o olhou com a intenção de amassá-lo. Era um convite.

Deteve o movimento e o leu. Era um convite para essa noite, e provavelmente tinha respondido que iria. Estava quase certo de que Francesca tinha pensado ir; a anfitriã era amiga sua desde ha muito tempo.

Talvez devesse arrastar sua patética pessoa até seu dormitório para vestir-se para a noite. Talvez devesse sair e procurar esposa. Isso não lhe curaria o mal que o afligia

mas teria que fazê-lo, cedo ou tarde. E isso tinha que ser melhor para a alma que ficar sentado ante sua escrivaninha bebendo. Levantou-se e voltou a olhar o convite. Deu um suspiro. A verdade, não desejava passar a noite fazendo vida social, falando com cem pessoas que lhe perguntariam por Francesca. Com a sorte que tinha, certamente o salão estaria cheio do Bridgertons, ou pior ainda, de mulheres Bridgerton, que tinham uma diabólica semelhança com Francesca, com seu cabelo castanho e seus largos sorrisos. Nenhuma delas estava à altura de Francesca, por certo; suas irmãs eram muito amistosas, alegres e francas.

Careciam do mistério que rodeava ao Frannie, desse brilho irônico que iluminava seus olhos.

Não, não queria passar a noite em companhia de gente fina.

Portanto, decidiu atender seu problema como tinha feito tantas vezes antes.

Buscando uma mulher.

Três horas mais tarde, Michael chegou à porta de seu clube com um humor espantosamente horroroso.

Tinha ido a Belle Maison, que, para falar a verdade, não era outra coisa que um bordel, mas assim que bordel, era de bom tom e discreto, e se podia estar certo de que as mulheres eram limpas e estavam ali por própria vontade. Ele tinha sido cliente ocasional durante os anos que vivera em Londres; muitos de seus conhecidos visitavam A Belle, como gostavam de chamá-lo, com mais ou menos freqüência. Inclusive John tinha ido ali antes de casar-se com Francesca.

A madame o recebeu com muito carinho, tratando o de filho pródigo; ele tinha ali sua fama, explicou-lhe, e tinham sentido falta de sua presença. As mulheres sempre o tinham adorado, disse-lhe, e comentavam com freqüência que era um dos poucos aos que lhes importava o prazer delas além do dele.

Esse elogio lhe deixou um gosto amargo na boca; nesse momento não se sentia um amante legendário; estava farto de sua reputação de libertino e não lhe importava se desse prazer a alguém essa noite. Simplesmente desejava uma mulher que pudesse lhe deixar a mente em branco de satisfação, embora só fosse uns minutos.

Tinham justo a garota adequada para ele, arrulhou a madame. Era nova e era muito procurada; adoraria. Ele encolheu os ombros e se deixou levar até uma beldade loira e miúda, que, asseguraram-lhe, era a "melhor".

Ele começou a estender a mão para ela, mas a deixou cair. Não estava bem. Era muito loira. Não queria uma loira.

Muito bem, disseram-lhe, e apareceu uma morena muito bela.

Muito exótica.

Uma ruiva?

Não, tampouco.

E assim foram aparecendo uma atrás da outra, mas ou eram muito jovens, ou muito velhas, ou muito com muito seio, ou muito planas, até que ao fim escolheu ao azar, resolvido a fechar seus malditos olhos e acabar com isso de uma vez.

Durou dois minutos.

A porta acabava de fechar-se e se sentiu doente, quase apavorado, e compreendeu que não poderia fazê-lo.

Não era capaz de fazer o amor a uma mulher. Que esmagador, que humilhante, que castrador. Demônios, igualmente poderia pegar uma faca e converter-se em eunuco ele mesmo.

Antes fazia o amor e obtinha prazer com mulheres com o fim de "apagar" de sua mente a uma. Mas agora que a tinha saboreado, embora só fora com um fugaz beijo, estava quebrado.

Assim, foi, a seu clube, onde podia ter a segurança, e a tranqüilidade, de que não veria ninguém do setor feminino. O objetivo, logicamente, era apagar da mente o rosto de Francesca, e tinha uma certa esperança de que o álcool conseguisse o que as deliciosas garotas de La Belle Maison não tinham conseguido.

- Kilmartin.

Levantou a vista. Colin Bridgerton.

Maldição.

- Bridgerton -grunhiu.

Maldição, maldição, maldição. Colin Bridgerton era a última pessoa que teria desejado ver nesse momento. Teria sido preferível o fantasma do Napoleão, lhe enterrando a espada na garganta.

- Toma assento -disse Colin, indicando a cadeira do outro lado da mesa.

Não havia maneira de livrar-se disso; poderia mentir dizendo que tinha uma reunião com alguém, mas não tinha desculpa para não sentar-se com Colin enquanto esperava. Assim, apertou os dentes e se sentou, com a esperança de que Colin tivesse outro compromisso e tivesse que partir dentro de... uns três minutos.

Colin pegou sua taça, fez-a virar várias vezes, observando com curiosa diligência o líquido âmbar, e depois bebeu um pequeno gole.

- Soube que Francesca voltou para Escócia.

Michael se limitou a assentir e grunhir.

- É surpreendente, não lhe parece? Agora que acaba de começar a temporada.

- Não pretendo conhecer a mente feminina.

- Não, não, claro que não - disse Colin, afavelmente-. Nenhum homem mínimamente inteligente pretenderia conhecer a mente feminina.

Michael guardou silêncio.

- De qualquer modo, só faz... o que, duas semanas?, desde que chegou.

- Mais -respondeu Michael.

Francesca tinha chegado a Londres no mesmo dia que ele.

- Sim, claro, é claro. Sim, você tem que saber, não é verdade?

Michael o olhou fixamente. Que demônios se propunha?

- Ah, bom - disse Colin, encolhendo um ombro, com a maior despreocupação do mundo-. Com certeza voltará logo. Não é provável que encontre marido na Escócia, depois de tudo, e esse é seu objetivo esta primavera, não?

Michael assentiu secamente, olhando uma mesa do outro extremo da sala. Estava desocupada. Absolutamente desocupada. Maravilhosamente desocupada. Imaginou-se muito feliz nessa mesa.

- Não estamos com ânimo conversador esta noite, não é? - comentou Colin, interrompendo sua insípida fantasia.

- Não -respondeu Michael, um pouco aborrecido pela vaga insinuação de condescendência do Colin ao dizer "estamos". Colin riu, e logo bebeu o último gole de sua taça.

- Só queria pôr você a prova - disse, apoiando as costas no espaldar.

- Para ver se me dividia espontaneamente em dois seres distintos?

- Não, isso não - respondeu Colin, sorrindo, com um sorriso suspeitamente largo -. Isso vejo claramente. Só queria comprovar de que humor estava.

Michael arqueou uma sobrancelha, em gesto formidável.

- E meu humor está...?

- Mais ou menos como sempre - respondeu Colin, sem intimidar-se.

Michael se limitou a olhá-lo carrancudo pois nesse momento chegou o garçom com as bebidas.

- Pela felicidade - disse Colin levantando o copo.

"Vou estrangulá-lo - decidiu Michael então, para si mesmo. - Simplesmente estendo as mãos por cima da mesa, agarro-lhe o pescoço e o aperto até que lhe saiam das órbitas esses malditos olhos verdes."

- Não vai brindar pela felicidade? -perguntou-lhe Colin.

Escapou um grunhido incoerente de Michael e bebeu o uísque de um gole.

- O que está bebendo? -perguntou Colin, com toda naturalidade. Inclinou-se para lhe olhar o copo-. Este uísque deve ser muito bom.

Michael resistiu ao desejo de lhe golpear a cabeça com o copo já vazio.

- Muito bem - disse Colin, encolhendo os ombros-. Então brindarei por minha felicidade.

Bebeu um gole, jogou atrás a cabeça, e voltou a levar o copo aos lábios.

Michael olhou o relógio.

- Não é fantástico que não tenha nenhum lugar onde estar? - murmurou Colin.

Michael deixou o copo sobre a mesa fazendo-o soar.

- Que sentido tem isto? -perguntou.

Por um momento pareceu que Colin, que, segundo todos os informes, era capaz de falar até tombar a alguém debaixo da mesa, se quisesse, não ia dizer nada. Mas quando Michael estava preparado para renunciar a todo fingimento de educação e levantar-se para sair, disse:

- Decidiu o que vai fazer?

Michael ficou muito quieto.

- Quer dizer...?

Colin sorriu, com essa condescendência pela qual Michael desejava lhe atirar um murro.

- A respeito de Francesca, é claro -disse.

- Não acaba de dizer que partiu do país?

- Escócia não está muito longe - respondeu Colin, encolhendo os ombros.

- Está bastante longe -resmungou Michael.

Bastante longe para deixar suficientemente claro que ela não queria ter nada que ver com ele.

- Estará totalmente só -acrescentou Colin, suspirando.

Michael entrecerrou os olhos e o olhou, fixamente.

- Continuo pensando que deveria... - Colin se interrompeu, de propósito, seguro-. Enfim, já sabe o que penso -concluiu, bebendo outro gole.

Michael simplesmente renunciou a ser educado.

- Não sabe nenhuma maldita coisa, Bridgerton.

Colin arqueou as sobrancelhas, ao detectar o grunhido em sua voz.

- É estranho -murmurou-. Ouço dizer isso todo o santo dia. Geralmente de minhas irmãs.

Michael já conhecia essa tática. O salto limpo a um lado do Colin era exatamente a manobra que empregava ele com muita facilidade. E talvez foi por esse motivo que fechou uma mão em um punho debaixo da mesa. Nada irrita tanto como ver refletido o próprio comportamento em outra pessoa.

Mas, ai, Deus, tinha tão perto o rosto do Colin.

- Outro uísque? - perguntou Colin, lhe estragando a formosa visão de uns olhos com hematomas.

Michael estava de excelente humor para beber até perder o conhecimento, mas não em companhia do Colin Bridgerton, de modo que jogou atrás a cadeira e respondeu secamente:

- Não.

- Percebe, Kilmartin - disse Colin então, em um tom tão amável que quase produziu um calafrio em Michael-, que não há nenhum motivo para que não se case com ela. Nenhum absolutamente. À exceção, claro - acrescentou, como se acabasse de ocorrer-lhe, dos que inventa você.

Michael sentiu que lhe rompia algo no peito; o coração, provavelmente, mas já estava tão acostumado a sentir isso que era uma maravilha que continuasse notando-o.

E Colin, malditos seus olhos, não pensava ficar calado.

- Se não quiser se casar com ela - continuou, pensativo-, pois não quer se casar com ela. Mas...

- Ela poderia dizer não - se ouviu dizer Michael; sua voz lhe soou áspera, abafada, estranha a seus ouvidos.

Mas bom, santo céu, se tivesse saltado sobre a mesa a declarar a gritos seu amor por Francesca, não teria podido deixá-lo mais claro.

Colin inclinou levemente a cabeça, o suficiente para expressar que tinha entendido o que havia debaixo dessas palavras.

- Poderia -disse-. Em realidade, é provável que diga que não. As mulheres costumam fazê-lo na primeira vez que lhe pedem.

- E quantas vezes lhes propôs você matrimônio?

Colin sorriu.

- Só uma vez, em realidade. Esta mesma tarde, por certo.

Isso era o único, realmente o único, que poderia haver dito Colin para dissipar totalmente as revoltas emoções do Michael. Olhou-o boquiaberto pela surpresa.

Esse era Colin Bridgerton, o mais velho dos irmãos Bridgerton solteiros. Virtualmente tinha feito uma profissão de evitar o matrimônio.

- Ouvi bem?

- É certo - respondeu Colin, mansamente-. Pensei que já era hora, embora acredite que, para fazer honra à verdade, devo reconhecer que ela não me obrigou a pedir-lhe duas vezes. Mas se lhe faz se sentir melhor, levou-me vários minutos lhe tirar o sim.

Michael se limitou a olhá-lo.

- Sua primeira reação a minha proposta foi cair na calçada pela surpresa - explicou Colin.

Michael resistiu ao impulso de olhar ao redor, não fosse que sem sabê-lo-se tivesse metido em uma farsa de teatro.

-Hum... está bem?

-Ah, sim, muito bem -respondeu Colin, agarrando seu copo.

Michael limpou a garganta.

- Posso perguntar pela identidade da afortunada dama?

- Penelope Featherington.

"A que não fala?", esteve a ponto de soltar Michael. Bom, essa sim que era uma união estranha se tivesse visto uma.

- Bom, sim que está surpreso -disse Colin, felizmente, de bom humor.

- Não sabia que desejava se estabelecer -improvisou Michael a toda pressa.

- Eu tampouco -disse Colin, sorrindo-. É estranho como funcionam estas coisas.

Michael abriu a boca para felicitá-lo, mas em lugar de fazer isso se ouviu perguntar:

- Alguém contou a Francesca?

- Comprometi-me esta tarde -disse Colin, um pouco confuso.

- Quererá sabê-lo.

- Isso suponho. Eu a atormentei muitíssimo de pequena, assim com certeza desejará inventar para mim algum tipo de tortura relacionada com as bodas.

- É necessário que alguém o diga - disse Michael energicamente, desentendendo do passeio do Colin pelas lembranças de sua infância.

Colin se virou, suspirando despreocupado.

- Imagino que minha mãe lhe escreverá uma nota.

- Sua mãe estará muito ocupada. Isso não será o prioritário em seu programa.

- Não saberia dizê-lo.

- Alguém deve comunicá-lo disse Michael, carrancudo.

- Sim, alguém deveria - concordou Colin sorrindo-. Iria eu pessoalmente. Faz muito tempo que não estive em Escócia. Mas, claro, vou estar um pouquinho ocupado aqui, fazendo os preparativos para me casar. O que é, é claro, todo o motivo desta conversa, não?

Michael o olhou aborrecido. Detestava que Colin Bridgerton acreditasse que o estava manipulando inteligentemente, mas não via como podia desenganar o dessa idéia sem reconhecer que desejava angustiosamente viajar a Escócia para ver Francesca.

- Quando será o casamento?

- Não sei muito bem. Espero que logo.

- Então terá que comunicar a Francesca imediatamente.

Colin sorriu preguiçosamente.

- Sim, não é verdade?

Michael o olhou carrancudo.

- Não tem por que se casar com ela enquanto estiver lá - acrescentou Colin-; só lhe informe de minhas iminentes núpcias.

Michael voltou para sua fantasia de estrangular Colin Bridgerton e achou a imagem mais sedutora que antes.

- Veremo-nos - disse Colin quando Michael ia em direção à porta-. Talvez dentro de um mês ou algo assim?

Com o que queria dizer que não esperava vê-lo em Londres muito em breve.

Michael soltou uma maldição em voz baixa, mas não fez nada para contradizê-lo. Poderia odiar-se por isso, mas agora que tinha um pretexto para seguir Francesca, não podia resistir a fazer a viagem.

A pergunta era, seria capaz de resistir a ela?
E mais ainda, desejava resistir?

Vários dias depois, Michael se encontrava ante a porta principal do Kilmartin, o lar de sua infância. Fazia anos que não estava ali, mais de quatro para ser exato, e não conseguiu evitar de tudo que lhe oprimisse a garganta ao cair na conta de que todo isso (a casa, os terrenos, o legado) era seu. Isso não tinha assimilado; talvez com o cérebro sim, mas não com o coração.

Dava a impressão de que ainda não chegava a primavera aos condados desse rincão de Escócia; embora o ar não fosse gélido, estava frio, e o obrigava a esfregar as mãos enluvadas. Havia um pouco de neblina e o céu estava nublado, mas havia alguma coisa na atmosfera que o chamava, lhe recordando a sua alma cansada que isso, e não Londres nem a Índia, era seu lar.

Mas a agradável sensação de lar que lhe produzia o lugar não o tranqüilizava muito em sua preparação para o que o aguardava. Era o momento de enfrentar a Francesca.

Tinha ensaiado mil vezes esse momento desde sua última conversa com o Colin Bridgerton. O que lhe diria, os argumentos que expor, enfim, e achava o ter solucionado. Porque antes de convencer a Francesca teve que convencer-se ele mesmo.

Casaria-se com ela.

Teria que conseguir que ela o aceitasse, logicamente; não podia obrigá-la a casar-se. O mais provável era que ela inventasse infinitas razões para explicar que isso era uma idéia louca, mas ao final, convenceria-a.

Casariam-se.

Casariam-se.

Esse era o único sonho que nunca se permitiu considerar uma possibilidade.

Mas quanto mais pensava nisso, mais lógico o achava. Esqueceria que a amava, esqueceria que a tinha amado durante anos. Ela não precisava saber nada disso;

Dizer-lhe só lhe faria sentir-se violenta e ele se sentiria como um idiota.

Mas se apresentasse tudo do ponto de vista prático, se lhe explicasse porque era "sensato" que se casassem, com certeza conseguiria que fosse entusiasmando-a a idéia.

Bem poderia não entender as emoções, se ela não as sentisse, mas era objetiva para considerar as coisas, e entender as razões.

E agora que por fim se tinha dado permissão para imaginar uma vida com ela, não podia deixar que isso lhe deslizasse por entre os dedos. Tinha que fazê-la acontecer.

Devia.

E seria estupendo. Talvez não a teria toda inteira (sabia que seu coração nunca seria dele), mas teria sua maior parte, e isso seria suficiente.

Certamente seria mais do que tinha nesse momento. E inclusive a metade de Francesca... bom, seria o êxtase. Não?

Capítulo 16

Mas, como me tem escrito, Francesca leva os assuntos do Kilmartin com admirável habilidade. Não é minha intenção furtar o corpo a minhas obrigações, e lhe asseguro que se não tivesse uma suplente tão capaz retornaria imediatamente.

De uma carta do conde do Kilmartin a sua mãe, Helen Stirling, dois anos e meio depois de sua chegada à a Índia, escrita logo depois de resmungar: "E não respondeu a minha pergunta".

Francesca não achava nenhuma graça se ter por uma covarde, mas quando a única outra opção era ser uma idiota, preferia a covardia. Alegremente.

Porque só uma idiota ficaria em Londres, inclusive na mesma casa, com o Michael Stirling, depois de experimentar seu beijo.

Esse beijo tinha sido...

Não, não queria pensar nisso. Quando pensava nisso não podia evitar sentir-se culpada e envergonhada, porque não deveria sentir isso por Michael.

Pelo Michael, não.

Não estava em seus planos sentir desejo por ninguém. Realmente, o mais que tinha esperado sentir por um marido era uma moderada sensação de agrado, experimentar beijos que lhe resultassem agradáveis nos lábios mas que não lhe afetassem para nada em outros sentidos.

Isso lhe teria bastado.

Mas agora... mas isso...

Michael a tinha beijado. Beijou-a e, pior ainda, lhe correspondeu o beijo, e desde esse momento não podia evitar imaginar-se seus lábios nos seus, e logo imaginar-lhe em todas as partes de seu corpo. E de noite, quando estava deitada sozinha em sua enorme cama, os sonhos se faziam mais vividos e deslizava a mão pelo corpo, até deter-se logo antes de chegar a seu destino final.

Não. Não devia fantasiar com Michael. Isso era mau. haveria-se sentido terrivelmente mal por sentir esse tipo de desejo por qualquer homem, mas pelo Michael...

Era primo de John. Era o melhor amigo do John. E seu melhor amigo também. E não deveria tê-lo beijado.

Mas, pensava, suspirando, que tinha sido magnífico.

E por isso tinha preferido ser uma covarde e não uma idiota, e fugido a Escócia. Porque não achava ter a capacidade de resistir se voltasse a apresentar a situação.

Já estava há quase uma semana no Kilmartin, tentando mergulhar em cheio na vida normal e cotidiana da sede da família. Havia muitíssimo que fazer: levar as contas, visitar os parceiros, mas já não encontrava a mesma satisfação que sentia antes ao fazer essas tarefas. A regularidade de suas obrigações deveria havê-la acalmado, tranqüilizado, mas resultou justamente o contrário: fazia-a sentir-se desassossegada, e não conseguia concentrar-se, não conseguia concentrar a mente em nada.

Estava nervosa, agitada, distraída, e a metade do tempo se sentia como se não soubesse o que fazer consigo mesma, no sentido mais literal e físico. Não conseguia estar quieta sentada, portanto tinha tomado o costume de sair da casa, com suas botas mais cômodas, e caminhar durante horas e horas pelo campo até ficar totalmente esgotada.

Isso não lhe servia muito para dormir melhor de noite, mas, de qualquer modo, ao menos o tentava.

E isso era o que estava fazendo nesse momento, com muita energia; acabava de subir ao topo da colina mais alta do Kilmartin. Ofegante pelo esforço, olhou as nuvens escuras no céu, tratando de calcular a hora e a probabilidade de que chovesse.

Era tarde, com certeza, pensou, carrancuda.

Deveria voltar para a casa.

Não era uma grande distância a que tinha que percorrer; simplesmente descer a colina e atravessar um campo coberto de erva. Mas quando chegou ao majestoso pórtico da mansão, tinha começado a garoar e levava o rosto ligeiramente molhado por diminutas gotículas. tirou o chapéu e o sacudiu, agradecendo ter recordado pô-lo pois nem sempre era tão diligente. Ia em direção à escada para subir a seu dormitório, onde pensava que poderia desfrutar de um bom chocolate com bolachas, quando apareceu Davies, o mordomo, ante ela.

- Milady? -disse, exigindo claramente sua atenção.

- Sim?

- Tem uma visita.

- Uma visita? - repetiu ela, franzindo o cenho, pensativa.

A maioria das pessoas que costumavam ir visitá-la no Kilmartin já se transladara ao Edimburgo ou a Londres para passar a temporada.

- Não é exatamente uma visita, milady.

Michael, pensou. Tinha que ser ele. E não podia dizer que isso a surpreendesse. Imaginou que ele poderia segui-la, embora, nesse caso, supôs que seria imediatamente. Mas ao ter transcorrido já uma semana, tinha começado a considerar-se a salvo de suas atenções.

A salvo de sua reação a essas atenções.

- Onde está? -perguntou ao Davies.

- O conde?

Ela assentiu.

- Esperando-a no salão rosa.

- Chegou faz muito tempo?

- Não, milady.

Francesca fez um gesto de assentimento, lhe indicando que já não o necessitava, e obrigou a seus pés a levá-la pelo corredor para o salão rosa. Não deveria temer tão intensamente esse encontro. Só era Michael, pelo amor de Deus.

Embora tivesse a deprimente sensação de que já nunca voltaria a ser "só Michael".

De qualquer modo, tinha ensaiado mentalmente um milhão de vezes o que poderia lhe dizer. Mas todas as palavras e explicações lhe pareciam bastante inadequadas nesse momento, em que estava a ponto de ter que dizê-las em voz alta.

"Que alegria vê-lo, Michael", poderia dizer, simulando que não tinha ocorrido nada entre eles.

Ou, "Tem que compreender que isso não mudará nada", mesmo que tudo tivesse mudado.

Ou poderia deixar-se guiar pelo bom humor e começar com algo corriqueiro, por exemplo, "O que lhe parece a tolice que fizemos?"

Embora claro, duvidava que algum deles dois achasse isso tolo.

Portanto, aceitou que simplesmente teria que inventar algo no momento e improvisar, e entrou no famoso e formoso salão rosa do Kilmartin.

Ele estava de pé junto a uma janela (observando se ela chegava, talvez?) e não se voltou quando entrou. Parecia fatigado pela viagem, e tinha a roupa um pouco enrugada e o cabelo revolto. Não teria cavalgado todo o trajeto até Escócia, supôs; só um idiota ou um homem que perseguisse a alguém até a Gretna Green faria isso.

Mas tinha viajado com bastante freqüência com ele, por isso sabia que o mais provável é que tivesse viajado com o cocheiro no boléia uma boa parte do caminho; ele sempre tinha detestado as carruagems fechadas para as viagens longas, e mais de uma vez tinha preferido viajar assim embora garoasse ou chovesse, antes que encerrar-se com o resto dos passageiros.

Não o chamou, embora poderia havê-lo feito. Com seu silêncio não ia ganhar muito tempo; ele se voltaria a olhá-la muito em breve. Mas no momento só desejava tomar o tempo para acostumar-se a sua presença, para comprovar que tinha a respiração controlada, que não ia fazer algo realmente estúpido, como pôr-se a chorar, ou a rir, com uma risada nervosa e tola.

- Francesca -disse ele sem voltar-se.

Tinha percebido sua presença, então. Abriram-lhe mais os olhos, embora isso não deveria surpreendê-la. Desde que esteve no exército, tinha uma capacidade quase felina para perceber seu entorno. Provavelmente isso o manteve vivo durante a guerra. Ao que parecia, ninguém podia atacá-lo por detrás.

- Sim - disse, e logo, pensando que devia dizer algo mais, acrescentou-: Espero que tenha tido uma agradável viagem.

- Muito agradável -disse ele, voltando-se.

Ela engoliu em seco, tratando de não fixar-se em quão bonito era. Virtualmente a tinha deixado sem fôlego em Londres, mas aqui parecia diferente. Mais feroz, mais primitivo.

Muito mais perigoso para sua alma.

- Ocorreu algo em Londres? - perguntou, com a esperança de que sua visita tivesse algum motivo prático.

Porque se não o havia, queria dizer que tinha vindo por ela, e isso a assustava de morte.

- Não ocorreu nada - respondeu ele-, embora traga uma notícia.

Ela inclinou a cabeça, esperando que continuasse.

- Seu irmão se comprometeu em matrimônio.

- Colin? - exclamou surpreendida.

Seu irmão estava tão comprometido com sua vida de solteiro que não estranharia se lhe dissesse que era seu irmão menor Gregory, mesmo que fosse quase dez anos menor que Colin.

Michael assentiu.

- Com Penelope Featherington.

- Com Penel…! Ah, Caramba, isso sim que é uma surpresa. Mas maravilhosa, tenho que dizer. Acredito que lhe convém tremendamente.

Michael avançou um passo para ela, com as mãos agarradas às costas.

- Pensei que desejaria sabê-lo.

E não podia dizer-lhe por carta?, pensou ela.

- Obrigado -disse-, agradeço sua consideração. Faz muito tempo que não há umas bodas na família.

Desde...

Interrompeu-se, embora os dois compreenderam que ela tinha estado a ponto de dizer "a minha".

Fez-se o silêncio no salão como um hóspede indesejado, que finalmente rompeu ela, dizendo:

- Bom, faz muito tempo. Minha mãe deve estar encantada.

- Muito - confirmou ele-. Ou ao menos isso me disse seu irmão. Não tive a oportunidade de conversar com ela.

Francesca pigarreou para limpara garganta e logo tratou de fingir que se sentia muito cômoda nessa estranha situação fazendo um gesto despreocupado com a mão.

- Ficará um tempo?

- Não decidi -respondeu ele, avançando outro passo-. Depende.

Ela engoliu a saliva.

- Do que?

Ele reduziu pela metade a distância entre eles.

- De você -respondeu docemente.

Ela entendeu o que queria dizer, ou ao menos acreditou que o entendia, mas o último que desejava nesse momento era reconhecer o que tinha ocorrido em Londres, de modo que retrocedeu um passo, que era o mais que podia fazer sem sair correndo da sala, e simulou que não entendia.

- Não seja idiota -disse-. Esta é sua casa. Pode entrar e sair como lhe agradar. Não tenho nenhum controle sobre seus atos.

Ele esboçou um sorriso irônico.

- Isso é o que acredita? -murmurou.

E ela viu que havia tornado a reduzir a distância à metade.

- Ordenarei que lhe preparem um quarto - se apressou a dizer-. Qual quer?

- Não me importa.

- O dormitório do conde, então - disse ela, muito consciente de que estava tagarelando-. É o correto. Eu mudarei para outro quarto do corredor. Ou... isto... de outra ala - acrescentou, gaguejando.

Ele deu outro passo para ela.

- Isso poderia não ser necessário.

Ao ouvir isso, dilatou os olhos. O que queria sugerir? Com certeza não se acreditaria que um só beijo em Londres lhe dava permissão para passar pela porta que comunicava os dormitórios do conde e condessa.

- Fecha a porta - disse ele, fazendo um gesto para a porta aberta trás dela.

Ela olhou para trás, até sabendo o que veria.

- Não sei se...

- Eu sim. Fecha-a - acrescentou, com uma voz que era veludo sobre aço.

Ela a fechou. Estava bastante segura de que isso não era conveniente, mas a fechou de qualquer modo. O que fosse que ele quisesse lhe dizer, não lhe importava que o ouvissem todos os criados.

Mas quando soltou a maçaneta , passou junto a ele e entrou no salão, pondo uma distância mais confortável, e um conjunto de sofá e poltronas inteiro, entre eles.

Ele pareceu se divertir com isso, mas não zombou; simplesmente disse:

- Pensei muitíssimo nas coisas desde que te partiu de Londres.

Igual a ela, mas não lhe via sentido dizê-lo.

- Não era minha intenção beijá-la - continuou ele.

- Não! - exclamou ela, muito forte-. Quer dizer, não, claro que não.

- Mas agora que a terei... que nos havemos...

Ela se encolheu ante seu emprego do plural. Ou seja, que não lhe ia permitir fingir que não tinha sido uma participante bem disposta.

- Agora que parece, sem dúvida entende que tudo mudou.

Então ela o olhou; tinha estado olhando resolutamente as flores de lis rosa e creme da tapeçaria de damasco do sofá.

- É claro - disse, tratando de desentender-se da opressão que começava a sentir na garganta.

Ele fechou as mãos sobre a borda de mogno de uma poltrona Hepplewhite. Francesca lhe olhou as mãos; haviam ficado brancos os nós.

Estava nervoso, compreendeu, surpreendida. Não tinha esperado isso. Não sabia se alguma vez o havia visto nervoso. Sempre era um modelo de elegância, de tranqüilidade, de sereno encanto, e parecia ter na ponta da língua alguma brincadeira engenhosa ou perversa.

Mas nesse momento estava diferente; despojado de sua máscara. Nervoso. Isso o fazia sentir-se..., não melhor exatamente a mas, não a única pessoa tola que estava no salão.

- Pensei muitíssimo nas coisas - disse ele.

Bom, estava-se repetindo e isso sim que era estranho.

- E cheguei a uma conclusão que me surpreendeu inclusive - continuou ele-, embora agora que cheguei a ela, estou convencido que é o melhor que se pode fazer.

Com cada palavra dele, ela se ia sentindo mais proprietária de si mesmo, menos incômoda. E não era que desejasse que ele se sentisse mau, bom talvez sim; era justo, depois de como tinha passado ela essa semana. Mas encontrava um certo alívio ao saber que o desconforto ou violência não era unilateral; que ele tinha estado tão perturbado e estremecido como ela.

Ou se não, pelo menos não tinha estado indiferente.

Ele limpou a garganta e levantou ligeiramente o queixo, endireitando o pescoço. E de repente seus olhos se cravaram nos dela com um brilho extraordinário.

- Acredito que deveríamos nos casar -disse.

O que? Olhou-o boquiaberta. O que? Então o disse:

- O que?

Não disse "Perdoe, não entendi", e nem sequer "Perdão?". Simplesmente disse: "O que?"

- Se escutar meus argumentos, verá que têm lógica.

- Está louco?

Ele se parou ligeiramente .

- Não, absolutamente.

- Não posso me casar com você, Michael.

- Por que não?

- Por que não? Porque... porque...

-Porque não posso! - exclamou-. Pelo amor de Deus, você, justamente você, deveria entender o demencial que é essa sugestão.

- Reconheço que em uma primeira reflexão parece descabelada, mas se escutar meus argumentos, verá como é sensata.

Ela voltou a olhá-lo boquiaberta.

- Como pode ser sensata? Não me ocorre nada que possa ser mais insensata!

- Não terá que se mudar de casa - disse ele, começando a contar com os dedos-, e conservará seu título e posição.

Convenientes as duas coisas, mas não motivo suficiente para casar-se com Michael, que... bom... era Michael.

- Poderá entrar no matrimônio sabendo que a tratarei com carinho e respeito - continuou ele-. Poderia lhe levar alguns meses chegar à mesma conclusão com outro homem, e inclusive então, poderia estar segura? Além de tudo, as primeiras impressões podem ser enganosas.

Lhe escrutinou a rosto, tratando de ver se havia algo, algo, detrás de suas palavras. Tinha que ter algum motivo para dizer isso, porque ela não conseguia entender que lhe estivesse propondo matrimônio. Era uma loucura. Era...

Bom Deus, não sabia o que era. Existiria uma palavra para definir algo que fazia que o chão sob seus pés desaparecesse?

- Darei-lhe filhos -disse ele docemente-. Ou ao menos o tentarei.

Ela se ruborizou. Notou-o imediatamente, ardiam-lhe as faces, tinham que estar de um vermelho subido. Não queria imaginar-se na cama com ele. Passou toda essa semana desesperada tentando não imaginá-lo.

- O que ganhará você? -perguntou-lhe em um sussurro.

Ele pareceu surpreso pela pergunta, mas se recuperou em seguida.

- Terei uma esposa que administrou minhas propriedades durante anos. E não sou tão orgulhoso que não queira aproveitar seu conhecimento superior.

Ela assentiu. Só uma vez, mas bastou como sinal para que ele continuasse:

- Já a conheço e confio em você. E estou seguro sabendo que não te desviará.

- Não posso pensar nisto agora - disse ela, cobrindo o rosto com as mãos.

Girava-lhe a cabeça e tinha a horrível sensação de que não se recuperaria disso jamais.

- Tem lógica -disse Michael-. Só tem que considerar.

- Não -disse ela, desesperada por encontrar um tom resoluto. - Não resultaria. Sabe. -Deu-lhe as costas, pois não queria olhá-lo-. Não posso acreditar que tenha considerado...

- Eu tampouco achava quando me veio a idéia - admitiu ele-. Mas uma vez que a tive, não pude deixar de pensar nela e logo compreendi que tem perfeita lógica.

Ela se pressionou as têmporas. Por Deus, por que seguia perorando de lógica? Se voltava a dizer essa palavra uma só vez mais, gritaria.

E como podia estar tão tranqüilo? Não sabia como achava que devia agir ele; certamente nunca se imaginou esse momento. Mas lhe chateava algo de sua insípida recitação de uma proposta. Estava tão frio, tão tranqüilo. Um pouco nervoso, talvez, mas sem emoção; não tinha comprometidas suas emoções.

Enquanto que ela se sentia como se seu mundo saira de seu eixo.

Não era justo.

E nesse momento ao menos, odiou-o por lhe fazer sentir-se assim.

- Subirei a meu quarto - disse bruscamente-. Amanhã pela manhã terei que falar com você a respeito disto.

E quase o conseguiu. Já ia a mais de meio caminho para a porta quando sentiu sua mão no braço, suave mas segurando-a com implacável firmeza.

- Espera - disse ele, e ela não pôde mover-se.

- O que quer? - murmurou.

Não o estava olhando mas via seu rosto na mente, via seu cabelo negro meia-noite caído sobre a testa, seus olhos de pálpebras entreabertas , emoldurados por pestanas tão longas que podiam fazer chorar de inveja a um anjo.

E seus lábios. Principalmente via seus lábios, perfeitos, belamente modelados, sempre curvados nessa expressão marota sua, como se soubesse coisas, como se entendesse o mundo de uma maneira que não poderiam entendê-lo nunca mortais mais inocentes.

Lhe subiu a mão pelo braço até os ombros e a deslizou suavemente, como uma carícia de pluma, pelo lado do pescoço.

E então falou, lhe dizendo com uma voz grave e rouca que lhe chegou até o fundo de seu ser:

- Não deseja outro beijo?

Capítulo 17

… sim, é claro. Francesca é uma maravilha. Mas isso você já sabia, não?

De uma carta da Helen Stirling a seu filho, o conde do Kilmartin, dois anos e nove meses depois de sua marcha à a Índia.

Michael não teria sabido dizer em que momento lhe tornou evidente que teria que seduzi-la. Tinha tentado convencê-la apelando a seu inato praticamente e julgamento, sem resultado.

Não podia recorrer à emoção, porque isso era unilateral, só por parte dele.

Assim, teria que recorrer à paixão.

Desejava-a, ai Deus, quanto a desejava, e com uma intensidade que nunca se imaginou antes de beijá-la fazia uma semana em Londres. Mas mesmo que o sangue lhe corresse alvoroçado pelo desejo e necessidade e, sim, pelo amor, sua mente discorria com acuidade e cálculo; sabia que se quisesse atá-la a ele, devia fazê-lo assim; tinha que persuadir a de ser sua de uma maneira em que ela não pudesse negar-se. Devia deixar de tentar convencê-la com palavras, pensamentos e idéias. Ela tentaria sair da situação com palavras, simulando que não tinha comprometido nenhum sentimento.

Mas se a fazia sua, se deixava sua marca nela da maneira mais física possível, estaria para sempre, sempre com ele.

E ela seria sua.

Ela se desprendeu de sua mão e, virando-se, retrocedeu até deixar uns quantos passos de distância entre eles.

- Não quer outro beijo, Francesca? - murmurou, avançando para ela com agilidade felina.

- Foi um engano - murmurou ela, com a voz trêmula.

Retrocedeu outro passo e teve que deter-se porque se chocou com a borda de uma mesa.

- Não se nos casamos - disse ele, aproximando-se.

- Não posso me casar com você, sabe.

Pegou-lhe a mão e a acariciou suavemente com o polegar.

- E isso por que?

- Porque eu... você... é você.

- Certo - disse ele, levando a mão dela à boca e lhe beijando a palma. Depois deslizou a língua por seu pulso, simplesmente porque podia-. E pela primeira vez em muito, muito tempo - acrescentou, olhando-a através das pestanas-, já não há nenhum outro que eu queira ser.

- Michael -sussurrou ela, arqueando-se para trás.

Desejava-o, compreendeu ele. Notava-o em sua respiração.

- Michael não ou Michael sim? - murmurou, lhe beijando o interior do cotovelo.

- Não sei - gemeu ela.

- Muito justo.

Foi subindo os lábios até lhe mordiscar suavemente o queixo, até que ela não teve outra opção que jogar atrás a cabeça. E ele não teve outra opção que lhe beijar o pescoço.

Continuou beijando-a, deslizando os lábios lenta e concientemente, sem deixar nenhuma polegada de sua pele livre do assalto sensual. Subiu a boca pelo contorno da mandíbula, mordiscou-lhe o lóbulo da orelha e dali desceu até a borda do decote, que agarrou entre os dentes. Ouviu-a afogar uma exclamação, mas não lhe disse que parasse, por isso foi baixando e baixando a blusa até que ficou livre um seio.

Deus santo, quanto gostava dessa nova moda feminina.

- Michael? - sussurrou ela.

- Chss.

Não queria ter que responder nenhuma pergunta; não queria que ela pudesse pensar para fazer uma pergunta.

Deslizou a língua por debaixo do seio, saboreando o aroma salgado e doce de sua pele e logo pôs a mão nele. Tinha posto a mão aí por cima do vestido aquela vez que se beijaram, e achou que isso era o céu, mas não era nada comparado com a sensação de seu seio quente e nu em sua mão.

- Oooh -gemeu ela-. Ooh...

Soprou suavemente o mamilo.

- Posso beijá-la? - perguntou-lhe, olhando-a.

Isso era um risco, esperar sua resposta. Talvez não deveria lhe haver feito essa pergunta, mas embora toda sua intenção era seduzi-la, não conseguia resignar-se a fazê-lo sem receber pelo menos uma resposta afirmativa dela.

- Posso? - repetiu, e adoçou a petição lhe lambendo ligeiramente o mamilo.

- Sim! - exclamou ela-. Sim, pelo amor de Deus, sim.

Ele sorriu, um sorriso largo, lânguido, saboreando o momento. E logo, deixando-a estremecer-se de espera talvez um segundo mais do que era justo, inclinou-se e se apoderou de seu seio com a boca, derramando anos e anos de desejo nesse seio, concentrando-o perversamente nesse inocente mamilo.

Ela não tinha nenhuma mínima possibilidade.

- Oooh! - exclamou ela, agarrando a borda da mesa para firmar-se e arquear todo o corpo-. Ohh. Ohh, Michael. Ohh, Meu Deus.

Aproveitou sua paixão para agarrá-la pelos quadris e levantá-la até deixá-la sentada na mesa, com as pernas separadas para ele, e se instalou entre elas, nesse berço feminino.

Sentiu correr a satisfação por suas veias, mesmo que seu corpo gritasse, reclamando seu próprio prazer. Adorava poder fazer isso a ela, fazê-la exclamar, gemer e gritar de desejo. Ela era muito forte, sempre fria e serena, mas nesse momento era simples e puramente sua, escravizada por suas necessidades, cativa das peritas carícias dele.

Beijou-lhe o seio, lambeu-o, mordiscou e puxou o mamilo. Torturou-a até que acreditou que ela ia explodir. Tinha a respiração agitada e entrecortada, e seus gemidos eram cada vez mais incoerentes.

E enquanto isso ele deslizava as mãos por suas pernas, primeiro lhe agarrando os tornozelos, logo as panturrilhas, subindo mais e mais a saia e as anáguas, até que ficaram amassadas sobre seus joelhos.

E só então se afastou e lhe permitiu ter uma insinuação de alívio.

Ela o estava olhando com os olhos empanados, os lábios rosados e entreabertos. Não disse nada; ele compreendeu que era incapaz de dizer algo. Mas viu a pergunta em seus olhos. Bem podia estar sem fala, mas ainda estava algo longe da desconexão total.

- Pareceu-me que seria cruel te torturar mais tempo - disse, lhe agarrando suavemente o mamilo entre o polegar e o indicador.

Ela emitiu um gemido.

- Você gosta disto -disse. Era uma afirmação, não uma particularmente elegante, mas ela era Francesca, não uma mulher anônima com que ia ter uma relação rápida, fechando os olhos e imaginando seu rosto. E cada vez que ela gemia de prazer o coração lhe vibrava de alegria-. Você gosta disto - repetiu, sorrindo satisfeito.

- Sim - murmurou ela-. Sim.

Ele se inclinou para lhe roçar a orelha com os lábios.

- Isto também você gostará.

- O que? - perguntou ela, surpreendendo-o. Tinha acreditado que ela estava tão imersa na paixão que não poderia lhe fazer perguntas.

Subiu-lhe outro pouco as saias, o suficiente para que não se deslizassem e caíssem para baixo.

- Deseja ouvi-lo, não é? -murmurou, subindo as mãos até deixá-las apoiadas em seus joelhos-.

Apertou-lhe suavemente as coxas, traçando círculos com os polegares-. Quer saber.

Ela assentiu.

Ele se aproximou mais outra vez, e lhe roçou suavemente os lábios com os seus, mas deixando espaço para poder continuar falando:

- Fazia-me muitas perguntas - sussurrou, deslizando os lábios para sua orelha-. Michael, me conte algo malicioso. Me conte algo iníquo.

Ela se ruborizou. Não lhe viu o rubor, mas o percebeu, sentiu em sua pele como lhe subia o sangue às faces.

- Mas eu alguma vez lhe disse o que desejava ouvir, não é? - continuou, lhe mordiscando suavemente o lóbulo da orelha-. Sempre a deixava fora da porta do dormitório.

Interrompeu-se, não porque desejasse ouvir uma resposta mas sim porque desejava ouvi-la respirar.

- Ficava com a curiosidade? -murmurou-. Depois ficava com a curiosidade de saber o que não lhe havia dito? -Novamente a roçou com os lábios, só para senti-los deslizando por sua orelha-. Queria saber o que fazia quando me levava mau?

Não lhe exigiria responder, isso não seria justo, mas não pôde impedir que sua mente retrocedesse a esses momentos, às incontáveis vezes que a atormentava com insinuações respeito a suas proezas sexuais.

Entretanto, nunca tinha conseguido falar disso, mesmo que ela sempre perguntasse.

- Quer que lhe diga? - sussurrou. Notou que ela se movia ligeiramente pela surpresa e pôs-se a rir-. Não sobre elas, Francesca. Sobre você. Só de você.

Ela desviou ligeiramente o rosto, por isso seus lábios deslizaram por sua face. Afastou-se um pouco para lhe ver o rosto e viu sua pergunta claramente em seus olhos.

"O que quer dizer?"

Ele deslizou as mãos sobre suas coxas, exercendo a pressão necessária para separar-lhe outro pouco.

-Quer que lhe diga o que vou fazer agora? - inclinou-se e lhe passou a língua pelo mamilo, que já estava duro e tenso com o ar frio da tarde-. A você?

Ela engoliu em seco, convulsivamente. Ele decidiu interpretar isso como um sim.

- Há muitas opções - disse, com a voz rouca, subindo outro pouco as mãos por suas coxas-. Não sei muito bem por onde começar.

Deteve-se para olhá-la um momento. Ela tinha a respiração agitada, rápida, os lábios entreabertos e inchados por seus beijos. E estava como atordoada, totalmente sob seu feitiço.

Inclinou-se novamente, para a outra orelha, procurando que suas palavras lhe chegassem ardentes e úmidas até a alma:

- Mas acredito que deveria começar por onde me necessita mais. Em primeiro lugar a beijaria... - pressionou-lhe com os polegares a pele macia entre as coxas.- aqui.

Guardou silêncio um momento, o suficiente para que ela se estremecesse de desejo.

- Você gostaria disso? - continuou, com toda a intenção de atormentá-la e seduzi-la-. Sim, vejo que sim. Mas isso não seria suficiente, para nenhum dos dois.

- Deslizou os polegares até lhe tocar a fenda entre as coxas e as pressionou suavemente, para que ela soubesse exatamente a que se referia-. Acredito que você gostaria muito de um beijo aqui - acrescentou-, quase tanto - deslizou para baixo os polegares pelas bordas, aproximando-as mais e mais a seu centro - como um beijo na boca.

Ela estava respirando mais rápido.

- Teria que estar um bom tempo aí - murmurou ele-, e talvez mudar os lábios pela língua, passá-la por este bordo. - Empregou a unha para indicar o lugar-. E enquanto isso iria abrindo mais e mais. Assim, talvez?

Afastou-se, para examinar sua obra. O que viu era pasmosamente erótico. Ela estava sentada na borda da mesa, com as pernas abertas, embora nem tanto para o que desejava fazer. A bainha da saia continuava pendendo entre as coxas, ocultando sua abertura, mas de certo modo isso a fazia mais tentadora. Não precisava lhe ver isso, não ainda em todo caso. Sua posição já era bastante sedutora, ainda mais por seu seio, ainda nu a sua vista, com o mamilo duro, suplicando mais carícias.

Mas nada, nada poderia lhe haver atiçado mais o desejo que seu rosto. Os lábios entreabertos, os olhos obscurecidos a um azul cobalto pela paixão. Cada respiração dela parecia lhe dizer: "Tome ".

E isso quase bastou para obrigá-lo a renunciar a sua perversa sedução e enterrar-se nela ali mesmo e nesse instante.

Mas não, tinha que fazer isso de modo lento. Tinha que atormentá-la, torturá-la, levá-la às alturas do êxtase e mantê-la aí todo o tempo que pudesse.

Tinha que assegurar-se de que os dois compreendessem que isso era algo do que não poderiam prescindir jamais.

De qualquer modo, isso era difícil; não, era difícil para ele, pois estava tão excitado que lhe era condenadamente difícil conter-se.

- O que lhe parece, Francesca? - murmurou, lhe apertando novamente as coxas-. Acredito que não lhe temos aberto muito, não acha?

Ela emitiu um som. Ele não soube o que era, mas o acendeu.

- Talvez mais disto - disse, e se aproximou mais até que suas pernas ficaram totalmente abertas.

A saia ficou caída sobre as coxas.

- Pst, pst, isto deve ser muito incômodo. Vamos ver, me deixe que a ajude.

Agarrou a barra do vestido e a puxou até deixá-la solta sobre sua cintura. E essa parte dela ficou totalmente descoberta.

Ele não a via ainda, tendo seus olhos fixos em seu rosto. Mas saber em que posição estava ela fez estremecer aos dois, a ele de desejo e a ela de espera, e ele teve que endireitar os ombros e fortalecê-los para conservar seu autodomínio. Ainda não era o momento. Seria-o, e logo, seguro; estava certo de que morreria se não a fizesse sua essa noite.

Mas no momento, continuava sendo Francesca. E o que ele conseguisse lhe fazer sentir.

- Não tem frio, verdade? - sussurrou-lhe com a boca junto ao ouvido.

Ela só respondeu com uma respiração trêmula.

Ele pôs um dedo em seu centro feminino e começou a acaricia-lo.

- Jamais permitiria que sentisse frio. Isso seria muito pouco cavalheiresco. - Começou a acariciá-la aí em círculos, ardentes, lentos-. Se estivéssemos ao ar livre, ofereceria-lhe minha jaqueta. Mas aqui - lhe introduziu um dedo, o suficiente para fazê-la abafar uma exclamação-, só posso te oferecer minha boca.

Ela emitiu outro som incoerente, que soou apenas como um gritinho abafado.

- Sim - disse ele, perversamente-, isso é o que lhe faria.

Beijaria-a aí, justo onde sentiria o maior prazer.

Ela não pôde fazer outra coisa que respirar.

- Acredito que começaria com os lábios - continuou ele-, mas logo teria que continuar com a língua para poder te explorar mais em profundidade. -Introduziu-lhe mais os dedos para lhe demonstrar o que pensava fazer com a língua-. Mais ou menos assim, acredito, mas seria mais ardente. -Passou-lhe a língua pelo interior da orelha-. E mais molhado.

- Michael -gemeu ela.

Ah, disse seu nome, e nada mais. Estava aproximando-se da borda.

- Saborearia-o tudo -sussurrou-. Até a última gota de você. E então, quando estivesse seguro de que a tinha explorado totalmente, abriria-a mais. -Abriu-lhe as

dobras com os dedos, introduzindo-os e abrindo a da maneira mais perversa possível, e logo lhe atormentou a pele com a unha-. Se por acaso me tivesse deixado algum canto secreto.

- Michael -voltou a gemer ela.

- Quem sabe quanto tempo te beijaria? - sussurrou ele-. Poderia não ser capaz de parar. -Moveu um pouco o rosto para poder lhe mordiscar o pescoço-. Poderia ser que você não quisesse que parasse. -Introduziu-lhe outro dedo-. Quer que pare?

Jogava com fogo cada vez que fazia uma pergunta, cada vez que lhe dava a oportunidade de dizer não. Se estivesse mais frio, mais calculador, simplesmente continuaria com a sedução e a possuiria antes de que ela começasse a considerar seus atos. Ela estaria tão imersa na onda de paixão que antes de que se desse conta ele estaria dentro dela e seria, por fim e indelevelmente sua.

Mas havia algo nele que não lhe permitia ser tão implacável; ela era Francesca, e necessitava sua aprovação ainda quando esta não fosse outra coisa que um gemido ou um gesto de assentimento. Era provável que depois o lamentasse, mas ele não queria que pudesse dizer, nem sequer para si mesmo, que tinha sido sem pensá-lo, que não havia dito sim.

Necessitava dela. Amava-a desde há tantos anos, tinha sonhado tanto tempo acariciando-a, e agora que tinha chegado o momento, simplesmente não sabia se poderia suportar que ela não o desejasse. O coração de um homem se pode romper de muitas maneiras, e não sabia se poderia sobreviver a outra ruptura mais.

- Quer que pare? - repetiu.

Desta vez parou. Não retirou as mãos, mas deixou de movê-las; ficou quieto e lhe deu tempo para responder. E afastou a cabeça, o suficiente para que lhe olhasse o rosto, ou se não isso, o suficiente para poder olhá-la ele.

- Não -sussurrou ela, sem levantar os olhos para os dele.

O coração falhou.

- Então será melhor que faça o que lhe disse - murmurou.

E o fez. Ajoelhou-se e a beijou aí. Beijou-a enquanto ela se estremecia; seguiu beijando-a enquanto ela gemia. Continuou beijando-a aí quando lhe agarrou o cabelo e o puxou, e continuou quando lhe soltou o cabelo e moveu as mãos procurando desesperada um lugar para afirmar-se.

Beijou-a de todas as maneiras que lhe tinha prometido, e continuou até que ela quase teve seu orgasmo.

Quase.

O teria feito, teria contínuado, mas não o conseguiu. Tinha que tê-la. Tinha desejado isso tanto tempo, tinha desejado fazê-la gritar seu nome e estremecer-se de prazer em seus braços que quando isso ocorresse, a primeira vez ao menos, desejava estar dentro dela. Desejava senti-la ao redor de seu membro, e desejava...

Demônios, simplesmente o desejava assim, e se isso significava que estava descontrolado, que assim fosse.

Com as mãos trêmulas desabotoou a braguilha das calças e liberou seu membro, por fim.

- Michael? - murmurou ela.

Tinha estado com os olhos fechados, mas quando ele se afastou e a soltou, abriu-os. Olhou-lhe o membro e arregalou os olhos. Não havia forma de equivocar-se em relação ao que ia ocorrer.

- Necessito de você - disse ele, com a voz rouca. E ao ver que ela não fazia outra coisa que olhá-lo, repetiu-. Necessito de você, agora mesmo.

Mas não sobre a mesa. Nem sequer ele tinha esse talento, de modo que a agarrou nos braços, estremeceu de prazer quando ela o rodeou com as pernas, e a depositou sobre o macio tapete. Não era uma cama, mas não havia maneira de fazê-lo em uma cama e, francamente, não achava que isso lhes importasse nem a ele nem a ela.

Subiu-lhe as saias até a cintura, e se pôs em cima.

E a penetrou.

Tinha pensado introduzir-se lentamente, mas estava tão molhada e preparada que simplesmente a penetrou até o fundo, mesmo que ela abafasse uma exclamação.

- Doeu-lhe? - perguntou, em um resmungo.

Ela negou com a cabeça.

- Não pare - gemeu-, por favor.

- Nunca - prometeu ele-. Jamais.

Ele se moveu, e ela se moveu debaixo dele, e os dois estavam tão excitados que ao cabo de um momento os dois chegaram ao orgasmo, como uma explosão.

E ele, que se tinha deitado com incontáveis mulheres, de repente compreendeu que até esse momento só tinha sido um menino.

Porque jamais tinha sido assim.

Tudo anterior tinha sido seu corpo. Isto era sua alma.

Capítulo 18

Sabia, sim, absolutamente.

De uma carta do Michael Stirling a sua mãe, Helen, três anos depois de sua chegada à a Índia.

A manhã seguinte foi a pior que podia recordar Francesca desde há um tempo.

A única coisa que desejava era chorar, mas inclusive isso parecia impossível para ela. As lágrimas eram para as inocentes, e esse era um adjetivo que não podia voltar a empregar nunca mais para definir-se a si mesma.

Essa manhã se odiava, odiava-se por ter traído a seu coração, ter traído até seu último princípio, e tudo por um momento de iníqua paixão.

Detestava ter sentido desejo por um homem que não fosse John, e detestava ainda mais que esse desejo tivesse superado com acréscimo tudo o que tinha sentido com seu marido. Sua cama de matrimônio tinha sido de risadas e paixão, mas nada, nada disso poderia havê-la preparado para a perversa excitação que sentia quando Michael lhe sussurrava ao ouvido todas as coisas maliciosas que desejava fazer com ela.

Nem para a explosão que seguiu, quando ele cumpriu suas promessas.

Detestava que tivesse ocorrido tudo isso, e detestava que tivesse ocorrido com Michael, porque em certo modo isso tornava triplament mau.

E acima de tudo, odiava a ele por lhe ter pedido permissão, porque em cada passo, inclusive quando suas mãos a seduziam sem piedade, assegurou-se de que ela

estivesse bem disposta, e agora ela não podia alegar que se deixou levar, que tinha sido impotente ante a força de sua paixão.

E nesse momento, na manhã seguinte, compreendia que já não sabia diferenciar entre covarde e tola, ao menos no que se referia a ela.

Estava claro que era ambas as coisas, e muito possivelmente podia acrescentar o adjetivo "imatura" à definição.

Porque a única coisa que que desejava era fugir.

Era capaz de enfrentar as conseqüências de seus atos.

Certamente isso era o que devia fazer.

Mas em lugar de fazer isso, igual a antes, fugiu.

Em realidade, não podia partir do Kilmartin; ao fim e ao cabo, quase acabava de chegar, e a não ser que estivesse preparada para continuar a fuga até o norte, passar pelas Orcadas e seguir até a Noruega, estava cravada ali.

Mas podia deixar a casa, e isso foi exatamente o que fez com as primeiras luzes da alvorada, e isso depois de sua patética atuação dessa noite, quando saiu cambaleante do salão rosa depois de suas intimidades com o Michael, resmungando frases incoerentes e desculpas, para logo ir encerrar se em seu quarto, do qual não saiu no resto da noite. Não desejava enfrentá-lo ainda.

O céu sabia que não se achava capaz.

Ela, que sempre se orgulhara imensamente de seu sangue-frio, de sua serenidade, converteu-se em uma idiota gaga, resmungando tolices como uma louca de atar, aterrada ante a só idéia de enfrentar ao homem que, estava claro, não podia evitar eternamente.

Mas se conseguisse evitá-lo um dia, dizia-se, isso já seria algo. E quanto ao amanhã, bom, já se ocuparia do amanhã em outro momento. Amanhã, talvez. No momento, a única coisa que desejava fazer era fugir de seus problemas.

A coragem, já estava totalmente certa, era uma virtude muito supervalorizada.

Não sabia aonde queria ir; a qualquer lugar que se pudesse chamar "fora", qualquer lugar onde pudesse dizer-se que as possibilidades de encontrar-se com o Michael eram mínimas.

E então, dado que, como estava convencida, nenhum poder superior se inclinaria a lhe mostrar benevolência nunca mais, começou a chover, quando só estava há uma hora caminhando. Começou com uma suave garoa, que não demorou para converter-se em verdadeiro aguaceiro. cobriu-se debaixo da frondosa taça de uma árvore e se resignou a esperar ali que amainasse a chuva. Quando já levava vinte minutos passando o peso de um pé a outro, sentou-se no chão molhado, sem se importar de manchar a roupa.

Como ia estar ali um bom tempo, bem podia estar cômoda, já que não seca nem abrigada.

E, logicamente, ali foi onde a encontrou Michael duas horas depois.

Bom Deus, ele a tinha procurado. Por que não se podia contar que um homem se comportasse como um canalha quando era isso o que se esperava dele?

- Há espaço para mim aí? - gritou ele, para fazer-se ouvir por cima do ruído da chuva.

- Não para você e seu cavalo -resmungou ela.

- O que disse?

- Não!

Logicamente ele não fez conta; pôs o cavalo debaixo da árvore, atou-o frouxamente a um ramo baixo e desceu de um salto.

- Santo céu, Francesca -disse, sem nenhum preâmbulo-. O que faz aqui?

- E tenha um bom dia , também - resmungou ela.

- Tem uma idéia do tempo que levo buscando você?

- Todo o tempo que estive refugiada debaixo desta árvore, imagino.

Talvez deveria sentir-se contente de que ele tivesse vindo resgatá-la, e embora suas trêmulas pernas lhe exigiam saltar ao cavalo e afastar-se, o resto dela continuava de mau humor e muito disposto a contrariá-lo, simplesmente pela vontade de contrariar.

Nada põe a uma mulher de pior ânimo que uma boa surra de desprezo por si mesma.

Embora, pensou, bastante irritada, ele tinha sua parte de culpa no desastre dessa noite. E se supunha que toda sua litania de aterrados “sinto muito" de depois do desastre significava que exibia culpa, estava muito equivocado.

- Vamos, então - disse ele energicamente, fazendo um gesto para o cavalo.

Ela não o olhou no rosto, manteve o olhar fixo em seu ombro.

- A chuva está amainando.

- Na China, talvez.

- Estou muito bem - mentiu ela.

- Vamos, Francesca, pelo amor de Deus - disse ele, em tom abrupto-, me odeie todo que queira, mas não seja idiota.

- É muito tarde para isso - murmurou ela em voz baixa.

- É possível - concordou ele, o que demonstrava que tinha um ouvido fastidiosamente bom-, mas tenho um frio terrível e desejo estar na casa.

Acredite no que queira, mas neste momento sinto muito mais desejo de beber uma xícara de chá do que desejo a você.

E isso deveria tê-la tranqüilizado, mas a única coisa que desejou foi lhe atirar uma pedra na cabeça.

Mas então, talvez só para demonstrar que sua alma não ia em busca de um lugar quente, a chuva amainou, não de todo, mas o suficiente para lhe dar uma aparência de verdade a sua mentira.

- O sol não demorará para sair - disse, fazendo um amplo gesto para a garoa.

- E pensa ficar no campo seis horas até que seque seu vestido? - perguntou ele arrastando a voz-. Ou prefere uma febre pulmonar prolongada?

Então ela o olhou nos olhos.

- É um homem horrendo.

- Vamos -riu ele-, essa é a primeira coisa verdadeira que disse esta manhã.

- É possível que não entenda que desejo estar sozinha? - replicou ela.

- É possível que você não entenda que não desejo que morra de pneumonia? Sobe ao cavalo, Francesca - ordenou, no tom que ela imaginava que ele empregava com seus soldados na França-. Quando estivermos em casa pode sentir-se livre para se encerrar em seu quarto duas semanas completas se deseja muito, mas agora, não podemos escapar da chuva?

Era tentador, claro, mas mais que isso, era horrorosamente irritante, porque o que ele dizia não era outra coisa que de bom senso, e a última coisa que desejava ela era

que ele tivesse razão em algo. Sobretudo porque tinha a deprimente sensação de que necessitaria mais de duas semanas para deixar atrás o ocorrido essa noite.

Necessitaria de toda uma vida.

- Michael - disse, com a esperança de apelar a alguma parte dele que tivesse piedade das mulheres patéticas e trêmulas-. Não posso estar com você neste momento.

- Durante uma cavalgada de vinte minutos? - disparou ele.

E antes que ela tivesse a presença de ânimo para gritar irritada, ele a pôs de pé de um puxão, levantou-a no ar e a montou no cavalo.

- Michael! - gritou.

- Por desgraça não o disse no tom que lhe ouvi ontem à noite - disse ele, sarcástico.

Ela o golpeou.

- Isso mereço - disse ele, montando atrás dela, e logo movendo-se diabolicamente até que ela se viu obrigada, pela forma da sela, a ficar parcialmente montada em seu regaço-, mas não tanto como você merece uns bons açoites por sua estupidez.

Ela abafou uma exclamação.

- Se queria que ajoelhasse a seus pés suplicando seu perdão - continuou ele, com os lábios escandalosamente perto de seu ouvido-, não deveria ter agido como uma idiota saindo na chuva.

- Não estava chovendo quando saí - respondeu ela, como uma garotinha, e lhe escapou um "OH!" de surpresa quando ele incitou o cavalo e o pôs em marcha.

Então, claro, desejou ter algo diferente das coxas dele para manter o equilíbrio.

Ou que ele não a segurasse tão firme com o braço, nem o pusesse tão alto sobre sua caixa torácica. Bom Deus, seus seios foram virtualmente apoiados em seu antebraço.

Isso sem tomar em conta que ia sentada entre suas coxas, com o traseiro lhe pressionando...

Bom, pelo menos a chuva servia para algo. Ele tinha que estar tiritando de frio, o que poderia ajudar muitíssimo a sua imaginação a manter controlado seu traiçoeiro corpo.

Mas claro, essa noite o tinha visto, visto o Michael de uma maneira que jamais imaginara que o veria, em toda sua esplêndida glória masculina.

E isso era o pior de tudo. Essa frase "esplêndida glória masculina" deveria ser uma brincadeira, para dizê-la com sarcasmo e um sorriso ladinamente perverso.

Mas em Michael assentava à perfeição. Ele sentava à perfeição.

E ela tinha perdido até o último vestígio de prudência que restava.

Cavalgavam em silêncio, ou se não exatamente em silêncio, ao menos não falavam. Mas havia outros sons, muito mais perigosos e amedrontadores. Ela ia totalmente consciente de cada respiração dele; sentia-a passar suave, sussurrante pela orelha, e podia jurar que sentia os batimentos de seu coração nas costas.

Além disso...

- Maldição - exclamou ele.

- O que acontece? - perguntou ela, tratando de virar-se para lhe ver o rosto.

- Felix está coxeando - resmungou ele, saltando ao chão.

- Está muito mal? - perguntou ela, aceitando a mão que lhe oferecia em silêncio para desmontar.

- Ficará bem - respondeu ele, ajoelhando-se para lhe examinar a pata esquerda dianteira do castrado. Imediatamente lhe afundaram os joelhos no barro, danificando as calças de montar. - Mas não nos pode levar aos dois. Acho que nem sequer poderia levar a você sozinha. - Levantou-se e observou o horizonte, para determinar em que parte da propriedade estavam-. Teremos que procurar proteção na antiga casa do jardineiro - acrescentou, tirando impaciente o cabelo molhado dos olhos, que imediatamente lhe caiu sobre a fronte.

- A casa do jardineiro? - repetiu ela, embora sabia muito bem a que se referia.

Era uma casa pequena, de um só cômodo, que estava desabitada desde que o atual jardineiro se mudara a uma casa maior do outro lado da propriedade, pois sua mulher tinha dado a luz a gêmeos.

- Não podemos ir para casa? -perguntou algo desesperada.

A última coisa que precisava era estar a sós com ele, apanhada em uma acolhedora casinha que, se não recordava mau, tinha uma cama bastante grande.

- A pé nos levará mais de uma hora - disse ele, lugubremente-, e a tormenta vai piorar.

E tinha razão. O céu tinha tomado uma curiosa cor esverdeada e as nuvens tinham esse estranho resplendor que costuma preceder a uma tormenta de deliciosa violência.

- Muito bem - disse, tratando de engolir a apreensão.

Não sabia o que a assustava mais, se estar cravada em um lugar sob uma tormenta ou estar apanhada com o Michael em uma casa de um só cômodo.

- Se corremos podemos chegar lá em alguns minutos. Ou, melhor dizendo, você pode correr. Eu terei que levar ao Felix. Não sei quanto lhe levará fazer o trajeto.

Francesca se virou a olhá-lo com os olhos entrecerrados.

- Não fez isto de propósito, não é?

Ele se voltou para ela com uma expressão ensurdecedora, igualada de uma maneira terrível pelo relâmpago que atravessou o céu.

- Sinto muito - se apressou a dizer, lamentando imediatamente suas palavras. Havia certas coisas das quais não se podia de maneira nenhuma, nem por nenhum motivo, acusar jamais a um cavalheiro britânico, das quais, a primeira e principal era lesar intencionadamente a um animal-. Peço desculpas - acrescentou, no momento em que um trovão fez estremecer a terra-. De verdade, desculpe.

- Sabe chegar até lá? - gritou ele, para fazer-se ouvir por cima dos trovões.

Ela assentiu.

- Pode acender o fogo enquanto me espera?

- Posso tentá-lo.

- Vá, então - disse ele secamente-. Corre e se esquente. Eu não demorarei para chegar.

Ela pôs-se a correr, embora não sabia muito bem se ia correndo para a casinha ou fugindo dele.

E levando em conta que ele chegaria ali poucos minutos depois que ela, importava em realidade?

Mas enquanto corria, com as pernas doloridas e os pulmões a ponto de arrebentar, a resposta a essa pergunta não lhe parecia terrivelmente importante. Apoderou-se dela a dor do esforço, só igualado pelas espetadas da chuva no rosto. Mas tudo lhe parecia extranhamente apropriado, como se não merecesse mais.

E provavelmente não merecia, pensou tristemente.

Quando Michael abriu a porta da casa do jardineiro, estava empapado até os ossos e tiritava como um louco. Tinha-lhe levado muito mais tempo de que tinha acreditado conduzir ao Felix até a casinha, e quando chegou ali, encontrou-se ante a tarefa de lhe encontrar um lugar apropriado para atá-lo, posto que não podia deixá-lo exposto debaixo de uma árvore com essa tormenta. Finalmente conseguiu improvisar um curral com cobertura no lugar que antes ocupava o galinheiro, embora quando entrou na casa levava as mãos ensangüentadas e as botas manchadas com o asqueroso esterco que a chuva, inexplicavelmente, não tinha conseguido lhe tirar.

Francesca estava ajoelhada junto à lareira, tentando acender o fogo. A julgar pelo que balbuciava, não tinha muito êxito.

- Céu santo! -exclamou ao vê-lo-. O que lhe aconteceu?

- Tive problemas para encontrar um lugar para atar ao Felix - explicou com a voz áspera-. tive que lhe construir um refúgio.

- Com suas mãos?

- Não tinha outras ferramentas - disse ele, encolhendo os ombros.

Ela olhou nervosa pela janela.

- Estará bem?

- Isso espero - respondeu ele, se sentando em um tamborete de três pernas para tirar as botas. - Não podia lhe dar uma palmada na anca para enviá-lo a casa com essa pata lesada.

- Não, claro que não - disse ela, e então apareceu em sua rosto uma expressão de horror, e se levantou de um salto, exclamando-: E você está bem?

Normalmente ele teria agradecido sua preocupação, mas lhe teria sido mais fácil se soubesse do que falava.

- A que se refere? - perguntou amavelmente.

- À malária - disse ela, com certa urgência na voz-. Está empapado e acaba de ter um ataque. Não quero que lhe... -interrompeu-se , limpou a garganta e endireitou os ombros-. Minha preocupação não significa que me sinta mais caridosa com você que faz uma hora, mas não quero que sofra uma recaída.

Lhe passou pela mente a idéia de mentir para conquistar sua compaixão, mas no final se limitou a dizer:

- Não funciona assim.

- Tem certeza?

- Totalmente. As friagens não produzem a enfermidade.

- Ah - disse ela, e levou um momento para assimilar a informação-. Bom, nesse caso... -Apertou os lábios de modo desagradável-. Continua, então - concluiu.

Michael lhe fez uma insolente vênia e reatou a tarefa de tirar as botas; tirou-se a segunda com um firme puxão e depois agarrou as duas com supremo cuidado pelo bordo dos canos e foi deixá-las perto da porta.

- Não as toques - disse, distraído, caminhando para a lareira-. Estão asquerosas.

- Não consegui acender o fogo - disse ela, de pé perto da lareira, com o aspecto de sentir-se mal consigo mesma-. Sinto muito. Acho que não tenho muita experiência nisso. Mas encontrei lenha seca no canto - explicou indicando o par de lenhos que tinha posto na lareira.

Ele se acocorou e começou à tarefa de acender o fogo; ainda lhe doíam as mãos pelos arranhões que havia feito ao limpar com sarças o galinheiro para dar cobertura a Felix. Vinha-lhe bem a dor em realidade. Embora fosse pouca coisa, de qualquer modo lhe dava algo no que pensar que não fosse a mulher que estava de pé atrás dele.

Estava zangada.

Deveria ter esperado isso. E em realidade o esperava, mas o que não tinha esperado era o muito que isso lhe feria o orgulho e, com toda sinceridade, o coração.

Já sabia, logicamente, que não lhe declararia de repente um amor eterno depois de um episódio de louca paixão, mas tinha sido bastante idiota para que uma pequena parte dele tivesse esperado esse resultado de qualquer modo.

Quem teria pensado que depois de todos seus anos de má conduta, fosse a ressurgir como um idiota romântico?

Mas Francesca entraria finalmente em razão, estava bastante seguro. Teria que aceitá-lo. Comprometeu-se, e muito a fundo, pensou, sentindo bastante satisfação.

E embora não fosse virgem, isso de qualquer modo significava algo para uma mulher de princípios como Francesca.

Correspondia-lhe tomar uma decisão: esperava que lhe passasse a raiva ou a cravava e pressionava até que ela aceitasse o inevitável da situação? Com certeza este último o deixaria machucado, mas achava que apresentava uma maior possibilidade de êxito.

Se a deixasse em paz, ela pensaria que o problema estava esquecido, e talvez encontraria uma maneira de fingir que não tinha ocorrido nada.

- Acendeu-o? - perguntou ela, do outro extremo do aposento.

Ele esteve uns segundos mais soprando uma pequena fagulha e exalou um suspiro de satisfação quando várias começaram a lamber os lenhos.

- Terei que soprar e atiçar um momento mais - disse, virando-se a olhá-la-. Mas sim, dentro de um momento arderá com força.

- Estupendo -disse ela. Retrocedeu uns passos até que ficou sentada na cama-. Eu estarei aqui.

Não pôde evitar um sorriso ao ouvi-la. A casinha só tinha esse cômodo. Onde achava que podia ir?

- Você pode ficar aí - continuou ela, com um tom de preceptora antipática.

Ele seguiu a direção de seu braço para o canto oposto.

- Sim?

- Acredito que é melhor.

- Muito bem - respondeu ele, encolhendo os ombros.

- Muito bem?

- Muito bem - repetiu ele e começou a tirar a roupa.

- O que faz? - exclamou ela, arrumando-se para manifestar horror e altivez ao mesmo tempo.

Ele sorriu para si mesmo, dando-lhe as costas.

- Recomendo-lhe que faça o mesmo - disse, franzindo o cenho ao ver a mancha de sangue que tinha deixado na manga da camisa.

Condenação, tinha as mãos feitas um desastre.

- De maneira nenhuma - disse ela.

- Tenha isto, por favor - disse ele, lhe arrojando a camisa.

Ela chiou quando a camisa lhe caiu no peito, e isso produziu não pouca satisfação a ele.

- Michael! - exclamou ela, lhe jogando a camisa.

- Sinto muito - se desculpou ele, com a maior superficialidade que pôde-. Pensei que você gostaria de usá-la como toalha para se secar.

- Ponha a camisa - ordenou ela entre dentes.

Ele arqueou uma sobrancelha, arrogante.

- Para me congelar? Embora não me ameace a a malária, não tenho o menor desejo de pegar uma gripe. Além disso, isto não é nada que não tenha visto já. -

Ao ouvi-la abafar uma exclamação, acrescentou: - Não, espere. Perdoe. Não viu esta parte. Ontem à noite não consegui tirar nada além das calças, não é?

- Fora daqui - disse ela, furiosa.

Ele pôs-se a rir e fez um gesto com a cabeça para a janela, que vibrava com o tamborilar da chuva sobre o vidro.

- Acho que não, Francesca. Está cravada comigo até que passe a tormenta, parece-me.

Para confirmar essa afirmação, a casa tremeu até os alicerces com a força dos trovões.

- Poderia lhe convir virar a cabeça para o outro lado - continuou ele em tom amistoso. E ao ver que ela arregalava ligeiramente os olhos, sem compreender, acrescentou: - Vou tirar as calças.

Ela emitiu um grunhido de horror, mas virou a cabeça.

- Ah, e saia daí - gritou ele, sem deixar de tirar a roupa. - Está empapando as mantas.

Por um instante pensou que ela ia plantar mais firme o traseiro na cama, só para o contrariar, mas deve ter ganho seu bom senso, porque se levantou, tirou a colcha e a agitou para que caíssem as gotas que tinha deixado.

Ele caminhou até a cama; bastaram-lhe quatro passadas longas, e tirou a manta, para cobrir-se. Não era tão grande como a colcha que tinha ela, mas iria bem.

- Estou coberto - avisou, quando já tinha voltado para seu lgar perto da lareira.

Ela virou a cabeça, lentamente e só com um olho aberto.

Michael resistiu a tentação de mover a cabeça de lado a lado. A verdade, tudo isso achava exagerado, dado o ocorrido na noite anterior. Mas se a fizesse sentir-se melhor aferrar-se aos vestígios de sua virtude de criada, ele estava disposto a permitir-lhe ao menos o resto da manhã.

- Está tiritando - disse-lhe.

- Tenho frio.

- Como não vai ter frio. Tem o vestido empapado.

Ela não disse nada; simplesmente o olhou com uma expressão que dizia que não pensava tirar a roupa.

- Faça o que quiser, mas venha sentar-se perto do fogo.

Ela pareceu vacilar.

- Pelo amor de Deus, Francesca - disse ele, com a paciência quase esgotada-. Juro que não vou violar você. Ao menos não nesta manhã nem sem sua permissão.

Curiosamente, isso fez arder as faces a ela, com mais ferocidade ainda, mas ainda devia ter certa consideração a ele e a sua palavra, porque foi sentar se no chão perto da lareira.

- Sente mais calor agora? - perguntou-lhe, simplesmente para provocá-la.

- Sim.

Dedicou os minutos seguintes a atiçar e soprar o fogo, vigiando que as chamas não se apagassem, e de tanto em tanto lhe olhava dissimuladamente o perfil. Passado um momento, quando viu que já lhe tinha suavizado um pouco a expressão, decidiu experimentar a sorte e lhe disse, em tom bastante amável.

- Afinal não me respondeu ontem à noite.

Ela não se virou para olhá-lo.

- A que?

- Acho que lhe pedi que se casasse comigo.

- Não, não me pediu - respondeu ela, com a voz bastante tranqüila-. Me informou que achava que deveríamos nos casar e logo me explicou por que.

- Sim? -murmurou ele-. Que descuidado sou.

- Não interprete isso como um convite a me fazer a proposta agora - disse ela secamente.

- E me vai fazer desperdiçar este momento tão romântico? - disse ele arrastando a voz.

Não pôde estar certo, mas acreditou ver que ela estirava os lábios em uma insinuação de sorriso reprimido.

- Muito bem - disse, em tom muito magnânimo-. Não lhe pedirei que se case comigo. Esquecerei que um cavalheiro insistiria depois do que ocorreu.

- Se fosse um cavalheiro não teria ocorrido - interrompeu ela.

- Fomos os dois, Francesca - disse ele amavelmente.

- Sei -respondeu ela, com tanta amargura que lamentou tê-la provocado.

Por desgraça, ao tomar a decisão de não continuar acossando-a, ficou sem nada que dizer; isso não falava em favor dele, mas assim era. Assim que ficou calado, amassando mais a manta de lã ao redor do corpo, e olhando-a dissimuladamente de tanto em tanto, tratando de determinar se se estaria esfriando muito.

Mas mordeu a língua, embora a contra gosto, para respeitar seus sentimentos, embora se estivesse pondo em perigo sua saúde. Bom, isso anularia tudo.

Mas não estava tiritando e tampouco mostrava nenhum sinal de que sentisse um frio excessivo, além da forma como tinha levantadas várias partes da saia perto do fogo, tentando inutilmente que se secasse o tecido. De tanto em tanto dava a impressão de que ia falar, mas logo fechava a boca, molhando-os lábios e exalando suaves suspiros.

E então, sem sequer olhá-lo, disse:

- Considerarei-o.

Ele arqueou uma sobrancelha, esperando que continuasse.

- Sobre me casar com você - esclareceu ela, sem deixar de olhar fixamente o fogo-. Mas não lhe darei a resposta agora.

- Poderia estar grávida - disse ele em voz baixa.

- Isso sei muito bem. - rodeou-se os joelhos dobrados com os braços-. Darei a resposta quando tiver essa resposta.

Michael enterrou as unhas nas palmas. Tinha-lhe feito amor em parte para lhe forçar a mão, não podia passar por cima esse desagradável fato, mas não com a intenção de deixá-la grávida. Sua intenção tinha sido atá-la a ele com a paixão, não com uma gravidez não planejado.

E agora lhe dizia, em essência, que somente se casaria com ele pelo bem de um bebê.

- Compreendo - disse, pensando que a voz lhe saía muito tranqüila, se tivesse em conta a onda de fúria que lhe corria pelas veias. Fúria que talvez não tinha direito a sentir, mas a sentia de qualquer maneira, e não era tão cavalheiro para não lhe fazer caso-. Então é uma lástima que tenha prometido não violar você esta manhã - disse em tom perigoso, sem poder resistir a esboçar seu sorriso felino.

Ela virou a cabeça para olhá-lo.

- Poderia..., como se diz? -continuou ele, coçando ligeiramente o contorno do queixo - selar o trato. Ou pelo menos desfrutar imensamente tentando-o.

- Michael...

- Mas que bom para mim que, segundo meu relógio - se interrompeu tirando o relógio do bolso da jaqueta que tinha deixado sobre a mesa-, só faltam cinco minutos para o meio-dia.

- Não o faria - sussurrou ela.

Ele não estava de bom humor, mas sorriu de qualquer maneira.

- Deixa-me poucas opções.

- Por que?

Ele não soube o que lhe perguntava, mas de qualquer modo respondeu, com a única verdade da qual não podia escapar:

- Porque tenho que fazê-lo.

Ela arregalou os olhos.

- Dá-me um beijo, Francesca?

Ela negou com a cabeça.

Estavam mais ou menos a jarda e meia de distância, e os dois estavam sentados no chão.

Aproximou-se arrastando-se, e o coração acelerou ao ver que ela não se afastava.

- Permite-me que a beije? -murmurou.

Ela não se moveu.

Aproximou-se mais.

- Disse-lhe que não a seduziria sem sua permissão - disse, com a voz rouca, com os lábios a só uns dedos dos dela-. Me beije, Francesca? - repetiu.

Ela se moveu para ele.

E ele soube que era sua.

Capítulo 19

Acredito que Michael poderia estar pensando em voltar para casa. Não o diz assim, francamente, em suas cartas, mas não posso descartar a intuição de uma mãe. Sei que não devo animá-lo a deixar atrás todos seus êxitos na Índia, mas acredito que sente falta de nós. Seria maravilhoso o ter em casa, não é?

De uma carta da Helen Stirling à condessa do Kilmartin, nove meses antes da volta do conde do Kilmartin da Índia.

Quando sentiu lábios dele nos seus, Francesca só pôde pensar que tinha perdido a prudência. Novamente Michael lhe tinha pedido permissão. Novamente lhe tinha dado a oportunidade de afastar-se, de rechaçá-lo e manter-se a uma distância prudente.

Mas outra vez sua mente estava escravizada por seu corpo, e simplesmente não tinha a força para impedir a aceleração de sua respiração nem o retumbar do coração.

Nem o ardente formigamento de espera que sentiu quando suas mãos grandes e fortes desceram por seu corpo, aproximando-se pouco a pouco ao centro de sua feminilidade.

- Michael - murmurou, mas os dois sabiam que sua súplica não era de recusa.

Não lhe pedia que parasse, suplicava-lhe que continuasse, que lhe enchesse a alma como o fizera na noite passada, que lhe recordasse todos os motivos de que adorasse ser mulher, e lhe ensinasse a embriagadora sorte de sua própria capacidade sensual.

- Mmm - murmurou ele.

Tinha as mãos ocupadas em soltar os botões do vestido, e embora o tecido estivesse molhado e isso tornasse difícil a tarefa, despiu-a em tempo recorde, deixando-a somente com a fina regata de algodão, que a água de chuva lhe grudava ao corpo e a fazia quase transparente.

- Que linda é - murmurou, olhando os contornos dos seios, claramente definidos sob o tecido de algodão. - Não posso... Não...

Não disse nada mais, por isso lhe olhou a rosto, desconcertada. Essas não eram simples palavras para ele, compreendeu, surpreendida;

Movia-se o pomo do pescoço, com uma emoção que ela nunca imaginou que veria nele.

- Michael? - sussurrou.

O nome lhe saiu para fazer uma pergunta, embora não sabia o que queria lhe perguntar. E ele, estava bastante certa, não saberia o que lhe responder; ao menos com palavras. Levantou-a nos braços e a levou até a cama; ali se deteve para lhe tirar a regata.

Agora podia parar, disse-se ela; podia pôr fim a isso. Michael a desejava, terrivelmente, isso o via, seu desejo era muito visível. Mas pararia se ela o disesse.

Mas não pôde. Por muito que seu cérebro lhe apresentasse razões para lhe esclarecer os pensamentos, seus lábios não podiam fazer outra coisa que aproximar-se dos dele, esperando outro beijo, ansiosos por prolongar o contato. Desejava isso. Desejava a ele. Até sabendo que era mau, era tão ná que não podia parar.

Ele a tornava perversa.

E desejava deleitar-se nisso.

- Não - disse, e a palavra lhe saiu da boca com torpe brutalidade.

Ele deixou as mãos quietas.

- Eu o farei - disse ela.

Ele a olhou nos olhos e lhe pareceu que se afogava nessas profundidades cor mercúrio. Viu cem perguntas nesses olhos, nenhuma das quais estava preparada para responder. Mas sabia uma coisa, mesmo que não pudesse expressá-lo em voz alta. Se ia fazer isso, se era incapaz de negar a satisfação de seu desejo, por Deus que o faria de todas as maneiras possíveis. Tomaria o que desejava, roubaria o que necessitava, e ao terminar o dia, se conseguia recuperar a razão e pôr fim a essa loucura, teria tido uma

tarde erótica, uma relação sexual pasmosa, crepitante, durante a qual ela estaria no comando.

Ele tinha despertado a veia luxuriosa que dormia dentro dela, e desejava cobrar sua vingança.

Pondo uma mão no peito empurrou-o fazendo-o cair de costas na cama, e ele a olhou incrédulo, com os olhos ardentes e os lábios entreabertos de desejo.

Então retrocedeu um passo, baixou as mãos e delicadamente apegou a bainha da regata.

- Quer que tire isso?

Ele assentiu.

- Diga-o.

Queria saber se ele era capaz de falar; queria saber se era capaz de torná-lo louco, fazê-lo escravo de seu desejo, tal como tinha feito ele com ela.

- Sim - disse ele, com a voz rouca, abafada.

Ela não era nenhuma inocente; tinha estado casada dois anos com um homem de desejos sadios e vigorosos, um homem que lhe tinha ensinado a celebrar isso mesmo nela.

Sabia ser descarada, calma, sabia a maneira de estimular seu desejo, mas nada poderia tê-la preparado para a carga elétrica que acontecia nela nesse momento, para a fascinação de despir-se para o Michael.

Nem para a pasmosa onda de excitação que sentiu quando levantou a vista para seu rosto e o viu observando-a.

Isso era poder.

E adorava.

Com um movimento lento, subiu a barra da regata justa até acima dos joelhos, e pouco a pouco foi subindo pelas coxas até que quase chegou aos quadris.

- Até aqui? - brincou, molhando-os lábios e esboçando um sedutor meio sorriso.

Ele negou com a cabeça.

- Mais - exigiu.

Exigiu? Gostou disso.

- Suplique-me.

- Mais - disse ele em tom mais humilde.

Ela assentiu aprovadora, mas justo antes de lhe deixar ver o triângulo de pêlo púbico, deu meia volta, subiu a regata pelas nádegas e continuou para cima até tirá-la pela cabeça.

Ele tinha a respiração agitada, forte, ofegante; ouvia o som do fôlego ao sair por seus lábios e quase sentia que lhe acariciava as costas. Mas não se virou.

Emitindo um longo e sedutor gemido, subiu suavemente as mãos por seus flancos, seguindo as curvas dos quadris e, ao chegar à altura dos seios, deslizou-as para diante. E então, embora soubesse que ele não via, apertou-os.

Ele adivinharia o que estava fazendo.

E isso o deixaria louco.

Sentiu-o mover-se na cama e ouviu ranger a madeira da armação da cama.

- Não se mova - lhe ordenou.

- Francesca - gemeu ele.

Sua voz soou mais perto. Devia estar sentado, a ponto de tocá-la.

- Deite -lhe disse, com suave tom de advertência.

- Francesca - repetiu ele, e ela detectou um deixe de desespero em sua voz.

Ouviu-lhe a respiração agitada; compreendeu que não se movera, que continuava tentando decidir o que fazer.

- Deite - disse-lhe, pela última vez-. Se me desejar.

Ao cabo de um segundo de silêncio, ouviu-o deitar-se na cama. Mas também ouviu sua respiração, que já soava áspera, muito agitada, com um matiz perigoso.

- Assim, bem - sussurrou.

Atormentou-o outro pouco, deslizando suavemente as mãos por seu corpo, roçando-a pele com as unhas, sentindo que lhe punha a pele de galinha.

- Mmm - gemeu, fazendo o som sedutor-. Mmm.

- Francesca...

Ela passou as mãos pelo ventre e as desceu, sem chegar a tocar-se aí (não sabia se era tão perversa para fazer isso), só o suficiente para cobrir o púbis, deixando-o na ignorância, só imaginando-se o que poderia estar fazendo ela com os dedos.

- Mmm -murmurou outra vez-. Oohhh.

Ele emitiu um som gutural, primitivo, só um som. Estava chegando ao ponto de ruptura; não poderia atormentá-lo mais.

Olhou-o por cima do ombro, molhando-os lábios.

- Deveria tirar isso - disse ao ver a cueca que lhe cobria suas partes. Não tinha despido de todo quando tirou a roupa molhada e seu membro vibrava e movia o tecido-. Parece que não está muito cômodo - acrescentou, infundindo em sua voz uma insinuação de coquete inocência.

Ele grunhiu algo e virtualmente se arrancou a roupa.

- Ah, caramba- disse ela.

Embora dissesse isso como uma parte de sua torturante sedução, descobriu que dizia muito a sério. Seu membro se via enorme e potente, e compreendeu que estava metida em um jogo perigoso, empurrando-o até seus limites.

Mas não pôde parar. Sentia-se gloriosa em seu poder sobre ele e de maneira nenhuma podia parar.

- Muito bonito - ronronou, lhe olhando o corpo de cima abaixo e detendo o olhar em seu membro viril.

- Frannie, basta -disse ele.

Ela o olhou nos olhos.

- Está a minhas ordens, Michael - disse, em suave tom autoritário-. Se me deseja, pode me ter. Mas eu estou no comando.

- Fra...

- Essas são minhas condições.

Ele ficou quieto, fez um leve gesto de assentimento, como se se resignasse. Mas não se estendeu de costas; estava sentado, com o corpo ligeiramente jogado para trás, com as mãos apoiadas detrás. Tinha todos os músculos tensos e em seus olhos cintilava uma expressão felina, como se estivesse preparado para saltar.

Estava simplesmente magnífico, pensou ela, estremecendo de desejo.

E ao seu dispor.

- O que devo fazer agora? - perguntou-se em voz alta.

- Venha aqui -respondeu ele, com a voz áspera.

- Ainda não - suspirou ela, meio virando-se para ele, deixando o corpo de perfil.

Viu como ele baixava o olhar a seus mamilos endurecidos, viu como lhe obscureciam os olhos e lambia os lábios. E notou que ela se esticava mais ainda, pois a imagem mental de sua língua sobre ela lhe fez passar outra onda de excitação por todo o corpo.

Tocou-se um peito e curvou a mão por debaixo, levantando-o, como se fosse uma deliciosa oferenda.

- É isto o que deseja? - perguntou, em um sussurro.

- Sabe o que desejo - disse ele, apenas em um rouco grunhido.

- Mmm, sim, mas... e enquanto isso? Não são mais doces as coisas quando nos vemos obrigados a esperar?

- Não tem nem idéia.

Ela olhou o peito.

- Eu gostaria de saber o que ocorreria se fizer isto - disse, agarrando o mamilo entre os dedos e movendo-o, e lhe retorceu o corpo ao sentir descer as vibrações até o centro mesmo de seu ser.

- Frannie - gemeu ele.

Ela o olhou, e viu seus lábios entreabertos e seus olhos empanados de desejo.

- Eu gosto disso- disse, quase surpreendida. Jamais se havia tocado assim, e nem sequer lhe tinha ocorrido, até esse momento, tendo ao Michael como seu cativado público-. Eu gosto disso - repetiu.

Pôs a outra mão no outro seio e puxou os mamilos dando prazer ao mesmo tempo. Logo se levantou os dois seios, formando com as mãos um sedutor espartilho.

- Ai, Deus - gemeu Michael.

- Não tinha idéia de que podia fazer isto - disse ela, arqueando as costas.

- Eu o posso fazer melhor - disse ele, em um fôlego.

- Mmm, é muito provável - concordou ela-. Praticou muito, não é?

E o olhou com uma expressão de estudada e elegante indiferença, como se não lhe incomodasse nada que ele tivesse seduzido a vintenas de mulheres. E a estranha verdade era que até esse momento tinha acreditado que assim era.

Mas nesse momento...

Ele era seu. Seu, para tentá-lo, seduzi-lo e desfrutá-lo, e enquanto ele fizesse exatamente o que ela desejava não pensaria nessas outras mulheres. Não estavam aí na habitação. Só estavam ela e Michael, e a chispante excitação que vibrava entre eles.

Aproximou-se mais da cama, e lhe afastou as mãos quando ele as estendeu para ela.

- Se o deixo tocar um, fará-me uma promessa?

- Algo.

- Não algo - disse ela, em tom bastante benévolo-. Pode fazer o que eu lhe permita e nada mais.

Ele assentiu bruscamente.

- Jogue-se.

Ele obedeceu.

Ela subiu à cama e se colocou apoiada nas mãos e os joelhos, mas sem que seus corpos se tocassem por nenhuma parte. Adiantou o corpo deixando-o suspenso sobre o seu e lhe disse docemente:

- Uma mão, Michael. Pode usar uma mão.

Emitindo um gemido que pareceu sair como arrancado de sua garganta, agarrou-lhe todo o seio com sua enorme mão.

- Ohhh -exclamou, com todo o corpo estremecido, lhe apertando o seio. - Deixa que o faça com as duas mãos, por favor - suplicou.

Ela não pôde resistir. Esse simples contato a tinha convertido em chama pura, e embora desejava exercer poder sobre ele, não pôde negar-se. Assentindo, porque era absolutamente incapaz de falar, arqueou as costas e de repente sentiu as duas mãos em seus seios, amassando, acariciando, estimulando seus sentidos já excitados até o frenesi.

- A ponta -murmurou ela-. Faz o que eu fiz.

Ele sorriu furtivamente, e ela teve a impressão de que já não estava tão ao mando como pensava, mas ele fez o que lhe ordenou e começou a lhe torturar os mamilos com os dedos.

E tal como lhe prometera, fazia isso muito melhor que ela.

Baixou-se o corpo sozinho, e já quase não tinha força para manter-se afastada.

- Agarre-me com a boca - ordenou, mas a voz já não soava tão autoritária.

Era uma súplica, e os dois sabiam.

Mas o desejava. Ai, quanto o desejava. Com todo seu entusiasmo e ardor na cama, John nunca lhe tinha acariciado os seios da maneira em que o tinha feito Michael na noite anterior. Nunca lhe tinha sugado os seios, nunca lhe tinha mostrado como os lábios e dentes podiam lhe fazer estremecer todo o corpo. Nem sequer sabia que um homem e uma mulher podiam fazer algo assim.

Mas já sabendo-o, não podia deixar de fantasiar com isso.

- Baixe mais um pouco - disse ele em voz baixa-, se quiser que continue estendido.

Na mesma posição, apoiada nas mãos e joelhos, ela desceu o corpo um pouco mais, deixando um seio balançando-se perto de sua boca.

Ele não fez nada, obrigando-a a descer mais e mais, até que o mamilo ficou lhe roçando os lábios.

- Que deseja, Francesca? - perguntou ele, então, com a respiração agitada, lhe molhando o mamilo com o fôlego.

- Sabe.

- Diga-o outra vez.

Já não estava no comando. Sabia, mas não se importava. A voz dele tinha o deixe de autoridade, mas ela já estava tão imersa na paixão que não pôde fazer outra coisa que obedecer.

- Agarre-me isso com a boca - repetiu.

Ele levantou a cabeça e lhe agarrou o mamilo entre os lábios, e começou a sugar e mordiscar obrigando-a a descer mais o corpo até que ficou em posição para que ele fizesse o que quisesse. Ele continuou as carícias com a boca, torturando-a, e ela foi caindo mais e mais em seu feitiço, perdeu a vontade e a força, e a única coisa que que desejava era estender-se de costas e deixar que lhe fizesse o que fosse que desejava lhe fazer.

- E agora o que? - perguntou ele, amavelmente, sem lhe soltar o mamilo-. Mais disto? -Fez virar a língua sobre o mamilo de uma maneira particularmente excitante-. Ou outra coisa?

- Outra coisa - resfolegou ela, e não soube se o disse porque desejava outra coisa ou porque achava que já não poderia suportar um minuto mais o que lhe estava fazendo.

- Você está no comando - disse ele, e sua voz soou levemente zombadora-. Eu estou a suas ordens.

- Desejo... desejo...

Tinha a respiração tão agitada que não pôde terminar a frase. Ou igualmente não sabia o que desejava.

- Faço-lhe algumas ofertas?

Ela assentiu.

Ele deslizou um dedo por seu ventre até seu centro feminino.

- Poderia acariciá-la aqui - disse, com um malicioso sussurro-, ou, se preferir, poderia beijá-la aí.

Ela esticou mais o corpo ante essa idéia.

- Mas isso expõe novas perguntas - continuou ele-. Estenda-se de costas e me permite que me ajoelhe entre suas pernas, ou continua acima e me aproxima essa parte para a boca?

- Ooh!

Não sabia. Simplesmente não tinha nem idéia de que fosse possível fazer essas coisas.

- Ou - acrescentou ele, pensativo-, poderia me pegar o membro com a boca. Certamente eu gostaria, embora, devo dizer, realmente que isso não faz parte do jogo preliminar.

Francesca ficou boquiaberta pela surpresa e não pôde evitar lhe olhar o membro, que estava grande, preparado para ela. Tinha beijado aí ao John uma ou duas vezes, quando se sentia particularmente ousada, mas meter-lhe na boca?

Isso era muito escandaloso, inclusive em seu atual estado de luxúria.

- Não - disse Michael, sorrindo um pouco divertido-. Em outra ocasião talvez. Vejo que será uma aluna muito avantajada.

Francesca assentiu, sem poder acreditar que prometesse tanto.

- Então, por agora - continuou ele-, essas são suas opções, ou...

- Ou o que? -perguntou ela, com a voz apenas um rouco sussurrante.

Pôs-lhe as mãos nos quadris.

- Ou poderíamos passar diretamente ao prato principal - disse, em tom autoritário; levantou-a, colocou-a escarranchado sobre ele e lhe pressionou os quadris, baixando-a para seu membro ereto-. Poderia me cavalgar. Fez isso alguma vez?

Ela negou com a cabeça.

- Deseja-o?

Ela assentiu.

Lhe soltou um quadril, pôs-lhe a mão na nuca e a fez descer até que ficaram tocando-os narizes.

- Não sou um ponei manso - disse, suavemente-. Te prometo que terá que trabalhar para manter o assento.

- Desejo-o.

- Está preparada para mim?

Ela assentiu.

- Tem certeza? - perguntou ele, curvando levemente os lábios, o suficiente para atormentá-la.

Ela não sabia o que tinha querido dizer, e ele sabia. Simplesmente o olhou e dilatou os olhos, interrogante.

- Está molhada?

Ela sentiu arder as faces, como se não as tivesse tido já ardendo, mas assentiu.

- Tem certeza? Acredito que devo comprová-lo, para estar seguro.

Francesca ficou com o ar apanhado na garganta ao lhe ver fechar a mão ao redor de sua coxa e subi-la para seu centro. Ele a deslizava lentamente, lhe produzindo de propósito a tortura da espera. E então, justo quando pensava que ficaria a gritar, ele a acariciou aí, lhe esfregando em círculos com um dedo.

- Muito bonito - ronronou, imitando o que ela dissera antes.

- Michael...

Ele estava desfrutando tanto de sua posição que não lhe permitiu que apressasse as coisas.

- Não estou certo - disse-. Está preparada aqui, mas... E aqui?

Francesca quase gritou quando lhe introduziu um dedo.

- Ah, sim -murmurou ele-. E você gosta também.

- Michael..., Michael...

Introduziu outro dedo, junto ao primeiro.

- Muito quente - sussurrou-, em seu próprio centro.

- Michael...

Ele a olhou nos olhos.

- Deseja-me? -perguntou, francamente.

Ela assentiu.

- Agora?

Voltou a assentir, e com mais vigor.

Ele retirou os dedos, voltou a lhe agarrar os quadris e começou a baixá-la, baixá-la, até que sentiu a ponta de seu membro em sua abertura. Tratou de descer mais o corpo, mas ele a segurou firmemente.

- Devagar - murmurou.

- Por favor.

- Deixa que eu a mova.

Lhe pressionando suavemente os quadris, foi baixando pouco a pouco, estendendo-a. O membro era imenso, e sentia tudo diferente nessa posição.

- Bem? - perguntou ele.

Ela assentiu.

- Mais?

Ela voltou a assentir.

E ele continuou a tortura, mantendo-se quieto mas lhe baixando o corpo, penetrando-a polegada a polegada, lhe tirando o fôlego, a voz e até a capacidade para pensar.

- Sobe e baixa - ordenou ele.

Ela o olhou nos olhos.

- Pode fazê-lo - disse ele docemente.

Ela se moveu, provando, e gemendo pelo prazer da fricção, e então abafou uma exclamação ao sentir que continuava baixando e nem sequer o membro estava inteiro dentro dela.

- Me introduza até a base.

- Não posso.

E não podia. Não podia, de maneira nenhuma. Na noite anterior o tinha feito, mas isso era diferente. Não lhe ia caber.

Ele aumentou a pressão das mãos e se arqueou ligeiramente, e de repente, com uma só investida, deixou-a sentada sobre ele, esmagando-o, pele com pele.

E quase não podia respirar.

- Oohhh - gemeu ele.

Ela continuou sentada, balançando-se para diante e para atrás, sem saber o que fazer.

Ele tinha a respiração muito agitada, entrecortada, e começou a mover o corpo. Ela se agarrou e seus ombros, para sustentar-se e manter o assento, e assim foi como começou a subir e descer, a tomar o comando, a procurar o prazer para ela.

- Michael, Michael - gemia, sentindo que o corpo ia a um lado e ao outro, como por vontade própria, e não tinha a força para resistir as ardentes ondas de excitação e prazer que a percorriam toda inteira.

Ele simplesmente grunhia, arqueando-se e movendo-se, investindo. Tal como prometera, não era suave, nem era manso. Obrigava-a a se mover para procurar o prazer, a aferrar-se, a mover-se com ele, e depois a amassá-lo, e então...

Escapou-lhe um grito, gutural.

E o mundo simplesmente se desintegrou.

Não soube o que fazer, não soube o que dizer. Soltou-lhe os ombros, endireitou o corpo e o arqueou, com todos os músculos terrivelmente tensos.

E então ele explodiu. Contorsionou-se o rosto, arqueou-se violentamente, levantando-se os dois, e ela sentiu que se estava esvaziando nela. Ele repetia seu nome uma e outra vez, diminuindo o volume até que foram sussurros apenas audíveis. E quando ficou quieto, somente lhe disse:

- Deite-se comigo.

Ela se estendeu a seu lado. E dormiu.

Pela primeira vez em muitos dias, dormiu de verdade, profundamente.

E nunca soube que ele continuou acordado, com os lábios posados em sua têmpora e a mão em seu cabelo.

Sussurrando seu nome.

E sussurrando outras palavras também.

Capítulo 20

Michael fará o que desejar. Sempre faz o que quer.

Da carta da condessa do Kilmartin a Helen Stirling, três dias depois de receber sua carta.

O dia seguinte não trouxe nenhuma paz a Francesca. Quando pensava racionalmente, ou ao menos todo o racionalmente de que era capaz, parecia-lhe que se tinha que encontrar uma resposta deveria perceber uma certa lógica no ar, algo que lhe indicasse o que devia fazer, como agir, que decisões precisava tomar.

Mas não. Não percebia nada.

Fez amor com ele duas vezes.

Duas vezes.

Com Michael.

Isso só deveria ter ditado suas decisões, convencido de aceitar sua proposta. Deveria deixar isso claro. Deitara-se com ele. Poderia estar grávida, embora essa possibilidade parecia-lhe remota, pois tinha levado dois anos inteiros conceber com o John.

Mas inclusive sem essa conseqüência, sua decisão deveria ser evidente. Em seu mundo, em sua sociedade, esse tipo de intimidades em que tinha participado só significava uma coisa.

Devia casar-se com ele.

E entretanto não conseguia levar o sim a seus lábios. Cada vez que achava haver-se convencido de que isso era o que tinha que fazer, uma vozinha interior lhe aconselhava cautela, prudência, e ela parava, sem poder continuar adiante, com um medo terrível de chegar ao fundo de seus sentimentos e tentar descobrir por que se sentia tão paralisada.

Michael não entendia, logicamente. Como poderia entender se nem ela se entendia?

Na tarde anterior, quando despertou na casa do jardineiro, estava sozinha, e encontrou uma nota dele no travesseiro, em que lhe explicava que levaria ao Felix ao estábulo e não demoraria para voltar com outro cavalo.

Mas quando chegou, só trazia um cavalo, com o que a obrigava a compartilhar com ele a sela, embora desta vez ela montou atrás dele.

E enquanto a ajudava a montar o outro cavalo fora da casinha do jardineiro, disse-lhe ao ouvido:

- Irei ver o pároco amanhã pela manhã.

- Não estou preparada - respondeu imediatamente, invadido seu peito pelo terror-. Não vá vê-lo ainda.

O rosto dele escureceu, mas controlou o gênio.

- Já falaremos - disse simplesmente.

E cavalgaram até a casa em silêncio.

Logo que entraram nela, Francesca tratou de escapar para seu quarto, alegando que precisava banhar-se, mas lhe agarrou a mão, com suavidade mas firmeza ao mesmo tempo, e de repente se encontrou sozinha com ele, no salão rosa, justamente esse, de todos os salões da casa, com a porta fechada.

- O que acontece?

- O que quer dizer? - conseguiu balbuciar ela, tratando angustiosamente de não olhar a mesa que estava detrás dele, a mesa em que a tinha sentado na noite anterior e depois lhe tinha feito coisas inexprimíveis.

E só a lembrança fazia-o estremecer.

- Sabe o que quero dizer - disse ele, impaciente.

- Michael, eu...

- Casará-se comigo?

Deus santo, tomara não houvesse dito isso. Tudo lhe era muito mais fácil de evitar quando não estavam as palavras aí, suspensas entre eles.

- Isto...

- Casará-se comigo? -repetiu ele, desta vez em tom duro e cortante.

- Não sei - respondeu ela finalmente-. Necessito de mais tempo.

- Tempo para que? - disparou ele-. Para que eu faça outras tentativas de a deixar grávida?

Ela se encolheu como se a tivesse golpeado.

- Porque os farei -lhe advertiu ele, aproximando-se mais-. Farei amor aqui mesmo e agora, e novamente esta noite, e amanhã três vezes, se isso for o que faz falta.

- Michael, basta...

- Deitei-me com você - continuou ele, em tom seco, embora extranhamente urgente-. Duas vezes. Não é uma inocente, Francesca. Sabe o que significa isso.

E justamente porque não era uma inocente, e ninguém esperaria que o fosse, ela pôde dizer:

- Sei. Mas isso não importa. Não importa, se não conceber.

Michael vaiou um palavrão que ela jamais imaginou que diria em sua presença.

- Necessito de tempo - repetiu, rodeando-se com os braços.

- Para que?

- Não sei. Para pensar. Para decidir o que fazer. Não sei.

- E que diabos fica por pensar? - perguntou ele, mordaz.

- Bom, em primeiro lugar - disparou ela, já enfurecida-, sobre se vai ser um bom marido.

Ele retrocedeu.

- Que diabos devo entender com isso?

- Sua conduta do passado, para começar - replicou ela, entrecerrando os olhos-. Não foi o que diz um modelo de retidão cristã.

- E isso me diz a mulher que me ordenou que tirasse a roupa esta tarde?

- Não seja horrendo - disse ela em voz baixa.

- E você não me incite a fúria.

Começou a doer a cabeça dela e teve que pressionar as têmporas.

- Pelo amor de Deus, Michael, não pode me deixar pensar? Não pode me dar um pouco de tempo para pensar?

Mas a verdade era que lhe aterrava pensar, porque, o que descobriria? Que era uma lasciva, uma desavergonhada? Que com esse homem tinha sentido sensações primitivas, sensações escandalosas, muito intensas, sensações que nunca tinha sentido com seu marido, a quem tinha amado com todo seu coração?

Com o John tinha sentido prazer, mas nada parecido a isso.

Jamais tinha sonhado sequer que isso existisse.

E o tinha descoberto com o Michael.

Com o Michael, que era seu amigo também. Seu confidente.

Seu amante.

Deus santo, no que a convertia isso?

- Por favor -sussurrou ao fim-. Por favor, preciso estar sozinha.

Michael a olhou um longo tempo, tanto que ela sentiu desejos de encolher-se, mas finalmente soltou uma maldição em voz baixa e saiu pisando forte do salão.

Então ela se desmoronou no sofá e desceu a cabeça até apoiá-la nas mãos. Mas não chorou.

Não chorou. Não derramou nenhuma só lágrima. E, por sua vida, que não entendia por que não pôde chorar.

Jamais entenderia às mulheres.

Soltando uma fileira de maldições, Michael tirou com um puxão as botas e as jogou com todas suas forças contra a porta do roupeiro.

- Milord? - perguntou timidamente seu criado, aparecendo pela porta aberta do quarto de vestir.

- Agora não, Reivers.

- Muito bem - se apressou a dizer Reivers, entrando discretamente no dormitório para recolher as botas. - Só levarei isto. Quererá elas limpas.

Michael voltou a amaldiçoar.

Reivers engoliu em seco.

- Hum..., ou talvez prefere que as queime.

Michael se limitou a olhá-lo e a grunhir.

Reivers saiu correndo, mas, em sua estupidez, esqueceu de fechar a porta.

Michael se levantou e foi fechá-la com um pontapé, e soltou outra maldição ao não encontrar nenhuma satisfação em bater a porta.

Pelo visto agora lhe negavam até os prazeres mais pequenos da vida.

Começou a passear desassossegado pelo tapete macio de cor vinho, detendo-se de tanto em tanto ante a janela.

Para que tentar entender às mulheres? Jamais tinha pretendido ter essa capacidade. Embora tinha acreditado que entendia a Francesca. Pelo menos o bastante para dizer-se que se casaria com um homem com quem se deitara duas vezes.

Uma vez, talvez. Uma vez poderia ter considerado um engano. Mas duas vezes...

Jamais permitiria que um homem lhe fizesse amor duas vezes a menos que lhe tivesse uma certa apreciação.

Mas pelo visto estava equivocado, pensou, fazendo uma careta.

Ao que parecia estava disposta a utilizá-lo para seu prazer, e o tinha utilizado. Santo Deus, tinha-o utilizado. Assumiu o mando, obteve dele o que desejava e só renunciou ao domínio quando a paixão entre eles se converteu em chamas.

Utilizou-o.

E ele nunca se teria imaginado que pudesse ter isso nela.

Teria sido assim com o John? Assumia o comando? O...?

Parou em seco, com os pés imóveis sobre o tapete.

John.

Esquecera-se do John.

Como era possível?

Durante anos, cada vez que via Francesca, cada vez que se aproximava para aspirar seu embriagador aroma, John estava aí, primeiro em seus pensamentos e depois em sua memória.

Mas desde o momento em que ela entrou no salão rosa a noite anterior, quando ouviu seus passos atrás dele e sussurrou para si mesmo as palavras "se case comigo", esqueceu-se do John.

Sua lembrança não desapareceria jamais. Era muito querido, muito importante, para os dois. Mas em algum momento, em algum momento durante sua viagem a Escócia, para ser exato, deu-se permissão para pensar, "Poderia me casar com ela; poderia pedir-,la Poderia".

E quando se deu a permissão, foi diminuindo pouco a pouco a idéia de que a ia roubar da lembrança de seu primo.

Ele nunca tinha aspirado a ocupar esse posto. Jamais tinha querido ao céu desejando o condado. Jamais tinha desejado verdadeiramente a Francesca; simplesmente aceitava que ela nunca poderia ser sua.

Mas John tinha morrido. Morto.

E isso não era culpa de ninguém.

John tinha morrido, e lhe mudou a vida em todos os aspectos imagináveis à exceção de um.

Continuava amando a Francesca.

Deus santo, quanto a amava.

Não havia nenhum motivo para que não pudessem casar-se. Não o proibia nenhuma lei, nenhum costume nem nenhuma tradição; nada, além de sua consciência, que de repente, guardou silêncio sobre o assunto.

Então, por fim, permitiu-se fazer-se, pela primeira vez, a única pergunta que não se fizera.

O que pensaria John de tudo isto?

E compreendeu que seu primo lhe teria dado sua bênção. Assim grande era seu coração, e assim verdadeiro seu amor por Francesca, e por ele. Teria desejado que ela fosse amada e mimada tal como ele a amara e mimara.

E teria desejado que ele fosse feliz.

A única emoção que nunca tinha pensado que pudesse aplicar-se a ele: feliz.

Feliz.

Imagine.

Francesca tinha estado esperando que Michael golpeasse a porta de seu dormitório, mas quando soou o golpe, de qualquer modo deu um salto, surpreendida.

A surpresa foi muito maior quando abriu a porta e teve que descer grandemente a vista, para olhar um pé, para ser exato. Michael não estava do outro lado da porta; só uma das criadas, com uma enorme bandeja para ela. Entrecerrando os olhos, desconfiada, pôs a cabeça na porta e olhou a um e outro lado do corredor, no caso que ele estivesse à espreita em um canto escuro, esperando o momento oportuno para saltar.

Mas não estava.

- Sua senhoria pensou que poderia ter apetite - disse a criada, deixando a bandeja na escrivaninha.

Francesca examinou atentamente a bandeja em busca de uma nota, uma flor, enfim, de algo que indicasse as intenções do Michael, mas não encontrou nada.

E não houve nada o resto da noite, e tampouco nada à manhã seguinte.

Nada fora uma bandeja com o café da manhã, outra reverência da criada e outro:

- Sua senhoria pensou que poderia ter apetite.

Tinha lhe pedido tempo para pensar e pelo visto isso era exatamente o que lhe dava.

E era horrível.

De acordo, talvez seria pior se ele não tivesse feito caso de seus desejos e não lhe tivesse permitido estar sozinha. Estava claro que não podia confiar-se em si mesma em presença dele; e não se confiava particularmente dele tampouco, com seu atrativo, seus olhares sedutores e suas perguntas sussurradas. "Dá-me um beijo, Francesca? Permite-me que a beije?"

E ela era incapaz de negar-se, tendo-o tão perto, com esses olhos, esses pasmosos olhos prateados de pálpebras entreabertas, olhando-a com essa intensidade que a derretia.

Atordoava-a, enfeitiçava-a. Talvez essa fosse a única explicação.

Pôs um prático vestido de dia que lhe serviria muito bem para estar ao ar livre. Não queria ficar encerrada em seu quarto, mas tampouco desejava vagar pelos corredores do Kilmartin, retendo o fôlego ao dar a volta a cada esquina esperando que Michael aparecesse ante ela.

Se ele se propunha, encontraria-a, sem dúvida, mas pelo menos teria que dedicar tempo e esforço a isso.

Quando tomou o café da manhã surpreendeu-a comprovar que tinha bastante apetite, considerando as circunstâncias. Depois saiu sigilosamente e meneou a cabeça repreendendo-se quando olhou furtivamente a um lado e outro do corredor, agindo como um vulgar ladrão, impaciente por escapar sem ser vista.

A isso estava reduzida, pensou, mal-humorada.

Mas não o viu quando ia pelo corredor nem tampouco quando desceu a escada.

Tampouco o viu em nenhum dos salões nem salas de estar, e quando chegou à porta principal, não pôde evitar franzir o cenho.

Onde estaria?

Não desejava vê-lo, logicamente, mas isso achava bastante decepcionante, depois do preocupada que tinha estado.

Colocou a mão na maçaneta.

Deveria sair depressa. Deveria sair imediatamente, não havia uma alma por nenhuma parte e podia escapar sem ser vista.

Mas se deteve.

- Michael? -sussurrou.

Em realidade, só modulou a palavra, o que não contava para nada, mas não conseguia tirar a sensação de que ele estava aí, e a estava observando.

- Michael? -disse então, em voz baixa, olhando para todos os lados.

Nada.

Meneou a cabeça. Bom Deus, o que lhe passava? Estava ficando muito fantasiosa, inclusive paranóica.

Lançando um último olhar para trás, abriu a porta e saiu.

E não o viu, pois ele estava observando-a oculto no vão sob a curva da escada, com um leve e muito franco sorriso no rosto.

Francesca perseverou ao ar livre todo o tempo que pôde, até que finalmente a derrotou uma combinação de cansaço e frio. Tinha caminhado sem rumo pelos campos talvez umas seis ou sete horas, e estava cansada, tinha fome e não desejava outra coisa que uma xícara de chá.

Além disso, não podia estar fora da casa eternamente.

Assim, voltou, e entrou com o mesmo sigilo com que tinha saído, com a idéia de subir a seu dormitório, onde poderia comer algo em privado. Mas ainda não tinha chegado ao pé da escada quando ouviu seu nome.

- Francesca!

Era Michael. Quem ia ser se não ele. Não poderia ter suposto que a deixaria em paz eternamente.

Mas o estranho era que não sabia muito bem se isso a incomodava ou a aliviava.

- Francesca - repetiu ele, aparecendo na porta da biblioteca-, venha me acompanhar.

Sua voz soava afável, muito afável, se isso fosse possível. Além disso, sentiu desconfiança ante a escolha da sala. Não era mais lógico que tivesse desejado atrai-la ao salão rosa, onde a assaltariam as lembranças de sua tórrida união sexual? Ou pelo menos ter escolhido o salão verde, que estava decorado em um luxuoso estilo romântico, com divãs acolchoados e almofadas muita macias?

O que pretendia fazer na biblioteca, que, estava certa, era a sala do Kilmartin que menos se prestava para uma cena de sedução?

- Francesca? - repetiu ele, como se lhe divertisse a indecisão dela.

- O que faz aí? - perguntou-lhe ela, tratando de não parecer desconfiada.

- Tomar chá.

- Chá?

- Folhas de uma planta chamada chá encharcadas em água fervendo. Talvez o provou.

Ela franziu os lábios.

- Na biblioteca?

- Pareceu-me um lugar tão bom como qualquer outro -respondeu ele, encolhendo os ombros. fez-se a um lado e com um amplo gesto com o braço lhe indicou que devia entrar-. Um lugar tão inocente como outro qualquer -acrescentou.

Ela tratou de não ruborizar-se.

- Foi agradável o passeio? -perguntou ele, em tom amável e amistoso.

-Hum... sim.

- O dia está lindo para estar fora.

Ela assentiu.

- Embora imagino que o chão ainda esteja encharcado em muitas partes.

O que se propunha?, pensou ela.

- Chá? -ofereceu ele.

Ela assentiu e arregalou os olhos ao vê-lo servir uma xícara. Os homens jamais faziam isso.

- Na Índia tinha que me arrumar só de vez em quando - explicou ele, lhe lendo o pensamento-. Pegue.

Ela agarrou a delicada xícara de porcelana, sentou-se e a rodeou com as mãos para esquentar-se. Soprou ligeiramente o chá e tomou um gole, para comprovar a temperatura.

- Bolachas? - ofereceu ele, lhe apresentando uma bandeja cheia de todo tipo de aprimoramentos assados.

Rugiu-lhe o estômago, e pegou uma sem dizer nada.

- São muito boas -comentou ele-. Comi quatro enquanto a esperava.

- Quanto tempo esperou? - perguntou ela, quase surpreendida pelo som de sua voz.

- Uma hora mais ou menos.

Ela bebeu outro gole.

- Ainda está bastante quente.

- Fiz trazer outro bule faz dez minutos.

- Ah.

Essa consideração era, se não exatamente surpreendente, inesperada.

Ele arqueou uma sobrancelha, embora muito levemente, e ela não soube se o tinha feito de propósito. Ele sempre controlava muito bem suas expressões; teria sido um excelente jogador se tivesse tido essa inclinação. Mas sua sobrancelha esquerda era diferente; ela tinha observado fazia anos que às vezes se movia sozinha quando era evidente que queria manter a expressão impassível. Sempre tinha considerado esse gesto seu pequeno segredo, sua janela privada para ver o funcionamento de sua mente.

Embora já não estava certa de se desejava uma janela assim; entranhava uma intimidade com a que já não se sentia confortável.

Para não dizer que se enganou ao acreditar que alguma vez tinha entendido o funcionamento de sua mente.

Ele pegou uma bolacha da bandeja, contemplou um momento a pequena porção de geléia de framboesas do centro e a jogou à boca.

- Por que isto? -perguntou ela por fim, sem poder continuar contendo sua curiosidade. sentia-se como uma presa, bem cevada e pronta para matar.

- O chá? - perguntou ele, depois de engolir seu bocado-. Principalmente de chá, se precisa sabê-lo.

- Michael.

- Pensei que poderia ter frio - explicou ele, encolhendo os ombros-. Esteve fora um bom tempo.

- Sabe a que hora saí?

- É claro -respondeu ele, olhando-a sardônico.

E ela não se surpreendeu. Em realidade, a única coisa que a surpreendeu foi não ter se surprrendido.

- Tenho uma coisa - disse ele.

Ela entrecerrou os olhos.

- Sim?

- Parece-lhe tão extraordinário? - murmurou ele e estendeu a mão para agarrar algo que estava na poltrona do lado.

Ela reteve o fôlego. "Um anel não. Por favor, que não seja um anel. Ainda não."

Não estava preparada para dizer sim.

E tampouco estava preparada para dizer não.

Mas ele deixou sobre a mesa um buquê, cada flor mais delicada que a outra. Ela nunca tinha sido muito boa para reconhecer as flores; não tinha tido o trabalho de aprender os nomes, mas havia umas absolutamente brancas, outras lilás e outras que eram quase azuis. Todas estavam elegantemente atadas com uma fita prateada.

Limitou-se a olhar o ramalhete, sem conseguir interpretar o significado desse gesto.

- Pode tocá-lo -disse ele, com um indício de diversão na voz-. Não a contagiará com nenhuma enfermidade.

- Não, claro que não -se apressou a dizer ela, agarrando o ramalhete-. Só que... aproximou o ramalhete do rosto, aspirou o aroma das flores e o deixou sobre a mesa, e rapidamente juntou as mãos sobre a saia.

- Só que o que? - perguntou ele.

- A verdade é que não sei - respondeu ela. E não sabia. Não tinha nem idéia de como pensava terminar essa frase nem se tinha tido a intenção de terminá-la. Olhou o ramalhete, pestanejou várias vezes e perguntou-: O que é isto?

- Eu o chamo flores.

Ela levantou a vista e o olhou nos olhos, profundamente.

- Não. O que é isto?

- O gesto, quer dizer? -perguntou ele, e sorriu-. Vamos, estou cortejando-a.

Ela entreabriu os lábios.

- É tão surpreendente?

"depois de tudo o que ocorreu entre nós? -pensou ela-. Sim."

- Merece isso, no mínimo.

- Achei ouvi-lo dizer que tinha a intenção de...interrompeu-se, ruborizando-se. Ele havia dito que lhe ia fazer amor até que ficasse grávida.

Três vezes esse dia, em realidade. Três vezes, tinha prometido, e ainda estavam em zero, e...

Arderam-lhe as faces e não pôde evitar a sensação que lhe produziu a lembrança dele entre suas pernas.

Santo Deus.

Mas, felizmente, a expressão dele continuou inocente e só disse:

- Repensei minhas estratégias.

Ela levou a bolacha à boca e lhe fincou o dente; qualquer pretexto para cobrir um pouco o rosto com a mão e ocultar seu sobressalto.

- Claro que continuo empenhado em conseguir meu objetivo nesse aspecto -continuou ele, inclinando-se para ela com um sedutor olhar-. Só sou um homem, depois de tudo.

E você, como acredito que o deixamos mais que claro, é muito, muito mulher.

Ela meteu bruscamente o resto da bolacha na boca.

- Mas pensei que merece mais - concluiu ele, com expressão mansa, como se não acabasse de lhe enterrar um dardo com esse insinuante comentário-. Não lhe parece?

Pois não, não o parecia. Ao menos já não. O que era um bom problema.

Porque enquanto levava a comida à boca desesperada, não podia afastar os olhos de seus lábios. Esses lábios magníficos, que lhe sorriam languidamente.

Ouviu-se suspirar. Esses lábios lhe tinham feito coisas magníficas.

A toda ela, palmo a palmo, polegada a polegada.

Bom Deus, se virtualmente os estava sentindo nesse momento.

E lhe faziam revolver-se no assento.

- Sente-se mau? - perguntou ele, solícito.

- Estou muito bem -conseguiu responder ela, bebendo um bom gole de chá.

- É incômoda a poltrona?

Ela negou com a cabeça.

- Oferece-lhe algo?

- Por que faz isto? -conseguiu perguntar ela ao fim.

- Fazer o que?

- Ser tão amável comigo.

- Não deveria sê-lo? -perguntou ele, arqueando uma sobrancelha, surpreso.

- Não!

- Não devo ser amável - disse ele, não como uma pergunta mas sim como se achasse divertido.

- Não é isso o que quis dizer - disse ela, negando com a cabeça.

Confundia-a, e isso o detestava. Não havia nada que valorizasse mais que ter a cabeça fria e limpa, e Michael tinha conseguido despojá-la disso com um só beijo.

E depois fez mais. Muito mais.

Jamais voltaria a ser a mesma.

Jamais voltaria a estar com a "corda".

- Parece aflita.

Ela desejou estrangulá-lo.

Ele inclinou a cabeça e lhe sorriu.

Ela desejou beijá-lo.

Ele levantou o bule.

- Mais?

Deus santo, sim, e esse era o problema.

- Francesca?

Ela desejou saltar por cima da mesa e cair em seu regaço.

- De verdade se sente bem?

Estava ficando difícil respirar.

- Frannie?

Cada vez que ele falava, cada vez que movia a boca, embora só fosse para respirar, os olhos dela iam a seus lábios.

E sentia desejos de lambêlos.

E sabia que ele sabia exatamente o que estava sentindo, com toda sua experiência, com toda sua perícia para seduzir.

Poderia agarrá-la em seus braços nesse momento e ela não o rechaçaria.

Poderia acariciá-la e ela estalaria em chamas.

- Tenho que ir - disse.

Mas não conseguiu dizê-lo com firmeza e convicção. E não lhe ajudava nada não poder desviar os olhos dos seus.

- Assuntos importantes que atender em seu dormitório? -murmurou ele, curvando os lábios.

Ela assentiu, mesmo que soubesse que estava zombando.

- Vá, então -disse ele, com a voz suave, que em realidade soou mais como um sedutor ronrono.

Ela conseguiu mover as mãos e as pôr sobre a mesa. Agarrou-se na borda, ordenando-se levantar-se para sair, fazer algo, mover-se.

Mas estava paralisada.

- Preferiria ficar ? -murmurou ele.

Ela negou com a cabeça, ou ao menos acreditou que o fazia. Ele se levantou, foi ficar detrás de sua poltrona e se inclinou a lhe sussurrar ao ouvido:

- Ajudo-a a se levantar?

Ela voltou a negar com a cabeça e se levantou quase de um salto; paradoxalmente sua proximidade tinha quebrado o feitiço. Com o brusco movimento, enterrou-lhe o ombro no peito, e retrocedeu, aterrada de que outro contato lhe fizesse fazer algo que poderia lamentar.

Como se já não tivesse feito o bastante.

- Preciso subir - disse apressadamente.

- Sim, claro -disse ele docemente.

- Só - acrescentou.

- Nem sonharia obrigá-la a suportar minha companhia um instante mais.

Ela entrecerrou os olhos. O que se propunha Michael? E por que diabos se sentia tão decepcionada?

- Mas talvez... - murmurou ele.

Falhou-lhe o coração.

- Talvez deveria lhe dar um beijo de despedida. Na mão, é claro; isso seria o decoroso.

Como se não tivessem enviado ao diabo o decoro em Londres.

Lhe agarrou suavemente a mão.

- Estamos de cortejo, depois de tudo, não é?

Quando ele se inclinou sobre sua mão, lhe olhou a cabeça, sem poder afastar os olhos. Apenas lhe roçou o dorso da mão com os lábios. Uma vez, duas vezes, e isso foi tudo.

- Sonha comigo -lhe disse, então, docemente.

Entreabriram sozinhos os lábios dela. Não podia deixar de olhá-la no rosto. Ele a atordoava, cativava-lhe a alma. E não pôde mover-se.

- A não ser que deseje algo mais que um sonho -disse ele.

E ela o desejava.

- Fica ou vai? -sussurrou ele.

Ela ficou. Deus a amparasse, ficou.

E Michael lhe demonstrou quão romântica pode chegar a ser uma biblioteca.

Capítulo 21

Há umas poucas letras para lhe dizer que cheguei bem a Escócia. Devo dizer que me alegra estar aqui. Londres estava tão estimulante como sempre, mas acredito que eu necessitava de um pouco de silêncio e quietude. Aqui no campo me sinto muito mais centrada e em paz.

Da carta da condessa do Kilmartin a sua mãe, a viscondessa Bridgerton viúva, no dia seguinte de sua chegada ao Kilmartin.

Três semanas depois, Francesca continuava sem saber o que fazer.

Michael lhe tinha proposto o assunto do matrimônio outras duas vezes, e cada vez ela tinha conseguido fugir da resposta. Se considerava sua proposta, teria que pensar, de verdade. Teria que pensar nele, teria que pensar no John e, o pior de tudo, teria que pensar nela.

E teria que decidir o que fazer. Vivia dizendo-se que só se casaria com ele se ficasse grávida, mas uma e outra vez voltava para o quarto dele e se deixava seduzir.

Embora em realidade este último já não era certo. Enganava-se se achava que necessitava que ele a seduzisse para lhe fazer espaço em sua cama. Ela se tinha convertido na má, por muito que tentasse ocultar-se dessa realidade dizendo-se que saía a vagar de noite em camisola e robe porque estava desassossegada, não porque ora procurar a companhia dele.

Mas sempre o encontrava. E se não o encontrava, colocava-se em um lugar onde ele a encontrasse.

E jamais dizia não.

Michael se estava impacientando. Dissimulava-o, mas ela o conhecia bem. Conhecia-o melhor do que conhecia nenhuma outra pessoa do planeta, e embora ele insistisse em que a estava cortejando, galanteando-a com frases e gestos românticos, ela via as sutis ruguinhas de impaciência ao redor de sua boca. Quando ele começava uma conversa que ela sabia que levava a assunto do matrimônio, sempre mudava de assunto antes de que ele chegasse a dizer a palavra.

Deixava-a fazer o que queria , mas mudava a expressão de seus olhos, punha-se rígida a mandíbula e depois, quando o fazia amor, o que sempre fazia depois de momentos como esses, o fazia com renovada urgência e inclusive com um indício de raiva.

De qualquer modo, isso não bastava para incitá-la a agir.

Não podia lhe dizer sim. Não sabia por que; simplesmente não podia.

Mas tampouco podia lhe dizer não. Talvez era má, e talvez era uma luxuriosa, mas não desejava que isso acabasse. Não queria que acabasse a paixão e tampouco queria, via-se obrigada a reconhecer, ficar sem sua companhia.

E não era só a relação sexual, eram os momentos posteriores, quando jazia aninhada em seus braços e lhe acariciava suavemente o cabelo. Às vezes estavam calados, mas às vezes falavam, de nada e de tudo. Explicava-lhe coisas da Índia e lhe falava de sua infância. Lhe dava opiniões sobre os assuntos políticos e ele a escutava. E lhe contava piadas que os homens não devem contar às mulheres e das quais as mulheres não devem rir.

E então, quando a cama deixava de estremecer-se por suas risadas, lhe buscava a boca, sorrindo. "eu adoro sua risada", dizia-lhe e acariciando-a-a atraía mais para ele. Ela suspirava, ainda rindo, e se reatava a paixão.

E ela, novamente, era capaz de manter a distância o resto do mundo.

E então, veio-lhe a regra.

Começou como sempre, umas poucas gotas em sua regata de algodão. Não deveria lhe ter surpreendido; mesmo que seus ciclos não fossem regulares, sempre lhe vinha a regra finalmente, e já sabia que o seu não era um ventre muito fértil.

De qualquer modo, não a tinha estado esperando. Não ainda, em todo caso.

E isso a fez chorar.

Não foi nada dramático, não foi um pranto que lhe estremecesse o corpo nem lhe consumisse a alma, mas quando viu as gotas de sangue reteve o fôlego e antes de dar-se conta do que fazia, desceram-lhe duas lágrimas pelas faces.

E nem sequer sabia por que.

Era porque não haveria bebê? Ou era, Deus a amparasse, porque não haveria matrimônio?

Michael foi a seu quarto essa noite, mas ela não o aceitou, lhe explicando que não era um momento oportuno. Buscou-lhe a orelha com os lábios e lhe sussurrou todas as coisas iníquas que podiam fazer de qualquer modo, embora estivesse com a regra, mas ela se negou e lhe pediu que partisse.

Ele pareceu decepcionado, mas também pareceu compreender. As mulheres tendiam a ser delicadas nessas coisas.

Mas quando despertou de noite, desejou que ele a tivesse abraçada.

A regra não lhe durou muito; nunca lhe durava muito. E quando lhe perguntou discretamente se o período tinha terminado, não lhe mentiu. Ele se teria dado conta se lhe tivesse mentido; sempre sabia.

- Estupendo - disse ele, com esse sorriso secreto só para ela-. Senti falta de você.

Ela abriu a boca para lhe dizer que também tinha sentido falta dele, mas voltou a fechá-la porque lhe deu medo dizê-lo.

Ele a empurrou suavemente para a cama e caíram juntos em cima, em um enredo de braços e pernas.

- Sonhei com você - murmurou ele com a voz rouca, lhe levantando a saia até a cintura-. Cada noite vinha para mim em meus sonhos. -Com um dedo lhe buscou o centro feminino e o introduziu-. Eram uns sonhos fabulosos, muito bons - concluiu, em tom ardente e impregnado de picardia.

Ela agarrou o lábio entre os dentes e agitou-se a respiração quando ele retirou o dedo e lhe acariciou o lugar que sabia que a faria derreter-se.

- Em meus sonhos - continuou ele, com seus lábios ardentes no ouvido-, fazia coisas inexprimíveis.

A sensação a fez gemer. Ele sabia lhe acender o corpo com um só contato, mas ardia em chamas quando lhe falava assim.

- Coisas diferentes -murmurou ele, separando mais suas pernas-. Coisas que lhe vou ensinar esta noite, acredito.

- OoooH- resfolegou ela.

Estava deslizando os lábios pela coxa, e sabia o que viria.

- Primeiro um pouco do provado e seguro - continuou ele, deslizando pouco a pouco os lábios para seu destino-. Temos toda a noite para explorar.

Então a beijou aí, tal como sabia que ela gostava, mantendo-a imóvel com suas potentes mãos, levando-a com os lábios mais e mais perto do topo da paixão.

Mas antes que ela chegasse ao topo, ele se afastou e começou a desabotoar a braguilha. Soltou uma maldição porque ficou entupido um botão pelo tremor dos dedos.

E isso deu a Francesca o tempo justo para parar-se a pensar.

Que era a única coisa que não desejava fazer.

Mas sua mente foi implacável e cruel, e antes de dar-se conta do que ia fazer, já tinha descido da cama.

- Espere! -exclamou. A palavra lhe saiu sozinha, ao pôr-se a correr afastando-se.

- O que?

- Não posso fazê-lo.

- Não pode... - ele teve que interromper-se para respirar, se não não teria podido terminar a frase-… o que?

Acabava de terminar de desabotoar as calças, que caíram ao chão, deixando à vista sua pasmosa ereção.

Ela desviou o olhar. Não devia olhá-lo. Não devia olhar seu rosto, não devia olhar seu...

- Não posso -disse, com a voz trêmula-. Não devo. Não sei.

- Eu sim, sei -bradou ele, aproximando-se.

- Não! -exclamou ela, correndo para a porta.

Estava há semanas brincando com fogo, tentando a destino, e se tinha ganho sua sorte. Se havia um momento para escapar, era esse. E por difícil que lhe resultasse partir, devia fazê-lo. Não era esse tipo de mulher. Não podia sê-lo.

- Não posso continuar com isto - disse, com as costas apoiada na dura madeira da porta-. Não posso. Eu... isto...

Desejo-o, pensou. Até sabendo que não devia, não lhe escapava o fato de que o desejava de todos os modos. Mas se lhe disesse isso, faria ele mudar de decisão?

Era capaz; sabia que ele poderia. Um beijo, uma carícia, e perderia toda sua resolução.

Ele se limitou a subir as calças, resmungando uma maldição.

- Já não sei quem sou -disse ela-. Não sou este tipo de mulher.

- Que tipo de mulher? -disparou ele.

- Uma luxuriosa. Uma mulher queda.

- Então se case comigo - replicou ele-. Desde o começo lhe ofereci fazê-la respeitável, mas você se negou.

Aí sim que a tinha agarrada, e sabia isso. Mas ao que parecia a lógica não tinha nenhum lugar em seu coração ultimamente, e a única coisa que conseguia pensar era como poderia casar-se com ele? Como poderia casar-se com "o Michael"?

- Não deveria sentir isto por nenhum outro homem - disse, sem poder acreditar que houvesse dito essas palavras em voz alta.

- Sentir o que?

Ela engoliu em seco, obrigando-se a olhá-lo no rosto.

- A paixão.

Pelo rosto dele passou uma expressão estranha, quase de repugnância.

- Ah, claro - disse arrastando a voz-. Claro. É condenadamente conveniente que me tenha aqui para servi-la.

- Não! - exclamou ela, horrorizada pelo desprezo que detectou em sua voz-. Não é isso.

- Não?

- Não - respondeu, mas não sabia o que era.

Ele fez uma respiração áspera e lhe deu as costas, com o corpo rígido de tensão.

Olhou suas costas com uma terrível fascinação, sem poder desviar os olhos.

Tinha solta a camisa, e embora não lhe visse o rosto, conhecia seu corpo, até sua última curva. Via-se desolado, endurecido.

Esgotado.

- Por que fica? - perguntou-lhe ele em voz baixa, apoiando as duas palmas na borda da cama.

- O que?

- Por que fica? - repetiu ele, elevando o volume da voz mas sem descontrolar-se-. Se tanto me odeia, por que fica?

- Não o odeio. Sabe que...

- Não sei nada, Francesca, nenhuma maldita coisa. Nem sequer a conheço já.

Os ombros se esticaram ao enterrar os dedos no colchão. Ela conseguia a lhe ver uma mão; tinha os nós brancos.

- Não o odeio -repetiu, como se dizendo duas vezes as palavras as transformasse em algo sólido, evidente e real, para obrigá-lo a agarrar-se a elas-. Não. Não o odeio.

Ele guardou silêncio.

- Não é por você, é por mim -disse, suplicante.

Embora lhe suplicando o que, não sabia. Talvez que não a odiasse. Isso era a única coisa que não se achava capaz de suportar.

Mas ele simplesmente pôs-se a rir. Uma risada horrível, amarga, rouca.

- Ai, Francesca - disse, e o matiz desdenhoso pareceu fazer frágeis as palavras-, se eu tivesse uma libra por cada vez que disse "isso"...

Ela apertou os lábios. Não gostava que lhe recordasse todas as mulheres que tinham passado por sua vida antes dela. Não queria saber nada delas, não desejava nem recordar sua existência.

- Por que fica? -perguntou ele outra vez, virando-se para olhá-la.

Ela quase se cambaleou ao ver o brilho de seus olhos, como fogo.

- Michael, eu...

- Por que? - repetiu ele, sua voz quase um rugido, pela fúria.

Tinha o rosto endurecido por sulcos de fúria e ela, por instinto, estendeu a mão para a maçaneta da porta.

- Por que fica, Francesca? -insistiu ele, avançando para ela com a graça felina de um tigre-. Não há nada para você aqui no Kilmartin, além disto".

Ela abafou uma exclamação quando lhe pôs as mãos nos ombros, e lhe escapou um gritito de surpresa quando posou os lábios nos seus. Foi um beijo violento, inspirado pela raiva e desespero, mas de qualquer modo seu traiçoeiro corpo não desejou outra coisa que fundir-se com ele, deixá-lo fazer o que desejasse e que concentrasse nela todas suas sedutoras atenções.

Desejava-o, Deus santo, inclusive assim, desejava-o.

E temia que jamais aprenderia a dizer não.

Mas ele se afastou. Ele, não ela.

- É isso o que deseja? -perguntou-lhe, com a voz rouca, áspera-. Só isso?

Ela não respondeu, nem sequer se moveu, simplesmente o seguiu olhando, com os olhos arregalados.

- Por que fica? -perguntou novamente, e ela compreendeu que o perguntava pela última vez.

Não soube o que responder.

Deu-lhe alguns segundos. Esperou que dissesse algo, até que o silêncio pareceu elevar-se entre eles como um monstro, mas cada vez que ela abria a boca não lhe saía nenhum som, e a única coisa que podia fazer era lhe olhar no rosto, tremendo.

Ele resmungou uma maldição e lhe deu as costas.

- Saia. Agora mesmo. Quero-a fora da casa.

Ela não pôde acreditar; não podia acreditar que ele a estivesse expulsando.

- O que?

- Se não pode estar comigo - disse ele, sem voltar-se para olhá-la-, se não pode se entregar a mim toda inteira, prefiro que parta.

- Michael? - murmurou ela, com a voz apenas em um sussurro.

- Não suporto esta existência pela metade - continuou ele, em voz tão baixa que ela não soube se o tinha ouvido bem.

- Por que? -conseguiu dizer; foi a única coisa que lhe ocorreu.

Acreditou que não lhe ia responder. Notou que o corpo se punha terrivelmente tenso, e logo começou a tremer.

Sem querer cobriu a boca. Ele estava chorando? Podia ser que...? Se estivesse rindo?

- Ai, Deus, Francesca - disse ele, com a voz interrompida por uma risada zombadora-. Vamos, essa sim é uma boa pergunta. Por que? Por que? Por que? - repetiu, mudando o tom cada vez, como se quisesse experimentá-la, como se a dedicasse a diferentes pessoas-. Por que? -repetiu outra vez, virando-se a olhá-la-. Porque a quero, maldição . Porque sempre a amei. Porque a amava quando estava com John, amava-a quando eu estava na Índia, e embora Deus sabe que não a mereço, amo-a de todos os modos.

Francesca apoiou as costas na porta, quase desabada.

- Como acha essa brincadeira? -mofou. - Quero-a. Amo-a, esposa de meu primo. Amo você, a única mulher que não posso ter jamais. Quero-a, Francesca Bridgerton Stirling, que...

- Pára - interrompeu ela com a voz afogada.

- Agora? Agora que por fim comecei? Ah, não - exclamou em tom grandilocuente, agitando um braço como um ator-. Já está assustada? -perguntou, com um sorriso aterrador.

- Michael...

- Porque ainda não comecei - interrompeu ele-. Quer saber o que pensava quando estava casada com o John?

- Não -respondeu ela, desesperada-se, negando com a cabeça.

Ele abriu a boca para continuar, com os olhos ainda relampejando desdém, mas de repente lhe ocorreu algo.

Mudou de expressão. Ela o notou em seus olhos.

Esse fogo, essa fúria, essa intensidade, de repente simplesmente... apagou-se.

Sua expressão se tornou fria. Cansada.

Então fechou os olhos. Parecia esgotado.

- Vá -disse-. Agora mesmo.

- Michael - sussurrou ela.

- Vá - repetiu ele, como se não tivesse ouvido sua súplica-. Se não é minha, já não a necessito.

- Mas eu...

Ele foi até a janela e apoiou os braços no batente.

- Se isto tiver que terminar, terá que lhe pôr fim você. Tem que partir, Francesca. Porque agora, depois de tudo o que passou, não tenho a força para lhe dizer adeus.

Ela ficou imóvel um momento, e quando pensou que a tensão entre eles era tão enorme que de repente a partiria em dois, encontrou a energia para mover os pés e saiu correndo do quarto.

Correu.

Correu e correu.

Correu sem ver, sem pensar.

Saiu correndo da casa e se internou na escuridão, sob a chuva.

Correu até que as pernas pareceram lhe arder. Correu até que perdeu o equilíbrio e começou a tropeçar e deslizar-se pelo barro.

Correu até que já não pôde mais, e então procurou refúgio no mirante e se sentou. Esse mirante o tinha feito construir John para ela, depois de abrir os braços impotente e declarar que renunciava a dissuadir a de fazer essas longas caminhadas, para que ao menos assim ela tivesse um lugar fora de casa ao que pudesse chamar seu.

E ali esteve sentada horas, tiritando de frio, mas sem sentir nada. E o único que podia pensar era:

Do que fugia?

Michael não tinha nenhuma lembrança dos momentos que seguiram à saída dela de seu quarto. A única coisa que sabia era que pareceu despertar ao sentir o impacto quando quase atravessou a parede com o punho.

E entretanto mal notou a dor.

- Milord? -perguntou Reivers, aparecendo, para perguntar o que tinha sido esse ruído.

- Saia -grunhiu Michael. Não queria ver ninguém, não queria ouvir nem sequer respirar alguém.

- Mas talvez um pouco de gelo para...

- Fora! - rugiu ele, virando-se lentamente.

Sentia-se como se o corpo lhe estivesse aumentando, como se se estivesse convertendo em um monstro. Desejava golpear a alguém; desejava rasgar o ar.

Reivers desapareceu.

Michael enterrou as unhas nas palmas até que viu que o punho direito começava a inchar-se o Esse movimento lhe parecia a única maneira de manter a distância ao demônio interior, de impedir de-se derrubar o quarto com suas mãos.

Seis anos.

Esse era o único pensamento que tinha na cabeça ao estar aí, absolutamente imóvel.

Seis malditos anos.

Fazia seis anos contendo isso dentro dele, evitando escrupulosamente revelar seus sentimentos em seu rosto quando a olhava, sem dizer-lhe jamais nem a uma só alma.

Seis anos a tinha amado, e só para "isso".

Tinha posto seu coração sobre a mesa. Virtualmente lhe tinha passado uma faca e pedido que o abrisse.

"Ah, não, Francesca, sabe fazê-lo muito melhor. Mantem aí firme, não lhe custará nada me fazer umas quantas feridas mais. E enquanto me faz isso, por que não pega estes pedacinhos e os faz em picadinho?"

Quem fora que disse que é bom dizer a verdade era um burro. Ele daria algo, inclusive seus malditos pés, para fazer desaparecer tudo.

Mas esse é o problema com as palavras, pensou, rendo tristemente.

Não se podem retirar.

"Agora espalha-o pelo chão. Venha, pisoteia-o. Não, mais forte. Mais forte, Francesca. Sabe fazê-lo."

Seis anos.

Seis malditos anos, e tudo perdido em um só momento. E tudo porque tinha pensado que realmente poderia ter direito a sentir-se feliz.

Deveria ter sabido que não.

"E para o grandioso final, lhe ponha fogo, maldita seja. Bravo, Francesca".

Aí ia seu coração.

Olhou-se as mãos. deixou as marcas das unhas nas palmas. Uma se enterrou e lhe rompeu a pele.

O que podia fazer? Que demônios podia fazer agora?

Não saberia viver sua vida com ela sabendo a verdade. Durante seis anos, todos seus pensamentos e atos tinham girado em torno de procurar que ela não soubesse.

Todos os homens têm um princípio orientador em sua vida, e esse tinha sido o seu.

Assegurar que ela nunca o descobrisse.

Deixou-se cair em sua poltrona, sem poder conter sua risada de louco maníaco.

"Venha, Michael", pensou, fazendo tremer o assento com os estremecimentos da risada, e baixando a cabeça até apoiar o rosto nas mãos, "bem-vindo ao resto de sua vida".

Seu segundo ato começou antes do que esperava, com um suave golpe na porta, três horas depois.

Ele continuava sentado na poltrona, e a única concessão que tinha feito no passar do tempo foi deixar de apoiar o rosto nas mãos, endireitar-se e apoiar a cabeça no espaldar. Já estava há um bom tempo assim, com o pescoço imóvel, e desconfortável, olhando sem ver um ponto escolhido ao acaso na seda creme que recobria a parede.

Sentia-se fora, longe, e quando ouviu o golpe nem sequer soube que era o som de um golpe na porta.

Mas o golpe voltou a soar, igualmente tímido como o primeiro, mas insistente.

Fosse quem fosse que estava aí, não partiria.

- Adiante! -rugiu.

Ele era uma ela.

Francesca.

Deveria ter se levantado. E desejou levantar-se; apesar de tudo, não a odiava, não desejava lhe faltar ao respeito. Mas lhe tinha arrancado tudo, até o último vestígio de força e finalidade, e a única coisa que conseguiu fazer foi erguer levemente as sobrancelhas.

- O que? -perguntou, cansado.

Ela abriu a boca mas não disse nada. Estava molhada, observou ele, quase preguiçosamente. Devia ter saído da casa. Ah, tola, com o frio que fazia fora.

- O que acontece, Francesca?

- Casarei-me com você se ainda quiser - disse ela, em voz tão baixa que mais que ouvi-la entendeu o movimento dos lábios.

Qualquer um teria pensado que se levantaria de um salto, ou pelo menos se levantaria, sem poder conter a sorte que ia percorrendo o corpo. Qualquer um teria pensado que atravessaria a longos passos o quarto, um homem todo resoluto e decidido, agarraria-a em seus braços, banharia de beijos seu rosto e a deitaria na cama, onde poderia selar o trato da maneira mais primitiva possível.

Mas continuou aí sentado, com o coração tão esgotado que a única coisa que pôde fazer foi perguntar:

- Por que?

Ela se encolheu ao detectar desconfiança em sua voz, mas nesse momento não se sentia particularmente caridoso. Que sofresse um pouco de desconforto, depois do que lhe tinha feito.

- Não sei -disse ela.

Estava muito quieta, com os braços retos aos flancos. Não estava rígida, mas se notava que lhe custava um esforço não mover-se.

E se se movesse, suspeitou ele, seria para sair correndo do quarto.

- Terá que fazê-lo melhor -disse.

Ela agarrou o lábio inferior entre os dentes.

- Não sei -murmurou-. Não me obrigue a inventar uma explicação.

Ele arqueou uma sobrancelha, sardônico.

- Não ainda, ao menos -acrescentou ela.

Palavras, pensou ele, quase objetivamente. Ele havia dito suas palavras, e essas eram as dela.

- Pode se retratar -disse, com voz grave.

Ela negou com a cabeça.

Então ele se levantou, lentamente.

- Não haverá marcha atrás. Nada de dúvidas. Nada de mudar de decisão.

- Não. Prometo-o.

E isso foi o que por fim lhe permitiu acreditar. Francesca não fazia promessas à ligeira. E jamais faltava a suas promessas.

Em um instante esteve do outro lado do quarto, com as mãos em suas costas, rodeando-a com os braços, banhando-lhe o rosto de beijos, como um desesperado.

- Será minha. Entende-o?

Ela assentiu, e arqueou o pescoço quando lhe deslizou os lábios por essa longa coluna até seu ombro.

- Se quiser amarrá-la à cama e tê-la aqui até que fique grávida, fará-o.

- Sim.

- E não se queixará.

Ela negou com a cabeça.

Ele puxou o vestido, e este caiu ao chão com pasmosa rapidez.

- E você gostará disso -grunhiu.

- Sim. Ah, sim.

Levou-a a cama. Deitou-a sem nenhuma suavidade, mas ao que parecia ela não desejava suavidade, e se jogou em cima como um homem faminto.

- Será minha - repetiu, lhe agarrando as nádegas e apertando-a a ele-. Minha.

E ela foi. Por essa noite, ao menos, foi sua.

Capítulo 22

Não me cabe dúvida de que tem tudo bem organizado. como sempre.

Da carta da viscondessa Bridgerton viúva a sua filha, a condessa do Kilmartin, imediatamente depois de receber sua carta.

A parte mais difícil de organizar um casamento com Michael, não demorou para compreender Francesca, era encontrar a maneira de comunicá-lo às pessoas.

Difícil como lhe tinha sido aceitar a idéia, não conseguia imaginar como a tomariam outros. Bom Deus, o que diria Janet? Tinha apoiado extraordinariamente sua decisão de voltar para casar, mas certamente não teria considerado candidato ao Michael.

De qualquer modo, quando ficou sentada ante sua escrivaninha, com a pena suspensa horas e horas sobre o papel, tratando de encontrar as palavras adequadas, em seu interior sabia que ia fazer o correto.

Ainda não sabia bem por que tinha decidido casar-se com ele. E tampouco sabia como deveria sentir-se por seu pasmosa declaração de amor, mas sim sabia que desejava ser sua esposa.

Mas isso não tornava mais fácil encontrar as palavras para comunicar isso a todos os outros.

Estava sentada em sua escrivaninha, escrevendo cartas a seus familiares, ou, melhor dizendo, amassando o papel de seu último esforço fracassado e jogando-o no chão, quando entrou Michael com a correspondência.

- Chegou isto de sua mãe - disse, lhe passando um envelope creme escrito com letra muito elegante.

Francesca o abriu com o abridor de cartas, tirou a carta e observou, surpreendida, que constava de quatro páginas escritas de cima abaixo. Normalmente sua mãe conseguia, para dizer tudo o que tinha que dizer, em uma folha, ou quando muito, duas.

- Bom Deus - exclamou.

- Passa-se algo? - perguntou Michael, sentando-se na borda do escrivaninha.

- Não, não - respondeu ela, distraída-. Só que... Santo céu!

Ele se inclinou e esticou um pouco o corpo, tentando ler.

- O que acontece?

Francesca se limitou a mover a mão lhe indicando que se calasse.

- Frannie?

Ela passou à página seguinte.

- Santo céu!

- Me dê isso - disse ele, estendendo a mão para agarrar o papel.

Ela se apressou a virar-se para um lado, sem soltar o papel.

- Ah, caramba - exclamou.

- Francesca Stirling, se não me...

- Colin e Penelope se casaram.

Michael revirou os olhos.

- Já sabíamos.

- Não, quero dizer que adiantaram as bodas em, bom, caramba, tem que ter sido em mais de um mês, diria eu.

- Bom para eles - disse ele, encolhendo os ombros.

Francesca o olhou chateada.

- Alguém deveria me ter dito isso.

- Imagino que não houve tempo.
- Mas isso não é o pior - continuou ela, muito irritada.
- Não consigo imaginar...
- Eloise também vai se casar.
- Eloise? - repetiu Michael, surpreso-. Cortejou-a alguém alguma vez?
- Não - respondeu Francesca passando rapidamente à terceira página-. É um homem a quem não viu nunca.
- Bom, suponho que já o terá visto - disse ele, em tom brincalhão.
- Não posso acreditar que ninguém me tenha dito isso.
- Estava na Escócia.
- De qualquer modo - insistiu ela, mal-humorada.
Michael se limitou a rir de seu aborrecimento, o maldito.
- É como se eu não existisse -continuou, tão irritada que o olhou feroz.
- Vamos, eu não diria...
- Ah, sim - disse ela, com muita energia-. Francesca.
- Frannie - murmurou ele, e sua voz denotava que se sentia bastante divertido.
- Alguém contou a Francesca? - disse ela, fazendo como se estivessem falando seus familiares-. Recordam dela? A sexta de oito? A dos olhos azuis?
- Frannie, não seja tola.
- Não sou tola, só que me sinto ignorada.
- Eu achava que você gostava de estar um pouco separada de sua família.
- Bom, sim - grunhiu ela-, mas isso não vem ao caso.
- Ah, não, claro - murmurou ele.
Ela o olhou indignada pelo sarcasmo.
- Preparamo-nos para ir ao casamento? - perguntou-lhe ele, então.
- Como se pudesse -grunhiu ela-. É dentro de três dias.
- Minhas felicitações - disse ele, admirado.
Ela entrecerrou os olhos, desconfiada.
- E o que quer dizer com isso?
- Não se pode deixar de sentir um imenso respeito por qualquer homem que consegue essa façanha com tanta rapidez - disse ele, encolhendo-os ombros.
- Michael!
- Eu o fiz - acrescentou ele, olhando-a com um sorriso decididamente malicioso.
- Ainda não me casei com você.
- A façanha a que me referia não é o matrimônio -respondeu ele, sorrindo.
Ela sentiu subir um intenso rubor ao rosto.
- Basta - resmungou.
- Ah, pois não - disse ele, deslizando as pontas dos dedos pelo dorso da mão.
- Michael, este não é o momento - disse ela, retirando a mão.
- Já começa -suspirou ele.
- O que significa isso?
- Ah, nada - respondeu ele, indo sentar se em uma cadeira próxima-. Simplesmente que ainda não estamos casados e já parece que estamos juntos muitos anos.
Ela o olhou zombadora e voltou a atenção à carta de sua mãe. Certo que falavam como um casal casado faz muito tempo, mas não lhe daria a satisfação de mostrar-se de acordo. Isso se devia talvez a que, a diferença dos noivos recém comprometidos,

conheciam-se desde há anos. Apesar das pasmosas mudanças das últimas semanas, ele era seu melhor amigo.

Ficou imóvel ao pensar isso.

- Acontece algo? - perguntou-lhe Michael.

- Não - respondeu ela, negando levemente com a cabeça.

Em algum momento, em meio de toda sua confusão, tinha perdido isso de vista. Michael era talvez a última pessoa com quem teria pensado que se casaria, mas isso era por um bom motivo, não é?

Quem teria pensado que ela se casaria com seu melhor amigo?

Isso tinha que ser um bom presságio para a união.

- Nos casemos - disse ele, de repente.

Ela o olhou interrogante.

- Não estava decidido já?

- Não - disse ele, lhe agarrando a mão-. Quero dizer, nos casemos hoje.

- Hoje? Está louco?

- Não, absolutamente. Estamos na Escócia. Não precisamos proclamas.

- Bom, não, mas...

Ele fincou um joelho ante ela, com os olhos brilhantes.

- Façamo-lo, Francesca. Sejamos loucos, maus e precipitados.

- Ninguém acreditará - disse ela ao fim.

- Ninguém vai acreditar de qualquer modo.

Ele tinha seu ponto de razão nisso.

- Mas minha família...

- Acaba de dizer que a deixaram fora das celebrações.

- Sim, mas não o fizeram de propósito!

Ele encolheu os ombros.

- Importa isso?

- Bom, sim, se pensarmos isso.

Ele se levantou e com um puxão a pôs de pé.

- Vamos.

- Michael...

E a verdade era que não sabia por que arrastava os pés, embora talvez só fosse porque achava que devia. Ao fim e ao cabo era um casamento , e uma precipitação assim seria um pouco indecorosa.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Seriamente deseja um casamento celebrado ante uma grande multidão, com festa e muito luxo?

- Não - respondeu ela, sinceramente. Já a tinha tido uma vez; não seria apropriado na segunda.

Ele se aproximou e lhe roçou a orelha com os lábios.

- Está disposta a correr o risco de ter um bebê de oito meses?

- É evidente que estava -respondeu ela, muito superficial.

- Venha, demos a nosso bebê os respeitáveis nove meses de gestação - disse ele, em tom engraçado.

Ela engoliu em seco, desconfortável.

- Michael, tem que saber que é possível que não conceba. Com o John me levou...

- Não me importa - interrompeu ele.

- Eu acredito que lhe importa - disse ela docemente, preocupada com sua resposta, mas resolvida a entrar no matrimônio com a consciência tranqüila-. Ele disse várias vezes e...

- Para conseguir que se casasse comigo - interrompeu ele e, em seguida, com pasmosa rapidez, apoiou-a de costas na parede e se apertou a ela, lhe esmagando o corpo a todo o comprimento com o seu-. Não me importa se for estéril - lhe disse ao ouvido com voz ardente-. Não me importa se der a luz uma ninhada de cachorrinhos. - Levantou-lhe o vestido e lhe subiu a mão pela coxa-. A única coisa que me importa - acrescentou com a voz espessa, movendo um dedo e acariciando a de modo muito sedutor-, é que seja minha.

- Ooh! - exclamou ela, sentindo fraquejar as pernas-. Ah, sim.

- Sim a isto? - perguntou ele, com seu sorriso diabólico, movendo o dedo para deixá-la louca-. Ou sim a nos casar hoje?

- A isto. Não pares.

- E o casamento?

Francesca teve que agarrar-se em seus ombros para não desabar.

- E o casamento? - repetiu ele, retirando o dedo.

- Michael! - gemeu ela.

Ele estirou os lábios em um sorriso feroz.

- E o casamento?

- Sim - gemeu ela, suplicante-. Sim ao que quiser.

- Algo?

- Algo - suspirou ela.

- Estupendo - disse ele e se afastou bruscamente, deixando-a boquiaberta e bastante amassada e desarrumada.

- Vou lhe buscar a jaqueta? - ofereceu-se então, arrumando-os punhos da camisa.

Era o quadro perfeito da virilidade elegante, sem um cabelo fora do lugar, absolutamente tranqüilo e sereno.

Ela entretanto, estava certa, parecia uma bruxa agoureira.

- Michael...? - conseguiu dizer, tratando de desentender-se da muito desagradável sensação que lhe tinha deixado nas partes baixas.

- Se quer continuar isto - disse ele, mais ou menos no tom que teria empregado para falar da caça de perdizes-, terá que fazê-lo como condessa do Kilmartin.

- Sou a condessa do Kilmartin - grunhiu ela.

Ele assentiu.

- Terá que fazê-lo como "minha" condessa do Kilmartin - emendou-.

Deu-lhe um momento para responder e ao não fazê-lo , voltou a lhe perguntar-. vou procurar sua jaqueta?

Ela assentiu.

- Excelente decisão. Espera aqui ou me acompanha ao vestíbulo?

Ela teve que separar os dentes para dizer.

- Acompanharei-o ao vestíbulo.

Pegou-lhe o braço e enquanto a levava a porta se inclinou a lhe sussurrar ao ouvido:

- Estamos impacientes, né?

- Vamos procurar minha jaqueta - grunhiu ela.

Ele se pôs-se a rir, mas com uma risada cálida, sonora, e ela notou que começava a desvanecer-se sua irritação. Era um malandro descarado e talvez outras cem coisas mais, mas era seu malandro descarado, e sabia que tinha um coração tão bom e leal como nenhum homem ao que tivesse esperado conhecer. Salvo...

Deteve-se em seco e enterrou um dedo no peito.

- Não haverá outras mulheres - disse com firmeza.

Ele a olhou com uma sobrancelha arqueada.

- Digo-o a sério. Nada de amantes, nada de paqueras, nada de...

- Mas, bom Deus, Francesca - interrompeu ele-. De verdade acredita que poderia? Não, apague isso. Acha que quereria?

Tinha estado tão imersa em deixar claras suas intenções que não lhe tinha observado o rosto, e a surpreendeu a expressão que viu nele. Estava zangado, compreendeu, aborrecido pelo que lhe havia dito. Mas não podia descartar de qualquer jeito dez anos de má conduta, e achava que ele não tinha direito a esperar isso dela, assim disse em voz um pouco mais baixa:

- Não tem a melhor das reputações.

- Pelo amor de Deus - grunhiu ele, fazendo-a sair ao vestíbulo. - Tudo isso era simplesmente para tirá-la de minha cabeça.

Francesca ficou tão pasmada que guardou silêncio e o seguiu quase a tropicões para a porta principal.

- Alguma outra coisa? - perguntou ele, voltando-se para olhá-la com tanta arrogância que qualquer um teria pensado que nascera pra herdeiro do condado e não que o título recaiu nele por acaso.

- Nada -disparou.

- Estupendo. Agora, vamos. Temos que assistir a um casamento.

Na noite desse mesmo dia, Michael não podia menos que sentir-se muito contente pelo giro dos acontecimentos.

- Obrigado, Colin - disse jovialmente, falando consigo mesmo, enquanto se despia para deitar-se-, e graças a você também, quem quer que seja, por não estender a espera para seu matrimônio com Eloise.

Duvidava bastante que Francesca tivesse aceito precipitar as bodas se seu irmão e irmã não se casassem sem a presença dela.

E agora era sua esposa.

Sua mulher.

Era para ele quase impossível acreditar nisso.

Esse tinha sido seu objetivo há semanas, e por fim essa noite ela tinha aceito, mas só o considerou realidade quando lhe pôs o antigo anel de ouro no dedo.

Ela era sua.

Até que a morte os separasse.

- Obrigado, John - acrescentou, desaparecida toda a frivolidade de sua voz.

Não lhe agradecia por morrer, isso jamais, mas sim por liberá-lo do sentimento de culpa. Não sabia bem como ocorreu tudo, mas desde essa fatídica noite depois que fizeram amor na casa do jardineiro, sabia, em seu coração, que John o teria aprovado.

Teria lhe dado sua bênção, e em seus momentos mais fantasiosos, gostava de pensar que se John tivesse podido escolher um segundo marido a Francesca, o teria escolhido a ele.

Vestido um roupão cor vinho, dirigiu-se à porta que comunicava seu dormitório com o de Francesca. Mesmo que tivessem tido relações íntimas desde dia de sua chegada a Kilmartin, só esse dia se mudou para o quarto do conde. Era estranho; em Londres não lhe tinham preocupado tanto as aparências; cada um ocupava os quartos oficiais do conde e da condessa e simplesmente procuravam que todo o pessoal estivesse bem informado de que a porta que os comunicava estava fechada firmemente com chave de ambos os lados.

Mas na Escócia, onde se comportavam de uma maneira que merecia falatórios, ele tinha tido bom cuidado de desfazer sua bagagem e alojar-se em um quarto o mais afastado do de Francesca, no mesmo corredor. E embora tanto ele como ela iam e vinham de um a outro quarto sigilosamente, todo o tempo, pelo menos mantinham a aparência de respeitabilidade.

Os criados não eram estúpidos; ele estava muito certo de que todos sabiam o que ocorria, mas todos adoravam Francesca, desejavam que fosse feliz, e jamais diriam nenhuma só palavra contra ela a ninguém.

De qualquer modo, era agradável deixar atrás toda essa tolice.

Quando chegou à porta, não agarrou a maçaneta imediatamente; deteve-se e tratou de escutar os sons do outro quarto. Não se ouvia muito. Não sabia por que pensou que poderia ouvir algo. A porta era maciça e antiga, não dada para revelar segredos. De qualquer modo, achava algo nesse momento que lhe pedia que o saboreasse.

Ia entrar no dormitório de Francesca.

E tinha todo o direito de fazê-lo.

A única coisa que poderia ter melhorado esse momento era que lhe houvesse dito que o amava.

Essa omissão lhe produzia uma persistente inquietação em um pequeno lugar do coração, que ficava mais que eclipsada por sua recém encontrada sorte. Não desejava que ela dissesse palavras que não sentia, e até no caso de que nunca o amasse como deve amar uma mulher a seu marido, sabia que seus sentimentos eram mais fortes e nobres que os que albergavam a maioria das mulheres por seus maridos.

Sabia que se importava com ele, que lhe tinha um profundo carinho como amigo. E que se lhe ocorresse algo, ela o choraria com todo seu coração.

Em realidade, não podia pedir mais.

Desejava mais, mas já tinha muitíssimo mais do que poderia ter esperado jamais. Não devia ser ambicioso. Não devia, quando, acima de tudo, tinha a paixão.

E havia paixão.

Era quase divertido o muito que isso a tinha surpreendido, o muito que continuava surpreendendo-a, todos e cada um dos dias. E ele se aproveitava disso; isso sabia e não o envergonhava. Nessa mesma tarde tinha aproveitado essa paixão para convencê-la de casar-se com ele imediatamente.

E deu resultado. Graças a Deus, tinha dado resultado.

Sentia-se atordoado, como um moço sem experiência. Quando lhe veio a idéia, a de casar-se nesse dia, sentiu-a como um golpe de eletricidade que passava por suas veias, e não foi capaz de conter-se. Foi um desses momentos em que sabia que tinha que triunfar, fazer algo para convencê-la.

E nesse momento, detido na soleira de sua mulher, não pôde deixar de pensar se agora seria diferente. Seria distinto tê-la em seus braços como esposa a como era tê-la

como amante? Quando lhe olhasse o rosto pela manhã, sentiria diferente o ar? Quando a visse do outro lado de um salão cheio de gente...

Meneou ligeiramente a cabeça. Estava se tornando um idiota sentimental. Seu coração sempre falhava um batimento do coração quando a via em uma sala cheia de gente. mais disso; com certeza esse órgão não suportaria o esforço.

Abriu a porta.

- Francesca? - chamou-a, e notou que sua voz soava suave e rouca no ar noturno.

Ela estava junto à janela, vestida com uma camisola de viva cor azul. O corte era recatado, mas o tecido lhe rodeava ao corpo e por um momento ele não pôde respirar.

E então compreendeu, não soube como, mas compreendeu, que sempre seria assim.

- Frannie? - murmurou, avançando lentamente para ela.

Ela se voltou e ele viu vacilação em seu rosto. Não nervosismo, exatamente, mas sim mas uma encantadora expressão de apreensão, como se ela também compreendesse que agora tudo era diferente.

- Temos feito isso - disse ele, sem poder deixar de esboçar um sorriso de idiota.

- Ainda me custa acreditar - disse ela.

- Eu também - reconheceu ele, lhe acariciando uma face-, mas é certo.

- Isto mmm - começou ela e logo negou com a cabeça-. Não tem importância.

- O que ia dizer?

- Nada.

Pegou suas mãos e as aproximou.

- Não era nada. Nunca é nada, tratando-se de ti ou tratando-se de mim.

Ela engoliu em seco e as sombras se moveram pelo delicado contorno de sua garganta.

- Só queria dizer... - disse por fim-, dizer...

Apertou suas mãos, para lhe transmitir coragem. Desejava que o dissesse. Tinha acreditado que não precisava ouvir as palavras, ao menos não ainda, mas, Deus santo, quanto desejava ouví-las.

- Alegra-me muito me haver casado com você - terminou ela, sua voz tão tímida como uma nada típica expressão tímida de seu rosto. - foi o correto.

Ele notou que lhe encolhiam ligeiramente os dedos dos pés, apanhando o tapete, enquanto engolia a decepção. Isso era mais do que teria esperado lhe ouvir dizer, mas muito menos do que tinha desejado.

E entretanto, ainda assim, ela continuava em seus braços, era sua esposa, mas como, prometeu-se energicamente, tinha que contar para algo.

- Também me alegra - disse docemente, estreitando-a mais.

Aproximou os lábios aos seus e foi diferente quando a beijou. Percebia uma nova sensação de pertença, e a falta de furtividade e desespero.

Beijou-a longa, longamente, e suavemente, levando tempo para explorá-la, para desfrutar de cada instante. Deslizou as mãos pela seda da camisola, e ela gemeu pela sensação do tecido apertado por suas mãos.

- Amo-a - murmurou-. Quero-a.

Já não tinha nenhum sentido guardar para ele essas palavras, mesmo que ela não sentisse a inclinação para dizer a ele. Deslizou os lábios por sua face até a orelha, mordiscou-lhe suavemente o lóbulo e continuou para baixo pelo pescoço até o delicioso espaço na base da garganta.

- Michael - suspirou ela, apertando-se a ele-. OH, Michael.

Ele passou as mãos em suas nádegas e a apertou contra ele, e lhe escapou um gemido de prazer ao senti-la tensa e cálida contra sua ereção.

Tinha acreditado que a desejava antes, mas isso... isso era diferente.

- Preciso de você - disse com a voz rouca, ajoelhando-se e deslizando os lábios por seu ventre até o centro dela, por cima da seda-. Não sabe quanto necessito de você.

Ela murmurou seu nome, e pareceu confusa ao vê-lo embaixo, nessa posição de súplica.

- Francesca - disse, sem saber por que o dizia, talvez simplesmente porque seu nome era o mais importante do mundo nesse momento: seu nome, seu corpo e a beleza de sua alma-. Francesca - repetiu, afundando o rosto em seu ventre.

Pôs-lhe as mãos na cabeça e enredou os dedos em seu cabelo. Ele poderia ter contínuo assim horas e horas, de joelhos ante ela, mas então ela se ajoelhou também e arqueou o pescoço quando ele a beijou.

- Desejo-o - disse-. Por favor.

Michael gemeu, estreitou-a em seus braços e depois se levantou, levantou-a e a puxou para a cama. Em um instante já estavam nela, e o fofo colchão pareceu abraçá-los enquanto eles se abraçavam.

- Frannie - murmurou ele, enquanto com os dedos trêmulos lhe subia a camisola até mais acima da cintura.

Pôs uma mão em sua nuca e o atraiu para outro beijo, este ardente e profundo.

- Preciso de você - disse então, quase gemendo de desejo-. Não sabe quanto necessito de você.

- Desejo vê-la inteira - disse ele, virtualmente lhe arrancando a camisola-. Preciso senti-la, acariciá-la toda inteira.

Francesca estava tão impaciente como ele; agarrou-lhe o cinto do roupão, soltou-lhe rapidamente o laço e o abriu, deixando à vista a longa extensão de seu peito. Acariciou-lhe o suave pêlo, quase maravilhando-se ao deslizar a mão por sua pele.

Jamais se tinha imaginado nessa situação, nesse momento. Essa não era a primeira vez que o via dessa maneira, que o acariciava assim, mas em certo modo era diferente nesse momento.

Ele era seu marido.

Era difícil acreditar e entretanto o sentia absolutamente perfeito, correto.

- Michael - murmurou, lhe passando o roupão por cima dos ombros.

- Mmmm? -murmurou ele, ocupado lhe fazendo algo delicioso na curva do joelho.

Ela deixou cair a cabeça no travesseiro, totalmente esquecida do que ia dizer, se é que ia dizer algo.

Ele curvou a mão sobre sua coxa e foi deslizando para cima, pelo quadril, pela cintura e finalmente a deteve no lado do peito. Francesca desejava participar, ser ousada, e acariciá-lo enquanto ele a acariciava, mas suas carícias a tornavam lânguida e preguiçosa, e a única coisa que podia fazer era estar estendida aí desfrutando de seus carinhos, estendendo a mão de tanto em tanto para lhe acariciar a parte de pele a que lhe chegasse a mão.

Sentia-se mimada.

Sentia-se adorada.

Amada.

Sentia-se humilde.

Isso era delicioso.

Era sagrado e sedutor, e a deixava sem fôlego.

Ele seguiu com os lábios o rastro que foram deixando suas mãos, lhe produzindo formigamentos de desejo ao subir por seu ventre até posar-se na fenda entre seus seios.

- Francesca - murmurou, lhe beijando o seio e avançando com os lábios até chegar ao mamilo.

Primeiro a atormentou com a língua e depois o agarrou na boca, mordiscando-o suavemente.

A sensação foi intensa e imediata. Estremeceu e descontrolou o corpo, e teve que agarrar-se aos lençóis para firmar-se pois de repente seu mundo se inclinou, desviando-se de seu eixo.

- Michael - resfolegou, arqueando-se.

Já lhe tinha introduzido as mãos entre as coxas, embora ela não necessitava mais preparação para sua penetração. Desejava isso, desejava-o a ele, e desejava que durasse eternamente.

- Que deliciosa é - disse ele, com a voz rouca de desejo, com seu fôlego quente sobre sua pele.

Então mudou de posição, montando em cima dela e posicionando o membro em sua entrada.

Seu rosto estava sobre o dela, lhe tocando o nariz com seu nariz, e seus olhos brilhavam, ardentes e intensos.

Ela se moveu debaixo dele, arqueando os quadris para recebê-lo até o fundo.

- Agora - disse, em uma mescla de ordem e súplica.

Ele a penetrou pouco a pouco, com sedutora lentidão. Ela notou como ia se abrindo, esticando-se para recebê-lo até que seus corpos ficaram tocando-se e soube que ele a tinha penetrado até o fundo.

- Aahh - gemeu ele, com o rosto tenso de paixão-. Não posso... tenho que...

Ela respondeu arqueando os quadris, apertando-se a ele com mais firmeza.

Então ele começou a mover-se, lhe produzindo uma nova onda de sensações com cada embate, que se ia propagando e ardendo por todo seu corpo. Murmurou seu nome e depois já foi incapaz de falar, além de resfolegar tratando de fazer entrar ar a seus pulmões, pois seus movimentos se tornaram frenéticos e desesperados.

E então lhe veio o orgasmo como um raio, em uma onda de prazer. Explodiu-lhe o corpo e gritou, sem poder conter a intensidade da experiência. Michael investiu mais forte, uma e outra e outra vez. Gritou seu nome ao ejacular, como se fosse uma oração e uma bênção, e depois das últimas e frenéticas investidas, desabou-se em cima dela.

- Peso muito - disse, fazendo um desinteressado esforço por rodar para um lado.

- Não - disse ela, impedindo-o com uma mão.

Não desejava que se movesse. Logo lhe seria difícil respirar e ele teria que afastar-se, mas no momento sentia algo fundamental nessa posição entre eles, algo que não desejava que acabasse.

- Não - disse ele, e ela detectou um sorriso em sua voz-. Estou esmagando-a.

Rodou para um lado mas sem deixar de abraçá-la, e ela se encontrou aninhada junto a ele como uma colherinha, com as costas aquecida por sua pele e seu corpo sujeito por seu braço sob seus seios.

Ele murmurou algo com a boca apoiada em sua nuca, e ela não entendeu suas palavras mas não era preciso; sabia o que dizia.

Pouco depois ele dormiu e sua respiração foi como uma canção de berço lenta e igual junto a seu ouvido.

Mas ela não dormiu. Estava cansada, tinha sono, sentia-se saciada, mas não dormiu.

Essa tinha sido uma noite diferente.

E ficou refletindo por que.

Capítulo 23

Com certeza Michael lhe escreverá também, mas como a considero uma muito queridíssima amiga, quis lhe escrever para informá-la de que nos casamos. Surpreende-?

Devo confessar que a mim surpreendeu.

Da carta da condessa de Kilmartin a Helen Stirling, três dias depois de suas bodas com o conde do Kilmartin.

- Tem um aspecto terrível.

Michael se virou para olhá-la com uma expressão bastante áspera.

- E que tenha um bom dia também - disse, e voltou sua atenção a seus ovos e torradas.

Francesca se sentou à mesa do café da manhã em frente a ele. Estavam há duas semanas casados; essa manhã Michael se levantou cedo e quando ela despertou, o lado dele na cama estava frio.

- Não é brincadeira - disse, franzindo o cenho, preocupada-. Está muito pálido e nem sequer está sentado direito. Deveria voltar para a cama para descansar um pouco.

Ele tossiu, voltou a tossir e o acesso de tosse lhe estremeceu o corpo.

- Estou muito bem - disse, embora as palavras lhe saíram quase em um fôlego.

- Não está bem.

Ele revirou os olhos.

- Duas semanas casados e já...

- Se não queria uma mulher rabugenta não deveria se ter casado comigo - replicou ela, calculando a distância e comprovando que não lhe chegaria a mão para lhe tocar a fronte para ver se tinha febre.

- Estou bem -repetiu ele.

Dizendo isso agarrou seu exemplar do The London Teme, de vários dias atrás mas o mais atual que se podia esperar nesses condados da borda de Escócia, e começou a desentender-se dela.

Dois podiam jogar a esse jogo, pensou ela, e voltou toda sua atenção a sempre interessante tarefa de estender geléia em seu pão-doce.

Mas ele voltou a tossir.

Ela se moveu no assento, tratando de não dizer nada.

Ele voltou a tossir e desta vez teve que voltar-se para um lado para poder inclinar-se um pouco.

- Mi...

Ele a olhou com tal ferocidade que ela fechou a boca. Olhou-o com os olhos entrecerrados.

Ele inclinou a cabeça em um gesto fastidiosamente condescendente, mas o efeito se danificou quando o corpo se estremeceu por outro acesso de tosse.

- Já está -declarou ela, levantando-se-. vai voltar para a cama. Agora mesmo.

- Estou bem - resmungou ele.

- Não está bem.

- Estou...

- Doente - interrompeu ela-. Está doente, Michael. Doente, mau, imprestável. Está doente. Como um cão. Não sei de que outra maneira dizê-lo mais claro.

- Não tenho a peste - resmungou ele.

- Não - disse ela, rodeando a mesa e lhe agarrando o braço-, mas tem malária e...

- Isto não é malária - protestou ele, e voltou a tossir, como se lhe estivesse rasgando o peito.

Ela o levantou com um puxão, coisa que não poderia ter feito sem um pouco de colaboração por parte dele.

- Como sabe?

- Pois, sei.

Ela franziu os lábios.

- E fala com o conhecimento médico que vem de...

- Ter tido a enfermidade a maior parte de um ano - terminou ele-. Não é malária.

Deu-lhe uma cotovelada empurrando-o para a porta.

- Além disso -continuou ele-. É muito cedo.

- Muito cedo para que?

- Para outro ataque - explicou ele, em tom cansado. - Tive um em Londres faz quanto, dois meses? É muito cedo.

- Por que é muito cedo? - perguntou ela, em um tom curiosamente tranqüilo.

- Simplesmente o é - resmungou ele, mas em seu interior sabia que não era assim.

Não era muito cedo; tinha conhecido a um montão de pessoas que tinham ataques de malária aos dois meses.

Todos estavam muito doentes; realmente doentes.

Muitos deles tinham morrido.

Se os ataques lhe vinham muito juntos, significava isso que a enfermidade estava ganhando?

Bom, isso sim que era uma ironia. Por fim se tinha casado com Francesca e agora igualmente ia morrer.

- Não é malária - repetiu, e com tanta energia que ela deixou de caminhar para olhá-lo-. Não o é.

Ela se limitou a assentir.

- Provavelmente é uma gripe - acrescentou.

Ela voltou a assentir, mas ele teve a clara impressão de que só queria apaziguá-lo.

- Levarei você para cama - disse docemente.

E ele se deixou levar.

Dez horas depois, Francesca estava aterrada. Ia subindo a febre de Michael e embora não delirasse nem balbuciasse coisas incoerentes, era evidente que estava muito, muito doente. Repetia uma e outra vez que não era malária, que não o sentia

como malária, mas cada vez que lhe pedia detalhes, ele não sabia explicar por que, ao menos não até deixá-la satisfeita.

Ela não sabia muito a respeito da enfermidade; as livrarias para damas elegantes de Londres declinavam a possibilidade de oferecer textos médicos. Ela desejava perguntar a seu médico, ou inclusive procurar um perito no Colégio Real de Médicos, mas tinha prometido a Michael manter em segredo sua enfermidade; se fosse pela cidade fazendo perguntas sobre a malária, finalmente alguém quereria saber por que. Portanto, a única coisa que sabia era o que lhe tinha explicado ele desde que havia retornado definitivamente da Índia.

Mas não lhe parecia bom que os ataque viessem tão juntos, mesmo que tivesse que reconhecer que não possuía nenhum conhecimento médico que servisse de apoio a essa hipótese. Quando caiu doente em Londres, disse que fazia seis meses desde o último ataque de febres, e antes disso tinha tido dois.

Por que a enfermidade ia mudar repentinamente seu curso e voltar a atacar tão cedo? Isso não tinha nenhum sentido. Não tinha, se estivesse melhorando.

E tinha que estar melhorando. Tinha que estar melhorando.

Suspirando lhe tocou a fronte. Ficou adormecido, e estava roncando suavemente, como tendia a fazer quando tinha o peito congestionado. Ou ao menos isso lhe disse ele. Não estavam há tanto tempo casados para que ela soubesse por experiência.

Tinha a pele quente, mas não ardendo. Seus lábios pareciam muito ressecados, por isso lhe pôs uma colherzinha de chá morno, lhe levantando o queixo para que pudesse enguli-lo adormecido.

Mas ele se engasgou e despertou, arrojando o chá sobre a cama.

- Perdoe - disse ela, contemplando o desastre. Menos mal que só lhe tinha dado uma colherzinha.

- Que diabos quer me fazer? - perguntou ele.

- Não sei. Não tenho muita experiência em cuidar de doentes. Pareceu-me que tinha sede.

- Quando tiver sede lhe direi -resmungou ele.

Ela assentiu e o observou enquanto ele tratava de voltar para ficar a vontade.

- Não tem sede agora, por uma casualidade? - perguntou-lhe mansamente.

- Um pouco - disse ele, pronunciando abruptamente as sílabas.

Sem dizer uma palavra, lhe aproximou a xícara aos lábios. Ele a bebeu inteira em uns poucos e largos goles.

- Quer outra xícara?

Ele negou com a cabeça.

- Se beber um pouco mais terei que uri... - se interrompeu e pigarreou-. Perdoe.

- Tenho quatro irmãos. Não se preocupe. Quer que te traga o urinol?

- Isso posso fazer eu sozinho.

Ele não estava bem para atravessar sozinho o quarto, mas ela compreendeu que não devia discutir com um homem nesse estado de irritação. Já entraria em razão quando tentasse levantar-se e caísse redondo na cama. Nenhum argumento nem razão por parte dela conseguiria convencê-lo.

- Tem muita febre - disse docemente.

- Não é malária.

- Não disse isso.

- Estava pensando.

- E o que ocorreria se fosse malária?

- Não é.

- Mas e se fosse? - interrompeu ela.

Horrorizada notou que a voz lhe saía muito aguda e esse som de terror a fez engasgar-se.

Michael a olhou um momento, com os olhos tristes. Finalmente se deu a virou na cama e disse:

- Não o é.

Francesca engoliu saliva. Já tinha a resposta.

- Importa-se se o deixo sozinho? - perguntou, levantando-se tão rápido que sentiu descer todo o sangue da cabeça.

Ele não disse nada mas ela viu que encolhia os ombros sob as mantas.

- Só irei caminhar um pouco - explicou, com a voz entrecortada, dirigindo-se à porta-, antes de que se ponha o sol.

- Estarei muito bem - resmungou ele.

Ela assentiu, embora ele não a estivesse olhando.

- Voltarei logo - disse.

Mas ele já tornara a dormir.

O ar estava nebuloso e dava a impressão de que voltaria a chover, por isso Francesca pegou um guarda-chuva e saiu em direção ao mirante. Era aberto pelos lados mas tinha teto, de modo que se se descarregava o aguaceiro não se molharia.

Mas com cada passo que dava sentia mais difícil a respiração e quando chegou ao mirante já ia ofegando pelo esforço, não o de caminhar a não ser o de conter as lágrimas.

No instante em que se sentou, deixou de esforçar-se contê-las.

Saíam-lhe soluços dilaceradores, muito impróprios de uma dama, mas não se importou.

Michael poderia estar morrendo. Pelo pouco que ela sabia da enfermidade, parecia que ia morrer, e ficaria viúva pela segunda vez.

E a primeira vez quase a tinha matado.

Simplesmente não sabia se teria a força para passar por tudo isso outra vez. E não sabia se desejava ter essa força.

Não estava bem, não era justo, maldição, que tivesse que perder a dois maridos quando tantas mulheres tinham um durante toda sua vida. E a maioria dessas mulheres nem sequer queriam a seus maridos, enquanto que ela os amava aos dois.

Ficou apanhado o ar na garganta.

Amava Michael? Amava-o?

Não, não, disse-se, não o amava. Não o amava assim. Quando pensou, quando passou a palavra por sua cabeça, estava pensando em amizade. Claro que queria ao Michael dessa maneira. Sempre o tinha amado assim, não? Ele era seu melhor amigo, e o era já quando John estava vivo.

Fechou os olhos, recordou seus beijos e a sensação perfeita que lhe produzia sua mão nas costas, à altura da cintura, quando caminhavam pela casa.

E então, por fim, descobriu por que tudo lhe parecia diferente entre eles ultimamente. Não era, como tinha suposto a princípio, só porque se casaram; não era porque ele era seu marido, porque levava seu anel no dedo.

Era porque o amava.

Isso que havia entre eles, esse vínculo, essa união, não era somente paixão nem era mau. Era amor, e era divino.

E não poderia ter se sentido mais surpreendida se John se materializasse ante ela e começasse a dançar um reel irlandês.

Michael.

Amava Michael.

Não só como amigo, mas sim como marido e amante. Amava-o com a mesma intensidade e profundidade com que tinha amado ao John; era diferente porque eles eram homens distintos e ela tinha mudado, mas também era igual. Era o amor de uma mulher por um homem, e lhe enchia todas as curvas do coração.

E Por Deus que não desejava que morresse.

- Não pode me fazer isto - exclamou quase a gritos, inclinada sobre um lado do banco do mirante e olhando o céu.

Uma grosa gota de chuva lhe caiu no nariz e lhe salpicou até o olho.

- Ah, não - grunhiu, secando o olho e o nariz-. Não se acredite pode...

Caíram-lhe outras três gotas, em rápida sucessão.

- Maldição - resmungou, e se apressou a acrescentar um "o sinto muito", dirigido às nuvens.

Endireitou-se e jogou atrás a cabeça, para que a protegesse o teto do mirante, já que a chuva ia aumentando em volume.

O que devia fazer? Lançar-se adiante com toda a resolução de um anjo vingador, ou entregar-se a um bom pranto e sentir lástima de si mesma?

Ou talvez um pouco de ambas as coisas?

Contemplou a chuva um momento, que agora já era um aguaceiro que caía com tanta força para colocar medo no coração do mais resoluto dos anjos vingadores.

Decididamente, um pouco de ambas as coisas.

Michael abriu os olhos e se surpreendeu ao ver que já era de dia. Pestanejou algumas vezes, só para ratificá-lo. As cortinas estavam fechadas, mas não totalmente, de modo que por uma fresta entrava um raio de luz que formava uma franja no tapete.

A manhã. Bom. Talvez tivesse estado muito cansado. A última coisa que recordava era Francesca saindo do quarto com a intenção de sair para caminhar, mesmo que qualquer idiota se teria dado conta de que estava a ponto de chover.

Tola.

Tentou sentar-se mas imediatamente se deixou cair entre as mantas. Maldição, sentia-se como se se fosse a morrer. Não era essa a melhor metáfora nessas circunstâncias, teve que reconhecer, mas não lhe ocorria outra maneira de definir o mal-estar que tinha tomado conta de todo seu corpo. Sentia-se esgotado, quase grudado aos lençóis.

Só a idéia do sentar-o fazia gemer.

Maldição, sentia-se mal.

Tocou a testa, para comprovar se tinha febre, mas se a testa estivesse quente, também o sua mão, por isso não conseguiu inteirar-se de nada, além de que estava tremendamente suado e necessitava muito de um bom banho.

Inspirou ar com o fim de cheirar-se, mas tinha o nariz tão cogestionado que lhe veio um acesso de tosse.

Exalou um suspiro. Bom, se prestava, pelo menos não teria que cheirar-se.

Olhou para a porta ao ouvir um suave som e viu Francesca, que vinha entrando sigilosamente, descalça, só com as meias, para não despertá-lo. Mas enquanto se ia aproximando da cama, olhou-o e abafou uma exclamação de surpresa.

- Ah, está acordado.

Ele assentiu.

- Que horas são?

- Oito e meia. Não é muito tarde, o que acontece é que ontem à noite ficou adormecido antes de jantar.

Ele voltou a assentir pois não tinha nada importante que acrescentar à conversa. Além disso, sentia-se tão cansado que não desejava falar.

- Como se sente? - perguntou então ela, sentando-se na cama a seu lado-. Gostaria de comer algo?

- Mal, e não, obrigado.

Ela esboçou um leve sorriso.

- E beber algo?

Ele assentiu.

Ela foi pegar uma pequena tigela de uma mesa próxima, que estava abafado com um pires, provavelmente para manter quente o conteúdo.

- É de ontem à noite - disse, em tom de desculpa-, mas o fiz cobrir para que não parecesse muito horroroso.

- Caldo?

Ela assentiu e lhe aproximou a tigela aos lábios.

- Está muito frio?

Ele provou um pouco e negou com a cabeça. Estava apenas morno, mas não se via capaz de tomar algo mais quente.

Segurou-lhe a tigela em silêncio durante um minuto mais ou menos, e quando ele disse basta, foi deixar o na mesa e o tampou com o pires, embora ele imaginou que ordenaria que lhe trouxessem outra tigela para a próxima refeição.

- Tem febre? - perguntou-lhe então, em voz baixa.

Ele tentou esboçar seu famoso sorriso "ao diabo lhe importa".

- Não tenho nem idéia.

Tocou-lhe a fronte.

- Não pude me banhar - resmungou ele, desculpando-se pela fronte pegajosa sem dizer a palavra "suor" em sua presença.

Sem dar sinais de ter ouvido sua pretendida brincadeira, ela franziu o cenho e lhe colocou toda a mão na fronte. Então, surpreendendo-o por sua rapidez, levantou-se e se inclinou para lhe dar um suave beijo na fronte.

- Frannie?

- Tem a testa quente - disse ela, apenas em um sussurro-. Está ardendo!

Ele se limitou a pestanejar.

- Ainda tem febre - continuou ela, emocionada-. Não percebe? Se ainda tem febre, não pode ser malária!

Por um instante, não pôde respirar. Ela tinha razão. Custava-lhe acreditar que não tivesse ocorrido a ele, mas tinha razão. A febre da malária sempre remetia pela manhã do dia seguinte. Voltava dia seguinte, claro, muitas vezes com uma força

horrorosa, mas sempre remetia, lhe dando um dia de pausa, para logo fazê-lo cair outra vez.

- Não é malária - repetiu ela, com os olhos suspeitadamente brilhantes, e se sentou na cadeira que havia junto à cama.

- Disse-lhe que não era - disse ele, mas em seu interior sabia a verdade: que não estava tão seguro.

- Não vai morrer - murmurou ela, agarrando o lábio inferior entre os dentes.

Ele a olhou nos olhos.

- Temia que morresse? - perguntou em voz baixa.

- É claro - respondeu ela, com a voz abafada, já sem tratar de dissimular. - Meu Deus, Michael, não posso acreditar nisso. Tem uma idéia? Vamos, pelo amor de Deus.

Ele não entendeu o que queria dizer, mas teve a impressão de que era algo bom.

Ela se levantou e o espaldar da cadeira golpeou a parede. Agarrou o guardanapo que estava junto à tigela de caldo e a passou pelos olhos.

- Frannie? - murmurou ele.

- Que homem mais... - disse ela, zangada.

Ante isso ele só pôde arquear as sobrancelhas.

- Deveria saber que eu...

Mas se interrompeu sem terminar a frase.

- O que acontece, Frannie?

Ela negou com a cabeça.

- Ainda não - disse, e ele teve a impressão de que falava consigo mesma, não com ele-. Logo, mas ainda não.

Ele pestanejou.

- Perdão, o que disse?

- Tenho que sair -disse ela, em tom curiosamente abrupto-. Preciso fazer uma coisa.

- Às oito e meia da manhã?

- Voltarei logo - disse ela, dirigindo-se a toda pressa à porta-. Não vá a nenhuma parte.

- Bom, maldição - disse ele, tratando de brincar-, aí ficam meus planos de ir fazer uma visita ao rei.

Mas ela estava tão distraída que não se incomodou em replicar algo engenhoso a seu patético intento de fazer uma brincadeira.

- Logo - disse, como se lhe fizesse uma promessa-. Voltarei logo.

Ele só pôde encolher os ombros e ficar olhando a porta quando ela a fechou ao sair.

Capítulo 24

Não sei como lhe dizer isto e tampouco sei como vai receber a notícia, mas Michael e eu nos casamos faz três dias. Não saberia explicar os acontecimentos que nos levaram a matrimônio, além de dizer simplesmente que me pareceu que era fazer o correto. Sabe, por favor, que isto não diminui em nada o amor que sentia pelo John. Ele sempre terá um lugar especial e querido em meu coração, como você.

Da carta da condessa do Kilmartin a Janet, a condessa do Kilmartin viúva, três dias depois de suas bodas com o conde do Kilmartin.

Passado um quarto de hora, Michael se sentia extraordinariamente melhor; não de todo, claro; nem estirando muito a imaginação poderia convencer-se de que era o homem saudável e enérgico de sempre. Mas com certeza o caldo lhe tinha feito bem, como também a conversa, e quando se levantou para usar o urinol descobriu que as pernas o seguravam com mais firmeza do que teria acreditado. Terminada essa tarefa começou a fazer uma improvisada lavagem, tirando a maior parte do suor com um pano molhado. Quando pôs uma camisa limpa, voltou a sentir-se quase humano.

Caminhou até a cama, mas não conseguiu decidir-se a colocar seu corpo entre esses lençóis molhados de suor, de modo que puxou o cordão para chamar um criado e foi sentar se em sua poltrona de orelhas de couro, virando-a um pouco para poder olhar pela janela.

O dia estava ensolarado; essa era uma mudança agradável. O tempo tinha estado revolto nessas duas semanas que tinham casados. Não o tinha importado particularmente; a um homem que passa grande parte de seu tempo fazendo amor com sua mulher, como tinha feito ele, não importa muito se está brilhando o sol.

Mas nesse momento, fora de seu leito de doente, descobriu que lhe erguia o ânimo ao ver o brilho da luz do sol na erva coberta de orvalho.

Notou um movimento abaixo que lhe chamou a atenção, e viu que era Francesca, que ia caminhando depressa pelo jardim de grama. Estava longe, por isso não a via com clareza, mas ia vestida com um casaco muito prático e levava algo na mão.

Inclinou-se, aproximando mais o rosto à janela para vê-la melhor, mas justo nesse momento desapareceu atrás de uma sebe e a perdeu de vista.

Nesse momento entrou Reivers.

- Chamou, milord?

Michael se virou para olhá-lo.

- Sim. Poderia se encarregar de que subisse alguém para trocar os lençóis?

- É claro, milord.

- E... - continuou ele, com a intenção de dizer que fizesse subir a banheira com água quente também, mas, sem pensar, lhe escaparam as palavras-: Sabe aonde vai lady Kilmartin? Vi-a atravessando a grama.

- Não, milord - respondeu Reivers, negando com a cabeça-. Não achou por bem me comunicar embora Davies me disse que lhe pediu que dissesse ao jardineiro que lhe cortasse umas poucas flores.

Michael assentiu, seguindo mentalmente a cadeia de pessoas; em realidade deveria respeitar mais essa afeição às fofocas dos criados.

- Flores, diz - murmurou, pensativo.

Isso era o que levava na mão quando a tinha visto fazia uns minutos.

- Peonías - confirmou Reivers.

- Peonías - repetiu Michael, inclinando-se com interesse.

Essas eram as flores prediletas do John, e foram as principais no ramalhete de bodas de Francesca. Quase o consternava recordar um detalhe assim, mas embora logo que John e Francesca partiram da festa ele se embebedou como uma Cuba; recordava a cerimônia até nos mais mínimos detalhes.

O vestido era azul, azul gelo. E as flores eram peonías. Tiveram que as conseguir em uma estufa, mas Francesca tinha insistido nisso.

E repentinamente soube exatamente aonde ia ela, bem abrigada para proteger-se do ligeiro frio do ar.

Ia à tumba do John.

Ele tinha estado ali uma vez depois de sua chegada. Foi sozinho, uns dias depois daquele extraordinário momento em seu dormitório quando de repente compreendeu que John teria aprovado que se casasse com Francesca. Mais ainda, quase acreditou que John estava aí, rindo-se divertido de todo o assunto.

E então não pôde deixar de perguntar-se: Compreenderá isso Francesca? Compreendia que John o teria desejado? Para os dois?

Ou continuaria atormentada pela culpa?

Sem pensar-se levantou da poltrona. Conhecia o sentimento de culpa, sabia como rói o coração, como rasga a alma. Conhecia esse sofrimento, e sabia que se sente como ácido nas entranhas.

E não desejava isso a Francesca. Nunca.

Ela poderia não amá-lo. Poderia não amá-lo nunca. Mas era mais feliz do que tinha sido antes de que se casassem; disso estava certo. E lhe mataria saber que ela se sentia culpada por essa felicidade.

John teria desejado que ela fosse feliz. Teria desejado que ela amasse e fosse amada. E se Francesca, pelo que fosse, não compreendesse isso...

Começou a vestir-se. Continuava fraco, sim, ainda tinha febre, sim, mas por Deus que seria capaz de ir ao cemitério da capela. Meio o mataria mas não permitiria que ela caísse no mesmo tipo de desespero culpado que ele tinha sofrido tanto tempo.

Ela não tinha por que amá-lo. Não tinha por que. Repetiu-se isso tantas vezes durante o pouco tempo que tinham casados que quase achava isso.

Não tinha por que amá-lo. Mas sim devia sentir-se livre; livre para ser feliz.

Porque se não fosse feliz...

Bom, isso sim o mataria. Podia viver sem seu amor, mas não sem sua felicidade.

Francesca sabia que o chão estaria molhado, portanto levava uma pequena manta, a manta de tartán verde e ouro dos Stirling. Sorriu tristemente ao estendê-la sobre a erva.

- Olá, John - disse, ajoelhando-se para arrumar as peonías ao pé da lápide.

Sua tumba era simples, muito menos ostentosa que os monumentos que costumavam erigir muitos nobres para honrar a seus mortos.

Mas era o que John teria querido. Ela o conhecia muito bem, e a metade das vezes era capaz de predizer o que diria.

Teria desejado algo simples, e o teria desejado aí, no canto mais afastado do cemitério, a parte mais próxima aos ondulantes campos do Kilmartin, seu lugar preferido no mundo.

E isso foi o que lhe deu.

- Faz um dia lindo - disse, sentando-se sobre a manta.

Levantou as saias para poder sentar-se ao estilo índio e logo as arrumou bem sobre as pernas. Essa era uma postura que não adotaria jamais em companhia de outros, mas ali era diferente.

John teria querido que ela estivesse cômoda.

- Choveu semanas e semanas - continuou-. Alguns dias foram piores que outros, é claro, mas não houve nenhum dia sem pelo menos uns minutos de chuva. Não o teria importado, mas eu, confesso-o, estava desejando que brilhasse o sol.

Viu que o caule de uma das flores não estava tal como o desejava e se inclinou para arrumá-lo.

- Claro que isso não me impediu de sair para caminhar - disse, e lhe escapou um risinho nervoso. A chuva me surpreendeu fora muitos vezes ultimamente. A verdade é que não sei bem o que me passa... antes prestava mais atenção ao tempo. - Exalou um suspiro-. Não, sim sei o que me passa. Simplesmente me dá medo lhe dizer isso, parva que sou, sei, mas...

Voltou a rir, com essa risada tensa que soava tão mal em seus lábios. Isso era algo que nunca tinha sentido com o John: nervosismo. Desde o instante em que se conheceram se sentiu confortável em sua presença, absolutamente confortável, a vontade, tanto com ele como consigo mesma.

Mas nesse momento...

Bom, tinha motivos para estar nervosa.

- Ocorreu algo, John - continuou, puxando o tecido do casaco. Comecei a sentir algo por alguém, algo que possivelmente não deveria ter sentido.

Olhou ao redor, meio esperando que aparecesse alguma espécie de sinal do céu. Mas não viu nada, só sentiu o suave murmúrio das folhas das árvores agitadas pela brisa.

Engoliu a saliva e voltou a concentrar a atenção na lápide do John. Era idiota que uma parte de pedra chegasse a simbolizar a um homem, mas não sabia que outra coisa olhar quando falava com sua lembrança.

- Talvez não devesse ter sentido, ou talvez devesse e simplesmente achava que não devia. Não sei, a única coisa que sei é que ocorreu. Eu não esperava, mas então, aí estava o sentimento e por...

Interrompeu-se, e os lábios se curvaram em um sorriso que era quase pesaroso.

- Bom, suponho que sabe por quem é. Imagina?

E então ocorreu algo extraordinário. Depois, pensando em retrospectiva, teve a sensação de que devia ter se movido a terra ou que do céu desceu um raio de luz que iluminou a tumba. Mas não houve nada disso; nada evidente, nada audível nem visível, a não ser simplesmente uma estranha sensação de que algo se movia dentro dela, quase como se algo abrisse passagem para, por fim, ocupar seu lugar.

E então soube, de verdade, compreendeu-o totalmente, que John poderia ter imaginado. E mais que isso, que o teria desejado.

Ele teria desejado que se casasse com Michael. Teria desejado que se casasse com qualquer homem por quem se apaixonasse, mas tinha a impressão de que teria gostado mais, que quase lhe teria alegrado, que isso lhe tivesse ocorrido com o Michael.

Eles eram as duas pessoas que mais queria e teria gostado de saber que estavam juntos.

- Amo-o - disse, caindo na conta de que essa era a primeira vez que o dizia em voz alta. - Amo Michael. Quero-o, e, John - passou um dedo por seu nome gravado na lápide-, acredito que aconteceria. Às vezes quase acredito que você dispôs tudo. É muito estranho - continuou, com os olhos cheios de lágrimas-. Passei muito tempo pensando para mim mesma que nunca voltaria a me apaixonar. Como ia poder? E

quando alguém me perguntava o que teria desejado você para mim, eu respondia, logicamente, que desejaria que encontrasse a outro. Mas por dentro... - Sorriu tristemente-. Em meu interior sabia que isso não ocorreria. Que não me apaixonaria. Sabia. Sabia absolutamente. Ou seja, que em realidade não importava o que você desejasse para mim, não é? Mas ocorreu. Ocorreu, e eu não esperava isso. Ocorreu, e ocorreu com o Michael. Quero-o, John. Quero-o muito, muito - continuou, com a voz quebrada pela emoção-. Me repetia uma e outra vez que não, mas quando pensei que ia se morrer, foi muito para mim, e compreendi... ai, Deus, soube, John. Necessito-o, amo-o, quero-o. Não posso viver sem ele, e só lhe precisava dizer isso saber que você... que você...

Não pôde continuar. Era muito o que tinha dentro; muitas emoções, todas lutando por sair. Baixou a cabeça e, cobrindo o rosto com as mãos, chorou, não de pena, e tampouco de alegria, mas simplesmente porque não pôde conter-se.

- John -soluçou-. O amo. E acredito que isso é o que você teria desejado. De verdade acredito, mas...

Então ouviu um ruído atrás dela. Uma assada, uma respiração. Virou-se, mas já sabia quem era. Sentia-o no ar.

- Michael - murmurou, olhando-o como se fosse um espectro. Estava pálido, abatido, débil, e teve que apoiar-se em uma árvore para sustentar-se, mas para ela estava perfeito.

- Francesca - disse ele, e a palavra pareceu lhe sair com dificuldade-. Frannie.

Ela se levantou, sem deixar de olhá-lo nos olhos.

- Ouviu-me? - perguntou-lhe em um sussurro.

- Quero-a - disse ele com a voz rouca.

- Mas me ouviu? - insistiu ela.

Tinha que sabê-lo, porque se não a tinha ouvido tinha que dizer-lhe - Amo-o.

Ele assentiu.

- Quero-o - disse ela. Desejou aproximar-se o desejou abraçá-lo, mas parecia estar cravada no lugar-. Quero-o -repetiu-. Amo-o.

- Não tem por que...

- Sim tenho. Tenho que dizê-lo. Tenho que lhe dizer isso. Amo-o. Quero-o. Quero-o tanto, tanto.

E então desapareceu a distância entre eles, e ele a rodeou com seus braços. Ela afundou o rosto em seu peito, lhe molhando a camisa com as lágrimas. Não sabia por que chorava, mas já não lhe importava. A única coisa que desejava era o calor de seu abraço.

Em seus braços sentia o futuro, e este era maravilhoso.

Michael apoiou o queixo em sua cabeça.

- Não quis dizer que não o dissesse - murmurou- mas sim não tinha por que repeti-lo.

Ela se pôs-se a rir, mesmo porque continuavam lhe brotando lágrimas, e os dois estremeceram.

- Tem que dizer-me, disse ele-. Se o sente, tem que me dizer. Sou um bode ambicioso e quero tudo.

Ela o olhou com os olhos brilhantes.

- Amo-o.

Acariciou-lhe a face.

- Não tenho idéia do que fiz para merecer você.

- Não tinha que fazer nada - murmurou ela-, só tinha que ser. -Acariciou-lhe a face, seu gesto um reflexo do seu-. Simplesmente me levou um tempo compreendê-lo.

Ele virou o rosto para que ficasse apoiada na mão dela e a cobriu com as duas. Beijou-lhe a palma e logo aspirou o aroma de sua pele. Tinha tentado muitíssimo convencer-se de que não importava se ela o amava ou não, que tê-la por mulher lhe bastava. Mas nesse momento...

Agora que ela o havia dito, agora que ele sabia, agora que tinha cheio de alegria o coração, compreendia que lhe importava.

Isso era o céu.

Isso era sorte.

Isso era algo que jamais se atreveu a esperar sentir, algo que jamais tinha sonhado que existisse.

Isso era amor.

- Todo o resto de minha vida amarei você- prometeu-. O resto de minha vida. Prometo-lhe isso. Darei minha vida por você. Honrarei-a, mimarei-a.

Afogou-se com as palavras, mas não se importou. Simplesmente desejava dizer-lhe. Desejava que ela soubesse.

- Vamos para casa - disse ela docemente.

Ele assentiu.

Pegou sua mão, insistindo suavemente para afastarem-se da clareira e caminharem para a zona do bosque a qual separava o cemitério da casa e seus jardins. Michael aceitou apoiar-se em sua mão, mas antes de pôr-se a andar, virou-se para a tumba do John e modulou a palavra "Obrigado".

E então se deixou levar a casa por sua mulher.

- Queria lhe dizer isso depois - ia dizendo ela. Ainda lhe tremia a voz pela emoção, mas já começava a falar mais parecido com a que falava habitualmente-. Tinha um gesto muito pensado, muito romântico. Algo grandioso. Algo... -Se voltou para olhá-lo com um sorriso pesaroso-. Bom, não sei o que, mas teria sido grandioso.

Ele negou com a cabeça.

- Não necessito disso. A única coisa que necessito... Só necessito...

E não se importou que não soubesse como terminar a frase, porque de qualquer modo ela sabia.

- Sei -murmurou ela-. Eu necessito exatamente o mesmo.

Epílogo

Meu querido sobrinho:

Embora Helen insiste em que a ela não a surpreendeu absolutamente o anúncio de seu matrimônio com Francesca, reconheço que eu tenho menos imaginação e sou menos preparada, e confesso que para mim foi uma total surpresa.

Rogo-lhe, entretanto, que não confunda surpresa com não aceitação. Não me levou muito tempo nem reflexão compreender que você e Francesca formam um casal ideal. Não sei como não o vi antes. Não pretendo compreender a metafísica e, a verdade, rara vez tenho paciência com aqueles que asseguram compreendê-la, mas há

um entendimento entre vocês dois, um encontro de mentes e almas que existe em um plano superior. Parecem feitos um para o outro, isso está claro. Não é fácil para mim escrever estas palavras. John segue vivo em meu coração e sinto sua presença cada dia. Choro a morte de meu filho e sempre a lamentarei. Não sei lhe dizer que consolo é para mim saber que você e Francesca sentem o mesmo. Espero que não me considere presunçosa por lhes oferecer minha bênção. E espero que não me considere idiota por também lhe agradecer.

Obrigada, Michael, por permitir que meu filho a amasse primeiro.

Carta da Janet Stirling, condessa do Kilmartin viúva, ao Michael Stirling, conde do Kilmartin, junho de 1824.

Epílogo 2

Argumento

Passaram-se três anos desde o casamento de Francesca e Michael, e ainda não tiveram filhos.

E Francesca se pergunta: "Como uma mulher pode ser verdadeira e completamente feliz, quando um pedaço de seu coração permanece vazio?" Mas só, quando fica em paz com seu destino, algo inesperado ocorre....

Ela estava contando outra vez.

Contando, sempre contando.

Sete dias desde sua última menstruação.

Seis até que pudesse ser fértil.

Desde vinte e quatro a trinta e um, até que pudesse esperar sangrar de novo, se é que não concebisse.

O que provavelmente não faria.

Tinham se passado três anos, desde que se tinha casado com o Michael. Três anos. Tinha sofrido nesse transcurso trinta e três vezes. Tinha-os contado, é claro; pequenas marcas em um pedaço de papel que guardava em sua escrivaninha, no canto mais afastado da gaveta do meio, onde Michael não pudesse vê-lo.

Isso poderia lhe fazer mal. Não porque ele quisesse um filho, o que queria, mas sim porque ela desejava um desesperadamente.

E ele queria dá-lo a ela. Possivelmente inclusive mais do que o queria para si mesmo.

Ela tentava esconder sua dor. Tentava lhe sorrir na mesa do café da manhã e pretender que não se importava se tinha um cilindro de tecido entre as pernas, mas Michael sempre via em seus olhos, e parecia querer tê-la mais perto durante o dia, beijar sua fronte mais freqüentemente.

Tentava dizer-se a si mesmo que devia contar todas suas bênções. E o fazia. OH, como o fazia. "Todos os dias". Ela era Francesca Bridgerton Sterling, condessa do

Kilmartin, abençoada com duas maravilhosas famílias: Aquela em que tinha nascido e aquela que tinha adquirido, duas vezes, através do matrimônio.

Tinha um marido com a que a maioria das mulheres sonhavam. Bonito, divertido, inteligente e tão desesperadamente apaixonado por ela como o estava ela por ele. Michael a fazia rir. Fazia que seus dias e suas noites fossem uma aventura. Adorava falar com ele, caminhar com ele, simplesmente sentar-se no mesmo quarto com ele para trocar olhadres, enquanto ambos "pretendiam" ler um livro.

Era feliz. De verdade, era. E se nunca tivesse um bebê, pelo menos tinha a esse homem, a esse maravilhoso, incrível, milagroso homem, que a entendia de uma maneira que a fazia suspirar.

Conhecia-a. Conhecia cada polegada dela, e ainda assim, nunca deixava de assombrá-la e de desafiá-la.

Amava-o. Com cada fôlego de seu corpo, amava-o.

E a maior parte do tempo, isso era suficiente. A maioria do tempo, "era" mais que suficiente.

Mas no meio da noite, depois dele dormir e ainda ela permanecer acordada, aninhada contra ele, sentia um vazio, que temia nada poder enchê-lo. Tocava-se seu abdômen, e ali estava, tão plano como sempre, zombando dela com sua negativa de lhe dar a única coisa que queria mais que nada no mundo.

E nesse momento chorava.

Tinha que ter um nome, pensava Michael enquanto estava parado em frente da janela, observando como Francesca desaparecia sobre a ladeira para o terreno da família

Kilmartin. Tinha que haver um nome para essa particular forma de dor, de tortura, em realidade. Tudo o que desejava no mundo era fazê-la feliz. OH, também desejava outras coisas como: paz, saúde, prosperidade para seus arrendatários, e homens retos, no posto de Primeiro-ministro para os próximos cem anos. Mas quando tudo isso era dito e feito, o que realmente queria era a felicidade de Francesca.

Amava-a. Sempre o tinha feito. Isso era, ou pelo menos devia ter sido, a coisa mais simples do mundo. Amava-a. Ponto. E poderia mover céu e terra, se só estivesse em seu poder, fazê-la feliz.

Exceto na única coisa que ela queria mais que nada, a única coisa que pedia tão desesperadamente e lutava tão corajosamente para esconder sua dor, porque ele parecia não ser capaz de lhe dar algo.

Um filho.

E o cômico era, que ele estava começando a sentir a mesma dor.

A princípio, havia-o sentido só por ela. Francesca queria um filho, e por conseguinte, ele também o queria. Queria ser mãe, e por conseguinte, ele também queria que o fosse. Desejava vê-la segurar um menino, não porque seria seu filho, mas sim porque seria seu.

Queria que tivesse o que desejava. E egoístamente, queria ser o homem que o desse.

Mas ultimamente, ele havia sentido seus próprios remorsos. Visitariam um de seus muitos irmãos e irmãs e estariam rodeados imediatamente pela próxima geração de descendentes. Arrastariam-se sobre sua perna, gritando "Tio Michael!" e soltariam

gargalhadas quando ele os lançasse no ar, sempre lhe suplicando outro minuto mais, outro giro mais, outro doce de hortelã secreto.

Os Bridgertons eram maravilhosamente férteis. Todos pareciam produzir o número exato de descendência que desejavam. E então, possivelmente, um mais, só para melhorar o número.

"Exceto Francesca."

Quinhentos e oitenta e quatro dias depois de sua trigésima terceira menstruação, Francesca saiu da carruagem Kilmartin e respirou o ar fresco, limpo do campo do Kent. A primavera tinha começado, e o sol esquentava suas faces, menos quando o vento soprava, pois este arrastava com ele, as últimas reminiscências do inverno.

Entretanto, Francesca não se importava. Sempre tinha gostado da sensação do vento frio sobre sua pele. Isso tornava louco ao Michael; sempre se queixava de que nunca podia ajustar-se à vida em um clima frio depois de ter vivido tantos anos na Índia.

Lamentava que não tivesse podido acompanhá-la em sua longa viajem desde Escócia, para o batismo da Isabela, a pequena filha do Hyacinth. Ele tivesse podido estar ali, claro; ela e Michael nunca perderam os batismos de nenhum de seus sobrinhos e sobrinhas. Mas alguns assuntos no Edimburgo, tinham atrasado sua chegada. Francesca também teria podido atrasar sua viagem, mas tinham passado muitos meses desde que tinha visto por última vez a sua família, e sentia saudades.

O que era cômico. Quando era mais jovem, sempre tinha estado tão ávida de escapar, de formar seu próprio lar, sua própria identidade. Mas agora, quando olhava a suas sobrinhas e sobrinhos crescer, sentia a necessidade de visitá-los mais freqüentemente. Não queria perder nenhum fato importante. Tinha estado sozinha de visita quando a filha do Colin, Agatha, tinha dado seus primeiros passos. Isso tinha sido impressionante. E embora depois tinha chorado silenciosamente em sua cama essa noite, as lágrimas em seus olhos enquanto tinha cuidado de Aggie cambaleando-se para diante e rindo, tinham sido de pura alegria.

Se nunca ia ser mãe, então Por Deus, que pelo menos, teria esses momentos.

Não podia suportar pensar em sua vida sem eles.

Francesca sorriu quando entregou sua capa a um lacaio e caminhou para os familiares corredores do Aubrey Hall. Tinha passado a maior parte de sua infância aqui, e na casa Bridgerton em Londres. Anthony e sua esposa lhe tinham feito algumas mudanças, mas ainda parecia como sempre tinha sido. As paredes ainda estavam pintadas do mesmo branco cremoso, com um sob tom pêssego. E o Fragonard que seu pai tinha comprado a sua mãe para seu trigésimo aniversário, ainda estava pendurado sobre a mesa que estava ao exterior da porta do salão rosa.

- Francesca!

Virou-se. Era sua mãe, levantando-se de sua cadeira no salão.

- Quanto tempo esteve parada ali? - perguntou Violet, enquanto se aproximava para saudá-la.

Francesca abraçou a sua mãe.

- Não muito. Estava admirando a pintura.

Violet se deteve ao lado dela e juntas observaram ao Fragonard.

- É maravilhoso, não lhe parece? - murmurou, com um sorriso suave, nostálgico desenhado em seu rosto.

- Eu adoro - disse Francesca-. Sempre gostei muito. Recorda ao pai.

Violeta se voltou para ela, surpreendida.

- De verdade?

Francesca podia entender sua reação. A pintura retratava a uma moça sustentando um buquê com uma nota atada. Não era um assunto muito masculino. Mas a mulher estava olhando sobre seu ombro, e sua expressão era um pouco travessa, como se, com a provocação correta, pudesse sorrir. Francesca não podia recordar muito sobre a relação de seus pais; tinha seis anos quando seu pai morreu. Mas recordava sua risada. O som de sua risada era rico, profundo e vivia dentro dela.

- Penso que seu matrimônio poderia ter sido assim - disse Francesca, assinalando a pintura.

Violet retrocedeu meio passo e pôs a cabeça de lado.

- Penso que tem razão - disse, parecendo encantada pelo descobrimento-. Nunca pensei que poderia ter sido dessa maneira.

- Deveria levar a pintura com você a Londres - disse Francesca-. É sua, não é assim?

Violet se ruborizou, e por um breve instante, Francesca viu como saía brilhando de seus olhos a juventude.

- Sim -disse-, mas pertence a este lugar. Aqui foi onde ele me deu isso. E este - indicou a parede-, foi o lugar onde o penduramos.

- Você estava muito feliz - disse Francesca. Essa não era uma pergunta, era uma observação.

- Igual a você.

Francesca assentiu com a cabeça.

Violet estendeu o braço e tomou sua mão, lhe dando pequenos tapinhas enquanto seguiam observando a pintura. Francesca sabia exatamente o que sua mãe estava pensando: em sua infertilidade, e o fato de que pareciam ter um acordo tácito de não falar sobre isso, e em realidade, para que o fariam? O que poderia lhe dizer Violet para que se sentisse melhor?

Francesca não podia dizer nada, porque isso possivelmente faria que sua mãe se sentisse pior, e em seu lugar, ficavam de pé ali como sempre, pensando a mesma coisa, mas nunca falando disso, perguntando-se qual delas, era a que mais feria.

Francesca pensava que seu útero poderia ser infértil, depois de tudo. Mas possivelmente, a dor de sua mãe era mais aguda. Violet era sua mãe, e estava muito aflita porque sua filha tinha perdido seus sonhos. Acaso não era doloroso? E o irônico era, que Francesca nunca saberia. Nunca conheceria a dor que se sente por um filho, porque nunca saberia o que é ser mãe.

Tinha quase trinta e dois anos. Não conhecia nenhuma dama casada que tivesse alcançado essa idade sem conceber um filho. Parecia que os filhos ou chegavam em seguida, ou não chegavam nunca.

- Chegou Hyacinth? - perguntou Francesca, enquanto continuava observando a pintura, olhando fixamente o brilho nos olhos da mulher.

- Não ainda. Mas Eloise chegará a mais tardar esta tarde. Ela...

Mas Francesca escutou a detenção na voz de sua mãe antes de que a cortasse ela mesma.

- Está grávida, verdade? -perguntou.

Escutou-se um batimento do coração de silêncio, e depois:

- Sim.

- Isso é maravilhoso. -E o disse de verdade. Fez isso, com cada parte de seu ser. Só que não sabia como expressar isso da mesma forma.

Não queria olhar o rosto de sua mãe. Porque então poria-se a chorar.

Limpou sua garganta, inclinando a cabeça a um lado como se houvesse uma polegada do Fragonard que não tivesse visto ainda.

- Ninguém mais? -perguntou.

Sentiu como sua mãe ficou ligeiramente rígida a seu lado, e se perguntou se Violet estava decidindo se merecia a pena o pretender que não sabia o que ela queria dizer exatamente.

- Lucy - sussurrou sua mãe.

Francesca se voltou finalmente e enfrentou ao Violet, soltando sua mão do afeto de sua mãe.

- De novo? - perguntou. Lucy e Gregory tinham casados menos de dois anos, mas esse seria seu segundo filho.

Violet assentiu com a cabeça.

- Sinto muito.

- Não diga isso - disse Francesca, horrorizada por sua voz enrouquecida-. Não diga que o sente. Não é algo que deva lamentar.

- Não - disse sua mãe rapidamente-. Isso não foi o que quis dizer.

- Deveria estar feliz por eles.

- Estou!

- Mais feliz por eles que triste por mim - soltou Francesca.

- Francesca...

Violet tentou alcançá-la, mas Francesca se afastou.

- Prometa, me disse-. Deve me prometer que sempre sentirá mais felicidade que tristeza.

Violet a olhou desamparadamente, e Francesca compreendeu que sua mãe não sabia que dizer. Em toda sua vida, Violet Bridgerton tinha sido a mais sensível e maravilhosa das mães. Sempre parecia saber o que seus filhos necessitavam, exatamente no momento que o necessitavam, uma palavra amável ou uma ligeira cotovelada, ou inclusive um chute proverbial gigante nos calções.

Mas agora, nesse momento, estava perdida. E Francesca era a única que a tinha feito sentir assim.

- Sinto muito, Mãe - disse, as palavras se transbordaram-. Sinto muito, sinto muito.

- Não. - Violet correu para abraçá-la e essa vez Francesca não se afastou-. Não, querida - disse Violet outra vez, enquanto lhe acariciava o cabelo suavemente-. Não diga isso, por favor não diga isso.

Tranqüilizou-a e lhe cantarolou. E Francesca deixou que sua mãe a sustentasse. E quando as quentes lágrimas silenciosas caíram no ombro de sua mãe, nenhuma das duas disse uma palavra.

Quando Michael chegou dois dias depois, Francesca enfrascada nos preparativos do batismo da pequena Isabela, e a conversa que tinha tido com sua mãe não era, "embora não a tinha esquecido", o principal pensamento em sua mente. depois de tudo, não era como se isso fosse algo novo. Francesca sempre tinha sido estéril, todas

as vezes que tinha vindo à Inglaterra para ver sua família. A única diferença, era que desta vez, realmente tinha falado com alguém sobre "isso".

Ao menos um pouco.

Tanto quanto tinha sido capaz.

E de algum jeito, tirou-se um peso de cima. Quando tinha estado de pé no vestíbulo, os braços de sua mãe a tinham rodeado, e algo tinha sido vertido dela junto com suas lágrimas.

E embora ainda continuasse aflita pelos bebês que nunca teria, pela primeira vez a muito tempo, sentia-se abertamente feliz.

Era uma sensação estranha e maravilhosa, e se negava otimistamente a questioná-la.

- Tia Francesca! Tia Francesca!

Francesca sorriu enquanto dobrava seu braço ao redor de sua sobrinha. Charlotte era a filha menor do Anthony, e em um mês completaria os oito anos.

- O que é isso, querida?

- Viram o traje da bebê? É tão longo.

- Sei.

- E tem babados.

- Os vestidos de batismo sempre têm babados. Inclusive aos meninos se coloca um laço.

- Isso é um desperdício -disse Charlotte, encolhendo os ombros-. Isabela não sabe que tem vestido algo tão bonito.

- Ah, mas nós sabemos.

Charlotte ponderou essa afirmação um momento.

- Mas a mim não importa, e a você?

Francesca riu entredentes.

- Não, suponho que não. Adoro-a sem importar o que tiver vestido.

Ambas continuaram seu passeio através dos jardins, recolhendo uvas de jacinto para decorar a capela. Quase tinham enchido a cesta, quando escutaram o som inequívoco de uma carruagem diminuindo a velocidade.

- Perguntou-me quem será agora - disse Charlotte, enquanto se levantava sobre dois dedos dos pés, como se isso realmente pudesse ajudá-la a ver melhor à carruagem.

- Não estou certa - respondeu Francesca. Alguns parentes chegariam essa tarde.

- Possivelmente é Tio Michael.

Francesca sorriu.

- Isso espero.

- Adoro Tio Michael - disse Charlotte com um suspiro, e Francesca quase sorriu, por que a expressão dos olhos de sua sobrinha, tinha-a visto umas mil vezes antes.

As mulheres adoravam Michael. Inclusive, parecia que as meninas de sete anos, não eram imunes a seu encanto.

- Bom, ele é muito bonito - replicou Francesca.

Charlotte encolheu os ombros.

- Suponho que sim.

- Supõe-o? -replicou Francesca, tratando dificilmente de não sorrir.

- Gosto dele, porque me joga no ar quando o Pai não está olhando.

- Ele gosta de violar as regras.

Charlotte sorriu abertamente.

- Sei. Por isso não o conto a meu pai.

Francesca nunca tinha pensado no Anthony como alguém particularmente especial, mas tinha sido o cabeça de família por mais de vinte anos, e supôs que a experiência o tinha dotado de certo amor à ordem e às normas.

E isso tinha que ser dito: "gostava de estar no comando."

- Será nosso segredo - disse Francesca, ao inclinar-se para lhe sussurrar na orelha de sua sobrinha-. E quando quiser, pode vir nos visitar na Escócia. Nós violamos as regras todo o tempo.

Os olhos do Charlotte se abriram como pratos.

- De verdade?

- Às vezes tomamos o café da manhã na hora do jantar.

- Brilhante.

- E caminhamos sob a chuva.

Charlotte encolheu os ombros.

- Todos caminhamos sob a chuva.

- Sim, suponho, mas algumas vezes dançamos.

Charlotte deu um passo atrás.

- Posso retornar com você?

- Isso depende de seu pai, querida. - Francesca sorriu e alcançou a mão do Charlotte-. Mas podemos dançar agora mesmo.

- Aqui?

Francesca assentiu com a cabeça.

- Onde todos nos podem ver?

Francesca deu uma olhada ao redor.

- Não vejo que ninguém nos esteja olhando. E se assim fosse, a quem lhe importaria?

Charlotte franziu os lábios, e Francesca virtualmente podia ver sua mente em funcionamento.

- Não a mim! - anunciou, e envolveu seu braço ao redor de Francesca. Juntas fizeram um pequeno giro, seguido de um cilindro escocês, virando e virando até que ambas ficaram sem fôlego.

- OH, como desejo que pudesse chover! - sorriu Charlotte.

- E como nos divertiríamos com isso?

- Tio Michael! - gritou Charlotte, lançando-se para ele.

- E a mim esqueceram instantaneamente - disse Francesca com um sorriso retorcido.

Michael a olhou calorosamente sobre a cabeça do Charlotte.

- Não por mim - murmurou.

- Tia Francesca e eu estávamos dançando - disse Charlotte.

- Sei. Vi-as dentro da casa. Desfrutei especialmente esse passo inovador.

- Que passo inovador?

Michael pretendeu parecer desconcertado.

- A dança que estavam fazendo.

- Não estávamos fazendo nenhuma dança inovadora - respondeu Charlotte, com o cenho franzido.

- Então, o que foi isso de derrubar-se sobre a grama?

Francesca mordeu o lábio para não rir.

- Caímos, Tio Michael.

- Não!

- De verdade!

- Foi uma dança vigorosa - confirmou Francesca.

- Pois devem ser excepcionalmente elegantes, então, porque me pareceu completamente, que vocês o fizeram de propósito.

- Não o fizemos! Não o fizemos! - disse Charlotte agitadamente-. Realmente caímos. Por acidente!

- Suponho que te acreditarei - disse ele com um suspiro-, mas só porque sei que é muito fidedigna para mentir.

Ela o olhou nos olhos com uma terna expressão.

- Nunca lhe mentiria, Tio Michael - disse.

Beijou sua face e a desceu.

- Sua mãe diz que é hora de jantar.

- Mas se acaba de chegar!

- Não vou a nenhuma parte. Precisa se alimentar depois de toda esta dança.

- Não tenho fome - murmurou ela.

- Lástima - disse ele-, porque pensava lhe ensinar a dançar a valsa esta tarde, e você certamente não pode fazer isso com o estômago vazio.

Os olhos de Charlotte quase saíram de suas órbitas.

- Sério? O pai disse que não podia aprender até que completasse os dez.

Michael lhe ofereceu um daqueles devastadores meio sorrisos, que ainda faziam estremecer a Francesca.

- Não temos que dizer-lhe não parece?

- OH, Tio Michael, quero-o - disse ela fervorosamente, então, depois de outro abraço extremamente vigoroso, Charlotte pôs-se a correr para o Aubrey Hall.

- Outra que caiu - disse Francesca, meneando a cabeça, observando como sua sobrinha corria através dos campos.

Michael tomou sua mão e a atraiu para ele.

- O que se supõe que significa isso?

Francesca sorriu, suspirou um pouco, e disse:

- Nunca lhe mentiria.

Ele a beijou profundamente.

- Obviamente, espero que não.

Ela levantou o olhar para seus olhos prateados e se deixou cair sobre o calor de seu corpo.

- Ao que parecia nenhuma mulher é imune.

- Então, que afortunado sou, porque só caí sob o feitiço de uma.

- Sorte para mim.

- Bom, sim - disse ele com falsa modéstia-, mas não lhe queria dizer isso.

Ela lhe golpeou com força o braço.

Ele a beijou em troca.

- Senti saudades.

- Eu também senti saudades.

- E como está o clã Bridgerton? -perguntou ele, enredando seu braço com o dela.

- Bastante bem - replicou Francesca-. Realmente, estou passando maravilhosamente.

- De verdade? -murmurou, um pouco divertido.

Francesca o guiou para um lugar afastado da casa. Tinha passado uma semana, desde a última vez que tinha desfrutado de sua companhia, e agora não desejava compartilhá-lo.

- O que quis dizer com isso? -perguntou ela.

- Disse "realmente". Como se estivesse surpreendida.

- Claro que não - disse. Mas então, pensou melhor-. Sempre passo bem quando visito minha família - disse cuidadosamente.

- Mas...

- Mas esta vez é muito melhor - encolheu os ombros-. Não sei por que.

O que não era "precisamente" certo. Nesse momento que tinha compartilhado com sua mãe, houve algo mágico nessas lágrimas.

Mas não podia lhe dizer isso. Só escutaria a parte de seu pranto e nada mais, depois se preocuparia, e ela se sentiria muito mal por preocupá-lo, e estava cansada de tudo isso.

Além disso, era um homem. Jamais entenderia.

- Sinto-me feliz - anunciou ela-. É por algo que há no ar.

- O sol brilha - observou ele.

Ofereceu-lhe um único e desenvolto encolhimento de ombros e apoiou as costas contra uma árvore.

- Os pássaros cantam.

- As flores florescem?

- Só algumas - admitiu ela.

Deu uma olhada à paisagem.

- Tudo o que necessita neste momento é a um coelhinho querubim, saltando através do campo.

Ela sorriu de felicidade e se inclinou para ele para lhe dar um beijo.

- O esplendor bucólico é maravilhoso.

- De fato - seus lábios se encontraram com os ela com essa fome tão familiar-. Senti saudades - disse com voz enrouquecida pelo desejo.

Ela soltou um gemido quando lhe beliscou a orelha.

- Sei. Já me disse isso.

- Posso repetir isso.

Francesca quis lhe dizer algo engenhoso, dizer que nunca se cansava de o escutar dizer essas palavras, mas nesse momento se encontrou apertada fortemente contra a árvore, com uma de suas pernas levantadas ao redor de seus quadris.

- Leva muita roupa em cima - grunhiu ele.

- Estamos muito perto da casa - disse ela quase sem fôlego, seu estômago se encolheu de necessidade, quando ele se apertou mais intimamente contra seu corpo.

- A quanto - murmurou ele, enquanto deslizava uma mão debaixo de suas saias-, não seria "muito perto"?

- Não muito longe.

Ele a olhou fixamente.

- De verdade?

- De verdade - curvou os lábios e se sentiu diabólica. Sentia-se poderosa. E realmente queria tomar o comando. Dele. De sua vida. De tudo.

- Venha comigo - disse ela impulsivamente, agarrou-lhe a mão e correu.

Michael tinha sentido saudades de sua esposa. De noite, quando não estava a seu lado, a cama se sentia fria, e ele se sentia vazio. Inclusive quando estava cansado, e seu corpo não tinha fome por ela, ansiava sua presença, seu aroma, seu calor.

Sentia saudades do som de sua respiração. Sentia saudades da forma em que o colchão se movia de maneira distinta quando havia um segundo corpo sobre ele.

Sabia, inclusive sendo mais reservada que ele, e nem sonharia usar tais palavras apaixonadas, mas se sentia da mesma forma. Mas ainda assim, estava gratamente surpreso de estar correndo pelo campo, deixando-a que tomasse o controle da situação, sabendo que em poucos minutos estaria profundamente enterrado dentro dela.

- Aqui - disse, escorregando ao deter-se no final de uma colina.

- Aqui? - perguntou ele um pouco duvidoso. Não havia árvores que os cobrissem, nada que os separasse da vista de qualquer pessoa que passeasse por aí.

Ela se sentou.

- Ninguém cruza por este caminho.

- Ninguém?

- A grama é muito suave - disse ela sedutoramente, enquanto lhe assinalava com tapinhas o lugar que estava ao lado dela.

- Nem sequer vou perguntar lhe por que sabe isso - murmurou ele.

- Piqueniques - disse ela, sua expressão era deliciosamente indignada-, com minhas bonecas.

Ele tirou a jaqueta, e a pôs como uma manta sobre a grama. A terra estava tenuemente inclinada, o que imaginou, podia ser mais cômodo para ela que estar em posição horizontal.

Olhou-a. Olhou a jaqueta. Mas ela não se moveu.

- Você - disse ela.

- Eu?

- Deite-se -lhe ordenou ela.

Ele o fez. Com "presteza".

E então, antes que tivesse tempo de fazer um comentário, para chateá-la ou convencê-la, ou para ao menos "respirar", montou-o.

- OH, queridíssimo D... - ofegou ele, mas não pôde terminar. Ela estava beijando-o, com sua boca quente, faminta, agressiva. Tudo era deliciosamente familiar – amava conhecer cada pequena parte dela, da curva de seu peito até o ritmo de seus beijos - e ainda assim, ela se sentia um pouco...

Nova.

Renovada.

Ele deslizou uma de suas mãos para a parte de trás de sua cabeça. Em casa gostava de lhe arrancar os grampos um por um, observando cada mecha que se soltava de seu penteado. Mas hoje estava muito necessitado, muito urgido, e não tinha paciência para...

- O que foi isso? - perguntou ele. Lhe tinha afastado a mão.

Seus olhos se estreitaram languidamente.

- Eu estou no comando - sussurrou ela.

Seu corpo se endureceu. Mais. Queridíssimo Deus, ia matá-lo.

- Não vá tão lento - resfolegou ele.

Mas notou que não o estava escutando. Estava levando tempo, desatando seus calções, deixando que suas mãos flutuassem ao longo de seu estômago até que o encontrou.

- Frannie...

Um dedo. Isso foi tudo o que lhe deu. Uma carícia ligeira de seu dedo ao longo de seu eixo.

Ela se voltou, olhou-o.

- Isto é divertido - comentou ela.

Ele somente se concentrou em tratar de respirar.

- Amo-o - disse ela suavemente, e ele sentiu-a eguer-se. Recolheu suas saias sobre suas coxas enquanto se posicionava, então, com uma espetacular e veloz investida, entrou dentro dela, descansando seu corpo contra o dela, deixando-o encravado até o punho.

Quis mover-se então. Quis empurrar para cima, ou jogar-se sobre ela e bombear até que ambos não fossem mais que pó, mas lhe tinha as mãos firmemente sobre seus quadris e quando levantou o olhar, seus olhos estavam fechados, e quase parecia como se estivesse concentrando-se.

Sua respiração era lenta e sustentada, mas também era ruidosa, e com cada exalação, parecia apoiar-se um pouco mais sobre ele.

- Frannie - gemeu, porque não sabia que mais fazer. Desejava que se movesse mais rapidamente. Ou mais duro. Ou algo, mas tudo o que fez ela foi balançar-se de trás para frente, seus quadris se arqueavam e se encurvavam em uma deliciosa tortura. Ele agarrou seus quadris, tentando movê-la de cima abaixo, mas ela abriu os olhos e negou com a cabeça, com um suave e ditoso sorriso.

- Eu gosto assim - disse.

Ele queria algo diferente. Necessitava algo diferente, mas quando ela desceu o olhar para ele, parecia tão condenadamente feliz que não pôde lhe negar nada. E então, certamente tinha sido suficiente, porque ela começou a estremecer-se, e era estranho, porque ele conhecia muito bem a percepção de seu clímax, e ainda assim, nesse momento, parecia ser mais suave e mais potente ao mesmo tempo.

Ela oscilou, balançou-se, logo soltou um pequeno grito e se recostou contra ele.

E, para sua completa e absoluta surpresa, ele se liberou. Não tinha pensado que pudesse estar preparado. Nem sequer tinha pensado que estava remotamente próximo ao clímax, já que tinha permanecido debaixo dela sem possibilidade de mover-se. Mas então, sem nenhuma advertência, simplesmente tinha explodido.

Jazeram dessa maneira por algum tempo, enquanto o sol caía gentilmente sobre eles. Ela enterrou o rosto em seu pescoço, e ele a abraçou, pensando como era possível que tais momentos existissem.

Porque era perfeito. E teria desejado ficar ali para sempre, se fosse possível. E inclusive, embora não o perguntasse, sabia que ela sentia o mesmo.

Tinham pensado em retornar a casa dois dias depois do batismo, pensou Francesca enquanto olhava a um de seus sobrinhos tombando a outro na terra, mas ali estava, três semanas fora, e nem sequer tinham começado a empacotar.

- Espero, que não haja nenhum osso quebrado.

Francesca sorriu a sua irmã Eloise, que também tinha decidido ficar em Aubrey Hall, para uma visita alongada.

- Não - respondeu ela, fazendo uma ligeira careta de dor quando o futuro Duque do Hasting - por outra parte, conhecido como Davey, de onze anos - lançou um alarido quando saltou da árvore-. Mas não é porque não o tenham tentado.

Eloise se sentou a seu lado e inclinou seu rosto para o sol.

- Porei meu gorro em um minuto, juro-o - disse.

- Não pude determinar as regras do jogo - comentou Francesca.

Eloise não se incomodou em abrir os olhos.

- Isso é porque não há nenhuma.

Francesca observou o caos com uma fresca perspectiva. Oliver, o enteado de doze anos do Eloise, tinha agarrado uma bola - Desde quando havia ali uma bola - e estava correndo pela grama. Ele parecia alcançar sua meta, e não é que Francesca pudesse estar segura de se esse era o toco do carvalho gigante que tinha estado ali desde que era uma menina ou se era Miles, o segundo filho do Anthony, que tinha estado de pernas e braços cruzados desde que Francesca tinha saído faz dez minutos.

Mas de qualquer maneira, Oliver deveu ter ganho um ponto porque golpeou a bola contra a terra e saltou acima e abaixo com um grito de triunfo.

Miles tinha que ser de sua equipe pois foi o primeiro que indicou a Francesca que tinha que haver três equipes - porque se levantou e celebrou com o outro menino.

Eloise abriu um olho.

- Meu filho não matou a ninguém, não é?

- Não.

- Ninguém o matou a ele?

Francesca sorriu.

- Não.

- Bem. - Eloise bocejou e se reacomodó em sua poltrona.

Francesca pensou em suas palavras.

- Eloise?

Mmmm?

- Alguma vez - franziu o cenho. Não havia uma forma correta de perguntar isso-. Alguma vez quis ao Oliver e a Amanda....

- Menos? -terminou Eloise.

- Sim.

Eloise se endireitou e abriu os olhos.

- Não.

- De verdade? - não era que Francesca não lhe acreditasse. Ela amava a suas sobrinhas e sobrinhos com cada respiração de seu corpo; poderia dar sua vida por qualquer deles -incluídos Oliver e Amanda - sem duvidar em nenhum momento. Mas nunca tinha dado a luz. Nunca tinha levado em seu útero a um filho - não por muito tempo, entretanto- e não sabia se de algum modo isso a fazia diferente.

"Se tivesse um bebê, um próprio, nascido de seu sangue e do Michael, entenderia súbitamente que esse amor que sentia agora por Charlotte, Oliver, Miles e outros, sentiria-se como algo insustancial ao lado do sentia em seu coração por seu próprio filho?"

"Haveria alguma diferença?"

"Quereria fazer alguma diferença?"

- Pensei que haveria, a admitiu Eloise-. Claro que quis ao Oliver e Amanda muito antes de ter a Penélope. Como poderia não fazê-lo? Eles são partes do Phillip.

E - continuou, seu rosto ficou pensativo, como se nunca tivesse refletido sobre isso antes-, eles são... eles mesmos. E eu sou sua mãe.

Francesca sorriu com nostalgia.

- Mas ainda assim - continuou Eloise-, antes de que tivesse Penélope, e inclusive enquanto a levava, pensei que seria diferente - fez uma pausa-. É diferente - fezuma pausa de novo-. Mas não é menos. Não é uma pergunta de níveis ou quantidades, ou inclusive... realmente... não compreendo a natureza disso.

Eloise encolheu os ombros.

- Não posso explicar.

Francesca voltou sua vista para o jogo, o qual se reatara com intensidade.

- Não - disse ela suavemente-. Penso que o fez.

Depois de um longo silencio, Eloise disse:

- Você não fala muito disto.

Francesca meneou a cabeça suavemente.

- Não.

- Quer fazê-lo?

Pensou nisso durante um momento.

- Não sei - voltou-se para sua irmã. Tinham estado em desacordo a maior parte de sua infância, mas em muitas formas Eloise, era como o outro lado de sua moeda.

Ambas se pareciam tanto, salvo pela cor de seus olhos, mas inclusive compartilhavam a mesma data de aniversário, só que tinham um ano de diferença.

Eloise a olhava com uma terna curiosidade, com uma simpatia que, algumas semanas atrás, tinha sido dolorosa. Mas agora só era consoladora. Francesca não sentia que lhe tivesse pena, sentia-se querida.

- Estou feliz - disse Francesca. E o estava. Realmente. Pela primeira vez, não sentia esse doloroso vazio escondido em seu interior. Inclusive se tinha esquecido de contar. Não sabia quantos dias tinham passado desde sua última menstruação, e se sentia tão bem.

- Odeio os números - murmurou.

- Perdão?

Sufocou um sorriso.

- Nada.

O sol se escondeu detrás de uma camada fina de nuvens, mas subitamente se afastaram. Eloise se tampou os olhos com a mão e se reclinou em sua cadeira.

- Céu santo -murmurou-. Acredito que Oliver está sentado sobre Miles.

Francesca sorriu, e então, antes de que inclusive soubesse por que, levantou-se.

- Acha que eles me deixariam jogar?

Eloise a olhava como se tivesse se tornado louca, o que, pensou Francesca com um encolhimento de ombros, possivelmente estava.

Eloise olhou a Francesca, depois aos meninos e novamente a Francesca. E então, levantou-se.

- Se você o fizer, eu também o farei.

- Não pode fazê-lo - disse Francesca-. Está grávida.

- Apenas estou - disse Eloise com uma gargalhada-. Além disso, Oliver não se atreveria a sentar-se sobre mim - lhe ofereceu o braço-. Vamos?

- Acredito que sim. - Francesca envolveu seu braço com o de sua irmã e juntas correram sob a colina, gritando como fadas agoureiras e adorando cada minuto disso.

- Escutei que fez uma cena esta tarde - disse Michael, enquanto se acomodava na beira da cama.

Francesca não se moveu. Nem sequer piscou.

- Estou exausta - foi tudo o que disse.

Ele tomou a suja prega de seu vestido.

- E suja, também.

- Estou muito cansada para lavá-lo.

- Anthony disse que Miles tinha ficado muito impressionado. Ao que parece chuta bastante bem, para ser uma mulher.

- Isso teria sido brilhante - replicou-, se me tivessem informado que não podia usar minhas mãos.

Ele riu entre dentes.

- Que jogo, exatamente, estava jogando?

- Não tenho idéia - soltou um pequeno gemido de cansaço-. Me esfrega os pés?

Ele se empurrou um pouco mais para a cama e lhe deslizou o vestido até suas pantorrilhas. Seus pés estavam sujos.

- Bom Deus -exclamou-. Jogou descalça?

- Não podia jogar muito bem com minhas sapatilhas.

- Como o fez Eloise?

- Ela, aparentemente, lançava como um menino.

- Pensei que me havia dito que não usou suas mãos.

Ante isso, levantou-se com indignação sobre seus cotovelos.

- Sei. Isso depende do extremo do campo no que alguém se encontre. Ao menos isso foi o que escutei.

Ele tomou seu pé entre suas mãos, fazendo uma nota mental de lavar-lhe depois, as mãos é claro, ela podia encarregar-se de seus próprios pés.

- Não tinha nem idéia de que fosse tão competitiva - comentou ele.

- Isso vem de família - resmungou-. Não, não, ali. Sim, assim. Duro. Ooooooohhhh…

- Por que me sinto como se tivesse escutado isso antes - meditou ele-, exceto que eu estava obtendo muito mais diversão?

- Só se cale e continue esfregando meus pés.

- A seu serviço, sua majestade - murmurou, Sorrindo ao compreender que estava absolutamente satisfeita de ser chamada desse modo. Depois de um minuto ou dois de silêncio, salvo por algum gemido ocasional de Francesca, ele perguntou:

- Quanto tempo pensa continuar ficando ?

- Está desesperado por retornar a casa?

- Tenho assuntos que atender - respondeu-, mas nada que não possa esperar. Realmente, estou desfrutando de sua família.

Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu.

- Realmente?

- Sério. Embora me acovardei um pouco quando sua irmã me venceu no campo de tiro.

- Ela os vence a todos. Sempre o faz. Dispara com Gregory na próxima vez. Não pode dar nem a uma árvore.

Michael suspirou e seguiu com o outro pé. Francesca parecia tão feliz e relaxada. Não só agora, mas também na mesa do jantar, no quarto de desenho, e quando estava caçando a suas sobrinhas e sobrinhos, e o mesmo de noite enquanto o fazia o amor em sua enorme cama de quatro postes. Estava preparado para ir a casa, de retorno a Kilmartin, que era antiga e fria, mas era indiscutivelmente deles. Se fosse por ele, felizmente ficaria neste lugar para sempre, se isso significava que Francesca sempre brilhasse como agora.

- Penso que tem razão - disse ela.

- É claro - replicou-, mas sobre o que, exatamente?

- É tempo de voltar para casa.

- Eu não disse que fosse. Somente lhe perguntei por suas intenções.

- Não tinha que dizer isso -disse ela.

- Se quer ficar ...

Ela negou com a cabeça.

- Não quero. Desejo retornar a casa. A nossa casa - com um gemido doloroso, sentou-se, curvando suas pernas debaixo dela-. Isto foi muito encantador, e passei maravilhosamente, mas sinto falta de Kilmartin.

- Tem certeza?

- Você sente falta.

Ele levantou as sobrancelhas.

- Mas se estiver aqui.

Ela sorriu e se inclinou para frente.

- Sinto falta se estiver sozinha.

- Só precisa dizer a palavra, milady. Quando quiser, em qualquer parte. Eu tirarei você rapidamente e deixarei-a passar um momento comigo.

Ela riu entre dentes.

- Possivelmente agora mesmo.

Ele pensou que essa era uma idéia excelente, mas o cavalheirismo o obrigou a dizer:

- Pensei que estava adolorida.

- Não tenho essa classe de dor. Não se você fizer todo o trabalho.

- Isso, querida minha, não é nenhum problema - Tirou a camisa sobre a cabeça e se deitou ao lado dela, lhe dando um beijo longo e delicioso. Deu um suspiro de felicidade, e a olhou fixamente.

- É formosa -suspirou-. Mais que nunca.

Ela sorriu, com esse preguiçoso e caloroso sorriso que significava que tinha sido recentemente agradada, ou que sabia que logo ia ser o.

Amava esse sorriso.

Começou a trabalhar nos botões de sua túnica e parou na metade de caminho quando um pensamento súbito, explodiu em sua cabeça.

- Espere - disse- Pode?

- Posso o que?

Ele se deteve, franzindo o cenho quando tentou contar em sua cabeça. Acaso ela não deveria ter a regra?

- Ainda não é seu tempo? -perguntou.

Ela abriu os lábios e piscou.

- Não - disse, soando um pouco sobressaltada, não por sua pergunta, mas sim por sua resposta-. Não, não o é.

Ele trocou de posição, retrocedendo umas polegadas para poder ver melhor seu rosto.

- Acha que... ?

- Não sei - piscou rapidamente agora, e ele podia escutar a sua rápida respiração-. Suponho. Eu posso...

Ele quis soltar um grito de alegria, mas não se atreveu. Não ainda.

- Quando acha que poderá...?

- Sabê-lo? Não sei. Possivelmente...

- …um mês? Dois?

- Possivelmente dois. Possivelmente logo. Não sei - sua mão voou para seu estômago-. Poderia não estar.

- Possivelmente não -disse ele cuidadosamente.

- Mas poderia.

- Poderia.

Ele sentia que a risada bulia dentro de si, um enjôo estranho em seu estômago, crescendo e lhe fazendo cócegas até que explodiu em seus lábios.

- Não podemos estar seguros - advertiu ela, mas ele podia dar-se conta de que também estava entusiasmada.

- Não - disse, mas de algum modo sabia que se estava.

- Não quero levantar falsas esperanças.

- Não, não, é claro que não devemos fazê-lo.

Ela abriu os olhos como pratos, e se colocou ambas as mãos sobre o estômago, que seguia sendo, completamente plano.

- Sente algo? -sussurrou ele.

Ela negou com a cabeça.

- Ainda é muito cedo.

Ele sabia. Sabia que já sabia isso. Não soube por que razão o tinha perguntado.

E então, Francesca disse a coisa mais incrível.

- Mas ele está aqui - sussurrou-. Sei.

- Frannie... - se estivesse equivocada, se seu coração se rompia de novo, não pensava que pudesse suportá-lo.

Mas ela estava meneando a cabeça.

- É verdade - disse, e não estava insistindo. Estava tratando de convencê-lo, inclusive a ela mesma. Podia notá-lo em sua voz. De algum modo, ela sabia.

- Esteve sentindo-se doente? -perguntou.

Ela negou com a cabeça.

- Há.... Deus Santo, não devia ter jogado com os meninos esta tarde.

- Eloise o fez.

- Eloise pode fazer o que lhe dê vontade. Ela não é você.

Ela sorriu. Como uma Madonna, podia jurá-lo. E disse:

- Não me quebrarei.

Recordou quando ela tinha abortado faz anos. Não tinha sido seu filho, mas havia sentido sua dor, quente e ardente, como um punho ao redor do coração.

Seu primo -seu primeiro marido - tinha morrido semanas atrás, e ambos estavam sofrendo por sua perda. Quando ela perdeu o bebê do John.

Não pensou que nenhum dos dois pudesse sobreviver a outra perda como essa.

- Francesca - disse com urgência-, deve tomar cuidado. Por favor.

- Não acontecerá de novo -disse ela, meneando a cabeça.

- Como sabe?

Ela se encolheu de ombros, desconcertada.

- Não sei. Mas estou certa.

Queridíssimo Deus, orava para que ela não estivesse fazendo-se ilusões.

- Quer contar a sua família? - perguntou ele calmamente.

Ela meneou a cabeça.

-Ainda não. Não porque tenha algum temor - acrescentou apressadamente-. É só que quero... - franziu os lábios, no mais adorável e pequeno sorriso-. Quero que isto seja só meu um momento mais. Nosso.

Ele atraiu sua mão a seus lábios.

- Quanto tempo durará esse "momento"?

- Não estou certa - mas seus olhos brilhavam com astúcia-. Não estou completamente certa.

Um ano depois

Violet Bridgerton amava a todos seus filhos por igual, mas também os amava de diferente maneira. E quando sentia saudades, o fazia, de uma forma mais lógica. Seu coração se afligia pelo que tinha visto menos. E por isso, enquanto esperava na sala de desenho do Aubrey Hall, vigiando a chegada de uma carruagem que levasse o brasão dos Kilmartin, encontrou-se inquieta e se desesperada, saltando a cada cinco minutos para olhar através da janela.

- Ela nos escreveu que chegariam hoje - a tranqüilizou Kate.

- Sei -respondeu Violet, com um sorriso tímido-. É somente que não a vi há um ano. Sei que a Escócia está longe, mas nunca passei um ano inteiro sem ver algum de meus filhos antes.

- De verdade? -perguntou Kate. Isso é admirável.

- Todos temos nossas prioridades - disse Violet, decidindo que não era uma opção tratar de pretender, que não estava impaciente nesse momento. Baixou seu bordado e se dirigiu à janela, estirando o pescoço quando pensou que tinha visto algo brilhando sob a luz do sol.

- Nem sequer quando Colin viajava muito? - perguntou Kate.

- O tempo mais longo em que esteve ausente foram 342 dias - respondeu Violet-. Quando viajou ao Mediterrâneo.

- Contava os dias?

Violet encolheu os ombros.

- Não posso evitá-lo. Eu gosto de contar - pensou em todas as vezes que tinha contado enquanto seus filhos cresciam, assegurando-se de que tinha muito mais descendência fim de uma excursão, do que tinha tido no começo. Isso ajuda a manter as coisas em ordem.

Kate sorriu enquanto baixava o olhar e balançava o berço que estava a seus pés.

- Nunca me queixarei da logística de dirigir a quatro.

Violet cruzou o quarto para lançar uma olhada a sua nova neta. A pequena Mary tinha sido uma surpresa, já que tinha chegado ao mundo muitos anos depois do Charlotte.

Kate tinha pensado que tinha completado sua maternidade, mas então, dez meses antes, saiu da cama, caminhou serenamente para a panela da antecâmara, esvaziou o conteúdo de seu estômago, e anunciou ao Anthony:

- Acho que estamos esperando outra vez.

Ou isso era o que haviam dito ao Violet. Fizera-se a promessa de permanecer fora dos quartos de seus filhos crescidos, exceto em caso de enfermidade ou parto.

- Nunca me queixei - disse Violet suavemente. Kate não a escutou, mas Violet não o havia dito por ela. Sorriu a Mary que dormia docemente sob uma manta de cor púrpura-. Acredito que sua mãe estaria encantada - disse, levantando o olhar para Kate.

Kate assentiu com a cabeça, seus olhos se nublaram. Sua mãe - que realmente era sua madrasta, mas Mary Sheffield a tinha criado desde menina - havia falecido um mês antes de que Kate se desse conta de que estava grávida.

- Sei que não tem sentido - disse Kate, ao apoiar-se para olhar o rosto de sua filha fixamente -, mas juraria que se parece um pouco a ela.

Violet piscou e inclinou a cabeça a um lado.

- Acredito que tem razão.

- Algo em seus olhos.

- Não, é o nariz.

- Acho - Prefiro pensar... OH, Olhe! -Kate apontou para a janela-. É Francesca?

Violet se endireitou e correu para a janela.

- É ela! -exclamou-. OH, e o sol está brilhando. Vou esperar lá fora.

Imediatamente, deu um olhar para trás e tomou seu xale, que estava a um lado da mesa auxiliar e correu para o vestíbulo. Tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha visto Frannie, mas essa não era a única razão pela qual, estava tão desesperada para vê-la. Francesca tinha mudado durante sua última visita, pelo motivo do batismo da Isabela. Era difícil de explicar, mas Violet se deu conta de que algo tinha mudado dentro dela.

De todos seus filhos, Francesca tinha sido sempre a mais calada, a mais privada. Ela adorava a sua família, mas sempre tinha gostado de estar além deles, forjando sua própria identidade, fazendo sua própria vida. Não era uma surpresa, que nunca tivesse escolhido compartilhar seus sentimentos, a parte mais dolorosa de sua vida: sua infertilidade. Mas a última vez, embora elas não tinham falado explicitamente sobre isso, algo tinha passado entre ambas, e Violet se havia sentido, como se tivesse podido absorver algo de seu pesar.

Quando Francesca tinha partido, já se tinham levantado as nuvens que havia detrás de seus olhos. Violet não sabia se ela tinha aceito seu destino finalmente, ou se tinha aprendido a regozijar-se com o que tinha, mas Francesca se viu, pela primeira vez na memória recente de Violet, abertamente feliz.

Violet correu através do vestíbulo - realmente, na sua idade!- e abriu a porta da frente para poder esperar. A carruagem de Francesca estava muito perto, já começava a dar a volta final para que uma de suas portas estivesse em frente da casa.

Violet podia ver Michael através da janela. Ele a saudou com a mão. Ela sorriu de orelha a orelha.

- OH, quanto senti saudades! - exclamou, correndo para diante enquanto ele descia da carruagem-. Deve me prometer que nunca esperará tanto tempo de novo.

- Como se eu pudesse lhe negar algo - disse ele, enquanto se inclinava para lhe beijar a face.

Depois se voltou, para oferecer o braço a Francesca para ajudá-la a descer.

Violet abraçou a sua filha, logo retrocedeu um passo para olhá-la. Francesca estava...

Brilhante.

Estava definitivamente radiante.

- Senti saudades, Mãe - disse ela.

Violet teria querido lhe responder, mas ficou inesperadamente sem palavras. Sentia como seus lábios se juntavam, logo seus cantos se estenderam, enquanto lutava por conter suas lágrimas. Não sabia por que se sentia tão sentimental. Sim, tinha passado um ano, mas acaso não tinha suportado 342 dias antes? Isto não deveria ser tão especial.

- Tenho algo para você - disse Francesca, e Violet podia jurar que seus olhos também estavam brilhando.

Francesca retornou à carruagem e estendeu os braços. Uma criada apareceu na porta, sustentando alguma classe de vulto que passou à sua senhora.

Violet soltou um grito apagado. Queridíssimo Deus, não podia ser...

- Mãe - disse Francesca suavemente, enquanto embalava ao pequeno vulto precioso-, este é John.

As lágrimas que tinham estado esperando pacientemente, nos olhos de Violet, começaram a cair.

- Frannie -sussurrou, enquanto tomava ao bebê em seus braços-, por que não me disse isso?

E sua Francesca exasperante, e inescrutável terceira filha", disse:

- Não sei.

- Ele é lindo - disse Violet, sem se importar que o tivessem oculto tanto tempo. Não lhe importava nada nesse momento, nada exceto o pequeno menino que estava em seus braços, olhando-a fixamente com uma expressão incrivelmente sabia.

- Ele tem seus olhos - disse Violet, levantando a vista para Francesca.

Frannie assentiu, e seu sorriso era quase tolo, como se não pudesse acreditar realmente.

- Sei.

- E sua boca.

- Acredito que tem razão.

- E seu... OH Deus, acredito que também tem seu nariz.

- Me contaram - disse Michael em uma voz divertida-, que também estive envolto em sua criação, mas ainda não vi nenhuma evidência que o comprove.

Francesca o olhou com tanto amor que quase deixou Violet sem respiração.

- Ele tem seu encanto - disse ela.

Violet sorriu, e logo voltou a rir. Tinha muita felicidade dentro de si, e possivelmente não podia contê-la.

- Acredito que é o momento de que apresentemos a este pequeno companheiro a sua família - disse-. Não lhe parece?

Francesca estendeu os braços para tomar ao bebê, mas Violet se virou.

- Ainda não - disse. Desejava segurá-lo durante muito tempo. Possivelmente até na terça-feira.

- Mãe, acho que ele poderia ter fome.

Violet assumiu uma expressão de astúcia.

- Ele nos deixará saber isso.

- Mas...

- Sei muitas coisas sobre os bebês, Francesca Bridgerton Sterling. -Violet ofereceu um grande sorriso ao John-. Por exemplo, sei que eles adoram a suas avós.

Ele resmungou e se arrulhou, e então -"ela tinha razão"- sorriu.

- Venha comigo pequeno - sussurrou ela-, tenho muitas coisas que lhe contar.

E atrás dela, Francesca se voltou para o Michael e lhe disse:

- Acha que o voltaremos a ver durante nossa visita?

Ele negou com a cabeça, e então acrescentou:

- Isso nos dará tempo para ver como fazemos uma pequena irmã para que o acompanhe.

- Michael!

- Escuta ao homem - gritou Violet, sem se incomodar em voltar-se.

- Santo Céu - murmurou Francesca.

Mas ela escutou.

E o desfrutou.

E nove meses depois, deu o bom dia a Janet Helen Stirling.

Que brilhava exatamente como seu pai.

Fim.

Projeto Revisoras Traduções

Grupo no Yahoo:

http://br.groups.yahoo.com/group/P-R-T

Comunidade no Orkut:

http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=80221161&mt=7

Blog:

http://www.projetorevisorastraducoes.blogspot.com/

Nota da autora

No coração de uma Bridgerton submeti dois personagens a mais justa cota de desgraças médicas. Foi complicada a investigação para descrever as enfermidades de John e Michael; por um lado tinha que procurar que os sintomas de suas enfermidades concordassem com a realidade de seus respectivos processos, e, por outro lado, que ao mesmo tempo o relato só revelasse o que era conhecido pela ciência médica na Inglaterra de 1824.

John morreu por causa da ruptura de um aneurisma cerebral. Chama-se aneurisma à dilatação de um setor da parede de um vaso sangüíneo devido a uma finura anormal desta parte. O aneurisma cerebral é uma debilidade congênita. Pode estar latente muitos anos ou inchar-se rapidamente e romper-se, produzindo uma hemorragia cerebral, a que se segue a perda da consciência, coma e morte. A dor de cabeça produzida pela ruptura do aneurisma é repentina e forte, mas pode ser precedida por uma dor persistente durante algum tempo antes da ruptura.

Não se teria podido fazer nada para salvá-lo; inclusive hoje em dia, aproximadamente a metade das rupturas de um aneurisma cerebral levam a morte.

Durante o século XIX, a única maneira de diagnosticar a ruptura de um aneurisma cerebral era a autópsia. Entretanto, é muito improvável que a um conde tivessem praticado uma autópsia; portanto, a morte do John teria continuado sendo um mistério para as pessoas que o amavam. A única coisa que teria sabido Francesca era que seu marido tinha dor de cabeça, foi se deitar para descansar um momento e morreu.

O momento decisivo para a diagnose e o tratamento dos aneurismas cerebrais chegou com o estendido uso da angiografía nos anos cinqüenta do século XX. Esta técnica, que consiste em injetar uma substância radiopaca (opaca aos raios X) nos vasos sangüíneos que irrigam o cérebro para obter uma radiografia da anatomia vascular, ideou-a Egas Moniz em Portugal em 1927. Uma interessante nota histórica: Moniz ganhou o Prêmio Nobel de Medicina em 1949, mas não por seu pioneiro trabalho no campo da angiografía, que tantas vidas salvou; a honra se deveu a seu descobrimento da lobotomía frontal como tratamento de enfermidades psiquiátricas.

Quando à malária, é uma enfermidade conhecida desde muito tempo. Ao longo de toda a história escrita, aludiu-se à observação de que a exposição ao ar quente e úmido está associado a febres periódicas, debilidade, anemia, insuficiência renal, coma e morte. O nome da enfermidade vem da expressão italiana que significa "ar mau", e reflete a crença de nossos antepassados de que o culpado era o ar. Na novela, Michael alude ao "ar pútrido" como à causa da enfermidade.

Atualmente sabemos que a malária é uma enfermidade parasitária. O clima quente e úmido não é por si a causa, mas o ar quente e úmido serve de meio de cultivo do mosquito do gênero *Anopheles*, que é o causador da infecção. O mosquito Anopheles fêmea, ao picar, sem querer injeta organismos microscópicos no desafortunado hóspede humano. Estes organismos são parasitas unicelulares do gênero *Plasmodium*. Há quatro espécies do Plasmodium que podem infectar a pessoas: *P. falciparum, P. vivax, P. ovale* e *P. malariae*. Uma vez que estão na corrente sangüínea, estes microorganismos chegam ao fígado, onde se multiplicam a uma velocidade pasmosa; antes que transcorra uma semana, voltam para corrente sangüínea, onde infectam aos glóbulos vermelhos e se alimentam da hemoglobina que transporta o

oxigênio. Cada dois ou três dias, mediante um processo sincronizado que ainda não está bem entendido, as crias destes parasitas saem dos glóbulos vermelhos e produzem febres elevadas e violentos arrepios. No caso da malária pelo *P. falciparum*, os glóbulos infectados ficam pegajosos e se aglomeram dentro dos vasos sangüíneos dos rins e do cérebro, produzindo insuficiência renal e coma, e a morte se se atrasar o tratamento.

Michael teve sorte. Embora ele não soubesse, sofria de malária pelo *P. vivax*, que pode continuar no fígado dos pacientes durante decênios mas rara vez mata a suas vítimas. Mas o esgotamento e as febres causadas pela malária pelo *P. vivax* são fortes.

No final da novela, tanto Michael como Francesca temem que uma maior freqüência nos ataques poderia indicar que ele estava perdendo a batalha contra a enfermidade. Na realidade, ao ser malária pelo *P. vivax*, a freqüência não teria importado. Os episódios de febres malárias pelo *P. vivax* vêm mais ou menos sem tom nem som (a não ser que o/a paciente sofra de baixa imunidade, como nos casos de câncer, gravidez ou aids). Em realidade, há pacientes que em algum momento deixam de sofrer as febres de todo e continuam sadios o resto de sua vida. Eu gosto de pensar que Michael teve a sorte de ser um destes pacientes, mas ainda no caso de que não o fosse, não há nenhum motivo para pensar que não viveu uma vida longa e plena. Além disso, posto que a malária é uma enfermidade que está no sangue, não podia transmiti-la a seus familiares.

A causa da malária só se compreendeu passadas várias décadas do ano em que ocorre esta novela, mas os princípios fundamentais do tratamento já se conheciam: podia-se obter a cura consumindo a casca (quina) da árvore tropical chamada quino. Normalmente se misturava com água (água de quinina). O quinino entrou no mercado na França em 1920, mas seu uso já estava bastante estendido antes desse ano.

No mundo desenvolvido virtualmente se erradicou a malária, devido em grande parte ao trabalho em controlar os mosquitos. Entretanto, continua sendo a causa principal de morte e discapacidade entre as pessoas que vivem no terceiro mundo. Cada ano morrem entre um e três milhões de pessoas de malária pelo *P. falciparum*; isto significa meio de uma morte cada trinta segundos. A maioria dos mortos são da África subsahariana, e principalmente meninos menores de cinco anos.

Uma parte dos benefícios desta novela se doarão para a investigação de remédios para esta enfermidade.

Sinceramente

Julia Quinn

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Depois de terminar sua graduação em História da Arte pela Universidade de Harvard, não sabia o que fazer; mas um dia, lendo uma novela romântica decidiu escrever uma ela mesma. Logo após se converteu em uma das melhores escritoras românticas. A forma de escrever de Julia ganhou logo uma boa reputação por sua calidez e seu humor, e seus diálogos são considerados os melhores do gênero romântico.

Vive atualmente no Noroeste do pacífico com sua família.